

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES

CURSO DE JORNALISMO

**RIO+20: ANÁLISE COMPARATIVA DAS COBERTURAS DOS
JORNAIS LE MONDE E FOLHA DE S.PAULO**

Vinícius dos Santos Flôres

Lajeado, novembro de 2013

Vinícius dos Santos Flôres

**RIO+20: ANÁLISE COMPARATIVA DAS COBERTURAS DOS
JORNAIS LE MONDE E FOLHA DE S.PAULO**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientadora: Dra. Jane Mazzarino

Lajeado, novembro de 2013

À Maria Onice Grippa dos Santos, minha mãe.

“Que eles limpem diante de suas portas antes de falar do planeta!”

— Ailda, moradora da Vila Autódromo

RESUMO

O jornalismo revela um compromisso social que transcende a informação ao assumir posição centralizadora na sociedade, canalizando discursos de outros campos sociais. O objetivo geral do trabalho é investigar e comparar a construção da cobertura do evento Rio+20, durante todo o mês do evento, nos jornais Le Monde e Folha de S. Paulo. Abordagem teórica centraliza-se no conceito de mediatização de Eliseo Verón (1997; 2004) e na Teoria da Agenda de McCombs (2009), compreendidas a partir da interface com o jornalismo ambiental e público. Metodologicamente, se faz uso da Análise de Conteúdo, esmiuçando categorias como Frequência, Editoria, Gênero e Tema; e da Análise de Discurso francesa, a qual busca um mapeamento de vozes e identificação dos sentidos, conforme Benetti (2008). Como resultados, pode-se afirmar que ambos jornais fizeram utilização da conferência como alicerce para discussão de outras temáticas da área ambiental. Contudo, formações discursivas apontam para um fazer jornalístico com limitações polifônicas, prevalecendo a perspectiva negativa nos locutores, os quais operam tendencialmente enquanto renunciadores de corresponsabilidade da emergência ambiental.

Palavras-chave: Agendamentos do Campo Jornalístico. Jornalismo ambiental. Jornalismo público. Mídias impressas. Análise do Discurso francesa.

ABSTRACT

Journalism reveals a social commitment that transcends the information when it assumes centralized position in society, channeling speeches of other social fields. The overall goal of this work is to investigate and compare the construction of the Rio +20 event coverage throughout the event month, in the newspapers *Le Monde* and *Folha de S. Paulo*. Theoretical approach focuses on the Eliseo Verón's concept of mediatization (1997, 2004) and the McCombs and Shaw's Theory of Agenda (2009), understood from the interface with the public and environmental journalism. Methodologically, it makes use of the Content Analysis, investigating those categories: Frequency, Gender, Editors and Theme, and the french Discourse Analysis, which seeks a mapping of voices and senses identification, as Benetti (2008). About the results, it can be stated that both newspapers did use the conference as a foundation for discussion of other issues in the environmental area. However, discursive formations indicate a journalistic limitations with polyphonic discourse, prevailing negative outlook from speakers, which tend to operate while renouncers of responsibility of the environmental emergency.

Keywords: Agendas of the Journalistic Field. Environmental journalism. Public journalism. Print media. French Discourse Analysis.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência das matérias nos jornais	43
Tabela 2 – Frequência das editorias em junho na Folha de S.Paulo	45
Tabela 3 – Frequência das editorias antes da Rio+20 na Folha de S.Paulo	46
Tabela 4 – Frequência das editorias durante a Rio+20 na Folha de S.Paulo.....	47
Tabela 5 – Frequência das editorias após a Rio+20 na Folha de S.Paulo	48
Tabela 6 – Frequência das editorias em junho no Le Monde.....	49
Tabela 7 – Frequência das editorias antes da Rio+20 no Le Monde.....	50
Tabela 8 – Frequência das editorias durante a Rio+20 no Le Monde	50
Tabela 9 – Frequência das editorias após a Rio+20 no Le Monde.....	51
Tabela 10 – Frequência dos gêneros jornalísticos em junho na Folha de S.Paulo	52
Tabela 11 – Frequência dos gêneros jornalísticos antes da Rio+20 na Folha de S.Paulo	53
Tabela 12 – Frequência dos gêneros jornalísticos durante a Rio+20 na Folha de S.Paulo	54
Tabela 13 – Frequência dos gêneros jornalísticos após a Rio+20 na Folha de S.Paulo	54
Tabela 14 – Frequência dos gêneros jornalísticos em junho no Le Monde	55
Tabela 15 – Frequência dos gêneros jornalísticos antes da Rio+20 no Le Monde	56
Tabela 16 – Frequência dos gêneros jornalísticos durante a Rio+20 no Le Monde.....	56
Tabela 17 – Frequência dos gêneros jornalísticos após a Rio+20 no Le Monde	57
Tabela 18 – Frequência das categorias temáticas em junho na Folha de S.Paulo	58
Tabela 19 – Frequência das categorias temáticas antes da Rio+20 na Folha de S.Paulo.....	61
Tabela 20 – Frequência das categorias temáticas durante a Rio+20 na Folha de S.Paulo	62
Tabela 21 – Frequência das categorias temáticas após a Rio+20 na Folha de S.Paulo.....	63
Tabela 22 – Frequência das categorias temáticas em junho no Le Monde	64
Tabela 23 – Frequência das categorias temáticas antes da Rio+20 no Le Monde	65
Tabela 24 – Frequência das categorias temáticas durante a Rio+20 no Le Monde.....	66
Tabela 25 – Frequência das categorias temáticas após a Rio+20 no Le Monde	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Mapa geral da análise qualitativa	74
Quadro 2 – Relação de fontes com formações discursivas no gênero opinativo	152
Quadro 3 – Relação de Fontes com Formações Discursivas no gênero informativo – Economia Verde	154
Quadro 4 – Relação de Fontes com Formações Discursivas no gênero informativo – Governança.....	156

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Página A2 da Folha de S.Paulo do dia 21 de junho de 2012	75
Figura 2 – Capa do jornal Le Monde do dia 23 de junho de 2012	76
Figura 3 – Página 26 da Folha de S.Paulo de 17 a 23 de junho de 2012.....	90
Figura 4 – Página 27 da Folha de S.Paulo de 17 a 23 de junho de 2012.....	91
Figura 5 – Página 6 da Folha de S.Paulo do dia 5 de junho de 2012	92
Figura 6 – Página 2 do Le Monde do dia 20 de junho de 2012.....	93
Figura 7 – Página 3 do Le Monde do dia 20 de junho de 2012.....	94
Figura 8 – Página C10 da Folha de S.Paulo do dia 7 de junho de 2012.....	118
Figura 9 – Página A16 da Folha de S.Paulo do dia 17 de junho de 2012	119
Figura 10 – Página C11 da Folha de S.Paulo do dia 23 de junho de 2012.....	120
Figura 11 – Página 5 do Le Monde de 24-25 de junho de 2012.....	121
Figura 12 – Página 8 do Le Monde do dia 21 de junho de 2012.....	122

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 Agendamentos do campo jornalístico	13
2.2 Jornalismo e meio ambiente	20
2.3 Jornalismo e cidadania.....	23
3 MÉTODO	27
4 LINHA EDITORIAL	31
4.1 Le Monde.....	31
4.2 Folha de São Paulo	35
5 ANÁLISE QUANTITATIVA.....	43
5.1 Frequência.....	43
5.2 Editoria.....	44
5.3 Gêneros jornalísticos	51
5.4 Temas	57
5.5 Considerações acerca da análise quantitativa.....	67
6 ANÁLISE QUALITATIVA.....	72
6.1 Editoriais sobre o Texto Final	74
6.2 Análise do gênero informativo - Economia Verde.....	89
6.3 Análise do gênero informativo - Governança	117
6.4 Considerações acerca da análise qualitativa	151
7 DISCUSSÃO	161
REFERÊNCIAS.....	167
ANEXOS	173

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas o mundo obteve um acesso à informação nunca visto antes. O desenvolvimento tecnológico teve papel primordial neste processo, sobretudo com o advento da internet. Discussões pertinentes, que outrora só eram estimuladas por um número restrito de canais, hoje se tornam mais pluralizadas dentro da aldeia global de McLuhan.

Este processo é visto como um sinal da democratização da comunicação, pois abre espaço para a diversidade de discursos. Além disso, ao maximizar o poder de alcance de diferentes mídias, a internet consolida o papel intermediário dos veículos de comunicação entre público e instituições. Exemplo disto são os jornais que, além da versão física, disponibilizam exemplares *online* para seus assinantes.

A transposição para o campo virtual muda a compreensão do veículo quanto ao seu leitor, já que a internet possibilita acesso independente de questões geográficas. Assim, ao propor agendas para a sociedade, eles acabam por auxiliar na formação de discursos e posicionamentos dos próprios receptores. Desta forma, o jornalismo revela um compromisso social que transcende a informação.

Em relação a isto, o desafio do jornalista é ir além do lide. Por tratar de questões relacionadas ao futuro do planeta, aumenta a responsabilidade do jornalismo ambiental nas redações, o que requer que, além de noticiados, os acontecimentos sejam também interpretados. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo investigar e comparar a construção da cobertura da conferência Rio+20, durante todo o mês do evento (junho de

2012), nos jornais Le Monde e Folha de São Paulo. A escolha destes dois impressos possibilitará captar duas percepções – uma europeia e outra latino-americana. Serão analisados os discursos que estes canais ofertaram sobre o evento para os receptores de temas ambientais.

Tem-se como problema de pesquisa compreender como e quais agendamentos foram ofertados para os públicos dos jornais Le Monde e Folha de S.Paulo, de modo a enquadrar os sentidos a serem construídos pelos receptores destes jornais sobre o evento Rio+20, tendo como base a análise das formações discursivas e das vozes presentes nos editoriais, sobre o Texto Final, e nas matérias informativas, que focaram Economia Verde e Governança, os dois temas principais do evento?

Questionamo-nos especificamente: quais são as marcas discursivas dos jornais na cobertura da Rio+20? Quais formações discursivas emergem nos editoriais (gênero opinativo) e nas notícias ou reportagens (gênero informativo)? Que vozes e enunciadores são incluídos na cobertura jornalística do evento? Qual é a lógica do jornalismo ambiental aplicada pelos jornais? Se estes veículos usaram o evento como alicerce para o debate público de temas ambientais, de que maneira atendem os pressupostos do jornalismo público, voltado para a informação cidadã?

Os objetivos específicos são:

- a) Analisar e comparar as coberturas dos dois jornais quantitativamente (frequência, gênero, editoria e tema) e qualitativamente (formações discursivas e vozes presentes na cobertura por meio dos gêneros opinativo e informativo).
- b) Caracterizar o processo de agendamento do evento Rio+20 realizada por cada jornal, comparando-as.
- c) Compreender a lógica do jornalismo ambiental aplicada pelos jornais
- d) Verificar se as ofertas dos dois jornais têm a potencialidade de estimular o debate público sobre temas ambientais.

A abordagem teórica centraliza-se no conceito de mediatização de Eliseo Verón (1997; 2004) e na Teoria da Agenda de McCombs (2009). Pretende-se identificar nas gramáticas de produção, referidas por Verón, as agendas ofertadas pelos veículos aos seus receptores. Para

tanto, metodologicamente se fará uso da Análise de Conteúdo e da Análise de Discurso francesa.

A organização deste estudo perpassa pela discussão sobre os agendamentos do campo jornalístico, a relação do jornalismo com o meio ambiente e a aproximação com a cidadania. No método, apresenta a lógica das análises quantitativa e qualitativa. Na sequência, traça um perfil histórico dos jornais selecionados. No quinto capítulo consta a aplicação da análise quantitativa, com as categorias trabalhadas e considerações acerca dos resultados obtidos. A mesma lógica é vista na sequência, na análise qualitativa. Por fim, com base nesse método integrado, triangula com outros resultados de pesquisadores em jornalismo.

Este trabalho é importante por elucidar questões pertinentes do ramo e expandir o conhecimento sobre o jornalismo, cotribuindo cientificamente para a relação sociedade e ambiente. Além disso, o estudo permitirá colaborar com a reflexão do jornalismo ambiental em dois âmbitos distintos, salientando assim as divergências e congruências pertinentes ao mundo globalizado. Vale destacar que o método quanti-qualitativo, utilizado aqui, é enriquecedor por se tratar de uma proposta integrada.

No campo da pesquisa, o autor integra o grupo de pesquisas Práticas Ambientais e Redes Sociais, do Centro Universitário Univates, focado na área emergente de comunicação ambiental. Como bolsista de iniciação científica, participou com trabalhos em eventos de portes nacional e internacional, como Intercom Sul e ALAIC. Isto significa que este trabalho ajudará na construção dos conhecimentos que o grupo tem proporcionado ao campo científico até então.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Agendamentos do campo jornalístico

Os processos de mediação são oriundos da articulação entre dispositivos tecnológicos e conjunturas específicas de produção e recepção. Estes processos estabelecem regras e princípios para suas narrativas, organizados em gramáticas de produção, conforme Verón (1997). Elas operam como dispositivos de enunciação, os quais despertam os sentidos de um outro, o receptor deste discurso, que com suas percepções estabelece outras gramáticas, estas de reconhecimento.

Cada produto jornalístico é constituído por gramáticas de produção, as quais influenciam na produção e permeiam o produto com marcas que possibilitam sua reformulação. Desta maneira, entre produtores e receptores se constituem os contratos de leitura. Independente do suporte midiático, o objetivo desse contrato é construir e preservar o *habitus* de consumo, baseados em uma noção de confiança, como explica Verón (2004):

No campo das mídias, comunicar hoje implica manter um vínculo contratual no tempo. [...] Lembremos as observações de Michel de Certeau sobre o problema da crença: contrato, confiança, crença são conceitos estreitamente ligados. Isso é capital no caso das mídias informativas, que nos contam a atualidade do mundo em que vivemos. As mídias às quais sou fiel são aquelas em que depus minha crença (2004, pág. 276)

As gramáticas de reconhecimento elaboram outras gramáticas que, por meio das marcas inseridas no discurso de recepção, também podem ser reconstruídas. Vale destacar que

as condições sociais de produção nunca são as mesmas condições do reconhecimento. A distância entre elas é variável, sendo que desta diferença desponta o conceito de circulação (entre produção e reconhecimento), onde sucede o que Verón denomina como *desgaste perpétuo*.

Inserida neste contexto, apresenta-se a Teoria da Agenda, que aborda a transição de saliências entre agendas. Seu pressuposto fundamental é que, ao enviar mensagens para a sociedade, os veículos de comunicação estarão ofertando a agenda midiática para seus receptores. Esta contém saliências, das quais o público se utiliza para construir a sua própria agenda. Com o passar do tempo, a agenda da mídia se torna um balizador de outras agendas.

Nesta perspectiva, é preciso destacar que esse processo, que é também de legitimação de sentidos, não segue a ideia da Teoria Hipodérmica ou Teoria da Bala Mágica, a qual afirmava que uma mensagem enviada pela mídia era imediatamente aceita e espalhada pelos receptores. Portanto, os efeitos da agenda midiática nem sempre ressoam nos receptores. Em outras palavras, o resultado final não está relacionado à medida empírica de um tema na mídia.

Prova disso, argumenta McCombs (2009), é que o escândalo Mônica Levisky, que nos anos 1990 abalou o governo Bill Clinton, nos Estados Unidos, teria se tornado o principal tópico da agenda pública. Por outro lado, apesar da ostensiva saliência imposta pela mídia norte-americana, em nenhum momento este tema se converteu com importância para o público.

Naturalmente existem outros fatores na recepção, como contextos sócio-histórico, cultural e econômico, que precisam ser considerados. Além disso, não se trata de um procedimento de mão única. Há casos em que as agendas públicas estabelecem a agenda da mídia, movimento que McCombs (2009) denomina como agendamento reverso. Vale ressaltar que, na sociedade contemporânea, há uma variedade de agendas que não se limita em agendas pública e midiática. Já o elo entre os efeitos da Teoria da Agenda e a posterior manifestação de opiniões sobre assuntos específicos é denominado de sugestionamento (*priming*).

Historicamente, a Teoria da Agenda convergiu com outros conceitos e teorias comunicacionais. Entre elas estão: a) a atribuição de status, considerada a primeira dimensão do agendamento, que fala da saliência crescente de uma pessoa na mídia; b) a estereotipia e construção de imagem, que engloba a saliência de atributos do objeto na mídia, instância de

segunda dimensão da teoria; c) a Teoria do Gatekeeper, que descreve o processo pelo qual o jornalista determina o que deve ou não ser noticiado; d) a análise de cultivo, que examina a saliência de diferentes perspectivas do entretenimento na televisão; e) a espiral do silêncio, hipótese que examina tendências de silenciamento de vozes; f) e, por fim, o enquadramento, conceito que aborda como o conteúdo noticioso é construído.

O uso da Teoria da Agenda se intensificou no campo¹ teórico da comunicação a partir da década de 1970, influenciado pela publicação do artigo de McCombs e Shaw. Vale lembrar que outras correntes anteriormente estudariam a influência da imprensa na opinião pública - esta desmitificada por Pierre Bourdieu (2003), como consta a seguir.

Segundo Barros Filho (1995), a origem do conceito de opinião pública nasce na Grécia Antiga. Embora Platão jamais tenha utilizado o termo, que surge com Rousseau², a opinião dominante na *ágora*, espaço público onde se debatia a vida na *pólis* (cidade), era chamada de *doxa*. Para o pensador grego, tratava-se de uma ferramenta politicamente densa, mas filosoficamente frágil.

Primeiramente, *grosso modo*, opinião pública pressupõe assuntos que dizem respeito à sociedade. Assuntos estes, portanto, políticos. Se a agenda da mídia infere na agenda pública, como considera a Teoria da Agenda, logo a opinião pública terá de ter como objetos de referência as temáticas dos meios de comunicação de massa.

Desta forma, a saliência da opinião pública é consensual e compartilhada. Em outras palavras, seria a reunião aditiva das opiniões individuais - estas com influência midiática. Bourdieu (2003, p. 236) observa que, para que isto aconteça, seria preciso que todos agentes tivessem opiniões individuais sobre temas políticos, ação que ele diz “ignorar as não-respostas”.

¹ Utiliza-se aqui o conceito de campo de Pierre Bourdieu, que surge nas Ciências Sociais no final dos anos 1970. Bourdieu entende os campos sociais como espaços de relações sociais, possuidores de regras e capitais próprios, onde agentes disputam troféus. Todo campo é constituído por dominantes, dominados e pretendentes. (BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Fim de Século - Edições, Sociedade Unipessoal, Ltda. Lisboa, 2003. Tradução de Miguel Serras Pereira. Título original: Questions de Sociologie)

² “Embora haja registros na literatura através de Shakespeare e Montaigne, o primeiro filósofo a servir-se do termo com pretensões conceituais foi Rousseau. Para ele, o Estado se estrutura em três tipos de leis: o direito público, o privado e o civil. Além dessas há uma quarta, a mais importante, que não está gravada em mármore e bronze e sim no coração dos cidadãos; uma verdadeira constituição do Estado cuja força se renova a cada dia, que dá vida às outras leis e as substitui quando envelhecem ou desaparecem. Refiro-me à moral, aos costumes e, sobretudo, à opinião pública.” (BARROS FILHO, 1995, p. 217)

Além disso, só são somáveis entidades da mesma espécie (BARROS FILHO e THORNTON, 2002). Logo, por exemplo, em uma pesquisa de opinião pública de um instituto especializado, a categoria ‘sim’ na pergunta ‘Você aprova o governo Dilma?’ dispõe de múltiplas respostas, as quais possuem diferentes atributos ao objeto aferido. Do mesmo modo, essa lógica pretere outros temas ao frisar possíveis mais relevantes, em uma clara manifestação de dominância.

Assim, para Bourdieu, acreditar que opinião pública é a somatória das opiniões individuais camufla interesses políticos, o que acaba tendo influência tanto no significado atribuído às respostas quanto ao sentido dado à publicação dos resultados. Logo, "a opinião pública na acepção implicitamente admitida por aqueles que fazem sondagens de opinião ou pelos que utilizam os seus resultados [...] não existe" (BOURDIEU, 2003, p. 245).

Outra ideia pertinente para a compreensão da opinião é o modelo de psicologia social da Espiral do Silêncio, proposto por Elisabeth Noelle-Neumann, o qual busca investigar a influência do meio social nas pessoas. É abordado aqui o desconforto do indivíduo ao defender uma opinião não-dominante, atrelado a uma estratégia macrossociológica, que nada mais é do que o silêncio sobre essa visão (BARROS FILHO, 2008).

O sujeito deduz que determinada ideia não será bem aceita no meio social no qual está submetido, sentimento este que Elizabeth chamará de “Clima de Opinião”. Para evitar o confronto, a tendência é se calar. Portanto, temas que contrariam a maioria são ofuscados. Logo, uma opinião minoritária tenderá, assim, a permanecer, sendo inclinada ao silêncio.

Barros Filho aponta que a obra de Alexis de Tocqueville foi a mola propulsora dos estudos de Elizabeth. Em “O Antigo Regime e a Revolução”³, o autor descreve que a Revolução Francesa (1789-1799) foi clerical e, portanto, muitos eram a favor da igreja. Por outro lado, devido à pressão social, se silenciaram. Esta proposta não sinaliza que todos detentores de ideias minoritárias seguirão esse caminho. Contudo, com a exposição delas e o confronto com temas majoritários, propenderão ao isolamento e ao posterior silêncio. Isto explica por que o nome da teoria traz consigo a palavra 'espiral', em referência ao movimento imposto.

Se o campo midiático tem importante papel no processo de legitimação de

³ A França antes e depois da Revolução Francesa é descrita e investigada na obra, publicada em 1856, por Alexis de Tocqueville (BARROS FILHO, 2008).

determinados temas na sociedade, com inferência na formação das opiniões, como vimos até aqui, é na construção e seleção do que ser ofertado que se encontra uma riqueza esclarecedora de como estas instituições operam na sociedade. Para nos dar pistas sobre isto, se apresenta a Teoria do Gatekeeper.

Primeiramente, o conceito do gatekeeper surge bem longe do campo da comunicação. Em 1947, o psicólogo social Kurt Lewin publica um estudo sobre problemas com a modificação de hábitos alimentares. Ele percebe que determinadas áreas tendem a funcionar como “porteiros”, organizadas com regras as quais inferem posteriormente na força do tema. Assim, ele aponta que “isso sucede não só com os canais de alimentação, mas também com a sequência de uma informação, dada através dos canais comunicativos, num grupo” (LEWIN apud WOLF, 1985, p. 180).

Três anos mais tarde, David Manning White faz uso do conceito para entender o fluxo de notícias dentro dos veículos jornalísticos, identificando as “cancelas” que permitem ou não que a informação participe da agenda. Para tanto, acompanha a rotina de Mr. Gates, jornalista que trabalha em uma cidade norte-americana de 100 mil habitantes e possui como função a seleção de notícias oriundas de agências. Ao permitir a progressão de certas matérias, o gatekeeper pretere uma considerável quantidade de informação, que não se tornará visível ao público – ao menos naquele veículo.

Os passaportes desse processo de seleção são conhecidos como critérios de noticiabilidade (newsworthiness), presentes na Teoria do Newsmaking que compreende o jornalismo como uma atividade industrial e, como tal, dependente de condicionantes para atuação na enorme abundância de fatos. Estes são “o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia” (TRAQUINA, 2008, p. 63).

Para Hall et al. (1999), esse processo está inserido em um contexto mais amplo, o qual ele divide em três categorias: a organização e suas diretrizes; a estrutura dos valores-notícia; e a construção da notícia. O primeiro aspecto fala da rotina organizativa dos veículos, a qual está submetida a linha editorial, e pré-determina as áreas de atuação do jornalista. Com isso, o aspecto seguinte, referente aos valores-notícia, mostra que a escolha de acontecimentos passa ao crivo não só do senso comum do campo jornalístico do que é notícia, mas também do contexto profissional em que o jornalista está inserido.

Evidentemente, esse processo seletivo prioriza fatos inesperados na vida social, o que Hall et al. (1999) nomeia como valor-notícia primário. Pierre Bourdieu, por sua vez, vai ressaltar que os jornalistas, de modo geral, “[...] só se interessam pelo extraordinário, pelo que rompe com o ordinário, pelo que não é cotidiano – os jornais cotidianos devem oferecer cotidianamente o extraordinário [...]” (1997, p. 26). O sociólogo se utiliza ainda da metáfora ao dizer que os jornalistas possuem ‘óculos’ pelos quais veem certas coisas e outras não.

Os valores-notícia não aparecem isoladamente, atuando em estruturas, nas quais quanto mais complexos os circuitos valorativos que as compõem, maior será a possibilidade de metamorfosearem em um produto jornalístico e, por conseguinte, cruzar pelo gatekeeper. Não obstante, os valores-notícia tendem a variar de importância conforme a plataforma noticiosa, o que significa que a visualidade do acontecimento é de suma relevância para a televisão, sendo que o mesmo não se pode dizer para o rádio.

A construção da notícia, terceira categoria apontada por Hall et al. (1999), aborda o momento em que o assunto é traduzido em signos familiares ao público, mapas socioculturais compartilhados. Deste modo, o autor aponta que “existimos como membros de uma sociedade porque – é suposto – partilhamos uma quantidade comum de conhecimentos culturais com os nossos semelhantes [...]” (Hall et al., 1999, p. 226).

Assim, os veículos de comunicação são reprodutores de ideologias⁴ ao enquadrarem discursos em produtos a serem ofertados para a sociedade. De acordo com Goffmann (apud TRAQUINA, 2000), esse enquadramento (framing) midiático se refere a um procedimento que designa as normas de seleção e ênfase na construção da notícia. Sobre a condução dos enquadramentos, Gamson e Modigliani (apud TRAQUINA, 2000) definem cinco dispositivos: as metáforas, os exemplos históricos, as citações curtas, as descrições e as imagens. Com isso, os autores apontam que o conteúdo interpretativo que rodeia o conteúdo informativo é mais importante na identificação de um enquadramento.

Os enquadramentos dados aos acontecimentos pelos produtores do campo jornalístico são fortemente determinados pela interpretação das fontes. Estas são essenciais para a construção noticiosa e, geralmente, responsáveis por grande parte do conteúdo interpretativo.

⁴ A sociedade oferta as ferramentas para articulação da matéria-prima semiótica utilizada na linguagem. Ou seja, o sentido de todo signo é uma construção social de agentes que divergem e convergem. Sendo assim, todo signo é ideológico. “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade de toda a palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.” (BAKHTIN, 2002, pág. 36).

As fontes são divididas por Lage (2000) em três naturezas. A primeira diz respeito a fontes oficiais, oficiosas e independentes. As oficiais pertencem a instituições relacionadas ao Estado ou organizações. As oficiosas são relacionadas a uma entidade ou indivíduo, mas sem autorização para falar em nome de ninguém. Independentes, por sua vez, são fontes “desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso” (LAGE, 2000, p. 11) – condição de organizações não governamentais.

Na segunda categoria o autor separa as fontes em primárias e secundárias. As primárias representam o essencial em uma matéria. As secundárias são consultadas “para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas ou contextos ambientais” (LAGE, 2000, 12). A última categoria sobre a natureza das fontes fala da diferença entre testemunho e experts. O testemunho carrega emoção e varia conforme a posição social de quem relata. Já experts são especialistas, normalmente aparecendo como fontes secundárias, que servem para contextualizar o assunto tratado.

A produção jornalística pressupõe também a adequação do acontecimento em um gênero jornalístico. Marques de Melo e Assis (2010) dividem em gêneros informativo (nota, notícia, reportagem e entrevista), opinativo (editorial, artigo, resenha, coluna, caricatura e carta), utilitário (indicador, cotação, roteiro e serviço), interpretativo (dossiê, perfil, enquete e cronologia - oscilando entre os estilos informativo e opinativo) e diversional (história de interesse humano e história colorida).

Como foi visto até aqui, o jornalismo é uma atividade que, por meio de sua diversidade técnica, averigua e transforma acontecimentos em produtos jornalísticos, selecionados com base nos seus critérios de noticiabilidade (Gatekeeper e Newsmaking), para serem lançados na sociedade de modo a agenda-la sobre os temas que considera importantes (Agenda).

Embora o conceito de reproduzidor da realidade, levantado pela Teoria do Espelho no século XIX, em que “as notícias são como são porque a realidade assim as determina” (TRAQUINA, 2012, p. 148), já esteja desconstruído, os veículos de comunicação ainda se vendem como ‘expositores da verdade’. Logo, tendo em vista o papel centralizador que os meios de comunicação possuem no mundo, canalizando diferentes discursos e dando a eles notoriedade, se faz necessária uma reflexão ética da atividade jornalística, o que não cabe neste trabalho discutir.

Em outras palavras, os produtores jornalísticos precisam compreender o acontecimento por diferentes óticas e expô-las de maneira clara no seu produto. Isso significa que, ao abordar determinada temática, é preciso dar voz à multiplicidade de discursos em torno dela. Assim, ele se aproximará um pouco mais da comercializada ‘verdade’. Porém, vale destacar, nunca passará de uma mera reprodução, a qual jamais conseguirá contemplar com exatidão a complexidade da natureza do acontecimento.

Desta forma, “a maior contribuição esperada de um veículo jornalístico é o estímulo ao debate, ampliando a capacidade de a sociedade discutir, debater e deliberar sobre as suas causas essenciais” (MORAES, 2008, p. 4). Com essa premissa, será discutido a seguir o jornalismo inserido na problemática ambiental com suas devidas contribuições para esta temática.

2.2 Jornalismo e meio ambiente

No mundo, a primeira entidade de jornalismo ambiental surgiu em 1968 durante a Conferência sobre Biosfera em Paris, na França. Já no Brasil, o primeiro jornalista especializado foi Randau Marques, abordando a temática dos agrotóxicos durante a década de 1970. Porém, só dez anos mais tarde que a área ganha força com a descoberta do buraco na camada de ozônio (COLOMBO, 2010).

Os temas ambientais têm destaque a partir das conferências mundiais. No relatório "Nosso Futuro Comum", usado como base para a Eco-92, nasce o conceito de desenvolvimento sustentável, em paralelo ao termo sustentabilidade, de criação da ex-premiê da Noruega, Gro Harlem Brundtland. Sampaio e Guimarães (2012, p. 401), utilizando os conceitos de dispositivo para Foucault e Deleuze⁵, inferem que a sustentabilidade tem sido “apropriada e remanejada a partir da sua conexão com outras práticas econômicas e políticas, produzindo, assim, novos discursos, estes mais afinados com os interesses do capital”.

O jornalismo ambiental se caracteriza como examinador e disseminador de políticas, possibilitando reestruturações ao divulgar informações de direito e interesse públicos,

⁵ Segundo Sampaio e Guimarães (2012), dispositivo para Foucault é um conjunto de discursos que compõem uma rede instável entre o dito e o não dito, com papel estratégico na produção de verdades que predominam em determinados tempos históricos. Para Deleuze, dispositivo é um conjunto de múltiplas linhas e vetores de diferentes naturezas e dimensões que, ao se movimentarem, assumem outros significados, provocando também rupturas que podem levar ao fim do próprio dispositivo.

assumindo assim papel crucial entre as instituições de Estado e a sociedade. Trata-se de um jornalismo especializado, o qual transcende o jornalismo científico ao “se propor sistêmico e complexo, fundamentado em uma ética e em uma cidadania ambiental, a ponto de sugerir que o ambiental, em sua transversalidade, ‘contamine’, ainda, as demais editorias” (Girardi et al., 2012, p. 149).

Tanto o jornalismo ambiental quanto o científico devem cumprir o que é obrigação em todo jornalismo, que é o dever de tratar a informação como em serviço à população, na opinião de Loose e Peruzzolo (2008). Contudo, para os autores, o que os diferencia é que o ambiental possui uma ótica mais crítica, oriunda de uma veia ativista e militante. Além disso, é mais profundo na contextualização e diversidade de pontos de vista, enquanto o científico se baseia, prioritariamente, em fontes do campo da ciência.

Uma prática mais engajada, oferecedora de visões complexas sobre o acontecimento é defendida pelos autores. Na concepção deles, o jornalismo ambiental é “a tentativa de se explicar as ciências da vida e da Terra por meio de uma linguagem acessível, de fácil compreensão para os leigos, de modo a alertar a sociedade sobre os sinais de desgaste do meio ambiente” (LOOSE e PERUZZOLO, 2008, p. 4).

Como conceito, pode-se referir ao jornalismo ambiental como “processo de captação, produção, edição e circulação de informações (conhecimentos, saberes, resultados de pesquisas, etc.) comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo, não especializado” (BUENO, 2007, p. 35). De acordo com o autor, ele desempenha três funções: informativa, ao atualizar os receptores sobre a temática; pedagógica, ao explicar as causas e indicar soluções; e política, ao mobilizar os cidadãos.

Portanto, é dever da mídia aprofundar e contextualizar a problemática ambiental, com o propósito de auxiliar a sociedade em mudanças de hábitos, visando conciliar interesses de hoje com a garantia de uma maior conservação do planeta para gerações futuras. Isto porque, de acordo com Belmonte (2004, p. 35), “diante da crise ecológica, a imprensa também precisa assumir a responsabilidade de educar e transformar”. No entanto, ele mesmo ressalta que não é isso o que se vê.

Para Belmonte, predomina a cobertura pontual, com maior enfoque para temas negativos, sem espaço para um jornalismo aprofundado e contextualizado. Isto significa que os problemas percebidos em outras áreas jornalísticas, inseridos em um contexto onde a

rapidez da informação importa mais do que a qualidade propriamente dita, respingam na temática ambiental. Consequentemente, abordagens de assuntos em que o impacto na sociedade é lento e gradual não têm surgido no campo jornalístico.

Se essa realidade no jornalismo acontece na macroabordagem do tema ambiental, vem a se repetir quando é o caso de um tópico específico, a água. Em estudo de Mazzarino e Flôres (2012) se constatou que as “ofertas e marcas do discurso jornalístico sobre recursos hídricos tentam construir vínculos com o receptor baseadas em um sentido de desimportância para questões fundamentais em discussão na sociedade” (p. 18), relativas ao tema no período do estudo, apesar de serem problemas que se refletiam diretamente na qualidade de vida da população.

Existem hipóteses para essa tendência midiática. Uma delas está ligada à temporalidade. Assim como os receptores estão com menos tempo para informações longas e aprofundadas, as redações estão ficando enxutas, com um número maior de pautas para os jornalistas cumprirem e a remuneração permanecendo a mesma. Tudo isso é reflexo do sistema que prima pela produtividade em uma velocidade cada vez maior – e, por não dizer, perigosa.

Para Hamilton (2002, p. 3), “o aumento constante de velocidade na transmissão de informações jornalísticas foi provocado pelo entrelaçamento dos três fatores: a técnica, o capitalismo e a demanda cultural”. Whitrow (apud FRANCISCATO, 2009) entenderá que a padronização do tempo em escala mundial no século XIX foi a gênese deste processo. Nesta *mediamorfosis*⁶, as mídias se readaptam ao contexto social ao qual estão inseridas, nascendo disto o formato de notícia *fast-food*⁷.

Ao criticar esta perspectiva que corrói também a academia, Luiz Felipe Pondé sugere imaginar o filósofo "Nietzsche às voltas com relatórios anuais da Capes, que junto com o Lattes, institucionaliza e quantifica esta mesma produtividade de um quase nada de valor"⁸.

⁶ Mediamorfosis, conceito de Fidler (apud FRANCISCATO, 2009), que entende que o surgimento de novos mecanismos de comunicação não é independente, tendo origem em formas antigas, as quais não são excluídas na evolução, mas readaptadas. Neste sentido, o movimento de metamorfose dos meios de comunicação é intrínseco e não externo ao sistema.

⁷ Se por um lado a sociedade tem sede de estar informada, por outro dispõe de escasso tempo para leituras aprofundadas. Diante desta ideia da informação em tempo real, Ana Prado (apud SOSTER e MACHADO, 2003) compreende o surgimento do formato de notícia *fast-food*, que tem como objetivo o consumo rápido.

⁸ PONDÉ, Luiz Felipe. "O filósofo do martelo na academia". **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 5 nov. 2012, texto digital.

No jornalismo, consequência desse ritmo, viria um retrocesso do jornalismo especializado, em que o jornalista se dedica a uma determinada área. O que ocorre é o movimento inverso, perdendo o jornalismo em qualidade e profundidade.

Resultado disto são profissionais cada vez mais dependentes de fontes técnicas para responder sobre questões ambientais. Por sua vez, ao não dominarem totalmente o assunto, os jornalistas se tornam reféns destas fontes, as quais defendem discursos e interesses diversos. A situação não parece hoje alarmante porque é silenciosa, assim como boa parte dos problemas ambientais que só vão mostrar resultados em longo prazo, como explica Frome:

[...] muitos dos danos ao meio ambiente ocorrem lentamente aos olhos humanos, mais como uma erosão do que como um deslizamento de terra, e a maioria das pessoas está ocupada demais ou se movimentando demais para perceber. [...] Um bom exercício é imaginar como era um bairro urbano no século passado: esse é o contraste e a velocidade das mudanças que o jornalista ambiental precisa capturar, olhando para trás e para frente, explorando assuntos que levam tempo para se desdobrarem. (2008, pág. 162)

Neste sentido, a mídia é fundamental na compreensão da produção de sentidos que circulam na sociedade em determinado contexto histórico, tanto pelo papel exercido no mundo contemporâneo, quanto pela visibilidade dada aos acontecimentos que decide cobrir. Por outro lado, a transformação do atual discurso socioambiental, calcado em óticas aterrorizantes, em ações positivas por parte da sociedade é questionável.

Esta ótica vai de encontro com o que foi observado por Gavirati (2012). Em seu trabalho sobre a XV Convenção da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP-15), levanta a hipótese que a maior repercussão midiática da temática ambiental não está relacionada com uma melhor percepção sobre o assunto. Isto porque a abordagem excessiva pode repercutir negativamente na sociedade. Para tanto, o autor defende uma reflexão da dimensão comunicacional para além dos meios de comunicação de massa, o que nos remete a pensar práticas midiáticas que fomentem a cidadania.

2.3 Jornalismo e cidadania

As primeiras iniciativas para a compreensão da função pública do jornalismo surgem com as ideias de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa. Assim, pensadores iluministas como Rousseau e Voltaire, ao lutarem pelos direitos humanos básicos, contribuiriam nas reflexões sobre os conceitos de interesse público e liberdade de expressão.

A ideia naquela época era não apenas discutir, mas também transformar o lugar do homem na sociedade (RODRIGUES e COSTA, 2011).

A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão viria a ser promulgada em 1789 pela Assembleia Nacional Francesa, instituição surgida nesse período, a qual declarou uma série de direitos dos cidadãos. Contudo, estes eram basicamente destinados aos homens. Apesar da questão da mulher ter sido incluída na discussão, com o desfecho da Revolução Francesa a hegemonia masculina foi retomada. Os direitos das mulheres só viriam a ganhar espaço em toda Europa no século XIX (SOUZA e PAULINO, 2001).

Após a Segunda Guerra Mundial, o mundo estava em choque com as atrocidades cometidas com base em alicerces ideológicos. Assim a temática lançada pela Revolução Francesa ganharia força novamente. Em 1948, a Organização das Nações Unidas divulga a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que retoma os direitos humanos básicos. Embora não represente obrigatoriedade legal, o documento até hoje é referenciado entre especialistas e utilizado como parâmetro na criação de tratados.

Com isso, reflexões sobre práticas cidadãs ganham profundidade. Conceitualmente, cidadania está relacionada aos direitos e deveres que o homem deve adotar dentro da sociedade em que vive. Isto implica também pensar no coletivo, abdicar do sentimento individualista predominante no mundo contemporâneo e adquirir a conscientização de que a natureza retribuirá de acordo com a maneira que o ser humano se relaciona com ela. Embora o Estado tenha a obrigação de garantir determinadas questões, isto não elimina a corresponsabilidade dos cidadãos. Assim, cidadania abrange a participação na sociedade.

Além disso, pensar a cidadania aponta para a compreensão do indivíduo enquanto ser pertencente de uma sociedade. No pensamento grego, Aristóteles afirma que o homem não pode ser entendido fora da sociedade. Desta forma, o ser humano seria um animal político, de acordo com o filósofo (ARISTÓTELES apud SCHMIDT, 2013, p.18). Já Weber (1984) irá contribuir para o entendimento de sociedade:

“La sociedad, de un modo típico, puede especialmente descansar (pero no únicamente) en un acuerdo o pacto racional, por declaración recíproca. Entonces la acción, cuando es racional, está orientada a) racionalmente con arreglo a valores: en méritos de la creencia en la propia vinculación; b) racionalmente con arreglo a fines: por la expectativa de la lealtad de la otra parte.” (WEBER, 1984, p. 33)

A forma de governar que melhor atende os pressupostos revitalizados da Revolução

Francesa é a democracia. Trata-se de um regime de governo horizontalizado, impondo a vontade da maioria perante ao Estado. Esse sistema pode existir dentro de modelos republicano, presidencialista, parlamentarista ou monárquico constitucional. Assim o povo é responsável, direta ou indiretamente, pelos direcionamentos que seus representantes eleitos trarão.

Ancorado nessa ideia está o direito à informação. Trata-se de uma ferramenta fundamental, tendo em vista que o indivíduo bem informado consequentemente obtém melhores subsídios para a prática cidadã. Desta forma, o entendimento de que o ser humano é livre para se manifestar e tem o direito de ser informado sobre temas públicos ganha forma. Logo, para a criação de um espaço efetivamente público, supõe-se a existência de democracia, cidadania, liberdade e direito à informação. Com base nisso, no final dos anos 1980 nasce o movimento do jornalismo público, que busca revitalizar o modelo jornalístico ao retomar estes conceitos.

O jornalismo público se configura e se confunde com outros formatos, como jornalismo cívico, jornalismo comunitário, jornalismo de serviço público, jornalismo cidadão, jornalismo participativo, jornalismo engajado e jornalismo popular. Em comum todos visam promover a cidadania, discutir a vida pública e melhorar a democracia (DORNELLES, 2008; SANTOS, 2012).

Se o jornalismo público tem como responsabilidade a melhoria da vida pública, promovendo uma cultura cívica, Mazzarino (2012) irá afirmar que o campo midiático se coloca como um espaço de educação para a cidadania na contemporaneidade. Quando este espaço trata de temas ambientais, o campo jornalístico assume para si um papel de educador socioambiental.

Para compreender como se dá este processo, se faz necessária a observação do enquadramento da temática ambiental pelos produtores jornalísticos, os quais cruzam e juxtapõem diferentes matrizes discursivas que corroboram na construção social da realidade (MAZZARINO, 2012). O jornalismo público se refere a um jornalismo aberto aos discursos sociais conflitantes, os evidenciando e difundindo em sociedade. Porém, um dos precursores do jornalismo cívico, David Merritt, alerta que caso a sociedade não esteja atenta à vida pública, este jornalismo não terá razão de existir (SANTOS, 2012). Isto significa que esta ideia pressupõe mídia e sociedade engajadas na construção da cidadania.

Esta responsabilidade compartilhada permitirá a emergência da governança ambiental. É o que afirma Campello (2012), a partir de estudo que mostra que “a visibilidade midiática foi importante no processo de transformação dos problemas ambientais em assuntos discutidos, e depois como impulsionadora para a elaboração de políticas públicas” (p. 4). Isto implica, para Dornelles (2008), pensar o profissional jornalístico de forma engajada nas questões públicas. Contudo, este perfil caberá aos meios alternativos, na visão da autora.

Este ponto de vista é interpelado por Gavirati (2012) ao questionar a capacidade dos meios de comunicação de massa como agentes conscientizadores da temática ambiental. Para ele, a própria lógica midiática impede isso, já que o idealismo ambiental passa ao largo das lógicas institucionais que permeiam o cotidiano jornalístico de modo geral.

Debemos distinguir entre una noticia que habla sobre um tema ambiental de una noticia que es comunicada desde una perspectiva ambiental. El primero caso, es el más común, y define la norma en que el periodismo tradicional incorpora dentro de su lógica a las temáticas ambientales. Mientras que el segundo significaría la *ambientalización* de las instituciones mediáticas, que daría paso al emergente ‘periodismo ambiental’ (GAVIRATI, 2012, p. 6).

Mas se por um lado é questionável a mudança da abordagem midiática, por meio de uma ambientalização das instituições midiáticas, por outro é inegável a responsabilidade social dos meios de comunicação para instigar a mobilização pública e fomentar a ação social, exercendo assim papel preponderante no curso da história. Neste sentido, Loose e Girardi (2009) afirmam que a didatização dos conhecimentos é de suma importância na temática ambiental, graças à complexidade da problemática e à necessidade de contribuir para uma reflexão e consciência críticas. Para tanto, a adoção por parte da mídia da percepção do meio ambiente como um todo, no qual qualquer articulação implicará em consequências, se faz necessária para melhor compreensão dos receptores. Isto subentende veículos jornalísticos que não omitam e não se abstenham do seu papel primordial de servir ao interesse público.

3 MÉTODO

Metodologicamente, trata-se de um estudo de caso quanti-qualitativo, de caráter exploratório, que se utiliza de pesquisas bibliográfica e documental. Buscando um estudo comparativo das amostras, a coleta de dados para análise documental foi realizada sobre todas as matérias relacionadas a Rio+20, publicadas no mês do evento, junho de 2012, nos jornais Le Monde e Folha de S.Paulo. Para tanto, utilizou-se da versão virtual dos periódicos, a qual corresponde à transposição da versão impressa.

Trata-se de uma amostragem não probabilística, por tipicidade, tendo em vista que a seleção destes dois jornais está relacionada à relevância jornalística nos países e continentes que pertencem. O primeiro, reconhecido como um dos mais proeminentes jornais do mundo, com forte influência na Europa. O segundo, um dos maiores jornais da América Latina e o maior em circulação no Brasil, país-sede da conferência Rio+20.

Logo, considera-se que a escolha destes dois impressos possibilitará captar duas percepções – uma europeia e outra latino-americana – sobre o evento e a temática ambiental. Vale lembrar que na seleção dos veículos foi incluído o jornal The New York Times, dos Estados Unidos, considerado o suprasumo do jornalismo no mundo. Porém, devido à pouca frequência de matérias sobre o evento (três durante um mês, mesmo número do seu coirmão, The International Herald Tribune), decidiu-se não incluir o periódico no trabalho. Os documentos coletados foram escolhidos por tipicidade, portanto, referem-se ao tema Rio+20.

Para a primeira parte do trabalho, será aplicada a Análise de Conteúdo (AC), que

historicamente desponta em estudos sobre a mídia com Harold Laswell, em 1927. Segundo Herscovitz (2008), consiste em uma visão matemática e quantitativa do conteúdo, com base no positivismo de Augusto Comte e no neopositivismo dos pensadores do Círculo de Viena. Exatamente por esse caráter pragmático é que ela possui muitos críticos. No entanto, a autora aponta para a integração de análises, proposta presente neste trabalho já que optou-se pela ótica quanti-qualitativa.

Com base nos pressupostos da AC, todas as matérias sobre a Rio+20 publicadas nos dois periódicos foram consideradas como unidades de análise. O período escolhido foi todo o mês de junho de 2012, já que abrange um momento antes, durante e depois do evento, que ocorreu do dia 13 a 22. Esta etapa será dividida em quatro categorias: a) Frequência; b) Editoria; c) Gênero; e d) Tema.

Além da análise quantitativa, foi selecionada uma amostra para realizar a análise qualitativa dos espaços informativos e opinativos dos veículos, de modo a se comparar a abordagem dos dois gêneros em cada veículo incluído na amostra. Para tanto, no espaço informativo, tomou-se como base os dois temas principais do evento: a Economia Verde, inserida no contexto de desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza; e a Governança, estrutura institucional para o desenvolvimento sustentável.

Assim, Economia Verde são políticas e programas que buscam atender compromissos de desenvolvimento sustentável. Já Governança compreende o debate e a aplicação desses acordos, por meio democrático, sobre os pilares econômico, social e ambiental. Assim, está incluída nesta temática desde a participação popular na discussão ambiental até metas resultantes das deliberações das nações. Para a seleção, optou-se por matérias que traziam estes dois temas no lead, o cerne do produto jornalístico, embora reconheça a possibilidade da existência de outras temáticas em um único texto.

No espaço opinativo, os editoriais analisados tratavam sobre o Texto Final da Rio+20, tema comum aos dois veículos. O documento foi intitulado “O Futuro que Queremos”. O estudo qualitativo comparativo refere-se a dois níveis de análise: por temática e por abordagens. O objetivo é interpretar o enquadramento e o agendamento dados ao tema, a fim de se discutir quais são as marcas discursivas presentes, em que medida as visões dos jornais conversam e se há marcas de jornalismo cidadão na cobertura.

Nesta etapa, será aplicada a Análise de Discurso francesa (AD), conforme Benetti

(2008), a qual visa ao mapeamento de vozes e identificação dos sentidos. A significação não está confinada no texto. Logo, os sentidos surgem na interação entre discurso e leitor. O locutor, neste caso, apenas sugere uma lógica de signos na construção discursiva. “O fato de o discurso ser construído de forma intersubjetiva exige compreendê-lo como histórico e subordinado aos enquadramentos sociais e culturais” (BENETTI, 2008, p. 108).

O aporte teórico mais próximo da AD é a Teoria Construcionista. No jornalismo, esta surge nos anos 1970, em oposição à perspectiva positivista, berço da Teoria do Espelho, a qual entendia que os meios de comunicação de massa seriam capazes de refletir a realidade em sua integridade. O paradigma construtivista desmantela essa ideia, argumentando que “toda representação é uma construção subjetiva da realidade” (BENETTI, 2008, p. 110). Nesta ótica, o jornalismo é produtor e reproduzidor de conhecimentos, os quais não são apenas expedidos, mas reformulados.

No estudo dos sentidos, o discurso é apenas um elemento exposto dentro de um processo anterior a ele. Isto significa que o texto pode ser dividido entre sua parte visível, discursiva, e a obscura, dotada de ideologia. Assim, a AD visa identificar formações discursivas (FDs) no próprio discurso, conforme Michel Pêcheux (BENETTI, 2008), as quais remetem a uma área de sentidos nucleares. As sequências discursivas (SD) correspondem aos trechos recortados para análise, onde a sua junção constitui uma FD.

No estudo das vozes, é construído um mapa delas. Pensando o jornalismo, se tem a percepção de que, idealmente, o discurso é polifônico, conceito criado por Bakhtin. No entanto, não necessariamente a quantidade empírica de vozes no texto se traduz em um material polifônico. Em outras palavras, polifonia está relacionada à diversidade de posições discursivas e não à quantidade de atores chamados a discursar em um texto.

Para tanto, toma-se por base a Teoria Polifônica da Enunciação de Ducrot, que distingue locutor e enunciador, conforme proposto por Benetti (2008). O locutor é quem fala e pode ser identificado como autor do enunciado, seja ele o jornalista que assina a matéria ou o que não assina, mas que se utiliza da instituição jornalística, seja como fonte citada ou ocultada, e assim por diante.

O enunciador é o lugar de onde se fala. Essa perspectiva de onde o sujeito se articula está relacionada aos diferentes fatores, como sociais e históricos, que na AD podem ser agrupados nas formações ideológicas. Mesmo em um texto com uma variedade de fontes,

pode-se ter um único enunciador, o que significa um discurso monofônico. Aqui é mister reconhecer, também, a possibilidade de um indivíduo circular entre posições distintas em um único discurso.

Para a análise dos editoriais, será empregada complementarmente a lógica de Fausto Neto (1999) para caracterizar a voz dos jornais e suas competências presentes neste gênero jornalístico. Em estudo sobre a temática da AIDS na mídia impressa, o autor elenca três competências discursivas: voz avaliativa, presente em expressões que atribuem valor e julgamento; voz programativa, com marcas discursivas com a pretensão de agendar e realçar aspectos, operando como um “consultor a outros setores da esfera pública” (p. 83); e voz sentenciadora, que coloca os jornais na posição de um tribunal.

Destaca-se, por fim, que os grifos presentes nas análises são do autor. Assim, a AC servirá como suporte para contagem de frequências discursivas, enquanto a AD para inferir sobre os sentidos veiculados nos dois jornais.

4 LINHA EDITORIAL

4.1 Le Monde

O jornal dos intelectuais. Assim Le Monde é conhecido graças a sua influência em uma certa elite que ultrapassa as fronteiras da França. Idealizado pelo general Charles de Gaulle, então primeiro-ministro francês, tinha exatamente como objetivo se tornar um jornal respeitado internacionalmente, como The Times do Reino Unido. E conseguiu. Este capítulo toma por base informações do livro “Os melhores jornais do mundo: uma visão da imprensa internacional” (MOLINA, 2008).

Le Monde tem sede em Paris e circula de segunda a sábado. Por ser vespertino, sai com data do dia seguinte. Apesar do sucesso no exterior, não possui outros pontos de impressão além do complexo em Ivry, subúrbio da capital francesa. A redação é composta por 320 jornalistas e 20 correspondentes internacionais.

Jornal independente, politicamente adota posições de centro, com uma simpatia maior com a esquerda, legado das décadas de 1970 e 1980. Desde 1995, está disponível na internet em lemonde.fr. Atualmente possui 43 mil assinantes digitais, média de dois milhões de visitantes únicos por mês, contando com 67 mil leitores somando as versões impressa e digital. Tem uma tiragem de 314 mil exemplares por edição. Destes, aproximadamente 40 mil circulam no exterior.

Le Monde substituiu o diário Le Temps, fundado em 1861, em um período próximo do fim da Segunda Guerra Mundial. De herança recebeu quase toda redação do antigo jornal, as instalações e o seu aspecto gráfico. Para dirigir essa empreitada, Hubert Beuve-Méry foi designado. Ele foi correspondente do Le Temps em Praga, na República Tcheca. Em 1938, tinha pedido demissão por discordar da linha pacífica do diário com o nazismo.

A primeira versão do Le Monde circulou no dia 18 de dezembro de 1944. Era uma única folha, frente e verso, tamanho standard grande (67 x 50 cm). Como só chegaria nas províncias no dia seguinte, por ser vespertino, saiu com data do dia 19. Um mês depois o jornal seria dobrado ao meio, ocupando quatro páginas e adotando o formato berlinês (50 x 33,5 cm). Em 2005, o tamanho foi reduzido para 47 x 32,5 cm.

Apesar de sua criação ter um caráter político, o diretor Beuve-Méry exigia imparcialidade e independência do órgão. Até mesmo seu idealizador, general de Gaulle, não recebeu tratamento brando. Com ele o jornal “seguiu uma linha de apoio crítico e de crítica sem apoio” (MOLINA, 2008, p. 43). O grau de transparência era tanto que Le Monde por muitos anos publicou detalhadamente suas contas. Os ativos herdados do Le Temps foram pagos com o fluxo do caixa, devolvendo em pouco tempo o empréstimo recebido do governo antes do lançamento.

O perfil austero de seu diretor transparecia nas páginas. No início, não publicava fotos. O tamanho da letra era pequeno. Ilustrações, então, raridade. Ainda assim, conquistou os leitores franceses com seu posicionamento político neutro, porém anticolonialista. Um ano após sua criação já vendia o dobro de edições que seu antecessor.

Em 1951, Le Monde viveu um momento conturbado. Beuve-Méry, a personificação do jornal, pediu demissão. A redação e os leitores exigiram o retorno imediato do diretor. O general de Gaulle entrou em ação. Após várias negociações, Beuve-Méry reassumiria o comando, com drásticas mudanças. Agora empregados teriam o poder acionário e a redação escolheria o novo diretor.

Com o tempo, Le Monde colecionou inimigos devido à sua postura. A primeira tentativa para derrubá-lo foi com o ressurgimento do velho Le Temps, em 1956. Para isso, este diário tinha ambições de atrair a redação do concorrente com salários fartos e seus leitores mais conservadores. A iniciativa durou só 66 dias. No ano seguinte, Les Débats de Ce

Temps surge com intuito semelhante. E termina com o mesmo destino, permanecendo por pouco mais de um mês. Em 1977, J'Informe foi lançado com o propósito igual dos anteriores. Teve o mesmo fim.

As rotativas herdadas de Le Temps eram da década de 1910. A impressão suportava edições de até dezesseis páginas, imprimindo 12 mil exemplares por hora. Em 1960, novos equipamentos foram adquiridos com recursos do próprio jornal. Nessa época, Le Monde iniciou uma nova expansão das instalações gráficas, contra a opinião do seu diretor. O funcionamento teve início em 1972, com custos elevados e equipamentos antiquados para a época.

Após 25 anos no comando, Beuve-Méry abandonou o cargo em 1969. Jacques Fauvet, jornalista do Le Monde, assumiu o posto. Com ele, o periódico atingiu o auge em circulação em toda história. Em dez anos, passou de 355 mil para 459 mil exemplares por edição em 1979. A austeridade, marca do diretor anterior, é extinta. A redação triplica de tamanho e os salários se tornam os mais altos entre os periodistas na França. Consequentemente, o jornal registra o seu primeiro prejuízo em 1977, apesar do aumento de receita.

Nesse período, Le Monde engajou-se com a esquerda. Entre as simpatias da nova direção estavam o Khmer Vermelho, no Camboja, e o maoísmo, na China. O Partido Socialista ganha o apoio do jornal. Para completar, torna-se um crítico ferrenho do presidente Valéry Giscard d'Estaing, de centro-direita.

Contudo, a fase não era boa. Sem o prestígio de Beuve-Méry, a redação ficou dividida no início dos anos 1980. O elevado endividamento agravava a situação. Para piorar, a circulação entrou em forte declínio. A situação ficou insuportável para Fauvet. Em 1982, André Laurens assume a direção em um momento de tensão, demitindo-se após não aprovarem medidas de contenção de despesas em 1985.

André Fontaine é eleito diretor por unanimidade. Pela primeira vez na história de Le Monde, recursos externos foram buscados para suportar a crise. No seu período de gestão nasceu um elefante branco que ainda pesa nas contas: um novo e moderno complexo industrial, porém extremamente caro. Em 1991, Fontaine é substituído por Jacques Lesourne. Para encarar o desequilíbrio financeiro, novas publicações foram lançadas. O efeito não foi o esperado e os prejuízos aumentaram.

Jean-Marie Colombani, líder de um grupo de jornalistas que ajudou a derrubar as direções anteriores, assume o cargo em 1994. Com ele, o jornal passa a ser uma sociedade anônima, angaria recursos e atrai novos sócios. Em 1995 e 2002, repaginou a publicação. Le Monde volta a respirar financeiramente.

Ambicionando transformar o jornal no carro-chefe de um vasto grupo de comunicação, Colombani inicia a compra de veículos impressos. O desequilíbrio financeiro retorna. Com ele, novos acionistas entram. Entre eles, os jornais El País, da Espanha, e La Stampa, da Itália, além de Lagardère Group, multinacional francês.

Os prejuízos chegaram a € 146 milhões. Mesmo assim, a política expansionista do Groupe Le Monde continuou. Em 2006, Colombani adquiriu jornais regionais no sul da França. A expectativa era gerar uma receita bruta de € 900 milhões em um ano, representando um aumento de 38,46%. Novos acionistas externos foram agregados nessa época. As iniciativas não impediram o fim da era Colombani. Éric Fottorino assume a presidência, permanecendo até 2010, sendo sucedido por Érik Izraelewic.

Em 2010, um trio de magnatas assumiu como novos proprietários do Groupe Le Monde. Do consórcio faz parte Pierre Bergé, antigo sócio do falecido estilista Yves Saint-Laurent, Xavier Niel, magnata das telecomunicações, e Matthieu Pigasse, banqueiro. Em comum, os três são politicamente de centro-esquerda, posição característica do jornal nos dias de hoje. Ficou acertado um controle minoritário e uma linha editorial independente para redação. Além disso, os jornalistas do Le Monde permanecem com poderes para eleger seus diretores.

Em março de 2013, Le Monde elegeu Natalie Nougayrède, a primeira diretora de sua história. Ela começou no jornal em 1997 como correspondente no Leste Europeu. Em 2001, trabalhou em Moscou. Em 2005, suas reportagens sobre o cerco de Beslan e Chechênia lhe auferiram o Prix Albert Londres, premiação francesa em jornalismo. Natalie assume após a morte de Erik Izraelewicz, em 2012. Em entrevista para *The Guardian*⁹, afirmou que irá dar destaque para a linha investigativa e que pretende unificar as redações no impresso e no digital.

⁹ CHRISAFIS, Angélique. "Le Monde's Natalie Nougayrède: 'This is quite a revolution'". **The Guardian**, 5 mai. 2013, texto digital.

Apesar de sucessivas crises financeiras, Le Monde permanece até os dias de hoje como um dos jornais mais respeitados no continente europeu e no restante do mundo. A recente aquisição comprova que, embora haja uma incógnita sobre os veículos impressos quanto à longevidade, eles continuam sendo enormes instituições, detentoras de um gigantesco capital simbólico, o qual não se desvencilhará com tanta rapidez, já que o campo é espaço de diferenças e, sobretudo, dominação. E, como dominantes, pretenderão a conservação.

4.2 Folha de São Paulo

O presente capítulo faz uso como base bibliográfica da obra “História da imprensa paulista: jornalismo e poder de d. Pedro a Dilma” (PILAGALLO, 2012). Nele, é abordado o contexto histórico, as transformações e consequências pelas quais a Folha de S.Paulo passou até atingir o estágio atual, consolidando-se como um dos principais jornais da América Latina.

Com sede no bairro Campos Eliseos, região central da capital paulista, a Folha de S.Paulo possui uma linha editorial com diretrizes para um jornalismo crítico, apartidário e pluralista¹⁰. Em formato standard (75,5 x 32 cm), é o maior jornal diário brasileiro em tiragem, com média de 301.299 exemplares¹¹. Localizado em Tamboré, na Grande São Paulo, seu centro gráfico possui 25 mil metros quadrados, com capacidade de impressão de até 16,6 milhões de páginas por hora¹².

Na internet desde 1995, tornou-se o primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa. Com média de 500 notícias por dia, possui 19 editorias de conteúdo com acesso livre, além de contar com uma audiência de 17 milhões de visitantes únicos e 173 milhões de páginas vistas por mês¹³. Desde julho de 2011, sua versão online publica edições em espanhol e inglês. O objetivo é aproveitar o holofote que o país tem recebido devido à realização de

¹⁰ LINHA editorial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/linha_editorial.shtml>. Acessado em 20/8/2013.

¹¹ CIRCULAÇÃO. **Folha de S.Paulo**, São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml>>. Acessado em 20/8/2013.

¹² CENTRO Tecnológico Gráfico-Folha (CTG-F). **Folha de S.Paulo**, São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/centro_grafico.shtml>. Acessado em 20/8/2013.

¹³ CONHEÇA o site da Folha. **Folha de S.Paulo**, São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/conheca_o_site_da_folha.shtml>. Acessado em 20/8/2013.

grandes eventos¹⁴, como a Rio+20.

A história da Folha de S.Paulo começou em fevereiro de 1921, com a fundação do jornal Folha da Noite por Olival Costa e Pedro Cunha. A impressão era feita nas oficinas do jornal O Estado, na época disparado o órgão mais importante da imprensa de São Paulo. Com forte apelo popular, a Folha se tornou fiscal do governo. Em julho de 1925, nasce sua extensão matutina, a Folha da Manhã. Assim, as Folhas iriam constituir a base da Empresa Folha da Manhã Ltda.

O posicionamento crítico ao governo não duraria muito. Durante a República Velha (1884-1930), com a política Café com Leite, os estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba se articulavam na Aliança Liberal. As Folhas, desvincilhando-se da imagem de oposição, se tornam governistas. Uma possível causa dessa ruptura foi o desligamento de Pedro Cunha, com Olival Costa mudando os rumos dos jornais. “Embora tivesse simpatia pelo liberalismo da oposição, Costa levava mais em conta os interesses de São Paulo, o maior beneficiário do governo federal” (PILAGALLO, 2012, p. 88).

Em contrapartida, O Estado apoiava o liberalismo aclamado por Getúlio Vargas. Na eleição presidencial, porém, o Partido Republicano Paulista (PRP), de Júlio Prestes, venceu, o que significaria a continuidade do então governo. Mas algo mudaria os rumos da história. Em 1930, João Pessoa, da Aliança Liberal, foi assassinado. As forças armadas intervieram e o então presidente Washington Luís foi deposto, antes de Prestes assumir a presidência. Jornais que na época apoiavam o governo, como as Folhas, são quebrados e incendiados por populares.

Com isso, as Folhas fecham entre novembro e dezembro de 1930, voltando só no ano seguinte. O retorno, dessa vez, seria com novo dono: o comerciante de café Octaviano Alves de Lima. Durante sua gestão, “autodenominadas órgãos da lavoura, as Folhas aceitavam até que a assinatura fosse paga em sacas de café” (PILAGALLO, 2012, p. 105). Para gerir a redação, foi chamado o jornalista Rubens do Amaral.

A dança de cadeiras na imprensa não parava. Com Getúlio Vargas no poder, as Folhas passaram para uma posição indefinida, com críticas restritas para a censura. Por sua vez, O

¹⁴ FOLHA.COM lança site em inglês e espanhol. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/951540-folhacom-lanca-site-em-ingles-e-espanhol.shtml>>. Acessado em 20/8/2013.

Estado abandonou a simpatia pelos liberais e juntou-se aos constitucionalistas. Em 1934, chegou ao fim o governo provisório com eleições à Assembleia Constituinte. Por voto indireto, Getúlio Vargas foi eleito presidente, permanecendo até 1937. A partir desse ano, teve início o Estado Novo, que perduraria até 1945.

Nesse período, as Folhas optaram por não abordar temas políticos. Contudo, se por um lado os jornais conviviam com um sistema ditatorial, por outro comemoravam o aumento em circulação embalado pelo noticiário da Segunda Guerra Mundial. Pelas contas da direção na época, a Folha da Manhã passou de 15 mil para 80 mil exemplares diários. Sobre as ideologias que assolavam o mundo, as Folhas mantiveram o tom crítico, tanto ao nazismo alemão quanto ao comunismo soviético.

Em 1945, com o fim da guerra, Getúlio é deposto e com ele vai a censura aos meios de comunicação. O Brasil voltava a se rearticular democraticamente. De um lado surge a União Democrática Nacional (UDN), pela oposição, de outro o Partido Democrático Trabalhista (PDT) e o Partido Social Democrático (PSD), da base Vargas. Em março, um novo grupo assumiu o comando da Folha da Manhã e da Folha da Noite.

Um dos novos donos, José Nabantino Ramos, implementou nos jornais uma linha editorial pautada pela imparcialidade. A aquisição foi viabilizada pelo industrial Francisco Matarazzo Júnior, que pretendia dispor de um espaço para defesa dos ataques de Assis Chateaubriand no Diário da Noite e no Diário de S. Paulo.

A aventura do empresário no meio jornalístico não dura muito e logo Nabantino assume o comando por completo. As Folhas abandonam o perfil rural, da época de Alves Lima, passando para um tom mais urbano. Apesar da maior simpatia com a UDN, os jornais passam a ocupar uma posição de centro. Em 1949, nasce a Folha da Tarde.

Em 1960, as três Folhas são unificadas na Folha de S.Paulo. Porém, Nabantino não consegue acompanhar o ritmo modernizante do capitalismo. Decide por abandonar o jornal. Em 1962, Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho compram o periódico. Frias era diretor e sócio minoritário do Banco Nacional Imobiliário. Por iniciativa dele, auxiliou as antigas Folhas na aquisição do edifício da alameda Cleveland, sede em 1950, e depois do prédio na alameda Barão de Limeira, onde o jornal permanece até hoje.

Nos dez primeiros anos de Frias e Caldeira, a Folha sobreviveu graças a empréstimos.

Coincidindo com essa transição de comando do jornal, o Brasil vivia um período de agitação política, o que desembocaria no Golpe Militar de 1964. A atuação do periódico passa a ser discreta. “Nos primeiros meses de ditadura, a crítica que a Folha fazia ao regime era periférica e pontual, como quando protestou contra a demissão e a prisão de professores da USP por motivos políticos [...]” (PILAGALLO, 2012, p. 173).

Com posicionamento favorável ao governo militar, assim como era O Estado, seu principal concorrente, a empresa usufruía do bom momento econômico e crescia. Entre 1965 e 1968, Notícias Populares e Última Hora foram adquiridos. O grupo cria os jornais Cidade de Santos e Folha da Tarde (mesmo nome de seu antecedente), além de adquirir parte da TV Excelsior, assumir a Fundação Cásper Líbero e investir na modernização de impressão.

Com o decreto do Ato Institucional nº5, por Costa e Silva, em vigor a partir de 13 de dezembro de 1968, dando o poder de censura, a Folha optou pelo silenciamento, já que alegava não ter condições de combater o governo. Isso só vai ter fim no dia 17 de outubro de 1975, data do último comunicado dos censores. Nesse período, o jornal foi acusado por grupos de esquerda por colaborar com o regime militar fornecendo caminhões, usados para transporte de supostos guerrilheiros. No dia 21 de setembro de 1971, dois carros da Folha são incendiados pela Ação Libertadora Nacional (ALN).

No dia seguinte, Frias escreveu um editorial de capa nas Folhas, com o título “Banditismo”, condenando o ato. Um dia após a publicação do texto, militantes da ALN são assassinados por agentes do Departamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), o que resultaria em mais um carro do jornal destruído no outro mês. A organização guerrilheira planejava ainda explodir um caminhão-tanque de gasolina na sede do jornal. O plano foi descoberto, um dos mentores preso e a ação cancelada.

Com o visível declínio da ditadura, aos poucos o jornal se afastou dos militares. A gota d’água viria em 1974, quando a oposição venceu com larga vantagem nas urnas. No ano seguinte, o veículo abre espaço para intelectuais de diferentes vertentes, marca presente até os dias atuais. Em 1983, um movimento civil começou a se articular pelas ruas do Brasil pedindo eleições diretas para presidente. A Folha de S.Paulo não se restringiu em apenas noticiar e engajou-se na campanha. No seu auge, era chamada de “jornal das Diretas”.

Apesar do prestígio recebido, uma crise de identidade estava instaurada, tendo em

vista que “[...] de uma posição acrítica no auge da ditadura, aproximou-se da sociedade civil durante a abertura política e finalmente estimulou a campanha que pôs em xeque o regime” (PILAGALLO, 2012, p. 236). Visando estabelecer um padrão, em 1984 foi criado o Projeto Folha que defendia um jornalismo “crítico, pluralista, apartidário e moderno”¹⁵.

Os textos ficaram mais curtos. Os parágrafos diminuíram. As reportagens foram fragmentadas. Passou-se a usar mais gráficos e tabelas. Criaram-se cadernos temáticos. Muito criticada inicialmente, por abrir brechas ao tratamento mais superficial da notícia, a receita do jornal acabaria fazendo escola. (PILAGALLO, 2012, p. 244)

O resultado pode ser visto na eleição indireta seguinte, quando o jornal dedicou tratamento igual para os candidatos Tancredo Neves e Paulo Maluf. O primeiro venceu, falecendo logo depois. A Folha não aderiu ao clima de comoção, presente no restante da imprensa. Essa postura rendeu resultados. Em 1986, o jornal se tornou o maior em circulação no Brasil.

Outra inovação da Folha de S.Paulo foi a implementação do ombudsman, o representante dos leitores dentro do jornal, inspirado nas experiências do The Washington Post e El País. Em setembro de 1989, Caio Túlio Costa assumiria o posto. Na época, ele trocou acusações com Augusto Nunes, então diretor do Estado. Porém, o maior problema causado foi interno, ao desqualificar o trabalho do colunista Paulo Francis. Após trocas de acusações, Francis se transferiu para o principal concorrente.

Já nas eleições diretas, o jornal manteve a cobertura crítica e apartidária anterior. Tão logo Collor foi eleito, o presidente impôs um polêmico plano para segurar a inflação, onde incluía, entre outras coisas, o congelamento de preços e o confisco da poupança da população. O jornal, assim como a imprensa de modo geral, reagiu com apoio comedido ao governo.

Uma semana após a posse de Collor, a Receita e a Polícia Federal invadiram a sede da Folha de S.Paulo em busca de Octavio Frias de Oliveira, que não foi encontrado. Dois diretores e uma secretária foram levados para prestar depoimento. O motivo seria a necessidade de averiguar se a emissão de faturas expressas era feita em cruzados novos ou cruzeiro, moeda recém-criada. A Folha realizava as cobranças em cruzeiros, seguindo orientação da Associação Nacional dos Jornais.

¹⁵ PROJETO Folha inicia jornalismo moderno. **Folha de S.Paulo**, São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/choque_editorial.shtml>. Acessado em 20/8/2013.

Porém, em nenhum momento os policiais se dirigiram ao setor contábil, sendo o único jornal a sofrer este tipo de ação. No dia seguinte, a direção condenou o ato em editorial intitulado “A escalada fascista”, comparando Collor com Nicolae Ceaușescu, ditador comunista da Romênia, e ao ditador fascista, Benito Mussolini¹⁶. No outro dia, em um domingo, um artigo assinado por Otavio Frias Filho reitera as semelhanças do presidente com o algoz italiano.

Em julho de 1990, a Folha publica uma reportagem que mostrava que duas agências de publicidade foram contratadas sem licitação pelo governo. Collor processou o jornal, embora os dados estivessem publicados no próprio Diário Oficial da União. No dia 25 de abril de 1991, a Folha apresentou uma “Carta aberta ao sr. Presidente da República”, escrita por Otavio Frias Filho, acusando que o intuito do processo era tentar calar o jornal. Em janeiro de 1992, os jornalistas envolvidos no processo do presidente foram absolvidos.

Os escândalos em torno de Collor não sossegaram. A imprensa brasileira tornou público o caso de Paulo César Farias e o esquema nos bastidores do governo. A Folha e o Estado pediram a renúncia do presidente. Por conseguinte, o movimento estudantil ressurgiu, motivado também pela minissérie ‘Anos Rebeldes’, da Globo. O espírito das Diretas Já renasceu e o jornal engajou-se pedindo a saída do presidente.

Em uma tentativa de mostrar um suposto apoio popular, Collor pediu que o povo saísse às ruas vestindo verde-amarelo. A Folha de S.Paulo sugeriu o preto. E assim a população foi vista. No sábado, o jornal circulou com uma tarja preta no cabeçalho da primeira página. Em editorial, explicava que a cor simbolizava o descontentamento com o governo. No final do ano de 1992, Collor renunciaria. Itamar Franco, então vice-presidente, assumiu o cargo até o final do mandato.

Projetado pelo Plano Real em 1994, o então ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso foi eleito presidente. Seu primeiro mandato ficou marcado por uma série de reportagens de Fernando Rodrigues, da sucursal da Folha de S.Paulo em Brasília, a qual mostrou que o Executivo dispunha de ajuda de deputados que venderam votos para a aprovação da emenda constitucional, permitindo a reeleição presidencial.

As matérias renderam a expulsão dos deputados Ronivon Santiago e João Maria,

¹⁶ CONTI, Mario Sergio. “Polícia Federal invade a sede da Folha”. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 23 mar. 1990, texto digital.

ambos do Acre, do Partido da Frente Liberal. Em conversas gravadas em fitas, eles admitiram ter recebido R\$ 200 mil pelo voto favorável aos interesses do governo. O esquema seria intermediado pelos governadores Amazonino Mendes, do Amazonas, e Orleir Cameli, do Acre. Mesmo em ambiente desfavorável, Fernando Henrique foi reeleito.

No final do milênio a crise financeira assolava o mundo. Na Folha, o jornalista Aloyzio Biondi atacava as privatizações do governo FHC em consecutivos artigos. Nesse ambiente, Luís Inácio Lula da Silva despontava nas pesquisas de intenção de voto. O marketing trabalhou em cima do então candidato. O PT, por sua vez, ensaiou uma guinada mais ao centro, abandonando a posição de sindicalista de esquerda que o retratara em outros tempos. A imprensa, dessa vez, não interferiu na campanha, como ocorreu na eleição de Collor, o que é reconhecido dentro do próprio partido.

Com Lula, os escândalos de corrupção marcados nos governos anteriores prosseguiram com maior intensidade. Em maio de 2005, a revista *Veja* publicou a transcrição de um vídeo em que aparece Maurício Marinho, diretor dos Correios. Nele, Roberto Jefferson, presidente do PTB, é citado como sendo uma das peças-chave em um esquema de desvio de dinheiro público na empresa¹⁷. Acuado e sem apoio dos petistas, o deputado resolveu abrir o jogo.

Assim, a Folha de S.Paulo teria tido participação direta no início da maior crise do governo Lula. Em entrevista de Jefferson para a jornalista Renata Lo Prete, o jornal revelou, em 6 de junho, um esquema onde parlamentares da base aliada recebiam mensalidades de R\$ 30 mil para votar a favor de projetos de interesse do Executivo. A partir de então, o termo “mensalão” ganharia espaço na imprensa nacional. Em editorial, a Folha escreveria que, apesar dos dois mandatos, “[...] o marco divisório dos oito anos da era Lula é outro: antes e depois do mensalão”¹⁸.

Com Dilma Rousseff, sucessora de Lula, a Folha fez uma cobertura equilibrada, diferente de seu principal concorrente, O Estado, com claro favorecimento ao candidato de oposição, José Serra. Nesse período, o jornal investiu na modernização dos parques gráficos após a crise de 2004, que assolou toda imprensa brasileira.

¹⁷ CABRAL, Otávio; OLTRAMARI, Alexandre. “O homem-chave do PTB”, **Revista Veja**, São Paulo, ed. 1905, 5 mai. 2005, texto digital.

¹⁸ LO PRETE, Renata; ZAMBELLI, Fabio. “Anos Lula se dividem em antes e depois do mensalão”, **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 dez. 2010, texto digital.

Esta análise indica que, apesar do surgimento do Projeto Folha, o qual direcionou a linha editorial do veículo para uma ótica apartidária, historicamente a Folha de S.Paulo tem inferido na vida política nacional. Prova disso pode ser vista em todos os mandatos presidenciais a partir da campanha das Diretas Já, com uma acentuada maior no período Collor. Em vista disto, mostra estar direcionada para uma postura convicta de seu papel enquanto maior impresso em circulação no Brasil.

5 ANÁLISE QUANTITATIVA

5.1 Frequência

Nesta categoria, analisa-se a frequência de matérias sobre a Rio+20. Abaixo, os períodos analisados e suas respectivas quantias em cada jornal. No final, a soma de todo o mês de análise.

Tabela 1 - Frequência das matérias nos jornais

	Folha de S.Paulo	%	Le Monde	%
Antes do evento (1 a 12 de junho)	49	23,79	6	18,18
Durante o evento (13 a 22 de junho)	134	65,05	21	63,64
Depois do evento (23 a 30 de junho)	23	11,16	6	18,18
Total	206	100	33	100

A Folha de S.Paulo teve a cobertura numericamente mais abrangente. Ao todo, foram 206 abordagens no mês de junho de 2012. Há um aquecimento relativamente grande antes do início do evento, com 49 matérias. O período durante a Rio+20 foi o mais significativo, com 134 matérias. Na sequência, o pós-evento traz 23 abordagens no jornal brasileiro.

Observa-se que neste veículo 65,05% do montante de matérias surgiram durante os

dias do evento. Com quase um quarto do total, o período prévio se sobressai com 23,79%, o que demonstra uma considerável abordagem por parte do jornal dos assuntos que seriam tratados. Por fim, o período posterior demonstra um declínio brusco, com 11,16% da soma final.

Le Monde faz uma abordagem quantitativamente bastante inferior se comparado ao periódico brasileiro. Nos três períodos analisados, foram 33 abordagens no total. Assim como acontece na cobertura da Folha de S.Paulo, durante o evento teve maior proeminência, com 21 matérias. Desta forma, 63,64% da cobertura se resumem somente nestes dias.

Antes e depois da Rio+20 tiveram seis abordagens cada, somando 36,36%, o que revela um nivelamento entre os períodos no Le Monde. Isto mostra também uma distinção numérica entre as coberturas, sendo que na francesa há um equilíbrio nos polos do mês, diferente do que evidencia a abordagem da Folha de S.Paulo, com um forte declínio após a conferência. Por fim, o movimento de diminuição após o evento era esperado, devido a um dos pressupostos básicos do jornalismo do que é notícia: ser um fato novo.

5.2 Editoria

Nesta categoria de análise, intitulada Editoria, serão tratadas as disposições geográficas das matérias nos jornais e suas frequências no período analisado. Portanto, não somente editorias serão abordadas, mas também cadernos, revistas e demais suplementos apresentados pelos periódicos investigados. Na primeira etapa será mostrado o mapa geral da distribuição das matérias durante todo mês de junho. Posteriormente, será dividido o mês em antes, durante e depois do acontecimento, apresentando as ofertas desses períodos da Rio+20.

5.2.1 Folha de S.Paulo

Tabela 2 – Frequência das editorias em junho na Folha de S.Paulo

Editoria	Frequência	%
Cotidiano	109	52,91
Opinião	35	17
Especial Ambiente – Rio+20	19	9,22
Ciência+saúde	15	7,28
Mercado	12	5,82
Poder	6	2,91
Ilustrada	4	1,94
Folhinha	3	1,46
Mundo	2	0,97
Revista sãopaulo	1	0,48
Total	206	100

A Folha de S.Paulo dispôs as 206 ofertas jornalísticas em sete editorias, quatro cadernos e uma revista. Durante todo o mês, a editoria Cotidiano foi a mais proeminente, com 109 abordagens, representando 52,91% do total. Trata-se de um espaço voltado para as áreas de segurança, educação e direito do consumidor, com matérias sobre as principais capitais do Brasil.

Na sequência, Opinião aparece com 35 ofertas, refletindo em 16,99%. Como o próprio nome sugere, trata-se de um espaço destinado aos editoriais, artigos e comentários, inerentes ao gênero opinativo. Com 9,22% Especial Ambiente – Rio+20 aparece com 19 abordagens. Diferente dos anteriores, este é um caderno criado para tratar do evento, sendo veiculado apenas no dia 5 de junho, Dia Mundial do Meio Ambiente.

Ciência+saúde surge posteriormente com 15 matérias, 7,28% do montante da amostra. Ela é a junção das editorias Ciência e Saúde. A primeira mais relacionada à divulgação de descobertas e pesquisas, tanto no Brasil como no mundo, com forte cunho didático. A segunda voltada à medicina, também com enfoque nacional e internacional, além do caráter educativo através dos recursos visuais utilizados. Em comum, ambas não trataram do gênero opinativo no período de análise.

A editoria Mercado da Folha de S.Paulo, que aborda questões econômicas no Brasil e no mundo, vem na sequência com 12 matérias, o que significa 5,83% do total. Diferente da anterior, artigos aparecem aqui, porém com destaque para os outros gêneros. O mesmo é

possível dizer de Poder, editoria de temas políticos, ofertando 2,91% com seis matérias.

As áreas de cultura e entretenimento são abordadas pela Ilustrada, trazendo temas como música, cinema e gastronomia. Esta editoria ofertou 1,94% com quatro ofertas. Na sequência surge o caderno Folhinha com três matérias, 1,46%, que circula todo sábado com reportagens para crianças, incluindo quadrinhos, passatempos e brincadeiras.

Por fim, a editoria de notícias internacionais Mundo apresenta duas matérias, 0,97%, seguida da Revista sãopaulo com uma oferta, 0,49%. Esta última é um complemento dominical da editoria Cotidiano, tratando de temas variados como arquitetura, trânsito e consumo. Inclui sugestões de roteiros de cultura e lazer na capital paulista.

Por período

Tabela 3 - Frequência das editorias antes da Rio+20 na Folha de S.Paulo

Editoria	Frequência	%
Especial Ambiente – Rio+20	19	38,77
Ciência+Saúde	14	28,57
Opinião	5	10,20
Cotidiano	5	10,20
Folhinha	2	4,08
Mercado	1	2,04
Poder	1	2,04
Ilustrada	1	2,04
Mundo	1	2,04
Total	49	100

No período do dia 1º a 12 de junho, anterior ao evento, o jornal ofertou 49 matérias distribuídas em sete editorias (uma delas corresponde a junção de duas) e dois cadernos. O destaque desta disposição fica para o caderno Especial Ambiente – Rio+20 com 19 matérias. Destas, 12 eram reportagens, oito delas fazendo uso de infográficos como complemento; três entrevistas, uma com infográfico; três artigos e um infográfico isolado.

Nota-se aqui, portanto, um forte apelo gráfico neste caderno, que circulou no dia 5 de junho. Além disso, os gêneros proeminentes sugerem um possível aprofundamento dos assuntos tratados, com destaque para reportagens e entrevistas na linha informativa e para artigos na opinativa.

Na sequência, Ciência+Saúde aparece com 14 ofertas. Vale sublinhar que na edição do dia 9 de junho duas matérias estavam dispostas como Saúde+Ciência, trocando as palavras de posição mas permanecendo a mesma editoria. O gênero informativo ganha destaque aqui, com cinco notícias, quatro entrevistas, quatro reportagens (uma com infográfico como complemento) e uma nota (incluindo uso do gênero utilitário com serviço).

Opinião dispõe de cinco ofertas no período, quatro são artigos e um editorial sobre Economia Verde. Cotidiano aparece com a mesma frequência, com duas notas, duas notícias (uma com infográfico) e um serviço. Por fim Mercado, Poder, Ilustrada, Mundo surgem com uma matéria cada (artigo, notícia, notícia com serviço e notícia, respectivamente).

Tabela 4 - Frequência das editorias durante a Rio+20 na Folha de S.Paulo

Editoria	Frequência	%
Cotidiano	92	68,66
Opinião	25	18,66
Mercado	7	5,22
Poder	5	3,73
Ilustrada	2	1,49
Mundo	1	0,75
Revista sãopaulo	1	0,75
Folhinha	1	0,75
Total	134	100

Durante o evento o panorama muda na disposição das 134 matérias, que foram distribuídas em seis editorias, uma revista e um caderno. A editoria Cotidiano passa de cinco matérias para 92 durante o evento, o que corresponde a 68,66% do período e 44,66% do mês inteiro. Ao todo, foram 36 notas, 36 notícias, oito artigos, quatro entrevistas (uma com serviço e notas de complemento), quatro reportagens (uma com infográfico) e quatro serviços.

A escolha de Cotidiano para veiculação da maior parte do tema está primeiramente relacionada a ausência de um espaço fixo destinado aos temas ambientais no veículo. Assim, a editoria responsável pelo o que é mais factual e geral no jornal assume proeminência durante o acontecimento. Na sua definição, tem como foco matérias sobre as principais capitais do país. Assim, o fato de ter sido um evento com localização no Rio de Janeiro pode também ter inferido na cobertura da Folha de S.Paulo.

Na sequência, a editoria Opinião ganha volume se comparada ao período anterior. Ao

tudo foram 25 ofertas, das quais duas são editoriais. Um abordando o tema Governança, outro avaliando o evento pelo viés do fracasso. Além disso, o espaço divulgou nove cartas de leitores e 14 artigos de articulistas.

Em Mercado foram quatro artigos e três notas, somando sete aparições. Destaque aqui fica para o cunho opinativo sobre o evento e, não obstante, o meio ambiente, inserido em um contexto mercadológico. Já em Poder são duas notícias, uma reportagem, uma nota e um artigo. Ilustrada dispõe de dois artigos. Por fim, os seguintes espaços dispuseram de apenas uma oferta cada: editoria Mundo (artigo), revista são paulo (reportagem) e caderno Folhinha (notícia).

Tabela 5 - Frequência das editorias após a Rio+20 na Folha de S.Paulo

Editoria	Frequência	%
Cotidiano	12	52,17
Opinião	5	21,74
Mercado	4	17,39
Ilustrada	1	4,35
Ciência+saúde	1	4,35
Total	23	100

O período posterior a Rio+20 teve uma queda quantitativamente significativa. No entanto, das seis editorias que veicularam o tema, as três editorias com mais veiculação do período do evento permanecem após ele. A primeira novamente é Cotidiano, aqui com 12 ofertas, entre as quais aparecem seis notícias (uma com infográfico), três notas, três artigos e uma reportagem.

Na sequência vem Opinião com cinco aparições, das quais três são artigos e duas são cartas. Mercado oferta quatro matérias, dois artigos e duas notícias (uma com infográfico). Destaque novamente para a presença do gênero opinativo na editoria responsável por assuntos econômicos. Por fim, consta um artigo em Ilustrada e uma reportagem com infográfico em Ciência+saúde.

5.2.2 Le Monde

Tabela 6 - Frequência das editorias em junho no Le Monde

Editoria	Frequência	%
Planète	14	42,42
Éco & Entreprise	8	24,24
Événement	3	9,09
Géo & Politique	2	6,06
Écrans	2	6,06
Capa (sem editoria)	1	3,03
Politique	1	3,03
Page deux	1	3,03
M Le Magazine du Monde	1	3,03
Total	33	100

Le Monde ofertou 33 matérias sobre a Rio+20 durante junho, distribuídas em seis editorias, dois cadernos, uma revista e uma sem editoria. Esta última localizada na capa do periódico. A editoria fixa Planète se destaca como o espaço com maior aparição, com 14 ao todo, divididas em seis notícias, quatro reportagens, duas notas, um artigo e uma reportagem.

Trata-se do espaço responsável pelos assuntos ligados ao meio ambiente, como clima, energia, recursos naturais, biodiversidade, agricultura, alimentação, poluição, entre outros. Como pode-se perceber, diferente da Folha de S.Paulo, Le Monde possui um espaço específico e fixo para a temática ambiental.

O caderno semanal sobre negócios Éco & Entreprise, que circula toda terça-feira, aparece na sequência com oito matérias, separadas em três artigos, duas reportagens (uma com entrevista), uma nota, um serviço e uma entrevista. Já Événement foi uma editoria criada para abordar a Rio+20. Só apareceu no dia 20 de junho, distribuída em três páginas, com duas reportagens (uma com infográfico) e uma notícia.

O caderno semanal Géo & Politique, incluído na edição de segunda-feira e responsável por temas geopolíticos, apareceu com uma nota e uma reportagem. A editoria fixa Écrans, que aborda textos de colunistas e comentários de leitores, ofertou um artigo e uma carta. A editoria Politique é uma editoria fixa que trata da temática política no jornal. Abordou o tema apenas uma vez com uma nota, assim como M Le Magazine du Monde, revista de moda e cultura que circula aos sábados no Le Monde.

Page Deux ofertou uma reportagem. Trata-se de uma editoria flexível, quase diária, na segunda página do jornal. Por vezes divide espaço com outras editorias flexíveis, em outras dá espaço para reportagens. Normalmente é composta por um artigo à esquerda e matérias à direita. Por fim, o jornal dedicou um espaço na sua capa para publicar um editorial após o término da Rio+20, avaliando o Texto Final do evento. Vale destacar que esta é uma política recorrente do veículo.

Por período

Tabela 7 - Frequência das editorias antes da Rio+20 no Le Monde

Editoria	Frequência	%
Planète	5	83,33
Politique	1	16,67
Total	6	100

No período anterior ao evento Le Monde ofertou seis matérias, distribuídas em duas editorias. A primeira, Planète, tratou do tema cinco vezes, organizadas em duas reportagens, um artigo, uma notícia e uma entrevista. A segunda, Politique, trouxe uma nota. Em comum, ambas se constituem como espaços fixos no periódico.

Tabela 8 – Frequência das editorias durante a Rio+20 no Le Monde

Editoria	Frequência	%
Planète	7	33,33
Éco & Entreprise	7	33,33
Événement	3	14,28
Géo & Politique	2	9,52
Page deux	1	4,76
Écrans	1	4,76
Total	21	100

Durante a Rio+20 o jornal publicou 21 matérias, 63,64% do total do mês, organizadas em quatro editorias e dois cadernos. Planète aparece novamente em primeiro lugar, desta vez com sete matérias, separadas em quatro notícias, duas notas e uma reportagem. O caderno Éco & Entreprise aborda a mesma quantidade, dividida em dois artigos, duas reportagens (uma com entrevista de complemento) uma nota, uma entrevista e um serviço. A editoria criada para o evento, Événement, vem com duas reportagens (uma com infográfico) e uma notícia,

distribuídas em três páginas no dia 20 de junho. Géo & Politique oferta uma nota e uma reportagem, enquanto Page Deux uma reportagem e Écrans um artigo.

Tabela 9 – Frequência das editorias após a Rio+20 no Le Monde

Editoria	Frequência	%
Planète	2	33,33
M Le magazine du Monde	1	16,66
Écrans	1	16,66
Éco & Entreprise	1	16,66
Capa (sem editoria)	1	16,66
Total	6	100

A frequência do período anterior ao evento se repete posteriormente, com seis abordagens em duas editorias, uma revista, um caderno e uma capa. Novamente, Planète figura em primeiro lugar nos espaços, aqui com uma reportagem e uma notícia. A revista de moda e cultura M Le magazine du Monde surge com uma nota. Mesma frequência observa-se em Écrans, com uma carta; Éco & Entreprise, com um artigo; e na capa, com editorial.

5.3 Gêneros jornalísticos

Nesta categoria, foram organizadas as ofertas dos jornais em gêneros jornalísticos, conforme Marques de Melo (2010). O autor divide os gêneros em cinco grandes categorias: informativo, opinativo, interpretativo, utilitário e diversional. A primeira, gênero informativo, se encontram: a) nota, relato de algo em processo de configuração, onde nem todos os elementos da notícia aparecem; b) notícia, relato integral do fato, contendo as respostas das perguntas de Quintiliano (QUE + QUEM + QUANDO + COMO + ONDE + POR QUE); c) reportagem, relato ampliado do fato, com maior aprofundamento; e d) entrevista, relato de um protagonista, com o jornalista como mediador do conteúdo.

Em gênero opinativo, aparecem: a) editorial, opinião oficial do veículo; b) comentário, no qual um sujeito de credibilidade exprime suas visões sobre as notícias; c) artigo, texto em que um indivíduo desenvolve ideias e opiniões; resenha, apreciação e avaliação de produtos culturais; d) coluna, espaço organizado por unidades curtas de informação e opinião; e) crônica, relato poético do fato; f) caricatura, ilustração com viés opinativo; e g) carta, espaço para os cidadãos difundirem seus anseios.

O gênero interpretativo oscila entre os formatos do estilo informativo e opinativo, em que se apresentam: a) dossiê, mosaico facilitador da compreensão de fatos; b) perfil, relato sobre protagonista; c) enquete, relato de pontos de vista de cidadãos; e d) cronologia, reconstituição do fato de acordo com a perspectiva temporal. Em gênero utilitário, surgem: a) indicador, dados para decisões do cotidiano; b) cotação, dados sobre a variação de mercados; c) roteiro, dados para instruir o consumo de bens simbólicos; e d) serviço, informações com intuito a instruir usuários de serviços.

Por fim, o gênero diversional, também presente em outros gêneros, trata-se de uma forma de jornalismo híbrido que se apropria de recursos da literatura, mesclando com sua narrativa e dando surgimento a uma estrutura nova. Nela constam: a) história de interesse humano, relato que privilegia óticas peculiares de agentes; e b) história colorida, narrativas pitorescas, de caráter impressionista. Assim, nesta etapa não serão esmiuçadas as características complementares, marcas dos gêneros diversional e interpretativo, as quais possam ter surgido nas ofertas jornalísticas pertencentes aos gêneros opinativo e informativo.

5.3.1 Folha de S.Paulo

Tabela 10 – Frequência dos gêneros jornalísticos em junho na Folha de S.Paulo

Gênero jornalístico	Frequência	%
Notícia	60	29,13
Artigo	46	22,33
Nota	46	22,33
Reportagem	24	11,65
Carta	11	5,34
Entrevista	10	4,85
Serviço	5	2,43
Editorial	3	1,46
Infográfico	1	0,48
Total	206	100

As 206 matérias estão divididas em nove gêneros. Notícia aparece com 60 abordagens, 29,13% do total, sendo que três destas utilizaram infográfico como complemento e duas vieram com serviço. Artigo surge na sequência com 46 ofertas, se traduzindo em 22,33%. A mesma frequência tem em Nota, sendo que uma possui serviço.

Reportagem segue com 24 matérias, 11 delas com infográfico. Por conseguinte, Carta aparece com 11 abordagens. Dez foram as entrevistas veiculadas isoladamente. Destas, uma

utiliza infográfico e outra mescla serviço com notas. Serviço tem cinco aparições, Editorial três e Infográfico uma.

Portanto, 140 das 206 caracterizam-se como gênero informativo, e 60 como gênero opinativo, constituindo-se estes dois gêneros como predominantes, o que será levado em conta na análise qualitativa. Sublinha-se ainda que, com base nestes dados, a Folha de S.Paulo é um jornal fortemente opinativo.

Por período

Tabela 11 – Frequência dos gêneros jornalísticos antes da Rio+20 na Folha de S.Paulo

Gênero jornalístico	Frequência	%
Reportagem	16	32,65
Notícia	12	24,49
Artigo	8	16,33
Entrevista	7	14,28
Nota	3	6,12
Editorial	1	2,04
Serviço	1	2,04
Infográfico	1	2,04
Total	49	100

As 49 intervenções jornalísticas referem-se a oito gêneros. Pela ótica fragmentada, tem-se outra perspectiva. No intervalo prévio ao evento, Reportagem se sobressai com 16 amostras, 12 delas em Especial Ambiente – Rio+20. Vale lembrar que nove (oito no caderno) fizeram uso de infográfico na construção textual. Posteriormente, apresenta-se Notícia com 12 presenças, duas com suporte de serviço e uma com infografia.

O gênero Artigo teve oito ofertas, divididas entre o caderno criado (3) e as editorias Opinião (4) e Mercado (1). Já Entrevista aparece sete vezes, uma delas com apoio em infográfico. Apenas três notas foram veiculadas neste período, uma com adendo de serviço. Com apenas uma frequência aparecem Serviço, Infográfico e Editorial – este sobre Economia Verde.

Tabela 12 – Frequência dos gêneros jornalísticos durante a Rio+20 na Folha de S.Paulo

Gênero jornalístico	Frequência	%
Nota	40	29,85
Notícia	40	29,85
Artigo	30	22,39
Carta	9	6,72
Reportagem	6	4,48
Serviço	4	2,98
Entrevista	3	2,24
Editorial	2	1,49
Total	134	100

As 134 aparições distribuem-se em oito gêneros jornalísticos. Se o gênero Nota participa com três frequências antes da Rio+20, durante o evento ganha corpo, atingindo 40 amostras. O mesmo número de aparições tem Notícia, que se mantém na segunda posição. O detalhe aqui é para uma delas que acrescentou uma entrevista como complemento. O caráter opinativo acompanha o volume de presenças com 30 artigos, seguido de nove cartas.

Reportagem perde força durante o evento, já que antes da Rio+20 figura no topo das frequências, principalmente pelo caderno produzido. Durante o evento o gênero aparece apenas com seis amostras, uma delas com aporte da infografia. Isoladamente Entrevista também perde posição, com três presenças, uma com complemento de serviço e notas. Por fim, Serviço aparece quatro vezes. Já Editorial duas. Um sobre Governança, outro avaliando o evento pelo viés do fracasso.

Tabela 13 – Frequência dos gêneros jornalísticos após a Rio+20 na Folha de S.Paulo

Gênero jornalístico	Frequência	%
Notícia	8	34,78
Artigo	8	34,78
Nota	3	13,04
Reportagem	2	8,69
Carta	2	8,69
Total	23	100

No período mais escasso quantitativamente, são publicadas 23 matérias em cinco gêneros. Notícia assume o topo com oito amostras, duas com uso de infográfico. Com a mesma frequência aparece Artigo, reforçando o cunho opinativo do periódico. Nota vem em seguida com três aparições, seguida de Reportagem com duas (uma com apoio em infográfico) e Carta também com duas.

De modo geral, os dados indicam que houve uma preparação do imaginário do leitor do jornal antes do evento, com foco em reportagens e entrevistas, as quais somam 23 das 49 inserções no período. Durante o evento a cobertura fragmenta-se e perde a abordagem mais complexa com 80 das 134 aparições sendo notas e notícias. Neste período observa-se forte crescimento do gênero opinativo no veículo.

5.3.2 Le Monde

Tabela 14 – Frequência dos gêneros jornalísticos em junho no Le Monde

Gênero	Frequência	%
Reportagem	10	30,30
Notícia	7	21,21
Nota	6	18,18
Artigo	5	15,15
Entrevista	2	6,06
Serviço	1	3,03
Editorial	1	3,03
Carta	1	3,03
Total	33	100

Le Monde traz um cenário geral um pouco diferente do jornal brasileiro. Ao todo as 33 matérias publicadas neste período distribuem-se em oito gêneros. No topo das frequências aparece Reportagem, com dez ao todo, uma com entrevista de complemento e outra com infografia. Isto nos remete ao caráter aprofundando do periódico francês, em um movimento que se aproxima do que representa hoje revistas no Brasil, com um jornalismo mais analítico e aprofundado.

O gênero Notícia aparece com sete amostras, seguido de Nota com seis. Artigo tem cinco aparições no período analisado. Isoladamente, Entrevista é ofertada duas vezes. Por fim, com apenas uma veiculação surgem Serviço, Carta e Editorial – este último avaliando o Texto Final do evento. Do total, são 25 informativas, sete opinativas e uma utilitária.

Por período

Tabela 15 – Frequência dos gêneros jornalísticos antes da Rio+20 no Le Monde

Gênero	Frequência	%
Reportagem	2	33,33
Nota	1	16,66
Notícia	1	16,66
Entrevista	1	16,66
Artigo	1	16,66
Total	6	100

Para o aquecimento do evento, Le Monde brindou seus leitores com ofertas distintas e pluralizadas, se entendidas pela percepção de gênero jornalístico. Foram seis matérias de cinco gêneros diferentes, com a categoria do gênero informativo com quatro amostras e opinativo com uma. Reportagem repete o cenário geral ao figurar novamente no topo, com duas manifestações. Na sequência, Nota, Notícia, Entrevista e Artigo aparecem com uma amostra cada. Ao todo foram seis matérias no período.

Tabela 16 – Frequência dos gêneros jornalísticos durante a Rio+20 no Le Monde

Gênero	Frequência	%
Reportagem	7	33,33
Notícia	5	23,81
Nota	4	19,05
Artigo	3	14,28
Entrevista	1	4,76
Serviço	1	4,76
Total	21	100

A Rio+20 inicia e a frequência aumenta consideravelmente, embora a variedade de gêneros só tenha alterado um pouco. As 21 matérias distribuíram-se em seis gêneros. Reportagem permanece no topo com sete ofertas, uma com complemento de entrevista e outra com aporte de infográfico. Na sequência, surgem Notícia e Nota com cinco e quatro aparições, respectivamente. O gênero Artigo é ofertado três vezes no período. Finalmente, com uma publicação cada, aparecem Entrevista e Serviço.

Tabela 17 – Frequência dos gêneros jornalísticos após a Rio+20 no Le Monde

Gênero	Frequência	%
Notícia	1	16,66
Reportagem	1	16,66
Artigo	1	16,66
Carta	1	16,66
Editorial	1	16,66
Nota	1	16,66
Total	6	100

Com o término do evento, a frequência retoma o volume visto antes do acontecimento com seis amostras, as quais estão divididas em seis gêneros. A diferença para esta etapa é a presença de um editorial, o qual foi publicado na capa do Le Monde, buscando refletir sobre o Texto Final da Rio+20. Demais gêneros como Nota, Notícia, Reportagem, Carta e Artigo também registraram uma oferta cada.

Portanto, pode-se observar que Reportagem se mantém como subgênero predominante no veículo durante o mês do evento, o que demonstra esforço por parte do Le Monde para o aprofundamento durante o mês do evento, característica que o diferencia da Folha de S.Paulo. Além disso, o foco predominante também é mais informativo do que opinativo, sublinhando outra diferença quando comparado à Folha de S.Paulo.

5.4 Temas

Nesta categoria, apresenta-se os temas destacados nas coberturas dos veículos. A fim de evitar um acúmulo de temas com pouca frequência, houve necessidade de aglutiná-los para que favorecesse a análise quantitativa, contendo assim uma nota de rodapé nestas para compreensão do que compõe cada grupo temático.

5.4.1 Folha de S.Paulo

Tabela 18 – Frequência das categorias temáticas em junho na Folha de S.Paulo

Categorias temáticas	Frequência	%
Governança ¹⁹	34	16,50
Fatos do Evento com Pouca Frequência ²⁰	23	11,16
Personalidades Políticas ²¹	17	8,25
Avaliação do Evento ²²	15	7,28
Texto Final	13	6,31
Crise Ambiental ²³	13	6,31
Economia Verde	12	5,82
Políticas Ecoamigáveis ²⁴	10	4,85
Protesto	9	4,37
Eco-92	9	4,37
Indústria ²⁵	9	4,37
Poluição	7	3,40
Política Brasileira ²⁶	6	2,91
Personalidades Culturais ²⁷	5	2,43
Energia	4	1,94
PIB	4	1,94
Mulher	3	1,46
Protagonismo do Brasil	3	1,46
Turismo	2	0,97
Atual Modelo Econômico	2	0,97
Educação	2	0,97
Criança	2	0,97
Estados Unidos	2	0,97
Total	206	100

¹⁹ Metas ambientais (7), Disputa entre ricos e pobres nas negociações (6), Propostas de cientistas (3), Mares nas negociações (2), Adiamento de ações (2), Questiona poder de negociações (2), Interesses distintos nas negociações (2), Baixa ambição no encontro, Conservadorismo nas decisões, Temas gerais das negociações, Terminologia usada nas negociações, Exclusão de agência ambiental do texto, Mulher no texto, Esvaziamento em reunião, Criação de área de preservação mundial, Modelo eficaz de negociação, Dicotomia esquerda e direita.

²⁰ Trânsito (2), Sumiço de plantas, Segurança, Rádio local, Premiação de ONG, Morte de indígena, Internet, Grama sintética, Furtos, Feira, Exposição paralela, Distribuição de sacolas, Culinária, Barraca de alimentos, Banca de livros, Acampamento, Floresta cenográfica, Ativistas, Serviço do evento, Objetivos do evento, Gastos com evento, Cobertura jornalística.

²¹ Dilma (2), Primeiras-damas (2), Vladimir Putin, Lula, Fernando Henrique Cardoso, Leila Lopes, Christine Lagarde, Cristina Kirchner, Fernando Collor, Cacique Raoni, Angela Merkel, Ahmadinejad, Thomas Stelzer, Antônio Patriota, Sha Zukang.

²² Fracasso (10), Demagogia (4), Sucesso.

²³ Crise ambiental (5), Desmatamento (2), Crescimento populacional (2), Questionamento sobre crise ambiental, Gases do efeito estufa, Pessimismo com o futuro do planeta, Clima.

²⁴ Reciclagem (3), Preservação (2), Cidades sustentáveis (2), Sustentabilidade (2), Racionalização do consumo.

²⁵ Redução de impactos da indústria (6), Indústria e Greenwash, Impostos altos como impeditivo da mudança, Ignorância como impeditivo da mudança.

²⁶ Governo Brasileiro (3), Campanha política, Votação do Código Florestal, Compra de terras no Brasil.

²⁷ Luiz Felipe Pondé (2), Lucy Lawless, Michel Foucault, Edward Norton.

Nesta etapa, as 206 matérias foram divididas em 23 categorias temáticas. Aqui é preciso afirmar que esta escolha tem o intuito de organizar a análise, não negando nem excluindo suas limitações, na medida em que certos temas possuem características passíveis de serem realocadas em outros grupos. No entanto, salienta-se que todas ofertas foram inseridas de acordo com seu cerne temático referido, conforme será articulado a seguir.

Com 34 frequências a categoria Governança aparece em primeiro lugar na Folha de S.Paulo. Estrutura institucional para o desenvolvimento sustentável, é também um dos temas principais da Rio+20. Aqui é pertinente destacar que este foi um tema pulverizado em outras pautas, relativas ao processo que intitula a categoria. Desta forma, é possível subdividi-la em duas camadas: a primeira relativa às metas ambientais, oriundas do processo de Governança; a segunda relacionada às negociações propriamente ditas.

Assim, quanto às Metas ambientais, que somam sete amostras, cinco são sobre pacotes, acordos e compromissos sobre o meio ambiente, enquanto que uma traz um relato da falta de metas para manter florestas e outra sobre o pouco avanço em metas existentes. Já se tratando das negociações, a diversidade aumenta, sendo que o destaque aqui fica para a disputa entre países ricos e pobres no evento.

Na sequência tem a categoria Fatos do Evento com Pouca Frequência que também agrupou outras temáticas. Como o próprio nome sugere, ela se refere aos acontecimentos da Rio+20 que apareceram raramente, sobretudo em formato de notas, somando ao todo 23 matérias. A característica nuclear deste grupo são temas factuais e, por assim dizer, secundários, o que fica sublinhado na sua frequência. Com a exceção de Trânsito, com duas aparições, o restante soma uma oferta cada.

A mesma lógica de volume fragmentado e presença maciça durante o evento segue em Personalidades Políticas, com 17 publicações. Dilma e Primeiras-damas possuem duas publicações cada. As demais aparecem apenas uma vez cada. Nesta categoria, pode-se subdividir as abordagens em: presença da personalidade no evento, ausência da personalidade no evento, declaração da personalidade no evento e ação da personalidade no evento. Assim como no grupo anterior, o gênero nota é dominante aqui.

Já a categoria Avaliação do Evento aparece 15 vezes, entre os períodos durante e depois do evento. Como o próprio nome indica, o gênero opinativo é predominante aqui. Nela

a ótica do Fracasso aparece 10 vezes. Análises com o viés da Demagogia aparecem quatro vezes, todas assinadas pelo filósofo e colunista do jornal, Luiz Felipe Pondé. A única menção do evento pelo olhar do Sucesso é referida pela senadora Kátia Abreu, defensora ferrenha da atividade agropecuária. É preciso constar que ofertas com propósitos de avaliar também aparecem em outras categorias. Contudo, a avaliação nestas é específica ao âmbito temático referido. Por sua vez, aqui o núcleo é mais amplo, estendendo por todo o evento de um modo geral.

Com 13 publicações aparece o tema Texto Final, do qual a presença se intensifica perto do término do evento e dias posteriores. Diferente dos anteriores, que consistiam em grandes categorias, este é específico e sem variantes. Com a mesma frequência aparece Crise ambiental. Esta agrega tópicos diversos, todos interligados de alguma forma ao nome da categoria, seja abordando literalmente, seja tratando de temáticas discursivas muito presentes na noção de crise ambiental, como gases do efeito estufa, desmatamento desenfreado e crescimento populacional dialogando com aumento do consumo no padrão de vida vigente.

Economia Verde, um dos temas principais da Rio+20, é ofertada 12 vezes. Destas, oito aparecem antes e quatro durante o evento. Em outras palavras, conforme o acontecimento chega a seu fim, esta temática é preterida das páginas do jornal, apesar da relevância, sublinhada ao constar como uma das principais discussões da conferência. Já a categoria Políticas Ecoamigáveis reúne temas como Reciclagem, referida três vezes; preservação, cidades sustentáveis e sustentabilidade, duas vezes; e racionalização do consumo, com uma citação. No total, foram dez abordagens. Desta forma, como o próprio nome sugere, aqui estão agrupadas ofertas que trazem medidas, exemplos e tópicos procedentes de iniciativas verdes.

Protesto vem na sequência com nove vezes, todas durante a Rio+20. Com a mesma frequência aparecem Eco-92 e Indústria, esta última fragmentada em outros quatro temas. Poluição tem sete ofertas. Devido a sua proeminência na análise documental, não incluímos esta categoria em Crise ambiental. Posteriormente, será feita uma leitura deste fenômeno, já que, ao ser comparada esta temática com outras presentes em Crise ambiental, tem-se uma considerável diferença numérica de abordagem.

Já Política Brasileira possui seis, divididas em três referências ao Governo Brasileiro, uma para Campanha política, uma para Votação do Código Florestal e outra para Compra de

terras no Brasil. Por conseguinte, Energia e PIB aparecem com quatro citações cada, assim como Personalidades culturais, que agrupa Lucy Lawless, Edward Norton (atores), Michel Foucault e Luiz Felipe Pondé (filósofos). Com três cada surgem Mulher e Protagonismo do Brasil. Esta última difere de Política Brasileira ao tratar do país sem o viés partidário. Por fim, com duas citações, assomam Turismo, Atual Modelo Econômico, Educação, Criança e Estados Unidos.

Por período

Tabela 19 – Frequência das categorias temáticas antes da Rio+20 na Folha de S.Paulo

Categorias temáticas	Frequência	%
Economia Verde	8	16,33
Governança ²⁸	7	14,28
Eco-92	5	10,20
Políticas Ecoamigáveis ²⁹	5	10,20
Crise ambiental ³⁰	5	10,20
Indústria ³¹	4	8,16
PIB	3	6,12
Política Brasileira ³²	3	6,12
Protagonismo do Brasil	2	4,08
Energia	2	4,08
Fatos do Evento com Pouca Frequência ³³	2	4,08
Personalidades Políticas ³⁴	1	2,04
Turismo	1	2,04
Criança	1	2,04
Total	49	100

O período que antecede a Rio+20 contou com 49 ofertas distribuídas em 14 categorias temáticas. Aqui Economia Verde assume relevância com oito publicações. É o período de maior destaque do tema, um dos principais do evento. Governança, também um dos tópicos de destaque da conferência, vem em seguida com sete menções, divididas em outros seis temas.

²⁸ Disputa entre países ricos e pobres (2), Pacote ambiental, Falta projeto florestal, Metas ambientais, Expectativa para negociações, Acordos na área ambiental.

²⁹ Reciclagem (2), Cidades sustentáveis (2), Racionalização do consumo.

³⁰ Crise ambiental (2), Crescimento populacional (2), Clima.

³¹ Redução de impactos da indústria (2), Indústria e Greenwash, Ignorância como impeditivo da mudança.

³² Governo (2), Campanha política.

³³ Cobertura jornalística, Objetivo do evento.

³⁴ Primeiras-damas.

Eco-92, Políticas Ecoamigáveis e Crise Ambiental possuem cinco ofertas cada. Na sequência tem Indústria, com quatro aparições; PIB e Política Brasileira, com três cada; Protagonismo do Brasil, Energia e Fatos do Evento com Pouca Frequência, com duas cada; e Personalidades Políticas, Turismo e Criança, cada um com uma única publicação.

Tabela 20 – Frequência das categorias temáticas durante a Rio+20 na Folha de S.Paulo

Categorias temáticas	Frequência	%
Governança ³⁵	23	17,16
Fatos do Evento com Pouca Frequência ³⁶	19	14,18
Personalidades Políticas ³⁷	14	10,45
Avaliação do Evento ³⁸	12	8,95
Texto Final	10	7,46
Protesto	9	6,72
Poluição	6	4,48
Crise ambiental ³⁹	6	4,48
Políticas Ecoamigáveis ⁴⁰	5	3,73
Eco-92	4	2,98
Economia Verde	4	2,98
Indústria ⁴¹	4	2,98
Personalidades Culturais ⁴²	4	2,98
Mulher	3	2,24
Política Brasileira ⁴³	3	2,24
Atual Modelo Econômico	2	1,49
Energia	2	1,49
Protagonismo do Brasil	1	0,75
Estados Unidos	1	0,75
PIB	1	0,75
Educação	1	0,75
Total	134	100

Durante o evento a frequência de abordagens ganha proporção (134 aparições), embora as categorias temáticas, ao passarem de 14 para 22, demonstram pouca alteração. Se

³⁵ Negociações entre países ricos e pobres (5), Pouca vontade política para mudança (4), Negociações sobre mares (2), Metas para poluição (2), Matas ciliares, Propostas de cientistas, Termos nas negociações, Agência ambiental, Desmatamento, Mulher, Negociações esvaziadas, Área de preservação do mundo, Modelo de negociações, Dicotomia esquerda e direita.

³⁶ Trânsito (2), Internet, Banca de livros, Premiação de ONG, Exposição paralela, Serviço do evento, Gastos com evento, Floresta cenográfica, Furtos, Acampamento, Rádio local, Grama sintética, Culinária, Barraca de alimentos, Distribuição de sacolas, Sumiço de plantas, Feira, Ativistas.

³⁷ Dilma (2), Vladimir Putin, Ahmadinejad, Cristina Kirchner, Primeiras-damas, Fernando Henrique Cardoso, Collor, Cacique Raoni, Lula, Leila Lopes, Thomas Stelzer, Antônio Patriota, Christine Lagarde.

³⁸ Fracasso (8), Demagogia (4).

³⁹ Crise ambiental (2), Desmatamento (2), Gases do efeito estufa, Pessimismo com o futuro.

⁴⁰ Sustentabilidade (2), Preservação (2), Reciclagem.

⁴¹ Redução de impactos da indústria (3), Impostos altos como impeditivo da mudança.

⁴² Luiz Felipe Pondé (2), Lucy Lawless, Edward Norton.

⁴³ Governo, Código Florestal, Compra de terras no Brasil.

anteriormente Economia Verde figura no topo, aqui ela despenca para o meio da tabela com quatro ofertas. Governança sobe um degrau com 22 aparições. Fatos do Evento com Pouca Frequência ganham corpo e figuram com 19 amostras. Também se eleva Personalidades Políticas, com 14 ofertas. Avaliação do Evento aparece 12 vezes, com Texto Final na sequência com dez. O volume aqui é preponderante para as posições ocupadas posteriormente por estas cinco categorias durante todo o mês analisado. Em outras palavras, quantitativamente este é o período mais agraciado, determinando o mapa geral das ofertas.

Protesto aparece em seguida com nove publicações. Trata-se de uma categoria exclusiva deste período. Já Poluição surge com seis ofertas, mesma quantia de Crise ambiental. Políticas Ecoamigáveis aparece com cinco. Eco-92 e Indústria com quatro. Por conseguinte, constam Mulher, Personalidades Culturais e Política Brasileira, com três cada. Com duas aparecem Energia, Atual Modelo Econômico e Posições Políticas. Com uma veiculação cada aparecem PIB, Educação, Estados Unidos e Protagonismo do Brasil.

Tabela 21 – Frequência das categorias temáticas após a Rio+20 na Folha de S.Paulo

Categorias temáticas	Frequência	%
Governança ⁴⁴	4	17,39
Avaliação do Evento ⁴⁵	3	13,04
Texto Final	3	13,04
Fatos do Evento com Pouca Frequência ⁴⁶	2	8,69
Personalidades Políticas ⁴⁷	2	8,69
Crise Ambiental ⁴⁸	2	8,69
Turismo	1	4,35
Personalidades Culturais ⁴⁹	1	4,35
Indústria ⁵⁰	1	4,35
Educação	1	4,35
Poluição	1	4,35
Estados Unidos	1	4,35
Criança	1	4,35
Total	23	100

Passado o evento, a frequência noticiosa cai drasticamente para 23 ofertas, divididas

⁴⁴ Pouca vontade política para mudança (2), Carta à presidente de cientistas para que desconsidere o aquecimento global, Poder de poucos nas decisões.

⁴⁵ Fracasso (2), Sucesso.

⁴⁶ Segurança, Morte de indígena.

⁴⁷ Angela Merkel, Sha Zukang.

⁴⁸ Crise ambiental, Questiona crise ambiental.

⁴⁹ Michel Foucault.

⁵⁰ Redução de impactos da indústria.

em 13 categorias temáticas. Governança se mantém no cume dos assuntos mais abordados com quatro amostras. Na sequência, Texto Final e Avaliação do Evento persistem entre os cinco primeiros com três ofertas cada. Com duas veiculações aparecem Crise Ambiental, Personalidades Políticas e Fatos do Evento com Pouca Frequência. Por fim, com uma menção cada, surgem Criança, Educação, Indústria, Poluição, Turismo, Estados Unidos e Personalidades Culturais.

Assim sendo, na análise fragmentada por períodos observa-se que a atenção às Personalidades Políticas se amplia durante o evento, muito relacionada com a presença ou não de determinados agentes, o que não resulta necessariamente em uma contribuição na discussão ambiental. Contudo, é preciso reconhecer que a participação destes sujeitos, embora não modifique o cenário geral, corrobora na construção do capital simbólico do evento. Destaca-se ainda que temas relacionados à Governança preservam a liderança nas aparições. Por fim, Avaliação do Evento e Texto Final assumem importância já durante o evento, mantendo-se após ele.

5.4.2 Le Monde

Tabela 22 – Frequência das categorias temáticas em junho no Le Monde

Categorias temáticas	Frequência	%
Economia Verde	8	24,24
Governança	7	21,21
Texto Final	3	9,09
Protesto	2	6,06
Energia	2	6,06
Fatos do Evento com Pouca Frequência ⁵¹	2	6,06
PIB	1	3,03
Livro	1	3,03
Personalidades Políticas ⁵²	1	3,03
Avaliação do Evento ⁵³	1	3,03
Personalidades Culturais ⁵⁴	1	3,03
Ecologia	1	3,03
Crise Ambiental	1	3,03
Indústria ⁵⁵	1	3,03
Canadá	1	3,03
Total	33	100

⁵¹ Serviço, Preparação para evento.

⁵² François Hollande.

⁵³ Fracasso.

⁵⁴ Emilio Eigenheer.

⁵⁵ Complô de empresas poluentes.

A cobertura completa do jornal francês Le Monde contou com 33 matérias, organizadas em 15 categorias temáticas. A primeira delas é Economia Verde, com oito ofertas, seguida de Governança, com sete. Estes também são os temas principais da Rio+20. O primeiro esteve presente em todos os períodos, prevalecendo o gênero Reportagem nas aparições com metade do total. Já o segundo aparece só nos períodos antes e durante do acontecimento, com maior incidência para o gênero Notícia.

Na sequência, consta Texto Final, com três amostras - Nota, Notícia e Editorial-, uma durante e outra depois do evento. Já com duas referências aparecem Protesto, Energia e Fatos do Evento com Pouca Frequência. O primeiro tema em formato de Nota. O segundo como Entrevista e Reportagem. Já o último como Nota e Serviço. Em comum, os três temas aparecem antes e durante a Rio+20. Com apenas uma frequência em todo o mês completam a lista PIB, Livro, Personalidades Políticas, Avaliação do Evento, Personalidades culturais, Ecologia, Crise Ambiental, Indústria e Canadá.

Por período

Tabela 23 – Frequência das categorias temáticas antes da Rio+20 no Le Monde

Categorias temáticas	Frequência	%
Economia Verde	1	16,66
Governança ⁵⁶	1	16,66
Energia	1	16,66
Fatos do Evento com Pouca Frequência ⁵⁷	1	16,66
Ecologia	1	16,66
Crise Ambiental	1	16,66
Total	6	100

Antes do evento, Le Monde publicou seis matérias em seis categorias temáticas. Novamente os temas principais da Rio+20, Governança e Economia Verde, surgem nas páginas do periódico. Além destes, aparecem Energia, Governança, Ecologia, Crise Ambiental e Fatos do Evento com Pouca Frequência.

⁵⁶ Negociações paradas.

⁵⁷ Preparação para evento.

Tabela 24 – Frequência das categorias temáticas durante a Rio+20 no Le Monde

Categorias temáticas	Frequência	%
Economia Verde	6	28,57
Governança ⁵⁸	5	23,81
Texto Final	1	4,76
Canadá	1	4,76
Indústria ⁵⁹	1	4,76
Personalidades Culturais ⁶⁰	1	4,76
Energia	1	4,76
Avaliação do Evento ⁶¹	1	4,76
Personalidades Políticas ⁶²	1	4,76
PIB	1	4,76
Protesto	1	4,76
Fatos do Evento com Pouca Frequência ⁶³	1	4,76
Total	21	100

A conferência tem início e seus temas principais assumem relevância na cobertura. Economia Verde aparece com seis amostras, enquanto Governança surge cinco vezes. No restante da tabela, aparecem os temas Canadá, Indústria, Personalidades culturais, Energia, Avaliação do Evento, Personalidades Políticas, PIB, Protesto, Fatos do Evento com Pouca Frequência e Texto Final. Todos com uma única frequência cada. Ao todo, nesse período foram 12 categorias temáticas distribuídas em 21 ofertas.

Tabela 25 – Frequência das categorias temáticas após a Rio+20 no Le Monde

Categorias temáticas	Frequência	%
Texto Final	2	33,33
Economia Verde	1	16,66
Governança	1	16,66
Protesto	1	16,66
Livro	1	16,66
Total	6	100

No período posterior ao evento a frequência cai, se estabilizando na mesma quantia via antes da Rio+20. Desta vez, Texto Final assume o topo com duas frequências. Destaque aqui

⁵⁸ Dificuldades nas negociações, governança como a busca de algo industrialmente e ambientalmente positivo, Participação da sociedade com propostas, Negociações sobre mares, Agência de meio ambiente.

⁵⁹ Complô de empresas poluentes.

⁶⁰ Emilio Eigenheer.

⁶¹ Fracasso.

⁶² François Hollande.

⁶³ Serviço.

vai para um Editorial, publicado na capa de Le Monde da edição do dia 23 de junho, avaliando o resultado da conferência. Governança e Economia Verde, que nos períodos anteriores imperam como temas de maior destaque quantitativo, aqui dividem espaço com Protesto e Livro, todos com uma única menção cada. No total foram cinco categorias temáticas, em seis ofertas.

Em síntese, a análise expõe que Le Monde pulveriza menos os temas e deixa-se pautar pelos principais tópicos do evento durante todos os períodos analisados: Governança, Economia Verde e Texto Final. A cobertura também é menos personalizada em políticas em relação à Folha de S.Paulo. De modo geral, Le Monde faz uma abordagem mais enxuta em quantidade de matérias e em temas e subtemas abordados em cada período, se igualada ao impresso brasileiro.

5.5 Considerações acerca da análise quantitativa

A cobertura da Folha de S.Paulo ofertou 206 matérias em 23 categorias temáticas, propostas em nove gêneros jornalísticos, distribuídas em sete editorias, quatro cadernos e uma revista. Já Le Monde dispôs de 33 matérias em 15 categorias temáticas, enquadradas em oito gêneros jornalísticos, organizadas em seis editorias, dois cadernos, uma revista e uma capa.

Percebe-se que o tratamento quantitativo foi maior na cobertura do jornal brasileiro. Isto se deve, provavelmente, pelo fator proximidade, já que o evento aconteceu no país-sede do impresso. Se por um lado a diferença em frequência foi drástica, nos temas abordados ela diminui consideravelmente. Quando se analisa apenas os gêneros jornalísticos, então, o enquadramento de ambos se assemelha muito.

Na Folha de S.Paulo sete foram as editorias presentes. Em Le Monde seis sobressaíram na coleta. Quanto aos suplementos dos jornais, quatro cadernos e uma revista apareceram no periódico brasileiro, enquanto que no francês foram dois cadernos e uma revista.

O panorama se transforma ao dividirmos o mês em antes, durante e depois do evento. Na Folha de S.Paulo são 49 matérias no início, 134 nos dias do acontecimento e 23 posteriormente. Isto representa um relativo aquecimento, uma abundância na Rio+20 e após um declínio quantitativo vertiginoso. No Le Monde, são 6, 21 e 6 ofertas, respectivamente, mantendo-se um padrão mais equilibrado nos polos.

Os volumes no período do acontecimento são semelhantes nos jornais. No brasileiro, significa 65,05% de toda cobertura. No francês, 63,64%. A diferença fica para o final da abordagem de Le Monde, com uma quantia igual ao período prévio, o que demonstra uma estabilidade, à medida que na Folha a temática é encolhida.

A amostragem dos gêneros jornalísticos revela um cenário mais equilibrado. Em Le Monde, de seis gêneros, os três primeiros são Reportagem, Notícia e Nota, representando 76,19% do total para um enfoque prioritariamente informativo. Na Folha de S.Paulo, de oito tipos, predominam com 51,46% Notícia e Nota, do gênero informativo, além de Artigo com 22,33%, do gênero opinativo, somando os três 73,79% das amostras.

No período prévio, Folha de S.Paulo repete o montante total de gêneros, com oito, e Le Monde cai para cinco. Aqui gênero Reportagem é o mais ofertado em ambos jornais. No francês representa 33,33%; no brasileiro, 32,65%. Após a conferência, Notícia e Artigo dividem o topo do impresso latino-americano, somando 69,57% dos cinco gêneros, enquanto que no europeu a oferta é equilibrada com uma aparição em cada, novamente Reportagem figurando entre eles.

Assim, enquanto que em Le Monde o predomínio é do gênero informativo, na Folha de S.Paulo é notável ao viés opinativo do veículo com Artigo figurando entre os três mais ofertados em todos períodos. A estratégia aqui do jornal brasileiro foi explorar Reportagem antes do evento, ofertando com profundidade um vasto cardápio de temáticas da área ambiental para seus leitores. Já no Le Monde este gênero se manteve no topo em todos períodos, o que ressalta seu caráter analítico e aprofundado, com destaque para os dias da conferência.

No quesito Editoria, antes da Rio+20 aparece com maior diversidade nesta categoria com sete editorias e dois cadernos, embora não tenha sido o período mais proeminente em matérias da Folha de S.Paulo. Destaque aqui para o caderno Especial Ambiente - Rio+20 com 38,78% das amostras, que aparece somente no dia 5 de junho, dia do Meio Ambiente. É seguido de Ciência+Saúde, além de Opinião e Cotidiano, dividindo o terceiro lugar. No mesmo período assuntos do evento aparecem em duas editorias de Le Monde, Planète e Politique respectivamente, onde a primeira, responsável pela temática ambiental, representa 83,33% da soma.

Durante o evento, quando se observa o estouro em frequência, a perspectiva não muda

tanto no jornal brasileiro com seis editorias, um caderno e uma revista. Se antes Cotidiano disputa espaço com Opinião, aqui ganha intensidade com 68,66% do período. Na sequência se observa também as subidas de Opinião, com consideráveis 18,66%, e de Mercado, com 5,22%. O panorama geral vem a mudar mesmo em Le Monde, com quatro editorias e dois cadernos, onde Planète e Éco & Entreprise ocupam o topo, somando juntos 66,67%, seguido de Événement com 14,29%.

Por fim, com o término da conferência, a Folha de S.Paulo mantém seis editorias, entre as quais Cotidiano continua na liderança, com 52,17%, seguida de Opinião novamente, desta vez com 21,74% e Mercado com 17,39%. Já Le Monde diversifica com duas editorias, uma revista, um caderno e uma capa, onde Planète se sobressai novamente e Éco & Entreprise, M Le magazine du Monde, Écrans e Capa dividem o segundo lugar.

Assim, o predomínio da editoria Cotidiano na Folha de S.Paulo se justifica parte por o jornal não dispor de uma editoria para a temática ambiental, direcionando as matérias para o espaço responsável pelas principais capitais do Brasil, mas também pela massiva presença dos gêneros nota e notícia, característica do espaço. Já Opinião emerge pelo grande número de artigos publicados. Por fim, apesar de ter surgido apenas no dia 5 de junho, o caderno Especial Ambiente - Rio+20 vem na sequência, ofertando prioritariamente reportagens.

No Le Monde, a editoria Planète, responsável pelos temas ambientais, aparece em primeiro. Assim, o jornal francês se diferencia do brasileiro por ter um espaço fixo para esta temática. Na sequência, observa-se a presença de Éco & Entreprise, caderno semanal sobre negócios. Logo, para o veículo o evento teve grande ligação com temas ligados à economia. Por fim, tem Événement, editoria criada para tratar da conferência.

Quanto aos temas, quantitativamente os números dos jornais se aproximam se lembrada a diferença drástica em frequência de matérias de ambos. No período prévio, 14 categorias temáticas surgem na Folha de S.Paulo, com Economia Verde em primeiro, seguida de Governança e, dividindo o terceiro lugar, Eco-92 e Políticas ecoamigáveis. Em Le Monde, são seis categorias temáticas, com nível idêntico entre Economia Verde, Governança, Energia, Ecologia, Crise Ambiental e Fatos do Evento com Pouca Frequência. Nota-se, portanto, que os principais temas do evento coincidem e aparecem nas páginas de ambos jornais com relativo destaque.

Durante a Rio+20 o jornal francês oferta 12 categorias temáticas, entre as quais se

sobressaem Economia Verde (28,57%) e Governança (23,81%). O restante divide espaço com a mesma frequência. Já no impresso brasileiro são 22 categorias temáticas, com Governança no topo (16,41%), seguida de Fatos do Evento com Pouca Frequência (14,18%) e Personalidades Políticas (10,45%). Economia Verde (2,99%) cai para a nona colocação neste período, o que revela um repentino desinteresse por este que é um dos temas principais da conferência.

Com o fim do evento, a Folha de S.Paulo oferta 13 categorias temáticas, volume semelhante ao período prévio. Aqui Governança é a mais citada nas amostras, com Avaliação do Evento e Texto Final ocupando o segundo posto, além de Fatos do Evento com Pouca Frequência, Personalidades Políticas e Crise Ambiental, no terceiro. O mesmo movimento quantitativo é visto em Le Monde, com cinco ofertas aqui, das quais Texto Final é a mais mencionada, seguida de Governança, Economia Verde, Protesto e Livro, estes partilhando o segundo lugar.

Portanto, o Gatekeeper da Folha de S.Paulo se interessa por valores-notícia como proximidade, destacado no volume ofertado de matérias sobre um evento que ocorre no Brasil; notoriedade, pela ênfase em matérias sobre autoridades políticas e culturais; curiosidade, sobretudo em categorias temáticas como Fatos do Evento com Pouca Frequência que se utiliza basicamente do gênero Nota; continuidade, por abordar assuntos sobre a Rio+20 antes e depois da conferência; atualidade, por manter uma média diária considerável de matérias no período analisado; interesse humano, visando despertar emoções primárias nos receptores, em especial na categoria temática Políticas Ecoamigáveis.

Já o Gatekeeper de Le Monde oferta os produtos jornalísticos permeados por valores-notícia semelhantes aos verificados no jornal brasileiro, com exceção de proximidade. Além destes, acrescenta-se relevância, sublinhada ao dar o maior destaque quantitativo para os temas principais da conferência; conflito, visível na categoria temática Protesto; concorrência, por se tratar de um evento da ONU possivelmente outros jornais estariam cobrindo o evento; referência a nações de elite, como caso da categoria temática Canadá; e negatividade, na categoria temática Crise Ambiental.

Por tratar de saliências que permearam os produtos jornalísticos nos veículos, é possível se referir aos temas abordados pela ótica das gramáticas de produção, de Verón (2004). Assim, observa-se que os temas principais da conferência são destacados pelo jornal

francês em todo o mês, enquanto que no brasileiro, Economia Verde é ofuscada das páginas do veículo na medida em que a Rio+20 se inicia. Além disso, a Folha de S.Paulo dá mais relevância para temas como a presença ou ausência de autoridades, pequenos fatos no entorno das instalações da conferência e até mesmo outros assuntos da área ambiental do que Le Monde. Isto se justifica principalmente pelo volume de matérias. Por fim, pode-se afirmar que a utilização da conferência como alicerce para discussão de outras temáticas da área ambiental se fez presente em ambos os veículos, já que a cobertura do evento esteve atrelada à abordagem de categorias temáticas como Energia, Poluição e Políticas ecoamigáveis.

6 ANÁLISE QUALITATIVA

A análise qualitativa do presente trabalho faz uso da Análise do Discurso francesa. Amostras dos espaços informativo e opinativo dos dois jornais objeto de estudo foram selecionadas. A lógica de seleção primeiramente está baseada na temática. Desta forma, optou-se primeiramente pelos principais temas da conferência, Governança e Economia Verde, na abordagem do gênero informativo. No opinativo, toma-se como temática o desfecho do evento, materializado no Texto Final da Rio+20.

O segundo recorte de escolha está ligado à relevância de análise. Assim, no gênero informativo foram escolhidas matérias aprofundadas, sobretudo reportagens, por conterem saliências discursivas mais evidentes. No gênero opinativo, os editoriais dos dois veículos foram separados por definirem a visão de cada jornal sobre a conferência.

Por conseguinte, a análise será dividida em dois níveis: por temática e por abordagem. Assim, o primeiro nível abordará o estudo sobre cada tema selecionado em ambos os veículos. Já o segundo trará a compreensão geral nos dois jornais, conforme os sentidos e as marcas discursivas sobre os dois temas informativos e o tema opinativo. Posteriormente, serão discutidos e comparados os resultados obtidos nesta etapa.

A combinação metodológica a seguir foi proposta por Benetti (2008). No estudo dos sentidos foi utilizada a proposta de identificação de formações discursivas (FD) do filósofo francês Michel Pêcheux, as quais remetem a uma área de sentidos nucleares. Já as sequências discursivas (SD), que correspondem aos trechos recortados para análise, são elementos constituintes de uma FD.

O pensamento do filósofo está muito atrelado ao pensamento marxista de ideologia e luta de classes. Neste sentido, Pêcheux opera conforme a linha marxista da contradição, que afirma que uma ideologia só existe sob a ótica da divisão, por onde ela vem a se organizar e a lutar com contrárias. Em outras palavras, por buscar o cerne de um discurso, este tipo de análise baseia-se em sentidos heterogêneos e, por vezes, dicotômicos.

Já no estudo das vozes toma-se como alicerce as noções de locutores e enunciadores do linguista francês Oswald Ducrot. O locutor é quem fala e pode ser identificado como autor do enunciado. No jornalismo, o locutor que mais se destaca é o próprio jornalista. Contudo, outros locutores são percebidos no texto jornalístico, os quais são conhecidos como fontes. Os discursos destes podem estar explicitamente destacados, por meio de aspas, ou implicitamente na voz do jornalista. Por sua vez, o enunciador é o lugar de onde se fala. Desta forma, um único locutor pode apresentar diferentes pontos de vista em um determinado enunciado.

Para a análise dos editoriais, será empregada complementarmente a lógica de Fausto Neto (1999) para caracterizar a voz dos jornais e suas competências presentes neste gênero jornalístico. Em estudo sobre a temática da AIDS na mídia impressa, o autor elenca três competências discursivas: a voz avaliativa, presente em expressões que atribuem valor e julgamento; a voz programativa, com marcas discursivas com a pretensão de agendar e realçar aspectos, operando como um “consultor a outros setores da esfera pública” (p. 83); e a voz sentenciadora, que coloca os jornais na posição de um tribunal. As matérias originais mais as traduções se encontram em Anexo. Destaca-se, por fim, que os grifos presentes nas análises são do autor.

Quadro 1 - Mapa geral da análise qualitativa

	Gênero opinativo	Gênero informativo	
Tema	Texto Final	Economia Verde	Governança
Sentidos	Sucesso	-	Sucesso
	Fracasso	Fracasso	Fracasso
	Esperança	Esperança	Esperança
	Desesperança	Desesperança	Desesperança
	Competência	Competência	Competência
	Incompetência	Incompetência	Incompetência
Vozes	5	33	28

6.1 Editoriais sobre o Texto Final

Para esta etapa, um editorial de cada jornal foi selecionado para análise. Na Folha de S.Paulo foi escolhido 'Adeus, Rio' (Figura 1), presente em 16% da página A2 na editoria Opinião, no canto inferior esquerdo, da edição do dia 21 de junho de 2012, dois dias antes do término do evento. No Le Monde, foi selecionado 'Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante' (Figura 2), localizado no centro da capa da edição de sábado, presente em aproximadamente 30% da página da edição do dia 23 de junho de 2012, dia do fim da conferência. Em comum, ambos falaram do desfecho da Rio+20 e seus resultados, transcritos nas páginas do Texto Final.

Figura 1 - Página A2 da Folha de S.Paulo do dia 21 de junho de 2012



Figura 2 – Capa do jornal Le Monde do dia 23 de junho de 2012



6.1.1 Os sentidos nos editoriais

a) Formação discursiva 1 (FD1) – Sucesso

Os textos abaixo, constituintes da FD1, conferem um mapeamento do núcleo temático Sucesso nos dois editoriais. Em ambos os casos, a relação do êxito tem vínculo com o governo do Brasil. Na Folha de S.Paulo (L1), a característica fica para a inserção de vozes do Governo Brasileiro (L2). Já em Le Monde (L4), o jornal direciona uma conclusão sobre o país enquanto organizador.

Na Sequência discursiva (SD) 1, L1 destaca as falas de L2 sobre o resultado da conferência, sobretudo ao utilizar o termo “só”, indicando ser este o único ator com essa percepção, o que enfatiza o potencial argumentativo⁶⁴ do enunciado. Por conseguinte, L2 ganha voz novamente na SD2, com sua fala sendo criticada por L1, o qual classifica a visão do Governo Brasileiro como “um exagero que nem mesmo a proverbial presunção diplomática autorizaria”. Como pode-se observar, no mesmo embalo o periódico acrescenta sua concepção sobre diplomatas, principais agentes nas negociações que aconteceram durante todo o evento.

Na SD3, Le Monde remete ao único vencedor após as negociações, portanto o único a ter Sucesso: o Brasil. Esta informação é reiterada na SD4, sem o peso crítico visto no impresso brasileiro ou mesmo nas aparições de vozes de L2. Neste caso o jornal francês é mais sutil, se comparado ao brasileiro. Le Monde comunica, ao sublinhar que o objetivo do Governo Brasileiro era chegar a um acordo, entre outras coisas, que o foco não era o avanço em metas e tratados, mas sim que os negociantes chegassem a um consenso, não importando qual. Por isso ressaltam que, enquanto o Brasil teve Sucesso, o planeta não.

a) Folha de S.Paulo

SD1 - Só o governo brasileiro, no papel de anfitrião, saudou os 283 parágrafos da peça "O Futuro que Queremos" como "**vitória**" e "**avanço**". (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

SD2 - Mas falar em texto "**estupendo**" é um exagero que nem mesmo a proverbial presunção diplomática autorizaria. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

b) Le Monde

SD3 - No momento em que ela termina, no Rio de Janeiro, o resultado da conferência da ONU sobre desenvolvimento sustentável pode se resumir de maneira simples: **há um vencedor, o Brasil**, e um perdedor, o planeta. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

SD4 - O país anfitrião, o Brasil, pode-se dizer, "**alcançou suas metas**". Seu objetivo era chegar a um acordo. **Ele conseguiu**. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

Observa-se, portanto, que o sentido nuclear de Sucesso se apresenta em marcas discursivas relacionadas ao Governo Brasileiro. Este é apresentado sempre como organizador da conferência. Na Folha de S.Paulo, percebe-se um distanciamento crítico de L1 quanto a posição de L2, carregada da FD1. Já Le Monde delineia uma reprovação sutil, com base em

⁶⁴ Segundo Ducrot (FLORES, 2009), potencial argumentativo é um conjunto de enunciados que pode servir de conclusão para um argumento.

um certo tom irônico, o que fica evidente na SD4.

b) Formação discursiva 2 (FD2) – Fracasso

Dicotômico do anterior, FD2 também surge em ambos os jornais. Na SD1, os termos sublinhados remetem às vozes avaliativa e sentenciadora de L1 quanto ao evento. Isto vem a se repetir na SD2, quando a Folha de S.Paulo afirma não haver “palavra mais apropriada que ‘fracasso’ para qualificar uma reunião cujo mérito maior foi evitar um retrocesso de duas décadas”.

Enquanto que na FD1, onde Sucesso aparece na voz de L2, na FD2 L1 destaca que “só” o Governo Brasileiro enxergou com êxito o resultado da Rio+20, portanto, dúvida da capacidade avaliativa deste locutor, sublinhando, ainda, a sua posição oposta enquanto enunciador. Na SD4, Le Monde afirma que o planeta sai perdendo com o fracasso em relação às negociações na conferência. Neste mesmo enunciado está presente a avaliação positiva do evento pela organização do Brasil.

O jornal francês, ao classificar como "retumbante fracasso" o encontro da Cúpula de Copenhague sobre o Clima, sugere que a Rio+20 caminha para o mesmo caminho e, com isso, adquire também o espectro negativo do evento anterior. Esse mesmo espírito aparece na SD6, que se refere ao desenrolar do processo de Governança e as tentativas de passos maiores nas negociações.

Por fim, Le Monde sacramenta que o resultado é "cruel", com os "pesados desafios da crise ecológica" postergados. A seguir o sentimento de FD2 é reiterado, com a referência a um alívio "covarde" no término das negociações, por parte dos chefes de Estado, e a falta de previsão de um próximo encontro sobre o tema.

a) Folha de S.Paulo

SD1 - **Malogrou** a Rio+20. **Não há outra forma de descrever o resultado** da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

SD2 - Não se encontra palavra mais apropriada que "**fracasso**" para qualificar uma reunião cujo **mérito maior foi evitar um retrocesso** de duas décadas, em relação à primeira Cúpula da Terra, no mesmo Rio de Janeiro, em 1992. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

SD3 - **Só** o governo brasileiro, no papel de anfitrião, saudou os 283 parágrafos da peça "O Futuro que Queremos" como "vitória" e "avanço". (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

b) Le Monde

SD4 - No momento em que ela termina, no Rio de Janeiro, o resultado da conferência da ONU sobre desenvolvimento sustentável pode se resumir de maneira simples: há um vencedor, o Brasil, e **um perdedor, o planeta**. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

SD5 - Porque três anos após **o retumbante fracasso** da Cúpula de Copenhague sobre o clima, é o próprio planeta que está perdendo neste **acordo mínimo**. E pelas **mesmas razões**. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

SD6 - **Foi tudo em vão**: as nações solicitadas se fizeram de surdas. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

SD7 - O balanço é portanto **cruel**: os **pesados desafios** da crise ecológica são contornados. E os chefes de Estado poderão se deixar levar por um **alívio covarde** pois a agenda internacional não prevê mais nenhum encontro sobre o tema. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

Em suma, os dois jornais assumem as marcas discursivas relativas à FD2 Fracasso. A palavra que dá nome a esta categoria surge tanto no editorial da Folha de S.Paulo (SD2), quanto no texto de Le Monde (SD5). A primeira se referindo explicitamente ao evento realizado no Brasil; a segunda comparando a Rio+20 com uma conferência que terminou de maneira semelhante. Em comum, ambos os jornais fazem o balanço por essa ótica.

c) Formação discursiva 3 (FD3) – Esperança

Os enunciados que seguem dizem respeito à FD3 Esperança. Diferente das anteriores, as quais aparecem predominantemente em vozes avaliativas e sentenciadoras, aqui a temática nuclear toma corpo na voz programativa com ambos jornais apontando para direções a serem seguidas. Em outras palavras, os veículos sugerem como uma espécie de consultores da esfera pública.

Na SD3, a Esperança é invocada pelo desapontamento da Réseau Action Climat (L5) estar relacionado possivelmente a um resquício de esperança anterior ao desfecho da conferência. No mesmo enunciado, o jornal Le Monde entende a manifestação de L5 como “compreensível”, o que nos leva à hipótese de que, sim, este também teve esperança de um resultado diferente ao se solidarizar com a associação de ONGs.

a) Folha de S.Paulo

SD1 - **Seria bem mais promissor** delegar a formatação de soluções para quem realmente conta, econômica e ambientalmente: EUA, UE, Brasil, China, Índia e Rússia. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

b) Le Monde

SD2 - **Para avançar, de fato**, as negociações climáticas multilaterais **precisam** de dois motores: um grupo de países líderes e de financiamentos que atestem sua determinação. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

SD3 - Mas a "**profunda decepção**", quem sabe até mesmo "**raiva**", da Réseau Action Climat, que congrega cerca de 600 ONGs ambientais no mundo, é **compreensível**. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

De modo tímido, FD3 aparece somente em três enunciados. Em comum, ambos os jornais utilizam a voz programativa para apontar caminhos melhores no processo de Governança. Coincidentemente ou não, os dois jornais possuem discursos que se assemelham. No periódico brasileiro, a resolução dos problemas deveria ser delegada para países de grande capital econômico e ambiental. O mesmo observa-se no francês, com adendo da importância de financiamentos.

d) Formação discursiva 4 (FD4) – Desesperança

Em primeiro lugar, sublinha-se aqui que Desesperança carrega consigo certo temor, sentimento este antagônico à Esperança. Dito de outro modo, assim como a Esperança é a roda que mantém o indivíduo em busca de determinado objetivo, o temor é o freio que paralisa o sujeito em relação a certo objeto.

Se Esperança aparece em proposições das mídias impressas, Desesperança surgirá baseada em pressuposições. Assim, com uso de voz sentenciadora, L1 infere na SD1 que os negociadores apelarão nos próximos dias para “discursos pomposos” que terminarão em uma “declaração inócua”. Aqui o jornal utiliza dois sintagmas⁶⁵, onde “pomposos” é um modificador realizante de “discursos” e “inócua” é modificador desrealizante⁶⁶ de “declaração”, termos utilizados talvez sarcasticamente pelo veículo.

O tom sentenciador retorna na SD2, com “ninguém” operando de forma argumentativa questionável, porém retoricamente contundente. Em outras palavras, o jornal não dispõe de uma ferramenta qualitativa para prever que nenhum ator da ONU flerta com outras propostas de Governança. O enunciado só confere descrença ao discurso do periódico.

⁶⁵ Combinação de duas unidades linguísticas em que uma, na função de determinante, cria um elo de subordinação com outra, segundo Ducrot (FLORES, 2009).

⁶⁶ Palavra ou expressão que, aplicada a outra, reforça ou atenua a argumentação, conforme Ducrot (FLORES, 2009). Desta forma, um modificador realizante aumenta a força argumentativa, enquanto que um modificador desrealizante a diminui.

Isso fica claro também em *Le Monde*, julgando o resultado da conferência como previsível na SD3. Na SD4, o jornal aponta mecanismos para o triunfo da Governança, desacreditando logo em seguida ao ressaltar a ausência dos mesmos. Sobre os negociantes, destaca-se na SD5 o descrédito na questão ambiental para com os principais países no mundo. Isto vem a se repetir na SD6, ao abordar o continente europeu nas negociações.

a) Folha de S.Paulo

SD1 - Entre hoje e amanhã, eles devem limitar-se a fazer **discursos pomposos** e chancelar uma **declaração inócua**. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

SD2 - Mas desse futuro **ninguém na ONU quer saber**. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

b) Le Monde

SD3 - Como **ninguém esperava um milagre**, essa falta de ambição **não surpreende**. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

SD4 - **Para avançar**, de fato, as negociações climáticas multilaterais **precisam de dois motores**: um grupo de países líderes e de financiamentos que atestem sua determinação. **Ambos estão em falta** hoje em dia. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

SD5 - **Não havia muito a esperar** dos Estados Unidos, que **nunca** estiveram na vanguarda sobre estas questões e estão mais preocupados com a sua eleição presidencial do que pela economia verde e a crise ecológica. **Também não** do Canadá, que compartilha esta **atitude muito conservadora**. **Não mais** da China e da Índia, que têm sido notavelmente discretas. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

SD6 - A Europa, em particular, **parece ter abandonado** qualquer tentativa de liderança nesse tema. **Atolada na crise** na zona do euro, **paralisada** pelo seu crescimento estagnado, sem impulso financeiro, ela se encontrou **isolada** nas negociações. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

Presente nos dois veículos, a voz sentenciadora opera em todas as sequências discursivas de FD4. Além disso, a voz avaliativa ganha espaço em *Le Monde*, mais especificamente nas SD5 e SD6. Destaca-se ainda a grande presença de sequências discursivas de *Le Monde* na FD4. Nas anteriores, pode-se observar um equilíbrio nos enunciados entre os veículos.

e) Formação discursiva 5 (FD5) – Competência

Os trechos que seguem dizem respeito à FD5 Competência. No entendimento da Folha de S.Paulo, o Governo Brasileiro foi competente ao evitar um “fiasco do porte da conferência do clima de Copenhague”. Como vimos anteriormente, na SD5 de FD2, Le Monde considera que a conclusão da conferência foi tão desastrosa quanto o evento da Dinamarca. Portanto, tem-se aqui uma divergência entre os jornais.

Na SD2, Le Monde apresenta FD5 ao expor que o Brasil alcançou seus objetivos organizacionais do evento. Reconhece-se aqui que este mesmo enunciado emergiu na FD1 Sucesso, o que evidencia a complexidade e a comunicabilidade entre as categorias temáticas desta etapa de análise.

a) Folha de S.Paulo

SD1 - O Itamaraty **pode ter evitado um fiasco** do porte da conferência do clima de Copenhague (2009), que se mostrou incapaz de produzir uma declaração conjunta. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

b) Le Monde

SD2 - O país anfitrião, o Brasil, pode-se dizer, "**alcançou suas metas**". Seu objetivo era chegar a **um acordo. Ele conseguiu**. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

Na FD5, o sentido da Competência emerge por razões que se assemelham, já que em ambas falam sobre o Governo Brasileiro enquanto organizador do evento. Na Folha de S.Paulo, o país evitou um “fiasco” maior. Já em Le Monde concluiu sua meta que era chegar a um acordo, independente qual fosse. Assim, os dois enunciados são construídos de forma que a Competência é reconhecida, porém sua fragilidade é salientada.

f) Formação discursiva 6 (FD6) – Incompetência

Os jornais falam em seus editoriais com maior volume de enunciados na FD6 Incompetência. Na SD1, L1 afirma que o “mérito maior” da Rio+20 foi “evitar um retrocesso de duas décadas”, o que reitera a incapacidade dos negociantes em chegarem a um consenso promissor. Para reforçar seu ponto de vista, o jornal faz uso na SD2 de escala argumentativa⁶⁷, onde dois enunciados (o primeiro está na SD2 de FD2 Fracasso) chegam a mesma conclusão, no entanto o termo ‘até’ ratifica o anterior e sugere que este traz o argumento mais forte para

⁶⁷ Conforme Ducrot (FLORES, 2009), trata-se da relação entre dois argumentos que apresenta um argumento para uma conclusão e outro argumento mais forte do que o anterior para a mesma conclusão.

essa conclusão.

A Incompetência vem novamente na SD3, com destaque para a palavra “incapaz”. Nesta, L1 critica outro evento semelhante por sua incapacidade de “produzir uma declaração conjunta”. A crítica parte então para L2 na SD4, destacando que os esforços se resumiram em apenas terminar o documento. Na SD5, FD6 aparece quando o jornal lembra que os agentes do evento terão de se contentar com o que produziram. Da mesma forma, com tom programativo, a Folha de S.Paulo cita que as negociações terminam sempre nos mesmos embates na SD6.

O sentido nuclear de Incompetência também surge no editorial de Le Monde, porém com menos intensidade quantitativa. Na SD7, o jornal aponta que os Estados Unidos "nunca" estiveram na frente de questões ambientais, sendo que o mesmo é lembrado do Canadá, o qual julga compartilhar "esta atitude muito conservadora". Nessa situação o jornal se utiliza das vozes avaliativa e sentenciadora.

Já na SD8, as estratégias semânticas sugerem que os esforços para mudança não foram vitoriosos, o que aponta para uma Incompetência por parte dos países presentes. Assim também ocorre na SD9, quando o jornal sublinha o enfraquecimento no processo de Governança da Europa. Por fim, Le Monde ressalta a "inação" dos negociantes na SD10.

a) Folha de S.Paulo

SD1 - Não se encontra palavra mais apropriada que **"fracasso" para qualificar uma reunião** cujo **mérito maior foi evitar um retrocesso** de duas décadas, em relação à primeira Cúpula da Terra, no mesmo Rio de Janeiro, em 1992. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

SD2 - **Até** o comedido Ban Ki-moon, secretário-geral da ONU, permitiu-se afirmar que **desejaria** um documento final **mais ambicioso**. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

SD3 - O Itamaraty pode ter evitado um fiasco do porte da conferência do clima de Copenhague (2009), que se mostrou **incapaz** de produzir uma declaração conjunta. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

SD4 - **Todo o esforço** da representação brasileira foi fechar **um** documento de consenso antes da chegada dos chefes de Estado e de governo ao Rio, ontem. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

SD5 - **Tiveram de contentar-se** com a manutenção do princípio -velho de 20 anos- das "responsabilidades comuns porém diferenciadas" (ricos e desenvolvidos devem investir mais e transferir tecnologia para combater os males do ambiente global) e com um grupo de trabalho sobre o assunto. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

SD6 - Como no caso da negociação sobre mudança do clima, as idas e vindas desembocam **sempre nos mesmos impasses**. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

b) Le Monde

SD7 - **Não havia muito a esperar** dos Estados Unidos, que **nunca** estiveram na vanguarda sobre estas questões e estão mais preocupados com a sua eleição presidencial do que pela economia verde e a crise ecológica. Também não do Canadá, que compartilha esta **atitude muito conservadora**. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

SD8 - **Foi tudo em vão**: as nações solicitadas **se fizeram de surdas**. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

SD9 - **Atolada na crise** na zona do euro, **paralisada** pelo seu crescimento **estagnado**, sem impulso financeiro, ela se encontrou **isolada** nas negociações. **Privada** de seu poder de influência, ela se mostrou **incapaz** de elaborar um texto final que reafirme resultados e compromissos de longa data e **não formula** praticamente nenhuma nova **proposta concreta**. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

SD10 - Eles não estão próximos de serem novamente interpelados por sua **inação**. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

Observa-se aqui uma aproximação maior da relação entre os atores negociantes da conferência e a avaliação pela Incompetência feita por ambos os jornais do que quaisquer outros aspectos. Assim, para os veículos, o documento é resultante da Incompetência dos países participantes. Novamente, as vozes avaliativa e sentenciadora se fazem presentes.

6.1.2 As vozes nos editoriais

Por se tratar do gênero jornalístico editorial, o qual expressa a opinião da empresa jornalística sobre determinada temática, neste caso aqui o resultado da Rio+20, o locutor predominante no discurso necessariamente tem de ser o próprio veículo. Assim, L1 e L4, os quais representam Folha de S.Paulo e Le Monde, respectivamente, representam grande parte das vozes dos dois editoriais.

a) Folha de S.Paulo

Locutor 1 (L1) – Folha de S.Paulo

Como pressupõe o gênero jornalístico editorial, a voz da Folha de S.Paulo guia todo texto. Este locutor se utiliza prioritariamente das vozes avaliativa (itens 1, 2, 3, 4 e 5) e

sentenciadora (itens 1, 3, 4 e 6). Já a voz programativa aparece apenas no item 7.

Prioritariamente, FD6 Incompetência aparece na perspectiva sentenciadora do locutor, com uma menção pela FD2 Fracasso. Logo, quando L1 se posiciona enquanto enunciador para julgar negativamente o Texto Final, sentencia marcas discursivas com sentidos nucleares referentes a estas formações discursivas. Entre elas, se destacam as expressões "Não há outra forma", "se mostrou incapaz", "Todo o esforço [...] foi fechar um documento" e "O produto mais evidente".

A voz avaliativa é outra com grande destaque em L1. Entre as marcas destes enunciados, destacam-se adjetivações como “malogrou”, “fracasso”, “fiasco”, “incapaz”, “pomposos”, “inócua”, “velho”, entre outros. L1 também se utiliza do espaço para inserir uma avaliação da postura do Governo Brasileiro, como pode ser visto nos itens 3 e 4.

Parte de suas estratégias de enunciação emerge da FD2 Fracasso, como nos itens 1 e 2, e parte ressalta a FD6 Incompetência, como nos itens 3, 4 e 5. Assim, ao atribuir valor relacionado à Rio+20, L1 utiliza-se da ótica de um enunciador que vê este processo de maneira negativa. Por fim, a voz programativa é evocada, no item 7, ao conjecturar caminhos para o problema levantado, com uma ponderação final baseada na FD4 Desesperança.

1 - **Malogrou** a Rio+20. **Não há outra forma de descrever o resultado** da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

2 - Não se encontra palavra mais apropriada que "**fracasso**" para qualificar uma reunião cujo mérito maior foi **evitar um retrocesso** de duas décadas, em relação à primeira Cúpula da Terra, no mesmo Rio de Janeiro, em 1992. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

3 - “O Itamaraty **pode ter evitado um fiasco** do porte da conferência do clima de Copenhague (2009), que se mostrou **incapaz** de produzir uma declaração conjunta”. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

4 - **Todo o esforço** da representação brasileira foi **fechar um documento** de consenso antes da chegada dos chefes de Estado e de governo ao Rio, ontem. Entre hoje e amanhã, eles devem limitar-se a fazer **discursos pomposos** e cancelar uma **declaração inócua**. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

5 - **Tiveram de contentar-se** com a manutenção do princípio **-velho** de 20 anos- das "responsabilidades comuns porém diferenciadas" (ricos e desenvolvidos devem investir mais e transferir tecnologia para combater os males do ambiente global) e com um grupo de trabalho sobre o assunto. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

6 - **O produto mais evidente** da Rio+20, ao final, **talvez seja o esgotamento** da via multilateral para concertar decisões de governos nacionais quanto a questões globais

complexas. “Como no caso da negociação sobre mudança do clima, as idas e vindas desembocam **sempre nos mesmos impasses**. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

7 - Seria bem **mais promissor** delegar a formatação de soluções para quem realmente conta, econômica e ambientalmente: EUA, UE, Brasil, China, Índia e Rússia. Mas desse futuro **ninguém** na ONU **quer saber**. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

Desta forma, observa-se que a Folha de S.Paulo discursa no editorial com base em um enunciador que parte quase que unanimemente da perspectiva negativa do evento, o que se avalia a partir dos sentidos nucleares apontados acima. Há ainda uma inferência que coloca L1 como mentor de um fazer ambiental, isento dos problemas que este mesmo levanta, com uma seguinte retomada para o enunciador anterior.

Locutor 2 (L2) – Governo Brasileiro

Embora citado em Le Monde, L2 só ganha voz explícita no editorial da Folha de S.Paulo. No primeiro item, a avaliação sobre o Texto Final é destacada entre aspas nas palavras “vitória” e “avanço”. O mesmo ocorre no item 2, quando “estupendo” é enfatizado. Em ambos enunciados, L2 é apresentado, enquanto enunciador, na posição de organizador do evento que analisa o desfecho de maneira positiva, postura sublinhada no item 1.

1 - **Só o governo brasileiro**, no papel de anfitrião, **saudou** os 283 parágrafos da peça "O Futuro que Queremos" como "**vitória**" e "**avanço**". (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

2 - **Mas** falar em texto "**estupendo**" é um exagero que nem mesmo a proverbial presunção diplomática autorizaria. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

O locutor se utiliza da voz avaliativa nos enunciados ao qualificar por meio de FD1 o resultado da conferência, fato sublinhado na adjetivação utilizada. Destaca-se ainda que suas falas surgem para serem avaliadas por L1. Desta forma, a construção semântica indica circunstâncias da enunciação que inclinam o interlocutor a atribuir o sentido oposto concluído por L2, já que o enunciado deixa claro que se trata do único locutor que compreende o Texto Final desta forma. Com isso, o encadeamento argumentativo aqui é construído com suporte no advérbio de exclusão “só”, no item 1, e conjunção coordenativa adversativa “mas”, no item 2.

Locutor 3 (L3) - Ban Ki-moon, secretário-geral da ONU

No caso de L3, a única ocorrência também foi no editorial da Folha de S.Paulo. Ela ocorre dentro da fala de L1, quando este se apropria do discurso de Ban Ki-moon, secretário-geral da ONU, para endossar sua própria opinião, destacada em amostras anteriores. Portanto, o potencial argumentativo de L1 é elevado com “até”, no início do enunciado seguinte. Esta escala argumentativa oriunda de dois argumentos, dos quais o último reitera o anterior oferecendo mais força para essa conclusão.

1 - **Até o** comedido Ban Ki-moon, secretário-geral da ONU, **permitiu-se afirmar que desejaria** um documento final **mais ambicioso**. (Folha de S.Paulo, "Adeus, Rio", editoria Opinião, p. A2, 21 jun. 2012)

Assim, pode-se considerar que L3 se utiliza da voz avaliativa, a qual bebe da FD6 Incompetência, para inferir em seu enunciado. Por fim, vale destacar que a expressão “permitiu-se” implicitamente remete à posição de organizador do evento de Ban Ki-moon. Ela induz que, independente do seu cargo, o locutor vê o Texto Final da Rio+20 por um enunciador com olhar crítico, o que não foi visto nas falas do Governo Brasileiro (L3), por exemplo.

b) Le Monde

Locutor 4 (L4) – Le Monde

Assim como ocorreu no editorial da Folha de S.Paulo, no caso de Le Monde ele é o principal locutor, o que já era esperado devido à natureza do gênero jornalístico analisado. Nas estratégias de enunciação apuradas, observa-se uma forte tendência no uso de vozes avaliativa e sentenciadora.

A voz programativa aparece no item 4, quando o jornal propõe uma solução para a ineficiência do processo de Governança. Esta está carregada da FD3 Esperança, sendo a única menção no discurso. Os demais enunciados revelam marcas discursivas presentes nas FD2 Fracasso (itens 1, 3 e 6), FD3 Esperança (item 4) e FD4 Desesperança (itens 2, 5 e 7).

A voz sentenciadora parte prioritariamente da ótica de FD2 Fracasso (itens 1 e 6) e FD4 Desesperança (itens 2 e 5). A exceção fica no item 1, quando o jornal também julga pela perspectiva de FD1 Sucesso ao falar, implicitamente, da organização por parte do Governo Brasileiro como vencedora. Neste enunciado também emerge uma voz avaliativa, presente nas

FD1 e FD2.

1 - No momento em que ela termina, no Rio de Janeiro, o **resultado** da conferência da ONU sobre desenvolvimento sustentável pode **se resumir de maneira simples: há um vencedor, o Brasil, e um perdedor, o planeta. Constatação rude**, vinte anos após a emblemática Cúpula da Terra (Eco-92), que, na mesma cidade, lançou as bases para uma política de desenvolvimento preocupada com a preservação dos recursos do planeta. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

2 - Mais isso **se fez por baixo**, simplesmente removendo todas as partes do projeto de declaração final que suscitavam oposições. E mantendo **apenas** as petições de princípio gerais e consensuais. **Como ninguém esperava um milagre**, essa falta de ambição **não surpreende**. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

3 - Mas a "**profunda decepção**", quem sabe até mesmo "**raiva**", da Réseau Action Climat, que congrega cerca de 600 ONGs ambientais no mundo, é **compreensível**. Porque três anos após o **retumbante fracasso** da Cúpula de Copenhague sobre o clima, é o próprio planeta que está perdendo neste **acordo mínimo**. E pelas mesmas razões. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

4 - **Para avançar, de fato**, as negociações climáticas multilaterais precisam de dois motores: um grupo de países líderes e de financiamentos que atestem sua determinação. Ambos estão em falta hoje em dia. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

5 - **Não havia muito a esperar** dos Estados Unidos, que **nunca** estiveram na vanguarda sobre estas questões e estão mais preocupados com a sua eleição presidencial do que pela economia verde e a crise ecológica. **Também não** do Canadá, que compartilha esta **atitude muito conservadora**. **Não mais** da China e da Índia, que têm sido notavelmente discretas. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

6 - Quanto aos países do Sul, agrupados no "G77", eles tentaram um golpe de força, na véspera da conferência, exigindo dos países ricos o comprometimento de colocar na mesa 30.000 milhões de dólares por ano até 2017 e mais 100 bilhões para financiar novos programas. **Foi tudo em vão**: as nações solicitadas **se fizeram de surdas**. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

7 - A Europa, em particular, **parece ter abandonado** qualquer tentativa de liderança nesse tema. **Atolada na crise** na zona do euro, **paralisada** pelo seu crescimento estagnado, sem impulso financeiro, ela se encontrou **isolada** nas negociações. **Privada** de seu poder de influência, ela se mostrou **incapaz** de elaborar um texto final que reafirme resultados e compromissos de longa data e **não** formula praticamente nenhuma nova proposta **concreta**. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

Portanto, pode-se dizer que L4 fala por distintos enunciadores, conforme o sentido nuclear impregnado em cada enunciado. Em outras palavras, compreender a fala de Le Monde enquanto um consultor da esfera pública, sublinhado nas vozes avaliativa e sentenciadora, mas também como uma espécie de guru ao dar ênfase a um determinado modo de agir na voz programativa.

Locutor 5 (L5) – Réseau Action Climat

O último locutor verificado nos editoriais é L5 – Réseau Action Climat. A voz dessa associação é inserida no enunciado abaixo como avaliador do desfecho da conferência. Entre os destaques, constam “profunda decepção” e “raiva” como sentimentos emergidos após o fracasso em Governança dos países participantes.

1 - Mas a "**profunda decepção**", quem sabe até mesmo "**raiva**", da Réseau Action Climat, que congrega cerca de 600 ONGs ambientais no mundo, é **compreensível**. (Le Monde, "Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante", capa, 23 jun. 2012)

Observa-se que L5 fala, conforme os destaques entre aspas, na posição de uma entidade cujo capital ambiental é traduzido no número expressivo de ONGs que ela representa, dialogando como enunciador reducionista da conferência na FD2 Fracasso. Isto significa que L5 não compreende a questão ambiental como uma temática recente e, portanto, longe de consensos em ritmo contemporâneo. Por conseguinte, Le Monde avalia as marcas discursivas de L5 para afirmar que se trata de uma atitude “compreensível”, o que demonstra uma reiteração do enunciador.

6.2 Análise do gênero informativo - Economia Verde

Nesta etapa foram analisadas duas matérias de cada jornal relativas ao tema Economia Verde. Da Folha de S.Paulo foram selecionadas ‘Da Av. Paulista à Rio+20’ (Figuras 3 e 4), publicada nas páginas 26 e 27 na revista *sãopaulo*, edição 17 a 23 de junho de 2012, com uso de uma fotografia de autoria de Lucas Lima/Folhapress, mostrando os ciclistas na avenida Paulista antes de partir para o evento; e ‘Cada grupo tem a sua ideia de economia verde’ (Figura 5), publicada na página 6 do caderno Especial Ambiente – Rio+20, da edição do dia 5 de junho de 2012, com foto de Folhapress da alegoria de 'Economia Verde' feita com maquetes e alimentos por Herman Tacasey e gráfico de correntes, para aludir às correntes da Economia Verde.

Do jornal Le Monde foram separadas "'Qu'ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!'" (Figura 6), publicada na página 2 da editoria Événement, na edição do dia 20 de junho de 2012, com uso de duas fotografias de Demencis/Agência Olhares da favela de Vila Autódromo, no Rio de Janeiro. A primeira mostrando o contraste da favela com

prédios luxuosos ao fundo, a segunda mostrando crianças brincando em um espaço da favela. E 'L'économie verte déraile à Rio+20' (Figura 7), publicada na página 3 da editoria Événement, da edição do dia 20 de junho de 2012, com um infográfico mostrando dados como crescimento populacional, áreas protegidas e aumento da temperatura da terra.

Figura 3 – Página 26 da Folha de S.Paulo de 17 a 23 de junho de 2012



Figura 4 - Página 27 da Folha de S.Paulo de 17 a 23 de junho de 2012

O clima predominante em relação aos resultados da Rio+20, porém, não é otimista. A ausência do presidente americano, Barack Obama, do primeiro-ministro britânico, David Cameron, e da chanceler alemã, Angela Merkel, aumentou o ceticismo e fez muitos ativistas concentrarem os esforços na Cúpula dos Povos, evento paralelo que vai até sábado (23).

Diferentemente da programação oficial, a cúpula será aberta à população e reunirá representantes da sociedade civil, como ONGs e movimentos sociais, para discutir desenvolvimento sustentável e economia verde.

Em preparação para o encontro, o Fórum Social de São Paulo e o Comitê Paulista para a Rio+20 — braço da cúpula no Estado — ocuparam o vale do Anhangabaú no domingo passado.

O grupo de cerca de 50 pessoas usou cartazes, montou painéis, contou histórias e fez leituras de obras de arte para divulgar aos passantes os temas a serem levados à Rio+20.

“Enquanto querem discutir a economia verde, a gente quer fazer”

JOÃO PAULO AMARAL, participante da Reciclagem Nacional Rio+20

“O brasileiro reclama muito, mas põe pouco a mão na massa. Tentamos mostrar que podemos mudar isso ao fazer reciclagem ou votar melhor, por exemplo”, diz Andréssa Batelochio, integrante do Comitê Paulista.

Além de ciclistas e ONGs, empresários também aderiram ao debate sobre os temas da agenda da Rio+20 durante uma conferência realizada de 11 a 13 de junho em São Paulo pelo Instituto Eihos, entidade que incentiva empresas a atuar de forma sustentável.

No encontro, foram debatidos dez temas que serão tratados durante os

Diálogos para o Desenvolvimento Sustentável, outro evento paralelo à Rio+20 que levantará recomendações para serem analisadas por chefes de Estado durante o encontro.

Uma das propostas apresentadas na conferência pelo economista e professor da USP Ricardo Abramovay é que, na Rio+20, os representantes dos países estabeleçam metas quantificáveis de utilização dos recursos naturais, as quais devem ser cumpridas.

Além disso, Abramovay quer apresentar a ideia de que o PIB (Produto Interno Bruto) é um índice equivocados para medir a riqueza dos países. “Não traduz a real prosperidade de uma sociedade”, diz o professor.

Enquanto chefes de Estado se perguntam quem vai pagar a conta da transição para a economia verde, ativistas acreditam que não adianta ficar parado esperando. O ciclista mineiro César Grazzela, 45, questiona: “Eu faço a minha parte. O que você está fazendo?”. ★

Atlântis: 12 piscinas, tobogãs, tobogã radical com 70 metros de rampa, piscina aquecida e coberta gigante, hidropas aquecidas e cobertas. Equipe de monitores, 17 horas por dia de atividades e esporte por todo lado.

Vem sentir dias assim com seus filhos no
Hotel Estância Barra Bonita

Até 17 de julho
Atividades Quotidianas
& Diárias grátis
para 2 crianças
até 11 anos

GOSTINHO DE QUERO MAR
EM FESTAS TEMATE...
E A CADA RESTA...
DESCOBERTAS QUE SÃO
LEMBRADAS PARA SEMPRE.
A FAZEMOUSA
O ACAMPAMENTO PLENA-
E MUITO MAIS

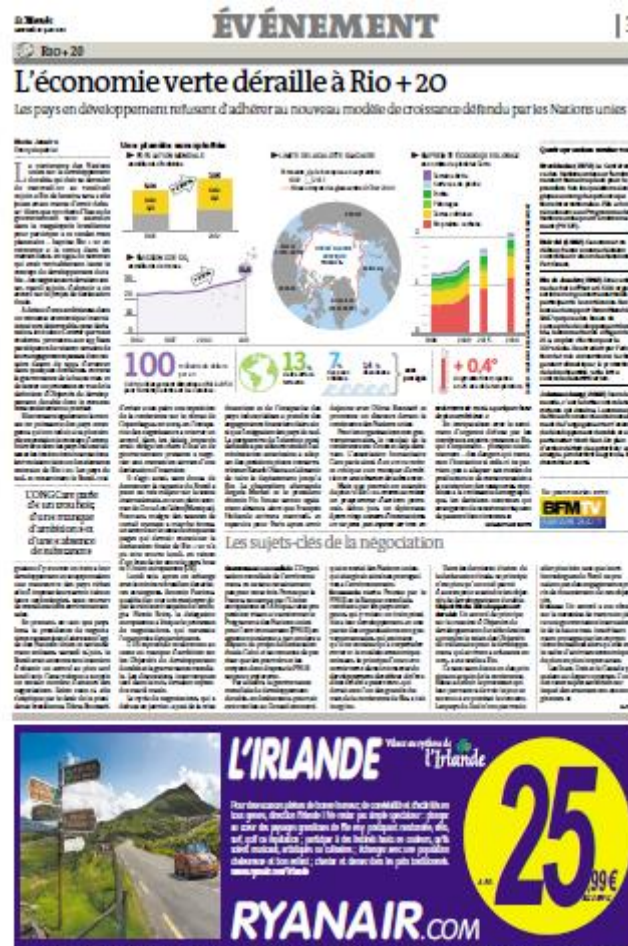
Parte de nós,
em Resort Internacional

DDG até 23h30. 0800 702 1400 São Paulo: (11) 5053.1400 www.barrabonita.com.br

Figura 6 – Página 2 do Le Monde do dia 20 de junho de 2012



Figura 7 – Página 3 do Le Monde do dia 20 de junho de 2012



6.2.1 Os sentidos no gênero informativo – Economia Verde

a) Formação discursiva 1 (FD1) – Esperança

Nos textos que conferem o foco principal para Economia Verde, uma das presenças de sentidos nucleares é de FD1 Esperança. Nas SD1, SD2 e SD3, correspondentes à reportagem sobre a diversidade de vertentes referente ao tema, observa-se que os locutores creem em uma saída para a conciliação entre sistema econômico e meio ambiente.

Nas duas primeiras, quem fala é o chefe do Departamento de Economia e Comércio do Pnuma, Steven Stone (L4), vinculado à ONU. Na SD1 ele informa, ao sublinhar os gastos com o modelo vigente, que a transição para a Economia Verde é viável financeiramente. Na

SD2 ele reafirma seu posicionamento, baseado na FD1 Esperança, afirmando que essa mudança “seria um grande passo à frente”.

Já na SD3, o então embaixador Luiz Alberto Figueiredo (L7), secretário-executivo da Comissão Nacional para a Rio+20, aponta em seus enunciados para a falta de consenso entre os negociadores, mas evoca a FD1 ao mostrar a vontade de que este percalço seja ultrapassado pelos países, mostrando que a “economia verde é um instrumento para isso”.

Patrícia Britto (L2), jornalista da Folha de S.Paulo, escreve a matéria 'Da Av. Paulista à Rio+20'. Em trechos marcados por sua voz, a SD4 ressalta a participação de grupos oriundos da sociedade, estes baseados na FD1. Contudo, em nenhum dos enunciados a locutora traz para si esse sentido nuclear.

Na SD5, a FD1 aparece no discurso do consultor de sustentabilidade João Paulo Amaral (L11). Na SD6 é a vez do sentido nuclear surgir na fala de Andressa Batelochio (L13), integrante do Comitê Paulista. Por fim, na SD7 aparece na fala do ciclista mineiro César Grazzia (L15).

SD1 - "Parece uma quantia **enorme**, mas os governos gastam todos os anos cerca de 2% a 3% do PIB global em subsídios que **só perpetuam** o uso insustentável dos recursos", afirma Steven Stone, chefe do Departamento de Economia e Comércio do Pnuma. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

SD2 - "**Se** os governos começarem redirecionando esses **subsídios danosos e obsoletos** para dar suporte à economia verde, seria **um grande passo à frente**", diz Stone. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

SD3 - "**Não há consenso** sobre economia verde", **reconhece** o embaixador Luiz Alberto Figueiredo, secretário-executivo da Comissão Nacional para a Rio+20. "Mas nós queremos **mostrar** que cada país encontrará seu caminho para chegar ao desenvolvimento sustentável. A economia verde é um **instrumento** para isso", diz o embaixador. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

SD4 - Às vésperas da Rio+20, Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, grupos de São Paulo se preparam, cada um **à sua maneira**, para **acrescentar propostas aos debates do evento**, que acontece até sexta-feira (22), no Rio de Janeiro. (Folha de S.Paulo, "Da Av. Paulista à Rio+20", revista são paulo, p. 26 e 27, 17 jun. 2012)

SD5 - **Para não ficar só no discurso**, o consultor de sustentabilidade João Paulo Amaral, 25, saiu daqui, na segunda (11), com outros cinco ciclistas pedalando em direção ao Rio, onde preveem chegar amanhã (18). "Enquanto as pessoas querem discutir a economia verde, **a gente quer ir lá e fazer**. O formato atual tende a ser de não levar protestos, mas proposições". [...] "É um protesto **propositivo**", diz Amaral, ao defender a bicicleta como transporte não poluente. (Folha de S.Paulo, "Da Av. Paulista à Rio+20", revista são paulo, p. 26 e 27, 17 jun. 2012)

SD6 - "O brasileiro **reclama muito, mas põe pouco a mão na massa**. Tentamos mostrar que **podemos mudar isso** ao fazer reciclagem ou votar melhor, por exemplo", diz Andrêssa Batelochio, integrante do Comitê Paulista. (Folha de S.Paulo, "Da Av. Paulista à Rio+20", revista são paulo, p. 26 e 27, 17 jun. 2012)

SD7 - Enquanto chefes de Estado **se perguntam** quem vai pagar a conta da transição para a economia verde, ativistas **acreditam** que **não adianta ficar parado esperando**. O ciclista mineiro César Grazzia, 45, questiona: "**Eu faço a minha parte. O que você está fazendo?**". (Folha de S.Paulo, "Da Av. Paulista à Rio+20", revista são paulo, p. 26 e 27, 17 jun. 2012)

Todas as sequências discursivas são de matérias da Folha de S.Paulo. Em outras palavras, neste recorte qualitativo referente ao tema Economia Verde, o sentido nuclear de Esperança não apareceu nas páginas de Le Monde, o que nos sugere sentidos em relação ao enquadramento discursivo realizado pelo jornal francês. Ainda assim, em nenhum momento o periódico brasileiro oferece este sentido nuclear, o qual sempre é apresentado como a visão de outros locutores.

Observa-se ainda que, nas três primeiras SDs, os atores que carregam FD1 Esperança estão vinculados à ONU e ao Governo Brasileiro. Portanto, são falas oriundas de organizadores da Rio+20, os quais se posicionam enquanto enunciadores detentores da perspectiva de valorizar os propósitos do evento. Nos demais, são atores da sociedade civil, sendo representados como ativistas, onde o sentido nuclear é sublinhado no caráter propositivo das ações, o que extrapola o discurso propriamente dito.

b) Formação discursiva 2 (FD2) – Desesperança

Não possuir consenso sobre algo é natural em qualquer processo de Governança, sobretudo em temas historicamente recentes. Porém, ao destacar que esse consenso “está longe”, na SD1, a Folha de S.Paulo, por meio de seus jornalistas Andrea Vialli e Eduardo Geraque (L1), autores da matéria, sugere um tom de Desesperança quanto às negociações. Não cabe, vale destacar, inferir se esse posicionamento é correto ou não – mas, sim, apontar sua presença.

Marcas discursivas de L1 seguem na SD2, onde são destacadas duas perspectivas: o enfraquecimento do planeta e a ânsia por um crescimento econômico galopante dos países. Assim, ao contextualizar ressaltando estes aspectos negativos, a presença da FD2 é evocada nestes enunciados. O mesmo ocorre na SD3, em especial no tom irônico em "uma espécie de caminho das pedras", além dos verbos “bastar” e “ajudar” conjugados no futuro do pretérito

do indicativo, os quais apontam para uma proposta em que não creem que se efetive.

L1 reitera, na mesma reportagem, que o tema está longe de ter consenso na SD4. Na SD5, L1 informa que as ONGs (L8) estão desesperançados com o tema. A mesma operação acontece com a posição dos movimentos sociais (L9), na SD6, o que ganha força com falas de Pedro Ivo (L10), coordenador da Cúpula dos Povos, evento paralelo à Rio+20, na SD7. Última SD presente na Folha de S.Paulo, SD8 também destaca o sentido nuclear da Desesperança na voz de Patrícia Britto, jornalista do jornal.

Já em Le Monde, as seguintes SDs ressaltam o distanciamento da sociedade perante o evento e, por conseguinte, a Desesperança de cidadãos. Na SD9, o jornalista Nicolas Bourcier (L16) aponta o evento como uma reunião “para ricos”. Este distanciamento é reiterado nos grifos de SD10, onde FD2 emerge no tom irônico da professora de português Inalva Mendes Brito (L17), ressaltado por L16.

Por fim, o distanciamento vinculado ao sentimento de Desesperança aparece na SD11, SD12, SD13 e SD14. Todos os locutores operam enquanto cidadãos descrentes da temática ambiental, em especial aqueles inseridos em um contexto social desfavorável.

a) Folha de S.Paulo

SD1 - Tema central da Rio+20, a transição da atual economia "**marrom**" para a "**verde**" está **longe de ser consenso**. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

SD2 - Com 7 bilhões de **habitantes consumindo e aspirando** a um padrão de vida mais alto, a **capacidade** de recuperação do ambiente, base para qualquer atividade econômica, está **cada vez mais fragilizada**. **Ao mesmo tempo, o paradigma de sucesso** dos países é o **crescimento**, trimestre a trimestre, da economia. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

SD3 - A ONU propõe **uma espécie de caminho das pedras**: um investimento anual de 2% do PIB global em dez setores-chave da economia, nas próximas décadas, **bastaria** para dar início à mudança em direção à economia verde. E **ainda ajudaria** a gerar milhões de empregos, na estimativa das Nações Unidas. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

SD4 - Mas a **economia verde está longe de ser consenso**. Nas discussões do "Rascunho Zero", esboço do documento final da Rio+20, **muitos países refutam** a definição proposta pela ONU. O **grupo dos países pobres** e em desenvolvimento, o G-77, **teme que o mantra da economia verde** seja um artifício dos países ricos para vender tecnologia cara aos pobres. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

SD5 - As ONGs alegam que o conceito proposto **nada mais é que uma tentativa de "pintar de verde" o neoliberalismo**. Isso **sem uma revisão profunda** dos padrões **predatórios** da economia de mercado, como os estímulos ao **consumismo**, que

estão levando o mundo ao **esgotamento dos recursos naturais**. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

SD6 - Movimentos sociais **também não concordam com a** proposta de atribuir valor econômico, ou seja, colocar preços em serviços prestados pela natureza, como a produção de água, a regulação do clima pelas florestas e a polinização das lavouras. Essa "**precificação**" **poderia ajudar a remunerar proprietários de terra** que preservam áreas de florestas, por exemplo. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

SD7 - "**A economia verde 'ideologizou'**", diz Pedro Ivo, coordenador da Cúpula dos Povos. "**Há muita confusão**, entre os movimentos sociais, sobre como lidar com serviços da natureza. Mesmo que isso represente fonte de renda para agricultores e povos tradicionais", diz Ivo. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

SD8 - **O clima predominante** em relação aos resultados da Rio+20, **porém, não é otimista. A ausência** do presidente americano, Barack Obama, do primeiro-ministro britânico, David Cameron, e da chanceler alemã, Angela Merkel, **aumentou o ceticismo e fez muitos ativistas concentrarem** os esforços na Cúpula dos Povos, evento paralelo que vai até sábado (23). (Folha de S.Paulo, "Da Av. Paulista à Rio+20", revista são paulo, p. 26 e 27, 17 jun. 2012)

b) Le Monde

SD9 - 500 metros de distância separam Riocentro, QG da negociação global sobre o desenvolvimento sustentável, da pequena favela de Vila Autódromo. Mas para seus moradores, **esta reunião "para os ricos" parece bem distante**. (Le Monde, "Qu'ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!", editoria Événement, p.2, 20 jun. 2012)

SD10 - Num tom calmo, Inalva Mendes Brito evoca memórias desse **passado feliz**, esse dos anos 1980, quando ela veio aqui, na Vila Autódromo, uma pequena favela localizada à beira do lago Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro, construir sua casa com um grupo de amigos. **Velhos tempos em que, durante vários anos, ela conseguiu viver** da pesca e de trocar frutas e legumes. "Desde então, **tudo foi devastado pela poluição, as águas infestadas pelas indústrias químicas dos arredores, os peixes exterminados**", suspira ela. Aos 65 anos, esta professora de português tornou-se uma das **vozes da comunidade**, daquelas que **enfrentam** os promotores imobiliários e industriais **pouco escrupulosos** com o meio ambiente. "Então, imagine", disse ela, com um toque de ironia, "temos hoje aqui na frente de casa, a Rio+20 que pretende debater sobre o desenvolvimento sustentável". (Le Monde, "Qu'ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!", editoria Événement, p.2, 20 jun. 2012)

SD11 - "**O desenvolvimento sustentável é uma boa ideia, mas parece ser apenas para os ricos. Para eles, nós somos só um obstáculo ao seu desenvolvimento econômico. A ecologia é apenas um pretexto**". (Le Monde, "Qu'ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!", editoria Événement, p.2, 20 jun. 2012)

SD12 – "**Mas o que mais poderíamos esperar? A Rio+20, será no máximo um programa de ações**", advertiu, no início de junho, um diplomata. "Depois de vinte anos de **encantações, não podemos** esperar alcançar em apenas seis meses, algo mais ambicioso". Em comparação com o **sentimento de urgência** transmitido por muitos **especialistas** no Rio, que **se preocupam - quase unanimemente - com os perigos que ameaçam a humanidade**, se essa não consegue se adaptar a seus

modos de produção e consumo e a rarefação dos recursos, combinada com o crescimento da população, **as decisões concretas que surgirão dessa Cúpula podem parecer muito tímidas**. (Le Monde, "L'économie verte déraile à Rio+20", editoria Événement, p. 3, 20 jun. 2012)

SD13 - Na esquina, Josefa Oliveira, cinquentona, cuida de seus dois clientes. Esta antiga pescadora, filha de pescadores transformada em dona de barzinho, data de uma década, o desaparecimento total dos peixes do lago. Um período, diz ela, no qual os **pescadores ficaram doentes do fígado e do estômago**. "**Eu nunca tive o tempo ou a coragem de me engajar contra os poluidores**", ela admite. "**São os líderes que devem fazer esse trabalho!**". Quarta-feira, 20 de junho, uma caminhada de apoio deveria acontecer na Vila Autódromo. Josefa Oliveira hesitava em participar. Ela se sente cansada. (Le Monde, "Qu'ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!", editoria Événement, p.2, 20 jun. 2012)

SD14 - Mais longe, perto da entrada para a área onde as paredes testemunhavam a glória do Partido dos Trabalhadores (PT), no poder desde 2003, Altair Guimarães, presidente da associação dos moradores, não cessa de coletar registros em seu escritório em decomposição. "**Como falar sobre desenvolvimento sustentável, quando aqui na região nem temos redes de esgoto?** Mesmo as construções recentes, esses **condomínios gigantes** instalados ao redor do lago **não respeitam as novas normas ambientais**". (Le Monde, "Qu'ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!", editoria Événement, p.2, 20 jun. 2012)

SD15 - "**Como você quer que Rio+20 nos desafie? O que importa é um teto e sobreviver**", confia Leonardo, 25 anos e desempregado. (Le Monde, "Qu'ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!", editoria Événement, p.2, 20 jun. 2012)

Quando se trata de Economia Verde, pode-se afirmar que a FD2 Desesperança foi o sentido nuclear quantitativamente mais presente nos discursos nesta etapa de análise. Isso se traduz em 12 SDs, desta vez presentes em ambos os jornais. Além disso, diferente do anterior, FD2 é ofertada também nas vozes dos jornalistas.

Na Folha de S.Paulo, o sentido nuclear Desesperança aparece principalmente na falta de consenso sobre o tema entre os países negociantes. Isso surge nas falas do próprio veículo, assim como de agentes externos das negociações. Por sua vez, Le Monde oferta FD2 enfatizada em um distanciamento com a temática, presente especialmente nas vozes de cidadãos.

c) Formação discursiva 3 (FD3) – Competência

FD3 Competência aparece somente em uma SD nesta etapa da análise. Presente na reportagem de Le Monde "L'économie verte déraile à Rio+20", este sentido nuclear é emerso quando Gilles Van Kote (L23), jornalista do veículo, reconhece em seu discurso a vontade do Governo Brasileiro de demonstrar Competência ao "desempenhar um papel maior no cenário internacional".

SD1 - Trata-se também, sem dúvida, de **demonstrar a capacidade** do Brasil em desempenhar um papel maior no cenário internacional e na cúpula do G20 em Los Cabos (México). (Le Monde, "L'économie verte déraile à Rio+20", editoria Événement, p. 3, 20 jun. 2012)

A única presença deste sentido nuclear nos dá pistas da maneira com que os jornais compreenderam o evento. Se por um lado há um reconhecimento de Le Monde ao menos da tentativa de exprimir uma Competência por parte do Governo Brasileiro, por outro o jornal do país-sede sequer menciona esta perspectiva neste recorte de análise.

d) Formação discursiva 4 (FD4) – Incompetência

Nas duas SDs abaixo aparecem FD4 Incompetência. Assim como na sua antagônica, esta surge apenas no texto do jornal Le Monde. Na SD1, os enunciados destacam o desejo da presidente do Brasil, Dilma Rousseff, de evitar o que ocorreu em outro evento, marcado pela “incapacidade dos negociadores para chegar a um acordo dentro dos prazos”. Na SD2, FD4 aparece ao realçar que, apesar do esforço dos negociadores, o resultado não poderá ser estabelecido dentro do tempo pretendido. Assim, a Incompetência aparece no motivo dessa questão: o impasse entre Brasil e União Europeia.

SD1 – [...] o Brasil anunciou a sua intenção de chegar a um acordo o mais tardar na segunda-feira à noite. Essa vontade surpreendeu inúmeros atores nas negociações. Segundo eles, esta vontade se explica pelo **desejo da presidente brasileira, Dilma Rousseff, de evitar a seus pares uma repetição** da conferência do clima em Copenhague, em 2009, onde **a incapacidade** dos negociadores para chegar a um acordo dentro dos prazos forçou os chefes de Estado e de governo presentes a negociar eles mesmos os termos de uma declaração de intenções. (Le Monde, "L'économie verte déraile à Rio+20", editoria Événement, p. 3, 20 jun. 2012)

SD2 - **No entanto**, apesar das sessões de trabalho realizadas em ritmo forçado, um acordo sobre o texto de cinquenta páginas, que deve ser a declaração final da Rio+20, **não pode ser estabelecido** segunda-feira por causa de **um impasse entre o país anfitrião e a União Europeia (UE)**. (Le Monde, "L'économie verte déraile à Rio+20", editoria Événement, p. 3, 20 jun. 2012)

Em suma, observa-se que FD4 Incompetência aparece em um primeiro momento como algo a ser evitado. No segundo, explícito na expressão “impasse” como resultante das negociações. Além do mais, este sentido nuclear mostra características semelhantes ao anterior, com aparição exclusiva no jornal Le Monde, que trata da presença do Governo Brasileiro buscando processos de negociações.

e) Formação discursiva 5 (FD5) – Fracasso

Na FD5 Fracasso, última presente nesta etapa, o tom crítico impera. Na SD1 fica evidenciado na crítica produzida pela União Europeia (L28), dentro da fala de Gilles Van Kote (L23), sobretudo na expressão “falta de ambição” ao se referir às metas de desenvolvimento sustentável e governança global.

Já na SD2 fica explícito o sentido de Fracasso. Para justificar, L23 destaca as ausências de líderes globais no evento, elemento que colabora para este resultado. Por fim, na SD3 expressões avaliativas como “decepcionante”, “buraco negro”, “falta de ambição” e “ausência de substância” justificam esta citação.

SD1 - A UE **criticou** em particular no texto a **falta de ambição** nas metas de desenvolvimento sustentável e governança global. (Le Monde, "L'économie verte déraile à Rio+20", editoria Événement, p. 3, 20 jun. 2012)

SD2 - O ciclo de negociações, que começou em janeiro, sofreu com a crise financeira e o **fracasso** dos países industrializados **em assumir compromissos** financeiros claros como exigiam os países do sul. A perspectiva das eleições presidenciais também levou o governo dos EUA **a adotar posições mais conservadoras** e Barack Obama **a se abster de fazer a viagem** para o Rio de Janeiro. A chanceler alemã, Angela Merkel, e o presidente Chinês, Hu Jintao, **também estarão ausentes**, enquanto François Hollande chegará quarta-feira, e voltará para Paris, depois dum almoço com Dilma Rousseff e um discurso na conferência da ONU. (Le Monde, "L'économie verte déraile à Rio+20", editoria Événement, p. 3, 20 jun. 2012)

SD3 - Para as organizações não governamentais, o resultado da conferência já é **decepcionante**. A organização humanitária Care fala assim de um "**buraco negro**" e critica a "**falta de ambição e ausência de substância**". (Le Monde, "L'économie verte déraile à Rio+20", editoria Événement, p. 3, 20 jun. 2012)

Observa-se, primeiramente, que a presença de FD5 Fracasso não pressupõe a presença do sentido nuclear de Sucesso. Portanto, é a única que aparece de maneira isolada nesta etapa. Outra observação presente é a aparição somente no jornal francês Le Monde. Uma possível justificativa para isso é que a publicação desta reportagem ocorreu três dias antes do término do evento. Assim, ao abordar a Economia Verde, o jornal partiu da ótica avaliativa deste tema inserido nas negociações feitas até então.

6.2.2 As vozes no gênero informativo – Economia Verde

a) Folha de S.Paulo

Locutor 1 (L1) - Andrea Vialli e Eduardo Geraque (Folha de S.Paulo)

Os enunciados abaixo correspondem a vozes dos jornalistas Andrea Vialli e Eduardo Geraque (L1), autores da matéria "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde". No item 1 é sublinhado por L1 o fato da transição do modelo econômico vigente ainda estar sem solução, incrementando o potencial argumentativo com o adjetivo “longe”.

Na sequência, os jornalistas apresentam dois segmentos⁶⁸ argumentativos. O primeiro propõe que a população do planeta está crescendo e, com ela, o nível de consumo. O seguinte lembra que a lógica operacional hegemônica continua sendo a do capitalismo desenfreado, onde só vai bem o país que cresce sempre. Portanto, aquele que conseqüentemente consome mais ambientalmente.

No último bloco enunciativo, L1 fala conforme outros agentes. Assim, deixa claro que a terminologia utilizada pela ONU não é do agrado dos movimentos sociais. Na sequência cita um evento paralelo à conferência, mencionando como um espaço concentrador de boa parte daqueles contrários ao termo Economia Verde. Contudo, não deixa claro a maneira que chegou a esta conclusão.

1 - Tema central da Rio+20, a transição da atual economia "**marrom**" para a "**verde**" está **longe de ser consenso**. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

2 - Com 7 bilhões **de habitantes consumindo e aspirando** a um padrão de vida mais alto, **a capacidade de recuperação do ambiente**, base para qualquer atividade econômica, está **cada vez mais fragilizada**. Ao mesmo tempo, **o paradigma de sucesso dos países é o crescimento**, trimestre a trimestre, da economia. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

3 - Nos termos definidos pela ONU, **a economia verde tampouco conta com simpatia dos movimentos sociais**. **A Cúpula dos Povos**, evento paralelo à Rio+20 que será realizado no Aterro do Flamengo, **concentra boa parte dos ativistas contrários à ideia**. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

Pode-se afirmar que L1 opera de maneira similar à forma vista nos editoriais. Assim, representada nas palavras de seus jornalistas, a Folha de S.Paulo se apresenta como uma consultora da esfera pública, aparecendo na voz sentenciadora e avaliativa nos exemplos acima. Além disto, dois enunciados nos remetem à FD2 Desesperança, vista anteriormente.

⁶⁸ Por Ducrot (FLORES, 2009), entende-se segmento como constituinte da unidade argumentativa de sentido. Assim, este pode vir na forma de argumento, conclusão ou segmento interdependente semanticamente de outro, mas que formam uma unidade de sentido.

Locutor 2 (L2) - Patrícia Britto (Folha de S.Paulo)

A lógica de L2 repete a anterior. Aqui também surgem inferências do jornal Folha de S.Paulo, agora na voz da jornalista Patrícia Britto, autora da reportagem “Da Av. Paulista à Rio+20”. Para ela, a expectativa sobre os resultados da Rio+20 não era boa. Para sustentar seu ponto de vista, enumera chefes de Estado que não compareceriam ao evento.

1 - **O clima predominante** em relação aos resultados da Rio+20, **porém, não é otimista. A ausência do presidente americano**, Barack Obama, do **primeiro-ministro britânico**, David Cameron, e da **chanceler alemã**, Angela Merkel, **aumentou o ceticismo** e fez muitos ativistas **concentrarem** os esforços na Cúpula dos Povos, evento paralelo que vai até sábado (23). (Folha de S.Paulo, "Da Av. Paulista à Rio+20", revista são paulo, p. 26 e 27, 17 jun. 2012)

Novamente, a Folha de S.Paulo, na figura de consultora da esfera pública, emite um parecer por meio de L2, destacando percepções baseadas na ausência de Personalidades Políticas. A voz avaliativa aqui se faz presente, baseada na FD2 Desesperança.

Locutor 3 (L3) – Organização das Nações Unidas (ONU) e Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma)⁶⁹

Aqui, a ONU (L3) surge em um relatório divulgado para direcionar a economia para um caminho mais verde. Desta forma, L3 se coloca não apenas como um organizador da conferência, impondo também seu poder programativo perante às nações. De modo geral, o tom informativo predomina nos enunciados, o que é explicado pelas informações serem oriundas de um relatório. Além disso, a FD1 Esperança está presente aqui por se tratar de uma proposta de L3 para solucionar o problema.

1- A ONU propõe uma espécie de caminho das pedras: um investimento anual de 2% do PIB global em dez setores-chave da economia, nas próximas décadas, **bastaria** para dar início à mudança em direção à economia verde. E ainda **ajudaria** a gerar milhões de empregos, na estimativa das Nações Unidas. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

2 - **A proposta está em um relatório** lançado em 2011 pelo Pnuma (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente), que **será o ponto de partida para as discussões na conferência**. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

3 - Segundo o Pnuma, **os recursos poderiam sair do cofre tanto dos governos**, por meio de incentivos e subsídios, quanto da **iniciativa privada**, em investimentos diretos. Isso impulsionaria as tecnologias de baixo carbono. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

⁶⁹ Aqui Pnuma é utilizado como sinônimo de ONU, embora seja uma divisão constituinte da ONU.

Locutor 4 (L4) – Steven Stone, chefe do Departamento de Economia e Comércio do Pnuma

Nos três enunciados, o chefe do Departamento de Economia e Comércio do Pnuma, Steven Stone (L4), oferta uma posição enunciativa programativa, a qual vai ao encontro com o que se verificou anteriormente em L3. Como membro deste órgão, é justificável dizer que seu discurso condiz com o destacado pela entidade.

1 - "Parece **uma quantia enorme**, mas os **governos gastam** todos os anos cerca de 2% a 3% do PIB global em subsídios que **só perpetuam o uso insustentável dos recursos**", afirma Steven Stone, chefe do Departamento de Economia e Comércio do Pnuma. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

2 - "Se os governos começarem **redirecionando esses subsídios danosos e obsoletos para dar suporte à economia verde, seria um grande passo à frente**", diz Stone. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

Dito de outro modo, observa-se um organizador propositivo enquanto enunciador. Além disso, nota-se que os enunciados nos itens 1 e 2 trazem a FD1 Esperança.

Locutor 5 (L5) - G-77 (grupo dos países em desenvolvimento)

G-77 (L5) aparece em "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde". Aqui é destacado o temor destes países com o direcionamento que a Economia Verde poderá ganhar. Assim, este discurso está impregnado pela FD2 Desesperança, além de estarem na posição de negociadores enquanto enunciadores.

1 - O grupo dos países pobres e em desenvolvimento, o G-77, teme que **o mantra da economia verde** seja um artifício dos países ricos para vender tecnologia cara aos pobres. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

Locutor 6 (L6) - Governo Brasileiro

O Governo Brasileiro (L6) assume o enunciado apresentado logo abaixo. Com base nas formações discursivas, este locutor se coloca em uma posição intermediária entre Esperança e Desesperança. Assim, ao mostrar que compartilha da posição do G-77, L6 aponta para Desesperança.

Com uso de “embora”, apresenta outra Esperança ao crer em um possível benefício na transição para a Economia Verde. Assim, L6 opera em dois enunciadores aqui: um cético

enquanto ao futuro da Economia Verde, outro esperançoso com as possibilidades a serem exploradas.

1 - O Brasil **endossa** a posição do G-77, **embora reconheça que possa se beneficiar com a transição para a economia verde**, já que tem matriz energética mais limpa que os demais membros do grupo. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

Locutor 7 (L7) – Embaixador Luiz Alberto Figueiredo, secretário-executivo da Comissão Nacional para a Rio+20

Na mesma reportagem aparece o embaixador Luiz Alberto Figueiredo (L7), secretário-executivo da Comissão Nacional para a Rio+20. Este opera conforme organizador do evento. Assim, apesar de reconhecer uma ausência de consenso sobre a temática, L7 aponta, baseado na FD1 Esperança, para a possível resolução do desenvolvimento sustentável com uso da Economia Verde.

1 - "**Não há consenso** sobre economia verde", **reconhece** o embaixador Luiz Alberto Figueiredo, secretário-executivo da Comissão Nacional para a Rio+20. "**Mas nós queremos mostrar** que cada país encontrará seu caminho para chegar ao desenvolvimento sustentável. **A economia verde é um instrumento** para isso", diz o embaixador. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

Locutor 8 (L8) – ONGs

Ainda na mesma reportagem, verificou-se a presença de ONGs (L8), de modo genérico. Estas operam conforme especialistas ambientais da sociedade civil. Os enunciados abaixo apontam para o uso da FD2 Desesperança, posição semelhante a G-77 (L5), diferente do que vimos no locutor anterior, vinculado à organização da conferência.

1 - **As ONGs alegam** que o **conceito** proposto **nada mais é que uma tentativa de "pintar de verde" o neoliberalismo**. Isso **sem uma revisão profunda dos padrões predatórios** da economia de mercado, como os estímulos ao consumismo, que estão levando o mundo ao **esgotamento dos recursos naturais**. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

Locutor 9 (L9) – Movimentos sociais

Assim como anteriormente, Movimentos sociais (L9) também são inseridos de maneira genérica, sem especificação ou quantificação. Da mesma forma, estes operam como especialistas não 'autorizados' oriundos da sociedade civil. Semelhante ao observado em L8,

aqui a FD marcante é Desesperança.

1 - **Movimentos sociais também não concordam com a proposta de** atribuir valor econômico, ou seja, **colocar preços em serviços prestados pela natureza**, como a produção de água, a regulação do clima pelas florestas e a polinização das lavouras. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

Locutor 10 (L10) – Pedro Ivo, coordenador da Cúpula dos Povos

Ainda na reportagem “Cada Grupo tem a sua ideia de economia verde”, são vistas as vozes de Pedro Ivo (L10), coordenador da Cúpula dos Povos, evento paralelo à Rio+20. Este evento tinha como objetivo discutir as causas da crise ambiental, apresentar soluções práticas e fortalecer movimentos sociais de todo planeta.

1 - **"A economia verde 'ideologizou'"**, diz Pedro Ivo, coordenador da Cúpula dos Povos. **"Há muita confusão, entre os movimentos sociais, sobre como lidar com serviços da natureza**. Mesmo que isso represente fonte de renda para agricultores e povos tradicionais", diz Ivo. (Folha de S.Paulo, "Cada grupo tem a sua ideia de economia verde", caderno Especial Ambiente – Rio+20, p. 6, 5 jun. 2012)

Dito isto, L10 opera como um especialista, o qual herda o capital socioambiental do evento que coordena. Em suas palavras, utiliza-se da FD2 Desesperança. Isto fica claro ao afirmar que a Economia Verde ‘ideologizou’. Para Pedro Ivo a proposta ganhou feições políticas, tradicionais e hegemônicas, apesar de não especificar qual. Por fim, ressalta que há desentendimento entre o seu campo social sobre como conciliar economia e meio ambiente.

Locutor 11 (L11) – Consultor de sustentabilidade João Paulo Amaral

Na reportagem ‘Da Av. Paulista à Rio+20’ surge o discurso do consultor de sustentabilidade João Paulo Amaral (L11). Primeira observação fica para o cargo que este sujeito diz possuir. ‘Consultor’ nos remete a um ser incumbido de todas respostas sobre esta questão. Assim, ao não especificar sua função, entende-se que ele atua tanto em áreas como direito ambiental, quanto pelo viés das ciências sociais e biológicas em sustentabilidade. Trata-se de um especialista. Um perito. Um guru sustentável.

1 - Para não ficar só no discurso, o consultor de sustentabilidade João Paulo Amaral, 25, saiu daqui, na segunda (11), com outros cinco ciclistas pedalando em direção ao Rio, onde preveem chegar amanhã (18). **"Enquanto as pessoas querem discutir a economia verde, a gente quer ir lá e fazer**. O formato atual tende a ser de não levar protestos, mas proposições". O grupo dele integra o movimento Bicletada Nacional Rumo à Rio+20, dividido nos "bondes" Centro-Oeste, Sul e Nordeste. **"É um protesto propositivo"**, diz Amaral, ao defender a bicicleta como transporte não poluente. (Folha de S.Paulo, "Da Av. Paulista à Rio+20", revista são paulo, p. 26 e

27, 17 jun. 2012)

Enquanto enunciador, pode-se referir a ele como especialista em sustentabilidade e membro de um movimento social – em especial o primeiro ‘cargo’, já que ele é introduzido no texto assim. Em seu discurso, nota-se o caráter participante de suas falas. Isto fica claro nos grifos destacados acima. Além disso, observa-se que os enunciados bebem da FD1 Esperança.

Locutor 12 (L12) – Estudante Vinícius Leyser

Na mesma matéria aparece o estudante Vinícius Leyser (L12), também membro do movimento social. O tom propositivo é visto novamente aqui, quando ressalta as iniciativas que seu grupo pretende realizar. Com isso, destaca-se a FD1 Esperança. Já como enunciador, L12 surge como um especialista ambiental, por herdar do grupo este capital simbólico.

1 - No caminho, eles interagem com moradores das cidades por onde passam e **divulgam as propostas** que estão levando para o evento. "**Queremos mostrar o que está acontecendo com o ambiente, quais os problemas, as iniciativas para resolvê-los e o que falta fazer**", conta o estudante Vinícius Leyser, 26, de Florianópolis, também no grupo dos ciclistas. (Folha de S.Paulo, "Da Av. Paulista à Rio+20", revista sãopaulo, p. 26 e 27, 17 jun. 2012)

Locutor 13 (L13) – Andrêssa Batelochio, integrante do Comitê Paulista

Outro locutor que se sobressai aqui é Andrêssa Batelochio (L13), integrante do Comitê Paulista, oriundo da sociedade civil. Em seu discurso, ela critica o brasileiro, de modo genérico, enquadrando-o em comportamentos. Na sequência, aponta para uma solução, citando a reciclagem e voto consciente como exemplos.

‘Votar melhor’ pressupõe um ‘votar pior’. Logo, L13 estabelece implicitamente que brasileiros votam mal. Este discurso, portanto, é baseado em um senso comum, aqui potencializado ao ser publicado nas páginas do maior jornal do país. Da mesma forma ocorre com o outro exemplo, já que a eficácia do processo de reciclagem depende de estruturas que extrapolam o âmbito do lar.

1 - "O brasileiro **reclama muito, mas põe pouco a mão na massa**. Tentamos mostrar que **podemos mudar isso** ao fazer reciclagem ou votar melhor, por exemplo", diz Andrêssa Batelochio, integrante do Comitê Paulista. (Folha de S.Paulo, "Da Av. Paulista à Rio+20", revista sãopaulo, p. 26 e 27, 17 jun. 2012)

Enquanto enunciador, L13 opera de maneira semelhante aos anteriores, importando o

capital simbólico do movimento social e a partir do qual fala. Além disso, o discurso propositivo é visto novamente, realçando a FD1 Esperança nos enunciados.

Locutor 14 (L14) – Economista e professor da Universidade de São Paulo (USP) Ricardo Abramovay

Ainda na mesma reportagem aparece o economista e professor da USP Ricardo Abramovay (L14). Sublinha-se aqui o peso simbólico que a instituição traz para este locutor. Em outras palavras, trata-se simplesmente de uma das mais renomadas universidades da América Latina. Sendo assim, ele opera seu discurso enquanto um especialista detentor de um enorme capital social, herdado pela instituição a qual pertence.

1 - Uma das propostas apresentadas na conferência pelo economista e professor da USP Ricardo Abramovay é que, na Rio+20, os representantes dos países estabeleçam **metas quantificáveis de utilização dos recursos naturais**, as quais devem ser cumpridas. (Folha de S.Paulo, "Da Av. Paulista à Rio+20", revista são paulo, p. 26 e 27, 17 jun. 2012)

2 - Além disso, Abramovay quer apresentar a ideia de que o PIB (Produto Interno Bruto) é um índice equivocado para medir a riqueza dos países. "**Não traduz a real prosperidade** de uma sociedade", diz o professor. (Folha de S.Paulo, "Da Av. Paulista à Rio+20", revista são paulo, p. 26 e 27, 17 jun. 2012)

Nos itens acima, observa-se que o caráter propositivo continua neste locutor. Assim, a FD1 predominante é de Esperança. Junto a isso, L14 critica o modelo de mensurar a prosperidade das sociedades, hoje baseado no PIB, que para ele é um índice equivocado.

Locutor 15 (L15) – Ciclista mineiro César Grazzia

Seguindo na mesma matéria, aparece o ciclista mineiro César Grazzia (L15). Embora não apareça explicitamente, ele faz parte do movimento social que reúne ciclismo e ativismo ambiental. Assim, repete o enunciador visto anteriormente em L11 e L12.

1 - Enquanto chefes de Estado se perguntam quem vai pagar a conta da transição para a economia verde, **ativistas acreditam que não adianta ficar parado esperando. O ciclista mineiro César Grazzia, 45, questiona: "Eu faço a minha parte. O que você está fazendo?"**. (Folha de S.Paulo, "Da Av. Paulista à Rio+20", revista são paulo, p. 26 e 27, 17 jun. 2012)

O caráter propositivo também aparece aqui, já com um tom mais provocativo ao interlocutor. Isto fica claro na pergunta que encerra a fala de L15 e termina a reportagem. Além disso, observa-se que, novamente, a FD1 Esperança se faz presente.

b) Le Monde

Locutor 16 (L16) - Nicolas Bourcier (Le Monde)

O jornalista de Le Monde, Nicolas Bourcier (L16), aparece na reportagem “Qu’ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!”. No item 1, ressalta a distância, com base nos discursos que seguirão, entre o local do evento e uma favela próxima. A construção semântica desse ambiente entre dois polos é destacado no item 2, onde o locutor refere-se a aspectos como “córrego fétido de um rio embranquecido”.

No item 3, a ausência da figura do Estado é realçada. As demandas da comunidade aparecem no item 4. Contudo, L16 sublinha que foram em vão até agora. Por fim, no item 5, o jornalista ilustra mais uma vez o ambiente da favela, com jovens preferindo computadores do que jogar futebol, esporte tradicionalmente vinculado ao povo brasileiro.

1 - 500 metros de distância separam Riocentro, QG da negociação global sobre o desenvolvimento sustentável, da **pequena favela** de Vila Autódromo. Mas para seus moradores, **esta reunião “para os ricos” parece bem distante**. (Le Monde, “Qu’ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!”, editoria Événement, p.2, 20 jun. 2012)

2 - Cerca de **500 metros separam a Vila Autódromo do moderno complexo do Riocentro**, o principal polo da conferência da ONU. Dois mundos **tão próximos e tão distantes**, separados pela via expressa Salvador Allende e o **córrego fétido** de um rio **embranquecido** que deságua no lago. (Le Monde, “Qu’ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!”, editoria Événement, p.2, 20 jun. 2012)

3 - Na Vila Autódromo, como na maioria das comunidades, as reivindicações são defendidas por associações de moradores. Desde os anos 1990, **esta associação luta para evitar que as tentativas de despejo se tornam mais premente** devido à especulação imobiliária. A pressão aumenta porque o Rio vai sediar os Jogos Olímpicos em 2016. (Le Monde, “Qu’ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!”, editoria Événement, p.2, 20 jun. 2012)

4 - Mosaico de pequenas casas de tijolos e telhas onduladas, mas também de unidades habitacionais, ao longo do lago, onde as classes médias resolveram se instalar, Vila Autódromo tem cerca de 4.000 habitantes. **Eles deram conhecimento a sua luta através da Internet, transmitindo vídeos dos seus encontros tensos com as autoridades**. Apoiados por associações de advogados e professores universitários, **eles têm apelado** repetidamente aos tribunais com o **objetivo de impedir o processo de despejo. Em vão, até o momento**. (Le Monde, “Qu’ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!”, editoria Événement, p.2, 20 jun. 2012)

5 - Atrás, o campo de futebol com grades está **desesperadamente vazio**. A esta hora tardia da tarde, os mais jovens preferem jogar em computadores colocados do lado de fora, em frente ao lago. Apenas a **pequena padaria do bairro se anima com um grupo de motoristas do Rio+20 que vieram para comprar comida barata**. (Le Monde, “Qu’ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!”, editoria Événement, p.2, 20 jun. 2012)

De modo geral, observa-se que as vozes de L16, presentes nos enunciados acima, buscam ambientar o interlocutor por meio de adjetivações expressas em encadeamentos argumentativos, os quais emitem noções qualitativas de negatividade ao entorno da Vila Autódromo. A escolha destes elementos diz muito do papel crítico enquanto enunciador, pois ao determinar a escolha desta pauta por este olhar, o jornalista pretere outros temas e outras perspectivas para a problemática. Por fim, a FD presente nos enunciados é Desesperança.

Locutor 17 (L17) – Inalva Mendes Brito, professora de português

Inalva Mendes Brito (L17), professora de português e moradora da favela, ilustrada na reportagem, é uma das vozes presentes. No item 1, L16 constrói um cenário antes de introduzir as falas da moradora de um tempo em que era possível ter harmonia entre o homem e a natureza. Após isto, L17 entra em cena definitivamente, ressaltando a desgraça do presente graças às indústrias químicas que se alojaram nas proximidades. Por fim, ela lembra que, ironicamente, a Rio+20 estava sendo realizada perto desse lugar.

No item 2, L17 reforça a ideia do poder das imobiliárias, indústrias químicas e dos organizadores dos Jogos Olímpicos, além da ausência de Estado, contextualizada na reportagem. Assim, há uma segmentação geográfica com base no poder aquisitivo da população. Perto deste ambiente hostil, diplomatas negociavam questões ambientais.

1 - Ela faz chá com as pétalas de rosas que ela pegou no jardim de sua casa. Num tom calmo, Inalva Mendes Brito **evoca memórias desse passado feliz**, esse dos anos 1980, quando ela veio aqui, na Vila Autódromo, uma pequena favela localizada **à beira do lago** Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro, **construir sua casa com um grupo de amigos. Velhos tempos em que, durante vários anos, ela conseguiu viver da pesca e de trocar frutas e legumes.** "Desde então, **tudo foi devastado pela poluição, as águas infestadas pelas indústrias químicas dos arredores, os peixes exterminados**", suspira ela. Aos 65 anos, esta professora de português tornou-se uma das **vozes da comunidade**, daquelas que **enfrentam os promotores imobiliários e industriais pouco escrupulosos** com o meio ambiente. "Então, imagine", disse ela, com um toque de ironia, "temos hoje aqui na frente de casa, a Rio+20 que pretende debater sobre o desenvolvimento sustentável". (Le Monde, "Qu'ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!", editoria Événement, p.2, 20 jun. 2012)

2 - "**Eles justificavam que nós não respeitamos as normas ambientais** ou ainda que tinha necessidade de um espaço seguro para personalidades do esporte... Todos os argumentos foram usados, enquanto a metade das setecentas famílias da comunidade possuem títulos de propriedade", assinala Inalva. (Le Monde, "Qu'ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!", editoria Événement, p.2, 20 jun. 2012)

Os enunciados acima emergem a FD2 Desesperança. Além disto, L17 fala na posição de uma moradora descrente em um futuro verde, sobretudo pelas batalhas enfrentadas para ter

condições de vida mais aprazíveis e menos hostis.

Locutor 18 (L18) – Robson, vendedor de um supermercado e jardineiro ocasional

O vendedor de supermercado e jardineiro ocasional Robson (L18) surge no item a seguir. Sublinha-se a ausência de sobrenome para o locutor. No discurso, observa-se que os moradores da favela mal dispõem de saneamento básico. Com isso, L18 constata que, apesar de ter vontade, fica difícil contribuir para o meio ambiente.

No desenrolar de seu raciocínio, lembra que ideias sustentáveis são mais ‘aplicáveis’ por pessoas com capital econômico alto. Logo, conclui que a ecologia é “apenas um pretexto” e que moradores da favela são vistos como um obstáculo para os ricos alcançarem um contexto ecologicamente correto.

1 - **Esse cheiro pestilento que Inalva, assim como Robson, já não consegue mais sentir.** Vendedor de um supermercado ganhando 600 reais (231 euros) por mês e jardineiro ocasional, este jovem de 29 anos de idade diz que **quer contribuir para a melhoria do meio ambiente.** "Mas eu não tenho os meios", afirma ele. Morando com a mãe, Robson **não tem fossa séptica**, apenas uma conexão frágil das linhas de água municipais para a torneira e o chuveiro. "**O desenvolvimento sustentável é uma boa ideia, mas parece ser apenas para os ricos. Para eles, nós somos só um obstáculo ao seu desenvolvimento econômico. A ecologia é apenas um pretexto**". (Le Monde, "Qu'ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!", editoria Événement, p.2, 20 jun. 2012)

As fortes palavras de L18 reforçam o distanciamento das classes menos favorecidas em relação às questões ambientais. Ironicamente, normalmente são estas as responsáveis pelo processo de reciclagem de lixo no Brasil. A FD predominante aqui é de Desesperança. Assim, tem-se novamente um cidadão desfavorecido economicamente descrente em relação ao desenvolvimento sustentável.

Locutor 19 (L19) – Leonardo, desempregado

Leonardo (L19), desempregado, também aparece na mesma reportagem. Como L18, também aparece sem sobrenome. Mas sua fala é categórica: a questão ambiental é secundária em um universo onde é difícil garantir as necessidades mais básicas de sobrevivência. Novamente a FD2 Desesperança surge na fala do morador da favela, também descrente quanto aos assuntos debatidos na conferência.

1 - "**Como você quer que Rio+20 nos desafie? O que importa é um teto e sobreviver**", confia Leonardo, 25 anos e desempregado. (Le Monde, "Qu'ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!", editoria Événement, p.2,

20 jun. 2012)

Locutor 20 (L20) – Ailda

Ailda (L20) aparece sem sobrenome e sem definição. Implicitamente, dá a entender que se trata de uma moradora da favela. Curiosamente, é justamente sua fala que dá nome à reportagem. Em referência aos diplomatas e negociadores, afirma que primeiro a lição de casa deles deveria ser feita antes de querer deliberar sobre o planeta. Assim, L20 opera também enquanto cidadã descrente com o desenvolvimento sustentável, com FD4 Incompetência em relação aos governantes emergindo no enunciado.

1 - Ailda, sentada na entrada de uma das sete igrejas evangélicas do local, concorda acenando com a cabeça: "**Seria melhor limpar na frente da porta deles antes de falar sobre o mundo**". (Le Monde, "Qu'ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!", editoria Événement, p.2, 20 jun. 2012)

Locutor 21 (L21) – Altair Guimarães, presidente da associação dos moradores

O presidente da associação de moradores da favela, Altair Guimarães (L21) se apresenta no texto seguindo a linha das fontes anteriores. Ele frisa a ausência de saneamento básico na localidade com um impeditivo para as discussões sobre meio ambiente adentrarem nas conversas cotidianas. Além disso, lembra que esse problema não é um fato exclusivo de pessoas menos favorecidas, citando exemplo de novos condomínios que desprezam normas ambientais.

1 - Mais longe, perto da entrada para a área onde as paredes testemunhavam a glória do Partido dos Trabalhadores (PT), no poder desde 2003, Altair Guimarães, presidente da associação dos moradores, não cessa de coletar registros em seu escritório em decomposição. "**Como falar sobre desenvolvimento sustentável, quando aqui na região nem temos redes de esgoto?** Mesmo as construções recentes, esses **condomínios gigantes** instalados ao redor do lago **não respeitam as novas normas ambientais**". (Le Monde, "Qu'ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!", editoria Événement, p.2, 20 jun. 2012)

Desta forma, se trata de um morador com capital simbólico maior, devido ao cargo que representa, replicador da percepção de descrença vista nos seus semelhantes anteriormente. Além de FD2 Desesperança, observa-se também a presença de FD4 Incompetência.

Locutor 22 (L22) – Josefa Oliveira, antiga pescadora, filha de pescadores transformada em dona de barzinho

Josefa Oliveira (L22) é outra fonte presente nesta reportagem. Retoma-se o relato de

L17 em relação ao fim dos peixes da proximidade. Pois L22 é apresentada como “antiga pescadora” a qual foi “transformada” em dona de barzinho. Ou seja, o encadeamento discursivo presente indica que as poluições de indústrias não só mudaram o contexto ambiental da favela, mas também as atribuições dos seus moradores.

1 - Na esquina, Josefa Oliveira, cinquentona, cuida de seus dois clientes. Esta antiga pescadora, filha de pescadores transformada em dona de barzinho, data de uma década, o desaparecimento total dos peixes do lago. Um período, diz ela, no qual os pescadores ficaram doentes do fígado e do estômago. **"Eu nunca tive o tempo ou a coragem de me engajar contra os poluidores"**, ela admite. **"São os líderes que devem fazer esse trabalho!"**. Quarta-feira, 20 de junho, uma caminhada de apoio deveria acontecer na Vila Autódromo. Josefa Oliveira hesitava em participar. Ela se sente cansada. (Le Monde, “Qu'ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!", editoria Événement, p.2, 20 jun. 2012)

Em seu discurso, cita o desaparecimento dos peixes do lago e a doença dos pescadores anos atrás, o que levanta suspeita sobre a atuação industrial daquela área. Além disso, abstém-se da discussão ambiental, justificando não ter tempo ou coragem para tal, delegando esta Competência para os “líderes”. L16, posteriormente, lembra que uma caminhada aconteceria na Vila Autódromo, contra a remoção de moradores. Josefa diz que se sente cansada para participar. Assim, observa-se a presença de FD2 Desesperança.

Locutor 23 (L23) - Gilles Van Kote (Le Monde)

Marcas discursivas do jornalista Gilles Van Kote (L23) aparecem na reportagem de sua autoria “A economia verde descarrila na Rio+20”, em Le Monde. No item 1 é destacado o título da matéria, em especial o verbo “descarrila”, o que nos remete a FD5 Fracasso. No sentido literal, o verbo significa sair dos trilhos. Aqui ele opera de maneira figurativa, apontando que foi desviado do bom caminho.

No item 2, L23 conversa com o interlocutor, indagando se a Rio+20 está decidida antes mesmo de começar. Evidentemente que o locutor não deseja saber a opinião dos leitores do jornal francês. Trata-se, portanto, de uma pergunta retórica, induzindo a resposta positiva. Na sequência, em trecho grifado, Gilles Van Kote argumenta que os negociadores deviam tentar chegar a um acordo sobre o Texto Final. Implicitamente o jornalista incita que os diplomatas, até então, não haviam chegado a esse desfecho.

1 - **A economia verde descarrila na Rio+20** (Le Monde, "L'économie verte déraile à Rio+20", editoria Événement, p. 3, 20 jun. 2012)

2 - A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, que será realizada da quarta-feira, 20, a sexta-feira, 22 de junho, no Rio de Janeiro, **estará**

decidida antes mesmo de começar? Enquanto 130 chefes de Estado e de Governo são esperados na megalópole brasileira para participar neste encontro mundial - chamado de "Rio+20", em referência à participação no mesmo local, em 1992, da cúpula que realmente lançou o conceito de desenvolvimento sustentável - **os negociadores deviam tentar**, terça-feira, 19 de junho, **chegar a um acordo** sobre o projeto final da declaração. (Le Monde, "L'économie verte déraile à Rio+20", editoria Événement, p. 3, 20 jun. 2012)

3 - Trata-se também, sem dúvida, de demonstrar a capacidade do Brasil em desempenhar um papel maior no cenário internacional e na cúpula do G20 em Los Cabos (México). (Le Monde, "L'économie verte déraile à Rio+20", editoria Événement, p. 3, 20 jun. 2012)

Por fim, o item 3 reforça que a conferência é um grande cartão de visitas para o mundo quanto à capacidade do Brasil de se impor em processos de Governança. O trecho grifado reforça essa ideia. Assim, enquanto consultor da esfera pública, o jornal opera com voz avaliativa subentendida no item 2, mas também na voz sentenciadora nos itens 1 e 3 – este último carregado da FD3 Competência.

Locutor 24 (L24) – Países do Sul

Aqui incluímos as marcas discursivas de Países do Sul (L24), contado nas palavras de L23. Conforme o enunciado abaixo, estes países temiam que a aplicação do conceito Economia Verde viesse com outros interesses que beneficiariam os países ricos. Aqui L24 se posiciona enquanto negociador da conferência e faz uso de FD2 Desesperança.

1 - Os países do Sul, e notadamente o Brasil, **temiam de encontrar um obstáculo** ao seu desenvolvimento e **suspeitavam de uma manobra** dos países ricos para impor seu conhecimento e tecnologias, sob o pretexto de considerações ambientais. (Le Monde, "L'économie verte déraile à Rio+20", editoria Événement, p. 3, 20 jun. 2012)

Locutor 25 (L25) – Governo Brasileiro

O Governo Brasileiro (L25) também é inserido nesta reportagem. Ele aparece na condição de anfitrião negociador, destacado sua intenção de concluir o Texto Final até determinada data. Assim, nota-se a presença de FD1 Esperança na vontade de terminar o documento da conferência.

1 - Tomando enquanto país anfitrião, a presidência das negociações dirigidas até então sob os auspícios das Nações Unidas e seriamente amarradas, sábado, 16 de junho, o Brasil **anunciou a sua intenção de chegar a um acordo o mais tardar na segunda-feira à noite**. (Le Monde, "L'économie verte déraile à Rio+20", editoria Événement, p. 3, 20 jun. 2012)

Locutor 26 (L26) – Atores nas negociações

Atores nas negociações (L26), inseridos de maneira generalizada por Gilles Van Kote (L23), aparecem na sequência. O fato que os surpreendeu foi a intenção do Governo Brasileiro de concluir o quanto antes o Texto Final. De acordo com o enunciado, isto se dá pelo anseio por parte presidente do Brasil da Rio+20 não ter o mesmo desfecho que outra conferência que obrigou os chefes de Estado negociarem no lugar dos diplomatas. Logo, observa-se FD3 Competência no reconhecimento da vontade expressa pela presidente do Brasil.

1 - Essa vontade surpreendeu inúmeros atores nas negociações. Segundo eles, esta vontade se explica pelo desejo da presidente brasileira, Dilma Rousseff, de evitar a seus pares uma repetição da conferência do clima em Copenhague, em 2009, onde a incapacidade dos negociadores para chegar a um acordo dentro dos prazos forçou os chefes de Estado e de governo presentes a negociar eles mesmos os termos de uma declaração de intenções. (Le Monde, "L'économie verte déraile à Rio+20", editoria Événement, p. 3, 20 jun. 2012)

Locutor 27 (L27) – Ministra francesa da ecologia, Nicole Bricq

A ministra francesa de ecologia, Nicole Bricq (L27), surge no texto enquanto uma das diplomatas inserida no processo de negociação. Ela avalia um encontro com o ministro brasileiro das Relações Exteriores, Antônio Patriota, quanto à percepção deste com o evento.

1 - Segunda-feira, após um encontro com o ministro brasileiro das relações exteriores, Antônio Patriota, descrito como "educado, mas bem animado" pela ministra francesa da ecologia, Nicole Bricq, **a delegação europeia bloqueou o processo de negociação, que requer a unanimidade dos participantes.** (Le Monde, "L'économie verte déraile à Rio+20", editoria Événement, p. 3, 20 jun. 2012)

Sublinha-se aqui a presença do conector ‘mas’, que forma um encadeamento argumentativo transgressivo. Assim, “mas bem animado” denota uma não compactuação de L27 com este estado de espírito em relação ao evento, o que induz para a presença de FD2 Desesperança na fala de L27.

Locutor 28 (L28) – União Europeia

A União Europeia (L28) está presente no enunciado abaixo, no papel de negociador da conferência. Ela faz uma crítica ao que chama de “falta de ambição” em alguns pontos no texto, como pode ser visto abaixo. Este discurso tem como FD o Fracasso.

1 - A UE **criticou** em particular no texto a **falta de ambição** nas metas de desenvolvimento sustentável e governança global. (Le Monde, "L'économie verte déraile à Rio+20", editoria Événement, p. 3, 20 jun. 2012)

Locutores 29 e 30 - Governo norte-americano (L29) e Barack Obama (L30)

Governo norte-americano (L29) e Barack Obama (L30) aparecem na reportagem. Enquanto negociadores, a contribuição menos incisiva de L29 e a ausência de L30 são destacadas nos enunciados, os quais justificam a atitude devido às eleições presidenciais. Além disso, este bloco enunciativo é utilizado como justificativa para a presença da FD5 Fracasso no texto.

1 - A perspectiva das eleições presidenciais também levou o governo dos EUA a **adotar posições mais conservadoras** e Barack Obama a **se abster de fazer a viagem** para o Rio de Janeiro. (Le Monde, "L'économie verte déraile à Rio+20", editoria Événement, p. 3, 20 jun. 2012)

Locutores 31, 32 e 33 - Chanceler alemã, Angela Merkel (L31), Presidente Chinês, Hu Jintao (L32) e François Hollande (L33)

Estes três locutores aparecem no encerramento da matéria. L31 e L32 são inseridos no texto da mesma forma que L29 e L30, negociadores que se abstiveram do processo de governança ambiental global. Por outro lado, L33 é mostrado de modo mais participativo que seus semelhantes.

1 - A chanceler alemã, Angela Merkel, e o presidente Chinês, Hu Jintao, também **estarão ausentes**, enquanto François Hollande chegará quarta-feira, e voltará para Paris, depois dum almoço com Dilma Rousseff e um discurso na conferência da ONU. (Le Monde, "L'économie verte déraile à Rio+20", editoria Événement, p. 3, 20 jun. 2012)

Destaca-se ainda que este enunciado aponta para uma construção da FD5 Fracasso, já que a presença de líderes mundiais como estes corrobora em um aumento no capital simbólico da conferência. Contudo, a presença de L33 revela um aspecto de FD3 Competência entre a ausência dos seus colegas.

6.3 Análise do gênero informativo - Governança

Nesta etapa foram selecionadas 3 matérias cada jornal sobre a temática da Governança. Na Folha de S.Paulo foram trabalhadas 'Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço' (Figura 8), publicada na página C10 da editoria Ciência+Saúde, na edição de 7 de junho de 2012, com infográfico mostrando análise do panorama ambiental em seis regiões do mundo, conforme o relatório da ONU; 'É ODA' (Figura 9), presente na página A16 da editoria Poder, na edição do dia 17 de junho de 2012, com ilustração explicando as siglas do processo de Governança da ONU; e 'Conferência repete promessas e adia ações para 2015' (Figura 10), página C11 da editoria Cotidiano, da edição do dia 23 de junho de 2012, com infográfico resumindo os tópicos apresentados no Texto Final e recapitulando os acontecimentos durante os dias de negociações.

Em Le Monde, foram selecionadas 'La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio' (Figura 11), publicada na página 5 da editoria Planète, na edição do dia 24-25 de junho de 2012, com foto de A. Scorza/AFP da presidente Dilma Rousseff segurando um martelo; 'Les océans, naufragés du Sommet de la Terre' e 'L'Organisation mondiale de l'environnement attendra' (Figura 12), ambas na página 8, da editoria Planète, edição do dia 21 de junho de 2012, com uma foto de Paulo Whitaker/Reuters de peixes gigantes feitos de garrafas pet na praia de Botafogo, no Rio de Janeiro.

Estudo relaciona tomografias na juventude a maior risco de câncer



Figura 12 – Página 8 do Le Monde do dia 21 de junho de 2012



6.3.1 Os sentidos no gênero informativo - Governança

a) Formação discursiva 1 (FD1) – Sucesso

Nos textos abaixo, pertencentes à FD1, averigua-se o núcleo temático relativo ao sentido de Sucesso. Na SD1, este se evidencia em “avanço significativo”, expressão grifada, dita pelo Pnuma (L2). O mesmo ocorre na SD3, em “mais sucesso”, na fala de Fatoumata Keita-Ouane (L5), do setor científico do Pnuma.

Na sequência, o olhar pela perspectiva de Sucesso é enfatizado pela presidente do Brasil, Dilma Rousseff (L12), ao se referir ao “resgate do multilateralismo” como um dos “grandes resultados do encontro”. L12 retoma o discurso na SD4, classificando a conferência como o “‘alicerce’ do avanço”.

Já na SD5, última aparição da Folha de S.Paulo na FD1, quem fala é o secretário-geral da Rio+20, Sha Zukang (L15), o qual cita que “parte do legado” do evento “são os compromissos voluntários”. Na sequência, L15 quantifica seu argumento em acordos e futuros investimentos.

A partir de SD6, surgem enunciados presentes no jornal Le Monde. Aqui Sucesso aparece relativizado com a FD2 Fracasso. Assim, Michel Prieur (L18), Presidente do Centro Internacional de Direito Ambiental Comparado (CIDCE), conclui que há um “fortalecimento” no Pnuma após a conferência.

Michel Prieur (L18) aparece também na SD7, reconhecendo a fixação de um calendário de aplicação de objetivos. Novamente ele surge na SD8, reconhecendo aspectos positivos das negociações. Na sequência, na SD9, o jornalista Gilles Van Kote (L16) aponta para o presente sentido nuclear ao reconhecer “algum progresso”.

Um negociador que solicitou anonimato (L20) aparece na SD10. Ele define o Texto Final como “sólido”, negando ser “amaldiçoado”. Laurence Tubiana (L23) discursa sobre o status de agência adquirido pelo Pnuma na SD11. Para ela, significa que “é o que poderia acontecer com ele de melhor”.

SD12 traz Gilles Van Kote novamente. Desta vez afirma que a maioria dos participantes reconheceu que a criação na ONU de um fórum político de alto nível “pode ser uma das poucas medidas concretas” do Texto Final. Portanto, reconhece Sucesso nisto. Por

fim, na SD13, L16 dirá que o texto contém “uma série de pontos que satisfazem as ONGs”.

a) Folha de S. Paulo

SD1 - Segundo o órgão, houve **avanço significativo** nos objetivos de erradicação do uso de substâncias nocivas à camada de ozônio, eliminação do uso de chumbo em combustíveis, ampliação do acesso a fontes de água potável e aumento das pesquisas sobre a poluição dos mares. (Folha de S.Paulo, “Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço”, editoria Ciência+Saúde, página C10, 7 de jun. 2012)

SD2 - De acordo com Fatoumata Keita-Ouane, do setor científico do Pnuma, a pesquisa mostrou que os objetivos são implementados com **mais sucesso** quando vinculados a metas numéricas e com prazos definidos. (Folha de S.Paulo, “Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço”, editoria Ciência+Saúde, página C10, 7 de jun. 2012)

SD3 - A presidente Dilma Rousseff, em seu discurso de encerramento, destacou como **um dos grandes resultados** do encontro o “**resgate do multilateralismo**” - **algo repetido em toda reunião internacional que não acaba em um fracasso óbvio**. (Folha de S.Paulo, “Conferência repete promessas e adia ações para 2015”, editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

SD4 - Para Dilma, a Rio+20 é o “**alicerce**” do avanço. “Não é o **limite**, nem tampouco o **teto** do nosso avanço”. (Folha de S.Paulo, “Conferência repete promessas e adia ações para 2015”, editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

SD5 - O secretário-geral da Rio+20, Sha Zukang, afirmou que parte do **legado** da Rio+20 são os **compromissos voluntários** firmados entre setor privado, governos e sociedade civil. Segundo ele, foram registrados 705 acordos, que irão direcionar R\$ 1,6 trilhão ao desenvolvimento sustentável nos próximos dez anos. (Folha de S.Paulo, “Conferência repete promessas e adia ações para 2015”, editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

b) Le Monde

SD6 - O professor emérito de direito na Universidade de Limoges relativiza os dois pontos indicados como os principais avanços da conferência da ONU. Apesar do acordo sobre um “**fortalecimento**” do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) e o estatuto de organização universal que lhe é atualmente conferido, ele acredita que a Rio+20 foi um “grande fracasso” em temas de governança e de desenvolvimento sustentável. (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

SD7 - No entanto, o jurista **reconhece** que um calendário relativamente preciso do processo de elaboração destes objetivos, cujo princípio foi reconhecido no processo do Rio, **foi fixado**. Um grupo de trabalho deverá ser formado, antes do final do ano. (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

SD8 - **Alguns pontos serão bem vistos** de acordo com o universitário. “Os direitos a alimentação, água potável e saneamento são afirmados de **forma mais significativa**”, admite ele. “Foi também registrado um **progresso** na proteção da biodiversidade em alto-mar, mesmo se houve um recuo de última hora. Versões anteriores do texto evocavam uma convenção, enquanto a versão final só fala de elaborar um instrumento internacional para 2014”. (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

SD9 - Que estranho contraste entre a ladainha dos discursos autoelogiosos emitidos pelos líderes mundiais que circulam durante três dias nas tribunas da Rio+20 e a virulência crítica da sociedade civil, que critica principalmente a fraca declaração final, embora alguns aspectos tenham encontrado **algum progresso**. (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

SD10 - “É um texto **sólido, não amaldiçoado**, e vai ser **reabilitado** em poucos anos”, defende um negociador europeu que pediu anonimato. (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

SD11 - Em razão de ter adquirido o status de agência, esta organização com sede em Nairobi, no Quênia, vai ter uma nova dimensão, uma vez que a participação dos Estados membros das Nações Unidas em suas atividades agora será automática, o que não era até então. **“Isso é o que poderia acontecer com ele de melhor”**, diz Laurence Tubiana, diretora do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Relações Internacionais. “O Pnuma não será mais um clube de países, e isso vai dar-lhe a autoridade de que **carecia**”. (Le Monde, “L'Organisation mondiale de l'environnement attendra”, editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

SD12 - A maioria dos participantes concordou em dizer que esta pode ser uma das poucas **medidas concretas** contidas na declaração final. (Le Monde, “L'Organisation mondiale de l'environnement attendra”, editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

SD13 - No entanto, o texto do acordo **contém uma série de pontos que satisfazem as ONGs**, que relembram que 80% dos estoques de peixes do planeta estão em uma situação de sobre-exploração. (Le Monde, “Les océans, naufragés du Sommet de la Terre”, editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

Observa-se que na Folha de S.Paulo os locutores de FD1 são prioritariamente pertencentes às entidades organizadoras da conferência. Por outro lado, o mesmo não se constata no Le Monde, com especialistas falando nesta perspectiva. Contudo, o tom relativizante pode ser visto com mais clareza nos enunciados do jornal francês (SD7, SD8, SD10, SD14), enquanto que no brasileiro o caráter absoluto é predominantemente posto – embora implicitamente apareça na SD3, por exemplo.

b) Formação discursiva 2 (FD2) – Fracasso

Na FD2 Fracasso, inicia-se pelas publicações na Folha de S.Paulo. Na SD1, o sentido fica explícito ao destacar que “apenas quatro dos 90 objetivos ambientais mais importantes acertados internacionalmente nos últimos 40 anos tiveram avanços significativos”, a partir de informações da ONU, mas dita na voz da jornalista Denise Menchen (L1), da Folha de S.Paulo.

A SD2 segue com L1, sublinhado em termos como “inferior”, “retrocesso” e “nenhum

progresso”. A lógica se repete na SD3, com a jornalista enfatizando o aspecto negativo das metas oriundas de processos de Governança. Já na SD4 o diretor executivo do Pnuma, Achim Steiner (L3), surge na FD2. Este classifica o relatório apontado como "mensagem de fracasso".

Em outra matéria sobre essa temática, Claudio Angelo e Claudia Antunes (L6), jornalistas da Folha de S.Paulo, informam na SD5 que a “promessa, feita em 1992, nunca foi cumprida”. Na SD6 Claudio Angelo, Fernando Rodrigues e Denise Menchen (L11), da Folha de S.Paulo, intitulam a matéria com base na FD2.

Na sequência, afirmam que “a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável terminou como começou: num tom melancólico e sem surpresas”. A crítica dos jornalistas continua na SD8, quando reiteram o título afirmando que os 114 líderes da conferência “contentaram-se em repetir as promessas feitas em 1992 e adiar de novo ações que a ciência aponta como urgentes”.

Na SD10, Advogados ambientais (L17) lamentam o impasse criado pelo Texto Final sobre as "populações deslocadas e refugiadas por razões ambientais e climáticas". Na sequência, Michel Prieu (L18) complementa o fato, classificando como "maior catástrofe humanitária atual e futura". L18 continua na SD11, onde é enfático: a Rio+20 foi um "grande fracasso". A seguir, nas SD12 e SD13, o destaque para a fala deste locutor fica para "nada foi decidido", na primeira, e "também lamenta", na segunda, enfatizando o sentido nuclear presente.

Na SD14 quem volta a falar é L17. Na FD2 fica escancarada no trecho "a fraca declaração final". Na SD15 o grifo fica para “esperará”. Já na SD16 os termos destacados sublinham FD2. “Naufragados” escancara o Fracasso na SD17. O locutor continua nas SD18 e SD19, apontando que a expectativa criada na discussão sobre a jurisdição dos mares malogrou.

a) Folha de S.Paulo

SD1 - No momento em que o mundo negocia um novo acordo sobre desenvolvimento sustentável, a ser assinado na cúpula Rio+20, a ONU afirmou ontem que **apenas quatro dos 90 objetivos ambientais mais importantes acordados internacionalmente nos últimos 40 anos** tiveram **avanços significativos**. (Folha de S.Paulo, “Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço”, editoria Ciência+Saúde, página C10, 7 de jun. 2012)

SD2 - O número é **inferior** ao de objetivos que tiveram **retrocesso**: oito no total. Outros 40 registraram **poucos avanços** e 24 **praticamente não apresentaram**

nenhum progresso. Além disso, 14 **não puderam** ser avaliados devido à **falta de dados mensuráveis.** (Folha de S.Paulo, “Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço”, editoria Ciência+Saúde, página C10, 7 de jun. 2012)

SD3 - Mas **os esforços** para o combate às mudanças climáticas e para a preservação dos estoques pesqueiros, por exemplo, **praticamente não deram resultado.** E a proteção dos recifes de corais teve **retrocesso** -desde 1980, eles **sofreram redução** de 38%. (Folha de S.Paulo, “Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço”, editoria Ciência+Saúde, página C10, 7 de jun. 2012)

SD4 - Steiner diz, porém, que o **relatório não passa apenas uma "mensagem de fracasso".** A segunda parte do documento é voltada para a análise de políticas que contribuem para o desenvolvimento sustentável. (Folha de S.Paulo, “Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço”, editoria Ciência+Saúde, página C10, 7 de jun. 2012)

SD5 - Essa discussão passa pelo compromisso de países ricos, como os do Juscanz (Japão, EUA, Canadá, Austrália e Nova Zelândia), de aumentar a assistência ao desenvolvimento (ODA), que vai para os países mais pobres (LDCs). **A promessa, feita em 1992, nunca foi cumprida.** (Folha de S.Paulo, “É ODA”, editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

SD6 - **Conferência repete promessas e adia ações para 2015** (Folha de S.Paulo, “Conferência repete promessas e adia ações para 2015”, editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

SD7 - A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável **terminou como começara: num tom melancólico e sem surpresas.** (Folha de S.Paulo, “Conferência repete promessas e adia ações para 2015”, editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

SD8 - **Num mundo vitimado pela crise econômica,** os 114 líderes reunidos no Riocentro **contentaram-se em repetir as promessas** feitas em 1992 e **adiar de novo** ações que a ciência aponta como **urgentes.** (Folha de S.Paulo, “Conferência repete promessas e adia ações para 2015”, editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

b) Le Monde

SD9 - Eles lamentam a **"falta de ambição e de compromissos concretos** da Rio+20, devido a um **pequeno número de países** particularmente influenciados por agentes econômicos e financeiros, que **deverão prestar contas às gerações presentes e futuras por não terem compreendido em 2012 o tamanho da gravidade do estado do ambiente global e da urgência de agir".** (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

SD10 - Eles **lamentam especialmente** o fato de que **a declaração final** da Rio+20 crie um impasse sobre a questão das populações deslocadas e refugiadas por razões ambientais e climáticas. **"É lamentável,** porque se trata da **maior catástrofe humanitária** atual e futura”, estima Michel Prieur, Presidente do Centro Internacional de Direito Ambiental Comparado (CIDCE), coorganizador destes encontros. (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

SD11 - O professor emérito de direito na Universidade de Limoges relativiza os dois pontos indicados como os principais avanços da conferência da ONU. **Apesar do acordo** sobre um "fortalecimento" do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) e o estatuto de organização universal que lhe é atualmente conferido, ele **acredita que a Rio+20 foi um "grande fracasso" em temas de governança e de desenvolvimento sustentável.** (Le Monde, “La gouvernance

mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

SD12 - O projeto de organização ambiental mundial, apoiado pela União Europeia e África, foi adiado por tempo indeterminado. “E **nada foi decidido** sobre a forma como o Pnuma deve ser fortalecido”, constata esse ativista de direito ambiental. Maioria das decisões foram encaminhadas à Assembleia Geral das Nações Unidas”. (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

SD13 - Michel Prieur também **lamenta** que a definição do conteúdo dos **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que deveriam ocupar o lugar** de Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, quando estes chegarão ao fim em 2015, **também sejam postergados**. (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

SD14 - Que **estranho contraste entre a ladainha dos discursos autoelogiosos emitidos pelos líderes mundiais** que circulam durante três dias nas tribunas da Rio+20 e **a virulência crítica da sociedade civil**, que **critica** principalmente **a fraca declaração final**, embora **alguns aspectos** tenham encontrado **algum progresso**. (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

SD15 - A Organização Mundial do Meio Ambiente **esperará** (Le Monde, “L'Organisation mondiale de l'environnement attendra”, editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

SD16 - Domingo, 17 de junho, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, bem longe de Riocentro, o **impessoal** centro de conferências, local da Rio+20, os Encontros Mundiais de Juristas Ambientais se interessam pela questão da governança ambiental global. E a conclusão feita **não era brilhante**: “O quadro institucional **carece de coerência e organização**”, declarou Alexandra Cuenin da Universidade de Lyon III, enquanto outro jurista usou o termo “**fragmentação**”. Não é certo que o acordo de terça-feira no Rio será suficiente para estruturar esta governança. A proposta da União Europeia (UE) e África para **criar uma Organização Mundial do Meio Ambiente foi rejeitada, como era esperado**, já que desperta a oposição dos Estados Unidos, Canadá e quase todos os países em desenvolvimento, que **não querem se impor novas restrições**. (Le Monde, “L'Organisation mondiale de l'environnement attendra”, editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

SD17 - Os oceanos, **naufragados** da Cúpula da Terra (Le Monde, “Les océans, naufragés du Sommet de la Terre”, editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

SD18 - Para as organizações não governamentais (ONGs) e os cientistas que lutam pela proteção dos oceanos, **a pílula é amarga**. O mar **era para ser um dos poucos temas setoriais discutidos** na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, realizada no Rio de Janeiro até sexta-feira, 22 de junho, para ter sucesso no jogo das negociações. O **momento era histórico**: se tratava de fornecer um estatuto para o alto-mar, localizado fora das jurisdições nacionais e única parte dos oceanos que ainda não está sob a proteção de uma autoridade. (Le Monde, “Les océans, naufragés du Sommet de la Terre”, editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

SD19 - **Na falta de consenso entre os Estados, um parágrafo sumiu, e não qualquer um**: a comunidade internacional se comprometeu a lançar o “mais rapidamente possível” um processo para garantir “a proteção e uso sustentável da biodiversidade marinha além das áreas sob jurisdição nacional”. Em outras palavras, **a criação duma verdadeira governança para as águas** localizadas fora das zonas econômicas exclusivas (ZEE). (Le Monde, “Les océans, naufragés du Sommet de la Terre”, editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

De modo geral, na FD2, a Folha de S.Paulo assume este sentido nuclear em quase todos enunciados, diferente do que foi visto na FD1, quando este locutor não aparece. Le Monde também aparece com destaque nas vozes desta etapa, embora tenha se utilizado de outros locutores, todos apresentados enquanto especialistas. Por fim, salienta-se que somente no jornal brasileiro que um ator pertencente às entidades organizadoras aparece nesta etapa.

c) Formação discursiva 3 (FD3) – Competência

O sentido nuclear da Competência é visto em apenas uma abordagem. O destaque fica para a fala de Dilma Rousseff (L12), que parabeniza os países emergentes “por se comprometerem com o desenvolvimento sustentável”. Ela reforça essa Competência ao dizer que esta posição tomada ocorreu “mesmo na ausência da necessária contrapartida de financiamento prometida pelos países desenvolvidos”.

SD1 - Dilma chamou de "festa cívica" os protestos que pipocaram pelo Rio durante a semana e **parabenizou** os emergentes por se **comprometerem** com o desenvolvimento sustentável "**mesmo na ausência da necessária contrapartida** de financiamento prometida pelos países desenvolvidos". (Folha de S.Paulo, “Conferência repete promessas e adia ações para 2015”, editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

Se partisse da ideia de que Sucesso pressupõe Competência, logo seria preciso elencar todos enunciados presentes na FD1 nesta categoria. Da mesma forma, poder-se-ia inferir que manifestações de Esperança implicam na crença da Competência de agentes em torno de determinada questão. Logo, a FD3 iria repetir outras duas formações discursivas, o que estenderia ainda mais a análise e intrincaria a proposta reflexiva. Assim, ocorre que estas duas FDs aproximam-se de FD3, mas considera-se que geralmente mantém sua identidade de modo a instituírem três FDs diferentes.

Portanto, opta-se aqui para a única menção mais explícita quanto à capacidade dos negociadores na conferência. Esta enfatiza as dificuldades encontradas por países emergentes dentro do processo de Governança, sobretudo na questão do financiamento verde dos mais ricos. Dito de outro modo, discursivamente L12 ressalta a Competência destes agentes, apesar dos percalços do caminho.

d) Formação discursiva 4 (FD4) – Incompetência

Se comparado com o anterior, FD4 é assustadoramente superior em presenças nos jornais, talvez, também, devido à proximidade com a FD6 Desesperança. Na SD1, o diretor executivo do Pnuma, Achim Steiner (L3), revela a Incompetência do “mundo” em não avançar em acordos ambientais. Já na SD2 consta o título “É ODA”, dado a uma matéria sobre Governança na Rio+20 por Claudio Angelo e Claudia Antunes (L6), da Folha de S.Paulo. Trata-se de um trocadilho da sigla ODA (Assistência Oficial ao Desenvolvimento) com “é foda”, gíria que neste caso carrega o sentido de dificuldade. Por conseguinte, na SD3 este mesmo locutor ressaltará por meio de adjetivações que a lógica de operação da ONU é incompreensível.

Na SD4, L6 literalmente conversa com o interlocutor, sublinhando o sacrilégio de negociar na Rio+20. Com uso e abuso da ironia, continua na SD5 adjetivando países para explicar a “lerteza da negociação”. O humor negro prossegue especialmente neste enunciado: “Ambiciosamente chamado de ‘O Futuro que Nós Queremos’, o texto da Rio+20 já recebeu o apelido de ‘o passado que sempre tivemos’”. A FD4 surge também na SD6, quando L6 afirma que a “demora é um dos traços definidores da ONU”. E prossegue se posicionando criticamente subjetivamente, o que aponta para uma tendência opinativa inserida dentro do gênero informativo, classificando a comunicação utilizada pela entidade como “bizantina” por ser “cheia de siglas e neologismos”, além de conter “colchetes, sinal gráfico que denota desacordo num texto”.

A Incompetência persiste na SD7, realçada no melhor do sarcasmo. Aqui L6 classifica as negociações como um “exercício de paciência”. Na SD8, o jornal ilustra seu escárnio com a discussão sobre um dos parágrafos do texto. Já na SD9 sublinha que uma promessa feita em 1992 jamais foi cumprida pelos países. A última sequência discursiva desta reportagem aparece na SD10, classificando a Governança proferida na conferência como um processo “barroco”, onde a unanimidade nas votações é algo “raro”.

Incompetência aparece também no título da matéria “Conferência repete promessas e adia ações para 2015”, na SD11, conforme Claudio Angelo, Fernando Rodrigues e Denise Menchen (L11). Nas duas seguintes, L11 retoma o discurso presente no título. A FD6 reaparece na SD14, na voz de Sha (L15), secretário-geral da Rio+20, o qual lembra que compromissos de 2009 não foram cumpridos até então.

Le Monde surge na SD15, quando advogados ambientais (L17) lamentam a Incompetência advinda de "um pequeno número de países". Na SD16, FD6 fica explícita nos grifos, sobretudo ao enfatizar que os negociadores se ativeram ao Texto Final com uma importância legal a qual ele não dispunha. Na SD17 fica escancarado o sentido de Incompetência com a utilização do termo "incapacidade" por Michel Prieur. Na SD18, "empurrando" nos remete à FD4 destes agentes nas negociações. Por fim, na SD19 "emperrada" cumpre este papel.

a) Folha de S.Paulo

SD1 - Segundo ele, é "**chocante**" **que o mundo não tenha conseguido avançar** na maioria dos acordos ambientais. (Folha de S.Paulo, "Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço", editoria Ciência+Saúde, página C10, 7 de jun. 2012)

SD2 - **É ODA** (Folha de S.Paulo, "É ODA", editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

SD3 - O idioma praticado na ONU é feito de **siglas misteriosas, expressões gigantescas e palavras inventadas** (Folha de S.Paulo, "É ODA", editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

SD4 - Se você estiver numa das salas geladas do Riocentro onde o documento final da Rio+20 está sendo negociado, **lembre-se de nunca dizer "economia verde". Diga "economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza", mesmo** se a repetição da frase inteira **retardar ainda mais** a redação final do texto. (Folha de S.Paulo, "É ODA", editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

SD5 - É esse ajuste para chegar ao mínimo denominador comum de interesses que vão da **continental** Rússia ao **insular** Tuvalu, do **paupérrimo** Mali à **ultra desenvolvida** Noruega, que explica **a lerdeza da negociação. Ambiciosamente** chamado de "**O Futuro que Nós Queremos**", o texto da Rio+20 já **recebeu o apelido de "o passado que sempre tivemos"**. (Folha de S.Paulo, "É ODA", editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

SD6 - **A demora é um dos traços definidores da ONU**, onde só no Conselho de Segurança as decisões são tomadas pelo voto da maioria (e cinco potências têm poder de veto). Os outros dois traços são **a linguagem bizantina** falada pelos negociadores, **cheia de siglas e neologismos, e os colchetes**, sinal gráfico que denota **desacordo** num texto. (Folha de S.Paulo, "É ODA", editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

SD7 - Sentar-se em uma das salas de negociação para ver como os diplomatas semeiam e colhem colchetes é tanto uma **aula de geopolítica** quanto um **exercício de paciência**. (Folha de S.Paulo, "É ODA", editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

SD8 - Iniciou-se uma discussão sobre um dos parágrafos. A Suíça, **num gesto de boa vontade**, resolveu derrubar uma objeção que fizera na véspera. **Um colchete a menos. Antes que alguém pudesse comemorar**, os EUA acrescentaram mais duas mudanças na redação. **Em retaliação**, a União Europeia acrescentou mais uma: sugeriu trocar "Pnuma" (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) por "corpo principal da ONU para o ambiente", refletindo sua posição de querer transformar o Pnuma numa nova agência. Rússia, Canadá e EUA **objetaram**. E, **assim, em meia hora de debate sobre um único tópico, saiu um colchete e**

entraram quatro. (Folha de S.Paulo, “É ODA”, editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

SD9 - Essa discussão passa pelo compromisso de países ricos, como os do Juscanz (Japão, EUA, Canadá, Austrália e Nova Zelândia), de aumentar a assistência ao desenvolvimento (ODA), que vai para os países mais pobres (LDCs). **A promessa, feita em 1992, nunca foi cumprida.** (Folha de S.Paulo, “É ODA”, editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

SD10 - **Com um processo tão barroco, a expressão mágica "agreed ad ref" (acordado por todos) torna-se rara.** (Folha de S.Paulo, “É ODA”, editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

SD11 - **Conferência repete promessas e adia ações para 2015** (Folha de S.Paulo, “Conferência repete promessas e adia ações para 2015”, editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

SD12 - **Num mundo vitimado pela crise econômica**, os 114 líderes reunidos no Riocentro **contentaram-se em repetir as promessas** feitas em 1992 e **adiar de novo** ações que a ciência aponta como **urgentes.** (Folha de S.Paulo, “Conferência repete promessas e adia ações para 2015”, editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

SD13 - **Outras decisões esperadas**, como um mecanismo de financiamento ao desenvolvimento sustentável e um acordo global sobre a proteção do alto-mar, **foram adiadas.** (Folha de S.Paulo, “Conferência repete promessas e adia ações para 2015”, editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

SD14 - Sha lançou uma **nota de cautela**, lembrando que os compromissos feitos em Copenhague, em 2009, **não foram cumpridos até hoje.** (Folha de S.Paulo, “Conferência repete promessas e adia ações para 2015”, editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

b) Le Monde

SD15 - Eles lamentam a **"falta de ambição e de compromissos concretos** da Rio+20, devido a um pequeno número de países particularmente influenciados por agentes econômicos e financeiros, que deverão prestar contas às gerações presentes e futuras por não terem compreendido em 2012 o **tamanho da gravidade do estado do ambiente global e da urgência de agir**". (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

SD16 - O professor de direito foi **surpreendido** pela forma como as negociações sobre o texto da declaração final aconteceram, com os **negociadores discutindo vírgulas, como se fosse um texto vinculativo com valor legal**, enquanto que **o documento é constituído, essencialmente, de lembretes e declarações de princípios, e contém muito poucos compromissos firmes.** (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

SD17 - "Isso é a demonstração de **uma incapacidade de ter uma reflexão** global sobre o meio ambiente”, afirma ele. (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

SD18 - Enquanto os negociadores estavam terminando o texto da declaração final, **empurrando** para mais tarde a questão do estatuto do alto-mar, uma sessão dos Diálogos sobre Desenvolvimento Sustentável dedicada aos oceanos, na presença de representantes da sociedade civil e científica, ocorria em um pavilhão próximo. (Le Monde, “Les océans, naufragés du Sommet de la Terre”, editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

SD19 - A governança ambiental global permanece emperrada no Rio

De modo geral, elementos de FD5 Incompetência são percebidos em grande quantidade em ambos os jornais. Na Folha de S.Paulo, mais proeminente aqui, o destaque fica para "É ODA", reportagem que praticamente se propõe a destacar a incapacidade dos atores da conferência em negociar. Já em Le Monde, este sentido nuclear fica claro na matéria sobre a mesma temática, porém com um enfoque não tão intimista como no jornal brasileiro.

e) Formação discursiva 5 (FD5) - Esperança

Os textos abaixo revelam o sentimento de Esperança nos discursos publicados pelos jornais. Na Folha de S.Paulo, fica destacado no verbo grifado na SD1, pertencente a manifestação do Pnuma (L2). A seguir, na SD2, é a vez da coordenadora executiva da Rio+20, Henrietta Elizabeth Thompson (L4), exprimir este sentido nuclear ao crer que o evento não está fadado a repetir fracassos anteriores.

Na SD3, Dilma Rousseff (L12) profere que a conferência foi o “ponto de partida”, o que induz que novos encontros e possíveis avanços possam acontecer no futuro. L12 retorna na SD4 com a linha do discurso anterior, deixando brecha para uma melhora no quadro geral. Já na SD5, na voz da coordenadora executiva da Rio+20, Henrietta Elizabeth Thompson (L4), o sentido nuclear fica explícito em “terão impacto positivo”.

A única menção no jornal francês é a SD6, onde a FD5 é vista quando Susan Lieberman (L26), vice-diretora do Pew Environment Group, diz ter chegado ao evento tranquilizada ao ver que "a proteção dos oceanos continuava sendo um dos quatro temas maiores selecionados". Com o desenrolar das negociações, "a esperança deu lugar a uma enorme decepção".

a) Folha de S.Paulo

SD1 - Com a divulgação, o Pnuma **espera** que essas iniciativas possam ganhar escala. (Folha de S.Paulo, “Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço”, editoria Ciência+Saúde, página C10, 7 de jun. 2012)

SD2 - Henrietta Elizabeth Thompson avalia que a conferência **não está fadada a ver o mesmo acontecer** com seus acordos porque o cenário atual é "**diferente**". Como exemplo, ela citou o fato de que **neste ano, pela primeira vez**, o Banco Mundial reuniu ministros da Economia de todo o mundo para discutir o desenvolvimento sustentável. (Folha de S.Paulo, “Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço”, editoria Ciência+Saúde, página C10, 7 de jun. 2012)

SD3 - **Dilma diz que cúpula foi 'ponto de partida, não de chegada'**; ONU

destaca parcerias e acordos voluntários (Folha de S.Paulo, “Conferência repete promessas e adia ações para 2015”, editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

SD4 - Para Dilma, a Rio+20 é o **"alicerce" do avanço**. **"Não é o limite**, nem tampouco **o teto** do nosso avanço". (Folha de S.Paulo, “Conferência repete promessas e adia ações para 2015”, editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

SD5 - **Outros fatores** que, segundo ela, terão **impacto positivo** sobre a Rio+20 são a existência de mais informações científicas sobre a necessidade de mudanças e a maior presença de líderes empresariais nas discussões. (Folha de S.Paulo, “Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço”, editoria Ciência+Saúde, página C10, 7 de jun. 2012)

b) Le Monde

SD6 - Embora as negociações tornavam-se **progressivamente tensas** à medida que se aproximava a sua conclusão, Susan Lieberman, vice-diretor do Pew Environment Group, uma ONG americana, tinha chegado ao Rio de Janeiro **tranquilizada**, pelo fato de que a proteção dos oceanos continuava sendo um dos quatro temas maiores selecionados pelo Brasil para a Rio+20. **Mas**, terça-feira, 19 de junho, **ao descobrir a última versão do projeto de declaração final apresentada pelo país anfitrião aos negociadores, a esperança deu lugar a uma enorme decepção**. (Le Monde, “Les océans, naufragés du Sommet de la Terre”, editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

Observa-se que, na Folha de S.Paulo, a FD5 Esperança aparece em vozes de pessoas vinculadas à organização da conferência. Por outro lado, em Le Monde, o locutor presente pertence a uma organização não governamental, saindo do âmbito ‘oficial’. Contudo, a Esperança exaltada logo dá lugar discursivamente para uma frustração, o que remete à próxima formação discursiva.

f) Formação discursiva 6 (FD6) - Desesperança

A última formação discursiva presente é FD6 Desesperança. Na SD1, pode-se constatar o tom irônico na palavra grifada “mágica”, utilizado por Claudio Angelo, Fernando Rodrigues e Denise Menchen (L11), da Folha de S.Paulo, ao se referirem à data fixada para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Este sentido nuclear surge na sequência, na SD2. Aqui Kumi Naidoo (L13), diretor-executivo do Greenpeace, utiliza-se de metáfora para exprimir FD6. Assim segue na SD3, com o ex-presidente da Costa Rica, José Maria Figueres, com total descrença na capacidade dos diplomatas nas negociações.

Partimos para Le Monde na SD4. Ao reconhecer um possível conflito entre a soberania nacional e o que for decidido em relação à proteção ambiental, Michel Prieur (L18) revela um princípio de Desesperança na eficácia dos dispositivos que, em tese, não podem ser

alterados. Na SD5, Gilles Van Kote (L16), do Le Monde, deixa claro a FD6 ao dizer que a rejeição da criação da Organização Mundial do Meio Ambiente era esperada. Em outras palavras, o locutor não tinha Esperança quanto a esta questão. Por fim, em SD6 a locutora sai de FD5 e termina com FD6.

a) Folha de S.Paulo

SD1 - "O Futuro que Queremos", de 53 páginas, fixa 2015 como data **mágica** da sustentabilidade global. É quando entrariam em vigor os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, ideia que deve ganhar definições a partir de 2013. (Folha de S.Paulo, "Conferência repete promessas e adia ações para 2015", editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

SD2 - "**É como trocar as cadeiras de lugar no deque do Titanic**", disse Kumi Naidoo, diretor-executivo do Greenpeace, resumindo a reunião. (Folha de S.Paulo, "Conferência repete promessas e adia ações para 2015", editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

SD3 - Para o ex-presidente da Costa Rica José Maria Figueres os diplomatas no Rio estão **desconectados da realidade**. "Não são mais negociadores, são '**no-goal-tiators**'", afirmou, num jogo de palavras em inglês ("no goal" significa sem objetivos). (Folha de S.Paulo, "Conferência repete promessas e adia ações para 2015", editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

b) Le Monde

SD4 - Michel Prieur **reconhece**, no entanto, que este princípio **pode entrar em conflito com o da soberania nacional, que permite a um governo de desfazer o que seu antecessor construiu**. (Le Monde, "La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio", editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

SD5 - A proposta da União Europeia (UE) e África para criar uma Organização Mundial do Meio Ambiente foi rejeitada, **como era esperado**, já que desperta a oposição dos Estados Unidos, Canadá e quase todos os países em desenvolvimento, que não querem se impor novas restrições. (Le Monde, "L'Organisation mondiale de l'environnement attendra", editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

SD6 - Mas, terça - feira, 19 de junho, **ao descobrir a última versão do projeto de declaração final apresentada pelo país anfitrião aos negociadores, a esperança deu lugar a uma enorme decepção**. (Le Monde, "Les océans, naufragés du Sommet de la Terre", editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

Destaca-se ainda que nenhum dos locutores presentes em ambos os jornais se constituem como oficiais. Na Folha de S.Paulo a FD6 se refere ao mundo pós-conferência. Já Le Monde oferta três locutores. O primeiro, especialista, prevendo um entrave entre o que for decidido no âmbito global com as leis de cada país. O outro, jornalista do veículo, sublinhando a sua falta de expectativa antes mesmo do evento ter início. A última, de uma organização não governamental, externando FD6.

6.3.2 As vozes no gênero informativo – Governança

a) Folha de S.Paulo

Locutor 1 (L1) - Denise Menchen (Folha de S.Paulo)

As marcas discursivas da jornalista Denise Menchen, da Folha de S.Paulo, aparecem na matéria “Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço”, de sua autoria. De modo geral, observa-se o caráter informativo dos enunciados, o que dificulta a aparição de posicionamentos da locutora.

No item 1, destacam-se modificadores realizantes em “mais importantes” e “avanços significativos”. Já no item 2, modificadores desrealizantes são grifados, como “poucos avanços” e “nenhum progresso”. Por fim, no item 3, observa-se no grifo a palavra “praticamente”, que subjaz algum resultado, mas na construção semântica proferida pela autora indica que ele é quase nulo.

1 - No momento em que o mundo negocia um novo acordo sobre desenvolvimento sustentável, a ser assinado na cúpula Rio+20, a ONU afirmou ontem que **apenas** quatro dos 90 objetivos ambientais **mais importantes** acertados internacionalmente nos últimos 40 anos tiveram **avanços significativos**. (Folha de S.Paulo, “Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço”, editoria Ciência+Saúde, página C10, 7 de jun. 2012)

2 - O número é inferior ao de objetivos que tiveram retrocesso: oito no total. Outros 40 registraram **poucos avanços** e 24 praticamente não apresentaram **nenhum progresso**. Além disso, 14 não puderam ser avaliados devido à falta de dados mensuráveis. (Folha de S.Paulo, “Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço”, editoria Ciência+Saúde, página C10, 7 de jun. 2012)

3 - Mas os esforços para o combate às mudanças climáticas e para a preservação dos estoques pesqueiros, por exemplo, **praticamente não deram resultado**. E a proteção dos recifes de corais teve retrocesso -desde 1980, eles sofreram redução de 38%. (Folha de S.Paulo, “Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço”, editoria Ciência+Saúde, página C10, 7 de jun. 2012)

De modo geral, L1 opera na sua posição principal enquanto veículo jornalismo, que é a de informar a sociedade, implicitamente construindo os sentidos com base na FD2 Fracasso.

Locutor 2 (L2) – Organização das Nações Unidas (ONU) e Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma)⁷⁰

Pnuma (L2) aparece na mesma matéria anterior. No item 1, é ofertado na voz de L1, destacando dados do relatório divulgado. Aqui a FD presente é de Fracasso. Já no item 2, é observado um modificador realizante no trecho grifado. Este com FD1 Sucesso.

⁷⁰ Assim como na análise anterior, aqui Pnuma e ONU são inseridos nos textos como uma entidade única.

1 - No momento em que o mundo negocia um novo acordo sobre desenvolvimento sustentável, a ser assinado na cúpula Rio+20, a ONU afirmou ontem que **apenas quatro dos 90 objetivos ambientais mais importantes acertados internacionalmente nos últimos 40 anos tiveram avanços significativos**. (Folha de S.Paulo, “Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço”, editoria Ciência+Saúde, página C10, 7 de jun. 2012)

2 - Segundo o órgão, houve **avanço significativo** nos objetivos de erradicação do uso de substâncias nocivas à camada de ozônio, eliminação do uso de chumbo em combustíveis, ampliação do acesso a fontes de água potável e aumento das pesquisas sobre a poluição dos mares. (Folha de S.Paulo, “Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço”, editoria Ciência+Saúde, página C10, 7 de jun. 2012)

3 - Com a divulgação, o Pnuma espera que essas iniciativas **possam ganhar escala**. (Folha de S.Paulo, “Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço”, editoria Ciência+Saúde, página C10, 7 de jun. 2012)

Por fim, no item 3 observa-se a FD5 Esperança, destacada no desejo da entidade de que iniciativas “possam ganhar escala”. Assim, L2 fala enquanto organizador da conferência com poder programativo perante aos países negociantes.

Locutor 3 (L3) - Diretor executivo do Pnuma, Achim Steiner

O diretor executivo do Pnuma, Achim Steiner (L3), é outro locutor presente na matéria. Ele avalia o relatório lançado pela entidade a qual pertence. Com base na FD4 Incompetência, ele critica os países por não terem avançado nas metas que eles próprios estipularam.

1 - Segundo ele, é **"chocante" que o mundo não tenha conseguido** avançar na maioria dos acordos ambientais. (Folha de S.Paulo, “Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço”, editoria Ciência+Saúde, página C10, 7 de jun. 2012)

2 - Steiner diz, porém, que o relatório **não passa apenas uma "mensagem de fracasso"**. (Folha de S.Paulo, “Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço”, editoria Ciência+Saúde, página C10, 7 de jun. 2012)

No item 2, sentença que o relatório nada mais é do que uma “mensagem de fracasso”, externando FD2. Assim, observa-se aqui uso da FD2 Fracasso no enunciado. Com isso, pode-se afirmar que L3 opera seu discurso conforme um especialista, de acordo com a entidade a qual pertence, que analisa o relatório de maneira negativa.

Locutor 4 (L4) - Coordenadora executiva da Rio+20, Henrietta Elizabeth Thompson

Ainda nessa matéria, a coordenadora executiva da Rio+20, Henrietta Elizabeth Thompson (L4) faz a ligação dos resultados do relatório com os que irão vir com a Rio+20.

Assim, L4 opera com um olhar distinto para a conferência, destacado nos grifos abaixo. No item 2, L4 crê no impacto positivo do evento conforme aspectos citados.

1 - Henrietta Elizabeth Thompson avalia que a conferência **não está fadada a ver o mesmo acontecer com seus acordos porque o cenário atual é "diferente"**. Como exemplo, ela citou o fato de que neste ano, pela primeira vez, o Banco Mundial reuniu ministros da Economia de todo o mundo para discutir o desenvolvimento sustentável. (Folha de S.Paulo, “Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço”, editoria Ciência+Saúde, página C10, 7 de jun. 2012)

2 - Outros fatores que, segundo ela, **terão impacto positivo** sobre a Rio+20 são a existência de mais informações científicas sobre a necessidade de mudanças e a maior presença de líderes empresariais nas discussões. (Folha de S.Paulo, “Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço”, editoria Ciência+Saúde, página C10, 7 de jun. 2012)

Assim, os enunciados estão vinculados a FD5 Esperança. Além disso, L4 opera conforme organizadora do evento, fato que talvez justifique o sentido nuclear detectado em seu discurso.

Locutor (L5) - Fatoumata Keita-Ouane, do setor científico do Pnuma

A última fonte dessa matéria é Fatoumata Keita-Ouane (L5), do Pnuma. Assim, ela opera como membro especialista de uma entidade que organiza a conferência. L5 analisa os dados do relatório, apresentado no texto. O enunciado destacado é baseado na FD1 Sucesso, percepção apontada pela locutora.

1 - De acordo com Fatoumata Keita-Ouane, do setor científico do Pnuma, a pesquisa mostrou que os objetivos são implementados com **mais sucesso** quando vinculados a metas numéricas e com prazos definidos. (Folha de S.Paulo, “Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço”, editoria Ciência+Saúde, página C10, 7 de jun. 2012)

Locutor 6 (L6) - Claudio Angelo e Claudia Antunes (Folha de S.Paulo)

Claudio Angelo e Claudia Antunes (L6), jornalistas da Folha de S.Paulo, são os autores da matéria “É ODA”. Como vimos anteriormente, o jornal faz um trocadilho da sigla ODA (Assistência Oficial ao Desenvolvimento) com “é foda”, gíria que significa aqui dificuldade. A acidez crítica do jornal é notada em todos os enunciados. Sem exceção.

1 - **É ODA** (Folha de S.Paulo, “É ODA”, editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

2 - O idioma praticado na ONU é feito de **siglas misteriosas, expressões gigantescas e palavras inventadas** (Folha de S.Paulo, “É ODA”, editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

3 - Se você estiver numa das **salas geladas** do Riocentro onde o documento final da

Rio+20 está sendo negociado, lembre-se de **nunca dizer "economia verde"**. Diga "economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza", **mesmo** se a repetição da frase inteira **retardar ainda mais a redação final do texto**. A expressão foi acordada pelos 193 integrantes das Nações Unidas no início de um processo negociador em que todas as decisões têm que ser adotadas por consenso. (Folha de S.Paulo, "É ODA", editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

4 - É esse ajuste para chegar ao mínimo denominador comum de interesses que vão da **continental** Rússia ao **insular** Tuvalu, do **paupérrimo** Mali à **ultra desenvolvida** Noruega, que explica a **lerdeza da negociação**. **Ambiciosamente** chamado de "O Futuro que Nós Queremos", o texto da Rio+20 já recebeu o apelido de "**o passado que sempre tivemos**". (Folha de S.Paulo, "É ODA", editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

5 - **A demora é um dos traços definidores da ONU**, onde só no Conselho de Segurança as decisões são tomadas pelo voto da maioria (e cinco potências têm poder de veto). Os outros dois traços são **a linguagem bizantina** falada pelos negociadores, **cheia de siglas e neologismos**, e **os colchetes**, sinal gráfico que denota **desacordo** num texto. (Folha de S.Paulo, "É ODA", editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

6 - Sentar-se em uma das salas de negociação para ver como os diplomatas semeiam e colhem colchetes é tanto uma **aula de geopolítica** quanto um **exercício de paciência**. (Folha de S.Paulo, "É ODA", editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

7 - **Para entender** como os negociadores no Riocentro definem o futuro da humanidade, **não basta entender as cinco línguas oficiais das Nações Unidas: é preciso ser versado na novilíngua da diplomacia ambiental, o legado mais tóxico da Eco-92**. (Folha de S.Paulo, "É ODA", editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

8 - **Não entendeu?** Pois saiba que os dois parágrafos acima tratam da discussão mais quente da Rio+20: a dos chamados "meios de implementação" (MOI), que querem dizer simplesmente "dinheiro". (Folha de S.Paulo, "É ODA", editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

9 - Assumido em 1992, **ele joga a conta do desenvolvimento sustentável para os mais ricos**. **Afinal, se esses tivessem padrões sustentáveis de produção e consumo (SCP), o mundo não estaria numa emergência ambiental**. (Folha de S.Paulo, "É ODA", editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

10 - **Com um processo tão barroco, a expressão mágica "agreed ad ref" (acordado por todos) torna-se rara**. (Folha de S.Paulo, "É ODA", editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

11 - Essa discussão passa pelo compromisso de países ricos, como os do Juscanz (Japão, EUA, Canadá, Austrália e Nova Zelândia), de aumentar a assistência ao desenvolvimento (ODA), que vai para os países mais pobres (LDCs). **A promessa, feita em 1992, nunca foi cumprida**. (Folha de S.Paulo, "É ODA", editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

Praticamente todos os itens se utilizam da FD4 Incompetência, sempre remetida ou aos negociantes, ou ao processo de Governança por eles praticado. Em suma, o jornal opera aqui de maneira escancarada a sua posição perante a conferência como consultor da esfera pública e chancelador de sentidos.

Locutor 7 (L7) – Presidente do grupo sobre quadro institucional para o desenvolvimento sustentável (IFSD)

O presidente do grupo sobre quadro institucional para o desenvolvimento sustentável (L7) surge em um exemplo de L6. Trata-se de um negociador da conferência, que fala dentro de um processo de Governança. Em seu discurso, faz um aviso para os colegas que o texto em questão precisava eliminar os colchetes, os quais representam divergências entre os negociantes. Assim, a FD que se aproxima deste enunciado é FD5 Esperança.

1 - Anteontem, por exemplo, o grupo que negociava o chamado quadro institucional para o desenvolvimento sustentável (IFSD) **abriu a sessão** às 10h30 da manhã com sua presidente avisando que ninguém teria almoço naquele dia e que **o texto precisava ser "limpo" de colchetes**. (Folha de S.Paulo, “É ODA”, editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

Locutor 8 (L8) – Juscanz

O grupo de países de ricos Juscanz (L8), das Nações Unidas, surge na reportagem operando em um processo de Governança. Logo, trata-se de um grupo negociador da conferência, que fala durante o desenrolar desta, em linguagem propositalmente inacessível, já que se trata de um exemplo utilizado pela Folha de S.Paulo para representar os entraves das negociações. FD3 Competência aparece por este ator entender que já faz a sua parte contribuindo financeiramente com o ODA.

1 - Assim, o Juscanz afirma ao G-77 que não quer saber de dar dinheiro para o MOI porque afinal já contribui com ODA, que vai quase toda para os LDCs. (Folha de S.Paulo, “É ODA”, editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

Locutor 9 (L9) – G-77

A linguagem rebuscada vista anteriormente se faz presente aqui também no item 1. Assim como L8, G-77 (L9) é um grupo das Nações Unidas, o qual é composto com países em desenvolvimento, que opera como negociador na Rio+20. No item 2, são destacados os discursos oriundos do processo de Governança, em especial a questão de quem financiaria a Economia Verde. FD5 Esperança se aproxima aqui pelo ator crer no compromisso assumido em 1992.

1 - O G-77, por sua vez, alega as CBDR e reclama dos SCP. (Folha de S.Paulo, “É ODA”, editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

2 - Para os países em desenvolvimento (G-77), a questão do dinheiro está diretamente atrelada ao CBDR, o princípio das "responsabilidades comuns, mas diferenciadas". Assumido em 1992, **ele joga a conta do desenvolvimento**

sustentável para os mais ricos. Afinal, se esses tivessem padrões sustentáveis de produção e consumo (SCP), o mundo não estaria numa emergência ambiental. (Folha de S.Paulo, “É ODA”, editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

Locutor 10 (L10) – Embaixador argentino Raúl Estrada

O embaixador argentino Raúl Estrada surge na reportagem como exemplo a ser seguido nas negociações. Conforme o texto, um dos entraves das negociações é o fator unanimidade, exigido na conferência. Assim, L6 cita o exemplo de L10 que sentenciou o fim de uma discussão com base no consenso geral. Logo, Raúl Estrada aparece enquanto negociador de outro evento ambiental, apontado pela Folha de S.Paulo como exemplo de Competência.

1 - Na conferência de Kyoto, em 1997, o embaixador argentino Raúl Estrada se preparava para declarar fechado o acordo do clima quando o delegado da Arábia Saudita levantou a mão, furioso, gritando que não havia consenso. "Consenso não significa unanimidade", sentenciou Estrada. E bateu o martelo. (Folha de S.Paulo, “É ODA”, editoria Poder, página A16, 17 jun. 2012)

Locutor 11 (L11) - Claudio Angelo, Fernando Rodrigues e Denise Menchen (Folha de S.Paulo)

Os jornalistas da Folha de S.Paulo Claudio Angelo, Fernando Rodrigues e Denise Menchen (L11) fazem um balanço do processo de Governança na matéria “Conferência repete promessas e adia ações para 2015”. Enquanto enunciadores, novamente aparecem enquanto chanceladores de sentido da esfera pública, sobretudo nos grifos destacados. Isso fica claro ao analisarmos os itens 1, 3 e 4, os quais fazem uso da FD2 Fracasso. Já nos itens 5 e 7, há uso de Desesperança e Incompetência, respectivamente. Por fim, Sucesso é visto nos itens 2 e 6.

1 - **Conferência repete promessas e adia ações para 2015** (Folha de S.Paulo, “Conferência repete promessas e adia ações para 2015”, editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

2 - **Saldo é um documento político de 53 páginas; metas do desenvolvimento sustentável são a maior inovação** (Folha de S.Paulo, “Conferência repete promessas e adia ações para 2015”, editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

3 - A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável **terminou como começou: num tom melancólico e sem surpresas**. (Folha de S.Paulo, “Conferência repete promessas e adia ações para 2015”, editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

4 - **Num mundo vitimado pela crise econômica**, os 114 líderes reunidos no Riocentro **contentaram-se em repetir as promessas** feitas em 1992 e **adiar de novo** ações que a ciência aponta como **urgentes**. (Folha de S.Paulo, “Conferência repete promessas e adia ações para 2015”, editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

5 - "O Futuro que Queremos", de 53 páginas, **fixa 2015 como data mágica** da sustentabilidade global. É quando entrariam em vigor os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, ideia que deve ganhar definições a partir de 2013. (Folha de S.Paulo, "Conferência repete promessas e adia ações para 2015", editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

6 - Os objetivos são o principal processo internacional lançado pela Rio+20, que também **prometeu adotar** um programa de dez anos para rever os padrões de produção e consumo da humanidade. (Folha de S.Paulo, "Conferência repete promessas e adia ações para 2015", editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

7 - **Outras decisões esperadas**, como um mecanismo de financiamento ao desenvolvimento sustentável e um acordo global sobre a proteção do alto-mar, **foram adiadas**. (Folha de S.Paulo, "Conferência repete promessas e adia ações para 2015", editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

Locutor 12 (L12) – Presidente Dilma Rousseff

A presidente Dilma Rousseff (L12) também surge nessa matéria da Folha de S.Paulo. De acordo com seus enunciados, ela faz uma avaliação da conferência e anuncia investimento no Pnuma. Assim, L12 se destaca enquanto anfitriã negociadora como enunciador, a qual baseia seu discurso na FD1 Sucesso (itens 1 e 2), FD3 Competência (itens 3 e 4).

1 - A presidente Dilma Rousseff, em seu discurso de encerramento, destacou como um dos grandes resultados do encontro o "**resgate do multilateralismo**" [...]. (Folha de S.Paulo, "Conferência repete promessas e adia ações para 2015", editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

2 - Para Dilma, a Rio+20 é o "**alicerce**" do avanço. "Não é o **limite**, nem tampouco o **teto** do nosso avanço". (Folha de S.Paulo, "Conferência repete promessas e adia ações para 2015", editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

3 - Dilma chamou de "**festa cívica**" os protestos que **pipocaram** pelo Rio durante a semana e **parabenizou** os emergentes por se **comprometerem** com o desenvolvimento sustentável "**mesmo na ausência da necessária contrapartida** de financiamento prometida pelos países desenvolvidos". (Folha de S.Paulo, "Conferência repete promessas e adia ações para 2015", editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

4 - **Anunciou que o Brasil dará R\$ 12 milhões** ao Pnuma (programa ambiental da ONU) e **mais R\$ 20 milhões** para o combate à mudança climática em países pobres. (Folha de S.Paulo, "Conferência repete promessas e adia ações para 2015", editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

Locutor 13 (L13) - Kumi Naidoo, diretor-executivo do Greenpeace

O diretor-executivo do Greenpeace, Kumi Naidoo (L13) é outro locutor presente no texto. Ele também avalia o desfecho do processo de Governança do evento. Assim, no item 1, baseado na FD6 Desesperança, critica o Texto Final da Rio+20. Já no item 2, critica o exibicionismo de certos participantes do evento. Portanto, pode-se dizer que L13 opera

enquanto especialista da área ambiental devido ao capital simbólico na área socioambiental da entidade a qual representa.

1 - "**É como trocar as cadeiras de lugar no deque do Titanic**", disse Kumi Naidoo, diretor-executivo do Greenpeace, resumindo a reunião. (Folha de S.Paulo, "Conferência repete promessas e adia ações para 2015", editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

2 - O caráter voluntário dos compromissos foi **criticado**. "Não precisávamos de pessoas anunciando aqui o que poderiam ter anunciado em suas capitais", disse Naidoo. (Folha de S.Paulo, "Conferência repete promessas e adia ações para 2015", editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

Locutor 14 (L14) – Ex-presidente da Costa Rica José Maria Figueres

O ex-presidente da Costa Rica José Maria Figueres (L14) aparece na matéria também avaliando a conferência. Com base na FD6 Desesperança, ele afirma que os negociadores da Rio+20 estão "desconectados da realidade". Aqui L14 é inserido enquanto um crítico de processos de diplomacia que não se inclui no caso avaliado.

1 - Para o ex-presidente da Costa Rica José Maria Figueres os diplomatas no Rio estão **desconectados da realidade**. "Não são mais negociadores, são '**no-goal-tiators**'", afirmou, num jogo de palavras em inglês ("no goal" significa sem objetivos). (Folha de S.Paulo, "Conferência repete promessas e adia ações para 2015", editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

Locutor 15 (L15) – Secretário-geral da Rio+20, Sha Zukang

O secretário-geral da Rio+20, Sha Zukang (L15) é um caso à parte. Se no item 1 seu discurso se baseia na FD1 Sucesso, ao se referir aos compromissos voluntários da conferência, no item 2 opera com cuidado, destacando a FD4 Incompetência de tratados de outro evento. Assim, enquanto enunciador membro da organização da Rio+20, L15 opera em duas perspectivas no presente texto.

1 - O secretário-geral da Rio+20, Sha Zukang, afirmou que parte do **legado** da Rio+20 **são os compromissos voluntários** firmados entre setor privado, governos e sociedade civil. Segundo ele, foram registrados 705 acordos, que irão direcionar R\$ 1,6 trilhão ao desenvolvimento sustentável nos próximos dez anos. (Folha de S.Paulo, "Conferência repete promessas e adia ações para 2015", editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

2 - Sha lançou uma **nota de cautela**, lembrando que os compromissos feitos em Copenhague, em 2009, **não foram cumpridos** até hoje. (Folha de S.Paulo, "Conferência repete promessas e adia ações para 2015", editoria Cotidiano, página C11, 23 jun. 2012)

b) Le Monde

Locutor 16 (L16) - Gilles Van Kote (Le Monde)

O jornalista Gilles Van Kote (L16), do Le Monde, aparece em três matérias do jornal francês. Na primeira, destaca-se o título escolhido para falar da Governança ambiental global, em especial no verbo utilizado. Aqui nota-se a presença da FD4 Incompetência. Na sequência, L16 opera em base de FD2 Fracasso (itens 3, 4, 6, 7 e 8), embora reconheça “algum progresso” e, portanto, Sucesso (itens 2, 5 e 9).

1 - A governança ambiental global permanece **emperrada** no Rio (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

2 - Que **estranho contraste** entre a **ladainha dos discursos autoelogiosos** emitidos pelos líderes mundiais que circulam durante três dias nas tribunas da Rio+20 e a **virulência crítica** da sociedade civil, que critica principalmente a **fraca declaração final**, embora **alguns aspectos tenham encontrado algum progresso**. (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

3 - A Organização Mundial do Meio Ambiente **esperará** (Le Monde, “L'Organisation mondiale de l'environnement attendra”, editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

4 - Domingo, 17 de junho, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, bem longe de Riocentro, o **impessoal** centro de conferências, local da Rio+20, os Encontros Mundiais de Juristas Ambientais se interessam pela questão da governança ambiental global. E a conclusão feita **não era brilhante**: “O quadro institucional carece de coerência e organização”, declarou Alexandra Cuenin da Universidade de Lyon III, enquanto outro jurista usou o termo “fragmentação”. (Le Monde, “L'Organisation mondiale de l'environnement attendra”, editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

5 - A maioria dos participantes concordou em dizer que esta pode ser **uma das poucas medidas concretas contidas na declaração final**. (Le Monde, “L'Organisation mondiale de l'environnement attendra”, editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

6 - A **proposta** da União Europeia (UE) e África para criar uma Organização Mundial do Meio Ambiente foi **rejeitada, como era esperado**, já que desperta a oposição dos Estados Unidos, Canadá e quase todos os países em desenvolvimento, que não querem se impor novas restrições. (Le Monde, “L'Organisation mondiale de l'environnement attendra”, editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

7 - **Os oceanos, naufragados da Cúpula da Terra** (Le Monde, “Les océans, naufragés du Sommet de la Terre”, editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

8 - Para as organizações não governamentais (ONGs) e os cientistas que lutam pela proteção dos oceanos, **a pílula é amarga**. O mar **era para ser um dos poucos temas** setoriais discutidos na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, realizada no Rio de Janeiro até sexta-feira, 22 de junho, para ter sucesso no jogo das negociações. O momento era histórico: se tratava de fornecer um estatuto para o alto-mar, localizado fora das jurisdições nacionais e única parte dos oceanos que ainda não está sob a proteção de uma autoridade. (Le Monde, “Les océans, naufragés du Sommet de la Terre”, editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

jun. 2012)

9 - No entanto, o texto do acordo **contém uma série de pontos que satisfazem as ONGs**, que relembram que 80% dos estoques de peixes do planeta estão em uma situação de sobre-exploração. (Le Monde, “Les océans, naufragés du Sommet de la Terre”, editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

Em suma, novamente vimos Le Monde operando enquanto chancelador de sentidos, sobretudo negativos, função justificada pelo discurso de informar o público noticiando uma tal “realidade”.

Locutor 17 (L17) – Advogados ambientais

Advogados ambientais (L17) são inseridos na reportagem “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”. Tratam-se de especialistas da temática abordada pela conferência, os quais operam suas críticas sobre o desfecho do processo de Governança com base na FD2 Fracasso.

1 - Eles lamentam a "**falta de ambição e de compromissos concretos** da Rio+20, devido a um pequeno número de países particularmente influenciados por agentes econômicos e financeiros, que deverão prestar contas às gerações presentes e futuras por não terem compreendido em 2012 o tamanho **da gravidade do estado do ambiente** global e da **urgência de agir**". (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

2 - Eles **lamentam** especialmente o fato de que a declaração final da Rio+20 crie um **impasse** sobre a questão das populações deslocadas e refugiadas por razões ambientais e climáticas. (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

Locutor 18 (L18) - Michel Prieur, Presidente do Centro Internacional de Direito Ambiental Comparado (CIDCE)

Michel Prieur (L18), Presidente do Centro Internacional de Direito Ambiental Comparado (CIDCE) é o principal locutor da matéria “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, do Le Monde. Aqui este ator opera como um especialista da área ambiental crítico do desenrolar da conferência.

Nos itens 1, 2 e 4 se observa a presença da FD2 Fracasso. É através dela que L18 avalia questões relativas à Rio+20, em especial quando sentencia que o evento foi um “grande fracasso”. Dentro desta mesma fala, é preciso constar, Michel Prieur reconhece o que ele chama de “fortalecimento” do Pnuma, indicando a FD1 Sucesso, apesar de ressaltar que a forma de operação não foi decidida, no item 3.

No item 4, observa-se FD5 Esperança ao reconhecer a possível formação de um grupo

de trabalho, compromisso firmado na conferência. L18 elenca pontos positivos no item 5, carregando assim a FD1 Sucesso novamente. Contudo, no item 6, faz um adendo baseado na FD6 Desesperança. Na sequência, nos itens 7 e 8, a Incompetência emerge em seu discurso, sobretudo na palavra grifada “incapacidade”.

1 - “É **lamentável**, porque se trata da **maior catástrofe humanitária** atual e futura”, estima Michel Prieur, Presidente do Centro Internacional de Direito Ambiental Comparado (CIDCE), coorganizador destes encontros. “Estes refugiados não se beneficiam de nenhum estatuto internacional e nenhuma proteção jurídica”. (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

2 - O professor emérito de direito na Universidade de Limoges relativiza os dois pontos indicados como os principais avanços da conferência da ONU. **Apesar do acordo** sobre um “**fortalecimento**” do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) e o estatuto de organização universal que lhe é atualmente conferido, ele acredita que a Rio+20 **foi um “grande fracasso”** em temas de governança e de desenvolvimento sustentável. (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

3 - O projeto de organização ambiental mundial, apoiado pela União Europeia e África, foi adiada por tempo indeterminado. “E **nada foi decidido** sobre a forma como o Pnuma deve ser fortalecido”, constata esse ativista de direito ambiental. **Maioria das decisões foram encaminhadas à Assembleia Geral das Nações Unidas**. (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

4 - Michel Prieur também **lamenta** que a definição do conteúdo dos **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que deveriam ocupar o lugar de Objetivos de Desenvolvimento do Milênio**, quando estes chegarão ao fim em 2015, **também sejam postergados**. No entanto, o jurista **reconhece** que **um calendário relativamente preciso** do processo de elaboração destes objetivos, cujo princípio foi reconhecido no processo do Rio, **foi fixado. Um grupo de trabalho deverá ser formado**, antes do final do ano. (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

5 - **Alguns pontos serão bem vistos** de acordo com o universitário. “Os direitos a alimentação, água potável e saneamento são afirmados de forma mais significativa”, admite ele. “Foi também registrado **progresso na proteção** da biodiversidade em alto-mar, mesmo se houve um recuo de última hora. Versões anteriores do texto evocavam uma convenção, enquanto a versão final só fala de elaborar um instrumento internacional para 2014”. (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

6 - Michel Prieur **reconhece**, no entanto, que este princípio **pode entrar em conflito** com o da soberania nacional, que permite a um governo de desfazer o que seu antecessor construiu. (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

7 - O professor de direito foi **surpreendido** pela forma como as negociações sobre o texto da declaração final aconteceram, com os negociadores discutindo vírgulas, **como se fosse um texto vinculativo com valor legal**, enquanto que o documento é constituído, essencialmente, de **lembretes e declarações de princípios**, e contém **muito poucos compromissos firmes**. (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

8 - Isso é a demonstração de **uma incapacidade** de ter uma reflexão global sobre o meio ambiente”, afirma ele. “Nós avançamos **muito melhor no caso de protocolos setoriais**, com temas precisos e referencial jurídicos claros”. (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

Locutor 19 (L19) - Centro Internacional de Direito Ambiental Comparado (CIDCE)

O CIDCE (L19), presidido por L18, aparece em um enunciado com intuito de inferir no processo de Governança, em especial no direito dos países não voltarem atrás no que fora decidido. Este locutor, enquanto enunciador, se posta como uma entidade ambiental de caráter e posicionamento propositivo. Assim, L19 se aproxima de FD3 Competência, ao exigir este sentido nuclear de outros negociadores.

1 - **O CIDCE exige o reconhecimento de um direito de não regressão.** (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

Locutor 20 (L20) – Negociador europeu que pediu anonimato

Uma fonte anônima, apenas classificada como negociador europeu (L20), aparece no jornal Le Monde. Este ator avalia o Texto Final, com base na FD1 Sucesso. Portanto, trata-se de um negociador europeu anônimo que avalia o desfecho da conferência de maneira positiva.

1 - “É um texto **sólido, não amaldiçoado**, e vai ser **reabilitado** em poucos anos”, defende um negociador europeu que pediu anonimato. “Este **não é um programa de ação**, mas **um programa de trabalho**. O pior foi não ter um acordo **sobre tudo**, que poderia ter ocorrido”. (Le Monde, “La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio”, editoria Planète, p.5, 24 jun. 2012)

Locutor 21 (L21) – Jurista Alexandra Cuenin da Universidade de Lyon III

L21 não exige anonimato. Trata-se da jurista Alexandra Cuenin da Universidade de Lyon III. Aqui essa locutora herda o capital simbólico da instituição pela qual é pertencente, avaliando a questão presente no enunciado abaixo com base na FD2 Fracasso, sobretudo no trecho “carece de coerência e organização”.

1 - “**O quadro institucional carece de coerência e organização**”, declarou Alexandra Cuenin da Universidade de Lyon III, enquanto outro jurista usou o termo “fragmentação”. (Le Monde, “L'Organisation mondiale de l'environnement attendra”, editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

Locutor 22 (L22) – Jurista anônimo

Le Monde insere outro jurista além de L21 neste mesmo trecho. Contudo, deixa-o em anonimato. Ele se apresenta enquanto especialista da área jurídica, avaliando o mesmo processo que a locutora anterior, com o uso de FD4 Incompetência na expressão “fragmentação”, demonstrando a ausência de unidade e consistência do quadro institucional.

1 - "O quadro institucional carece de coerência e organização", declarou Alexandra Cuenin da Universidade de Lyon III, enquanto **outro jurista usou o termo "fragmentação"**. (Le Monde, "L'Organisation mondiale de l'environnement attendra", editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

Locutor 23 (L23) – Laurence Tubiana, diretora do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Relações Internacionais

Se a FD2 Fracasso predomina nos locutores anteriores, FD1 Sucesso aparecerá no discurso de Laurence Tubiana (L23), diretora do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Relações Internacionais. Ela vê de maneira positiva o fortalecimento do Pnuma. Assim, se coloca no texto como especialista do tema graças ao cargo que ocupa na instituição que representa.

1 - "**Isso é o que poderia acontecer com ele de melhor**", diz Laurence Tubiana, diretora do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Relações Internacionais. "O Pnuma não será mais um clube de países, e isso **vai dar-lhe a autoridade de que carecia**". (Le Monde, "L'Organisation mondiale de l'environnement attendra", editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

Locutor 24 (L24) – Monique Barbut, presidente do Meio Ambiente Global

O texto segue e Monique Barbut (L24), presidente da entidade Meio Ambiente Global, vê o desenrolar sobre a questão com cautela. Da mesma forma que a anterior, esta se coloca enquanto enunciadora na posição de especialista da área, principalmente pela posição ocupada na entidade a qual preside. Observa-se FD6 Desesperança com o receio de L24.

1 - Uma visão não compartilhada por Monique Barbut, presidente do Meio Ambiente Global, uma organização financeira independente. "Elas são **apenas meias-medidas**", diz essa antiga integrante do Pnuma. "**Tudo vai depender da vontade de cada um. Teria de começar por decidir qual governança global nós queríamos**". (Le Monde, "L'Organisation mondiale de l'environnement attendra", editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

Locutor 25 (L25) – Lucien Chabason, consultor do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Relações Internacionais

Em outra matéria, Lucien Chabason (L25), consultor do Instituto de Desenvolvimento

Sustentável e Relações Internacionais, dirigido por L23, aparece avaliando o processo de Governança nos mares, e ressalta os entraves impostos pelos países sobre a questão. Assim, se posiciona enquanto especialista da área ambiental, conforme a instituição que está vinculado. Os itens abaixo, desta forma, apontam para FD4 Incompetência.

1 - "Hoje, o único responsável pelas atividades que ocorrem em alto-mar é o Estado da bandeira, aquele que registrou o navio", lembra Lucien Chabason, consultor do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Relações Internacionais (IDDRI). (Le Monde, "Les océans, naufragés du Sommet de la Terre", editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

2 - "Isso **revela claramente** o atual estado de espírito em relação ao multilateralismo", disse Chabason. "**Vários países estão reduzindo a estruturação da comunidade internacional.** Mas o que eles esperam? O alto-mar nunca será deles". (Le Monde, "Les océans, naufragés du Sommet de la Terre", editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

Locutor 26 (L26) – Susan Lieberman, vice-diretora do Pew Environment Group, ONG americana

Sobre este tema o relato de Susan Lieberman (L26), vice-diretora da ONG americana Pew Environment Group aparece no texto. Primeiramente é destacado um princípio de FD5 Esperança da locutora. Contudo, com o decorrer das negociações, este sentido se esvai, dando espaço para FD6 Desesperança. Já no item 2, lembra alguns compromissos relativos à pesca ilegal, aproximando-a novamente de FD5 Esperança, o que é visto também no item 3, reforçando a importância da Rio+20. Portanto, L26 é inserida aqui como uma especialista da área ambiental que avalia negativamente determinada temática.

1 - Embora as negociações tornavam-se **progressivamente tensas** à medida que se aproximava a sua conclusão, Susan Lieberman, vice-diretora do Pew Environment Group, uma ONG americana, tinha chegado ao Rio de Janeiro **tranquilizada**, pelo fato de que a proteção dos oceanos continuava sendo um dos quatro temas maiores selecionados pelo Brasil para a Rio+20. Mas, terça - feira, 19 de junho, ao descobrir a última versão do projeto de declaração final apresentada pelo país anfitrião aos negociadores, **a esperança deu lugar a uma enorme decepção**. (Le Monde, "Les océans, naufragés du Sommet de la Terre", editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

2 - Ele reitera notadamente uma série de **compromissos** sobre a pesca ilegal – "**que impede que milhares de pessoas tenham acesso à segurança alimentar**", lembra a Sra. Lieberman -, subsídios nocivos ao ambiente ou à pesca sustentável. (Le Monde, "Les océans, naufragés du Sommet de la Terre", editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

3 - "**Os Estados devem tomar decisões críticas sobre os oceanos, não há outra escolha**", garante Susan Lieberman. "E o **único lugar** elas onde podem ser tomadas é em cúpulas como Rio+20". (Le Monde, "Les océans, naufragés du Sommet de la Terre", editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

Locutor 27 (L27) - Alex Rogers, biólogo e diretor científico do Programa Internacional sobre o Estado do Oceano

Outra fonte técnica é vista com Alex Rogers (L27), biólogo e diretor científico do Programa Internacional sobre o Estado do Oceano. Ou seja, um especialista da área ambiental avaliando a questão dos mares. Ele ressalta que não há mais tempo para considerar uma possível soberania dos estados neste tema, emergindo FD6 Desesperança no discurso.

1 - "**O tempo** onde os critérios nacionais deviam ser a lei **se foi**", tenta convencer-se Alex Rogers, biólogo e diretor científico do Programa Internacional sobre o Estado do Oceano. (Le Monde, "Les océans, naufragés du Sommet de la Terre", editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

Locutor 28 (L28) – Jean-Michel Cousteau, filho mais velho do oceanógrafo Jacques-Yves Cousteau e presidente da Ocean Futures Society

Por fim, Jean-Michel Cousteau (L28) também é inserido enquanto um especialista na temática dos oceanos, por presidir uma entidade sobre este tema, além de ser filho do oceanógrafo Jacques-Yves Cousteau, reconhecido internacionalmente na área. Ele avalia a Governança sobre os mares, denunciando o mau uso que os humanos fazem deles, o que enfatiza FD4 Incompetência em relação aos países.

1 - Jean-Michel Cousteau, filho mais velho do oceanógrafo Jacques-Yves Cousteau e presidente da Ocean Futures Society, denunciava a poluição dos mares, "que nós os usamos **como esgotos**, e isso no lugar onde nós vivemos". (Le Monde, "Les océans, naufragés du Sommet de la Terre", editoria Planète, p. 8, 21 jun. 2012)

6.4 Considerações acerca da análise qualitativa

Nesta etapa, buscará a interpretação dos resultados da análise qualitativa, dialogando posteriormente com alguns aspectos da análise quantitativa e aportes do referencial teórico. Para tanto, primeiramente serão analisadas as vozes e suas atribuições, com base nas três naturezas das fontes de Lage (2000). Para relembrar, fontes oficiais representam organizações ou instituições de Estado; oficiosas são relacionadas a uma entidade, mas sem autorização para falar em nome de; e independentes, sem vínculo com instituições de poder ou interesse específico. Além disso, Lage divide as fontes em primárias, representando o essencial em um texto, e secundárias, que surgem geralmente para ilustrar as matérias. Por fim, o autor diferencia as falas entre testemunho, com forte uso da emoção, e experts, fala enquanto especialista em determinado assunto. Na sequência, serão esmiuçados os sentidos nucleares conforme as três temáticas analisadas nos periódicos. Por fim, serão delineadas considerações acerca dos resultados obtidos.

a) Quanto às fontes nos editoriais

Na análise qualitativa, no Quadro 27, pode-se observar a relação das fontes com as formações discursivas que se aproximam de suas falas nos editoriais. Como o gênero pressupõe, Folha de S.Paulo (L1) e Le Monde (L4) são os locutores mais presentes aqui. Consequentemente, suas falas contém um número maior de FDs. Ambos são fontes primárias, utilizando tanto de testemunhos quanto operando como experts, o que reforça a função de consultores da esfera pública enquanto enunciadores.

Já Governo Brasileiro (L2), Ban Ki-moon (L3) e Réseau Action Climat (L5) aparecem nos textos como fontes secundárias, com vozes que nos remetem ao testemunho devido à emoção empregada. L2 e L3 são organizadores do evento enquanto enunciadores. No primeiro, percebe-se o uso de FD1 Sucesso na sua avaliação. Já L3 vê pela FD6 Incompetência o desfecho da conferência. Já L5, entidade de grande capital ambiental, entende a conferência por meio da FD2 Fracasso. As fontes oficiais ofertam de modo equilibrado as FDs, com exceção de Competência, que não aparece nos editoriais. Além disso, são as únicas que apresentam o sentido nuclear Sucesso. Nas fontes oficiosas, a única menção é baseada na FD6 Incompetência. Na independente, o discurso está carregado da FD2 Fracasso.

Quadro 2 – Relação de fontes com formações discursivas no gênero opinativo⁷¹

Fontes FDs	Oficiais			Oficiosas	Independentes
	L1	L4	L2	L3	L5
	Primária		Secundária	Secundária	Secundária
Sucesso		x	x		
Fracasso	x	x			x
Esperança		x			
Desesperança	x	x			
Competência					
Incompetência	x			x	

⁷¹ (L1) Folha de S.Paulo, (L2)Governo Brasileiro, (L3) Ban Ki-moon, secretário-geral da ONU, (L4) Le Monde e (L5) Réseau Action Climat.

b) Quanto às fontes nas matérias sobre Economia Verde

No quadro 28, apresenta-se a relação das fontes com as formações discursivas nas matérias sobre Economia Verde. Entre as fontes primárias, observa-se a presença da fala de experts e testemunhos de modo equilibrado. Em relação às formações discursivas, a FD1 Esperança é a mais presente entre elas. A exceção fica para Gilles Van Kote (L16), do Le Monde, que se utiliza da FD2 Desesperança. Entende-se este como fonte primária por ser o locutor mais presente na matéria, caracterizando aspectos do ambiente descrito.

Entre as fontes secundárias, o predomínio é por locutores que atuam como testemunhos dos assuntos. Estes apresentam um cenário mais diversificando quanto às formações discursivas. A FD2 Desesperança é a que mais se destaca nesta etapa. Na sequência, aparecem FD5 Fracasso e FD1 Esperança, de modo equilibrado. Com poucas aparições, constam a FD3 Competência e a FD4 Incompetência. Já Sucesso não aparece em nenhum discurso.

As fontes oficiais aqui ofertam com base na FD5 Fracasso, seguida das FD1 Esperança e FD2 Desesperança, de modo equilibrado, e, com uma inferência da FD3 Competência. Já oficiais e independentes focam principalmente a FD2 Desesperança, seguida da FD1 Esperança. A FD4 Incompetência tem uma aparição em cada. Já as FD3 Competência e FD5 Fracasso aparecem apenas nas fontes oficiais.

Quadro 3 – Relação de Fontes com Formações Discursivas no gênero informativo – Economia Verde⁷²

Fontes FDs	Oficiais											Oficiosas											Independentes										
	L3	L5	L6	L24	L25	L28	L29	L30	L31	L32	L33	L14	L16	L4	L7	L10	L2	L1	L21	L23	L26	L27	L11	L12	L13	L8	L9	L15	L17	L18	L19	L20	L22
	Primária	Secundária										Primária	Secundária										Primária			Secundária							
Sucesso																																	
Fracasso						X	X	X	X	X										X													
Esperança	X		X		X							X		X	X								X	X	X			X					
Desesperança		X	X	X									X			X	X	X	X			X				X	X		X	X	X		X
Competência											X									X	X												
Incompetência																			X													X	

⁷² (L1) Andrea Vialli e Eduardo Geraque (Folha de S.Paulo), (L2) Patrícia Britto (Folha de S.Paulo), (L3) Organização das Nações Unidas (ONU) e Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), (L4) Steven Stone, chefe do Departamento de Economia e Comércio do Pnuma, (L5) G-77 (grupo dos países em desenvolvimento), (L6) Governo Brasileiro, (L7) Embaixador Luiz Alberto Figueiredo, secretário-executivo da Comissão Nacional para a Rio+20, (L8) ONGs, (L9) Movimentos sociais, (L10) Pedro Ivo, coordenador da Cúpula dos Povos, (L11) Consultor de sustentabilidade João Paulo Amaral, (L12) Estudante Vinícius Leyser, (L13) Andrêssa Batelochio, integrante do Comitê Paulista, (L14) Economista e professor da Universidade de São Paulo (USP) Ricardo Abramovay, (L15) Ciclista mineiro César Grazzia, (L16) - Nicolas Bourcier (Le Monde), (L17) – Inalva Mendes Brito, professora de português, (L18) Robson, vendedor de um supermercado e jardineiro ocasional, (L19) – Leonardo, desempregado, (L20) Ailda, (L21) Altair Guimarães, presidente da associação dos moradores, (L22) Josefa Oliveira, antiga pescadora, filha de pescadores transformada em dona de barzinho, (L23) Gilles Van Kote (Le Monde), (L24) Países do Sul, (L25) Governo Brasileiro, (L26) Atores nas negociações, (L27) Ministra francesa da ecologia, Nicole Bricq, (L28) União Europeia, (L29) Governo norte-americano, (L30) Barack Obama, (L31) Chanceler alemã, Angela Merkel, (L32) Presidente Chinês, Hu Jintao e (L33) François Hollande.

c) Quanto às fontes das matérias sobre Governança

Já no Quadro 29, apresenta-se a mesma relação com base nas matérias sobre Governança. Entre as fontes primárias observa-se o predomínio de falas de experts. A diferença fica para a presidente Dilma Rousseff (L12), que aproxima seu discurso de testemunho também. Já entre as fontes secundárias um cenário semelhante se apresenta de modo geral. Se dividirmos entre veículos, Le Monde prioritariamente oferta experts, enquanto que Folha de S.Paulo mostra um equilíbrio entre testemunhos e experts.

Já em relação às formações discursivas, fontes primárias tendem a ofertar uma variedade maior do que fontes secundárias. Vale destacar que, entre as fontes independentes, nenhuma se apresentou como primária nas matérias sobre Governança. De modo geral, observa-se um equilíbrio quantitativo entre as formações discursivas ofertadas. O mesmo se observa nas FD1 Sucesso e FD2 Fracasso, se compararmos entre fontes primárias e secundárias. Contudo, as demais FDs são mais presentes entre as fontes secundárias.

Entre as fontes oficiais, nenhuma discursa com base na FD4 Incompetência. Além disso, as FDs que mais se destacam aqui estão vinculadas a um olhar otimista da conferência, com FD1 Sucesso, FD3 Competência e FD5 Esperança. Entre as fontes oficiosas, a FD4 Incompetência ganha volume nesta análise. A FD2 Fracasso é outra bastante presente, assim como a FD1 Sucesso. Já entre fontes independentes, observa-se a ausência das FD1 Sucesso, FD2 Fracasso e FD3 Competência. A FD6 Desesperança é a que mais se destaca aqui.

Quadro 4 – Relação de Fontes com Formações Discursivas no gênero informativo – Governança⁷³

Fontes FDs	Oficiais						Oficiosas																								Independentes		
	L2	L12	L8	L9	L13	L19	L6	L11	L16	L18	L1	L3	L4	L5	L7	L10	L14	L15	L17	L20	L21	L23	L25	L27	L28	L22	L24	L26					
	Primária		Secundária				Primária				Secundária																Secundária						
Sucesso	x	x								x				x				x		x		x											
Fracasso	x							x	x	x	x	x							x		x												
Esperança	x			x						x			x		x													x					
Desesperança					x					x							x								x		x	x					
Competência		x	x			x										x																	
Incompetência							x		x			x						x						x		x	x						

⁷³ (L1) Denise Menchen (Folha de S.Paulo), (L2) Organização das Nações Unidas (ONU) e Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), (L3) Diretor executivo do Pnuma, Achim Steiner, (L4) Coordenadora executiva da Rio+20, Henrietta Elizabeth Thompson, (L5) Fatoumata Keita-Ouane, do setor científico do Pnuma, (L6) Claudio Angelo e Claudia Antunes (Folha de S.Paulo), (L7) Presidente do grupo sobre quadro institucional para o desenvolvimento sustentável (IFSD), (L8) Juscanz, (L9) G-77, (L10) Embaixador argentino Raúl Estrada, (L11) Claudio Angelo, Fernando Rodrigues e Denise Menchen (Folha de S.Paulo), (L12) Presidente Dilma Rousseff, (L13) Kumi Naidoo, diretor-executivo do Greenpeace, (L14) Ex-presidente da Costa Rica José Maria Figueres, (L15) Secretário-geral da Rio+20, Sha Zukang, (L16) Gilles Van Kote (Le Monde), (L17) Advogados ambientais, (L18) Michel Prieur, Presidente do Centro Internacional de Direito Ambiental Comparado (CIDCE), (L19) Centro Internacional de Direito Ambiental Comparado (CIDCE), (L20) Negociador europeu que pediu anonimato, (L21) Jurista Alexandra Cuenin da Universidade de Lyon III, (L22) Jurista anônimo, (L23) Laurence Tubiana, diretora do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Relações Internacionais, (L24) Monique Barbut, presidente do Meio Ambiente Global, (L25) Lucien Chabason, consultor do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Relações Internacionais, (L26) Susan Lieberman, vice-diretora do Pew Environment Group, ONG americana, (L27) Alex Rogers, biólogo e diretor científico do Programa Internacional sobre o Estado do Oceano e (L28) Jean-Michel Cousteau, filho mais velho do oceanógrafo Jacques-Yves Cousteau e presidente da Ocean Futures Society.

d) Quanto às fontes nas três análises

Somando as três análises, pode-se perceber que, entre as fontes oficiosas, o sentido nuclear de Fracasso é o que mais se destaca. Nas oficiosas, o destaque fica para Desesperança, assim como nas fontes independentes. Estas últimas não ofertam em nenhum momento discursos com base em Sucesso e Competência. Entre todas as fontes primárias, o sentido nuclear de Esperança é o que mais se sobressai. Já entre as secundárias, Desesperança aparece com larga vantagem das demais. Vale ressaltar que, em ambas as categorias, a segunda formação discursiva mais presente é Fracasso.

e) Quanto aos enunciadores nos editoriais

Nos enunciadores, a categoria de análise dos editoriais mostra que os veículos operam enquanto consultores da esfera pública os quais julgam quase que unanimemente de maneira negativa o Texto Final. A diferença fica para Le Monde, que se utiliza da voz programativa para apontar caminhos na área ambiental. No jornal brasileiro, constam ainda duas vozes de membros da organização da conferência. Uma analisando o desfecho positivamente e outra negativamente. Aqui o editorial buscou uma certa pluralidade, apesar de sua fala ser predominante em toda oferta. Já Le Monde oferta um ator especialista da área ambiental, reducionista da conferência na formação discursiva Fracasso.

f) Quanto aos enunciadores nas matérias sobre Economia Verde

Nas matérias de economia verde, enunciadores especialistas da área ambiental se apresentam em grande quantidade com o sentido nuclear de Esperança. Nota-se que este sentimento não está relacionado diretamente à conferência ou negociadores. Aponta-se ainda o Governo Brasileiro, enquanto negociador da Rio+20, que opera de duas maneiras em seu enunciado: enquanto um cético da Economia Verde, mas também como alguém com Esperança nas possibilidades que o modelo traria. Nota-se ainda negociadores e especialistas ambientais carregados com a formação discursiva Desesperança e um enunciator organizador do evento com o sentimento contrário.

No Le Monde, o sentido nuclear de Desesperança permeia todos enunciadores que operam enquanto cidadãos comuns. Estes entregam a responsabilidade deste sentimento aos gestores públicos, ressaltando sua ineficiência. Entre os negociadores da conferência, são observadas formações discursivas de Fracasso e Desesperança quanto ao evento em si. Aqui o

único enunciador a operar com Esperança no evento é um membro das entidades organizadoras.

g) Quanto aos enunciadores nas matérias sobre Governança

Nas ofertas sobre o tema Governança, a Folha de S.Paulo contém um número mais expressivo de negociadores ressaltando Competência e Esperança nas negociações. Por outro lado, o sentido nuclear Fracasso está presente em enunciadores como a ONU, organizadora do evento, e o jornal brasileiro, enquanto consultor da esfera pública. O destaque aqui fica para o secretário-geral da Rio+20, Sha Zukang, enunciador organizador que opera primeiramente pelo Sucesso em determinados elementos, mas na sequência resalta a Incompetência nas negociações.

No Le Monde, especialistas da área ambiental predominam nas matérias. Apenas três deles viram as negociações pela ótica do Sucesso. Atores que se utilizaram de Fracasso, Incompetência e Desesperança nas avaliações do processo de Governança somam nove locutores. Michel Prieur, Presidente do Centro Internacional de Direito Ambiental Comparado, é a fonte primária desta etapa que analisa as negociações com um maior número de enunciadores que se baseiam nos seguintes sentidos nucleares: Fracasso, Sucesso, Desesperança, Esperança e Incompetência.

h) Quanto às formações discursivas predominantes

Dito isto, observa-se que os enquadramentos dados pelos enunciadores elencados acima atribuem os sentidos nucleares negativos do evento aos diplomatas que negociavam na conferência, destacando os conflitos no processo de Governança e o ceticismo nas propostas de ‘esverdeamento’ da economia. Assim, uma responsabilidade da questão ambiental não é percebida nos discursos dos locutores, sejam eles cidadãos comuns ou especialistas com considerável capital socioambiental, oriundos do terceiro setor. Vale ressaltar que aspectos positivos raramente são atribuídos à conferência. Quando são, geralmente partem de enunciadores que falam enquanto organizadores do evento.

Nos editoriais, observa-se que na Folha de S.Paulo os sentidos nucleares mais presentes foram Fracasso e Incompetência, enquanto que no Le Monde segue o mesmo enfoque, com adendo de Desesperança. Se juntarmos as duas análises, essas três formações

discursivas se sobressaem, com destaque maior para Incompetência.

Nas matérias sobre Economia Verde, a Folha de S.Paulo aborda de maneira equilibrada Esperança e Desesperança. Esta última é a de maior destaque nas amostras de Le Monde. Novamente, ao juntarmos as duas análises, o sentido nuclear Desesperança lidera nas ofertas dos jornais. Já nos materiais que abordaram a temática da Governança, o destaque fica para Incompetência, na Folha de S.Paulo, e Fracasso, no Le Monde. Ao somarmos todos os dados, estas duas formações discursivas se equiparam, com relativo destaque para Sucesso quando se trata da Economia Verde.

De modo geral, ao reunirmos estas três instâncias, observa-se que Incompetência teve mais aparições no jornal brasileiro, enquanto que Fracasso é mais ofertado no jornal francês. Entre eles, o sentido nuclear menos presente é de Competência. Destaca-se ainda que Esperança aparece mais na Folha de S.Paulo do que em Le Monde, que quase não a enquadra em seus textos. Com uma leve superioridade, Sucesso tem mais amostras no periódico europeu do que no latino-americano.

Por fim, ao agruparmos todas as formações discursivas, das três instâncias nos dois jornais, Incompetência, Fracasso e Desesperança lideram com larga diferença, seguidas de Sucesso, Esperança e, com raras abordagens, Competência. Estes aspectos positivos, quando se faz uma quantificação do número de abordagens, ficam apenas um quarto das aparições. Com base nisso, o enquadramento geral dado nas coberturas aqui analisadas tratou de ressaltar os aspectos negativos da conferência, embora reconheça elementos positivos que poderão ser aperfeiçoados futuramente.

i) Quanto às gramáticas de produção

Logo, os produtos jornalísticos de ambos os jornais ofertam gramáticas de produção que reduzem a conferência à abordagem de aspectos menores e não reconhecem que a discussão sobre a temática ambiental é recente e suscetível a divergências. Em outras palavras, a própria existência de discussões na área ambiental já é um avanço se buscarmos compreender a história da humanidade nos últimos séculos. Estas particularidades jornalísticas foram percebidas também na análise quantitativa, em especial na categoria temática Fatos do Evento com Pouca Frequência, presente em ambos os veículos, a qual tem forte ligação com o gênero jornalístico Nota, de proporção semelhante.

O enfoque pessimista também tem muito a dizer sobre os leitores imaginados por estes jornais, o que nos faz levantar a hipótese de que estes são sujeitos afeitos à negatividade, embora algum impacto positivo também tenha sido levantado na cobertura da conferência. É possível salientar que este fenômeno é próprio do jornalismo, tendo em vista que este discursa tendencialmente usando os valores-notícia vistos na análise quantitativa, entre os quais o novo e o inusitado são imprescindíveis de um fazer jornalístico baseado em manchetes vistosas, sem espaço para o trivial. Trata-se do extraordinário em detrimento do ordinário. Observa-se ainda que, mesmo com a presente pluralidade no uso de fontes, nem sempre as matérias foram polifônicas, sobretudo com enunciadores consonantes nos discursos. Com base no modelo da Espiral do Silêncio, pode-se afirmar que estas vozes impõem suas óticas baseadas nas formações discursivas vistas até aqui, operando de maneira progressiva durante todo o período analisado, o que corrobora para omissão de outras perspectivas discursivas.

Embora não gere automaticamente uma opinião pública, geral e uniforme, desconstruída pela acepção bourdieusiana, estas saliências ofertadas estão presentes em banquetes valorativos sobre a conferência Rio+20, oferecidos através do processo de agendamento pelos dois jornais analisados. Estes funcionam como canceladores de sentidos ao realçarem marcas discursivas em detrimento de outras, ou mesmo enquanto consultores da esfera pública, conforme Fausto Neto (1999). Se nos remetermos à análise quantitativa, esta função é notória em atributos da abundante cobertura nas categorias temáticas Texto Final e Avaliação do Evento.

O campo jornalístico se caracteriza, por fim, também como um reproduzidor de ideologias. Isto fica sublinhado ao ser o espaço canalizador de discursos de outras esferas, as quais através dele ganham reconhecimento das demais. Assim, os discursos jornalísticos atuam em sociedade como uma referência importante por serem representantes de uma certa “realidade”, o que significa que os leitores de ambos os jornais tiveram nas ofertas da conferência Rio+20 subsídios para construção de suas opiniões e identidades, as quais posteriormente puderam ser agregadas em suas manifestações no espaço público.

7 DISCUSSÃO

No início do ano, um professor da Univates me abordou, buscando saber qual era o tema do meu trabalho de conclusão de curso. Respondi sem delongas que era a conferência Rio+20 em mídias impressas. Então ele, visivelmente desapontado, me questiona por que a Rio+20, já que para ele o evento tinha sido um fracasso. Mal sabia o docente que na sua pergunta estaria a minha resposta.

Na hora justifiquei pela relevância na área ambiental, pela proximidade e por um evento da Organização das Nações Unidas, entidade que teve como primeiro discursante na assembleia inaugural um brasileiro de Alegrete, assim como eu. Hoje, após este mergulho na temática com representantes da mídia de dois continentes, o novo e o velho, responderia ao professor, sem nenhum ressentimento, que justamente por sua percepção da conferência estar atrelada ao viés do fracasso, o que revelou-se na convergência discursiva midiática analisada, justifica-se a minha pesquisa.

Não obstante, é preciso reconhecer que determinadas metodologias de negociação no evento, como, por exemplo, a exigência de unanimidade ao invés de consenso nas votações, carecem de melhor efetividade para aceleração dos trabalhos. Contudo, não se pode destinar a carga da crise ambiental somente para a diplomacia (ou falta de). Se eles estão no poder democraticamente é porque a população os escolheu, direta ou indiretamente, para esta posição. Logo, renunciar a corresponsabilidade infere em um erro ainda maior.

Assim, posso afirmar com convicção que o professor não esteve na conferência, muito menos fez parte do grupo de diplomatas que deliberaram sobre questões ambientais. Mas como saberia ele que a Rio+20 foi um fracasso? Pistas para este agendamento foram dadas nas duas análises esmiuçadas.

Buscando compreender a lógica do jornalismo ambiental aplicada pelos dois veículos, primeiramente, nosso estudo aponta que, mesmo com uma quantidade significativa de fontes na análise qualitativa, as matérias tendencialmente ofertavam pontos de vista praticamente singulares, o que não converge com a ideia de Loose e Peruzzolo (2008) de um jornalismo ambiental polifônico. Esta homogeneidade de pontos de vista foi verificada também por Berger (2006), em estudo sobre as vozes e formas de nomeação destas pela cobertura do jornal Zero Hora na invasão dos laboratórios de mudas da Aracruz, no Rio Grande do Sul. Para a autora, a produção noticiosa condicionou o modo de ver o acontecimento por não tratar de ouvir fontes independentes, envolvidas no caso.

Nesta linha, o presente trabalho sobre a abordagem da conferência Rio+20 aponta que fontes primárias tendencialmente se enquadram na categoria de fontes oficiais e oficiosas, sendo que independentes assumem este papel em apenas uma categoria de análise (Economia Verde). Em outras palavras, raramente corresponderam ao essencial nas matérias jornalísticas analisadas. Além disso, fontes oficiosas são mais proeminentes na análise, auferindo, tendencialmente, nos discursos, o lugar de experts da temática ambiental. Assim, a questão ambiental é raramente colocada como elemento constituinte de um deliberar por parte do cidadão comum, elencando estas responsabilidades para os negociadores da conferência, marca estratégica de enquadramento característica dos dois jornais.

Esta mesma perspectiva foi detectada por Alcaraz (2012) em estudo sobre a midiatização do tema mudanças climáticas em 2010 em jornais de Rosário, na Argentina. Os setores locais são representados como meros espectadores dos debates em torno da problemática. Para ele, um dos fatores deste distanciamento discursivo imposto é que eventos que discutem o tema acontecem longe geograficamente das comunidades. Contudo, o fator geográfico está cada vez mais desmistificado graças às novas tecnologias. Por fim, os critérios de escolha das fontes que prioriza fatores como prestígio e nível hierárquico, conforme detectado por Alcaraz, convergem com os resultados do nosso estudo, com enfoque maior para oficiais e oficiosas.

Os nossos resultados compactuam também com o estudo de Cervi, Massuchin e Bronoski (2010). Com base em uma análise quantitativa das fontes das notícias sobre meio ambiente na Folha de S.Paulo, entre 1992 e 2008, os autores concluíram que há um predomínio de fontes oficiosas na categoria primária, que estabelece a maior origem dos dados noticiosos. Já fontes ambientalistas e população pouco aparecem enquanto primárias. No presente trabalho, é possível perceber esta mesma lógica nos quadros 27, 28 e 29, da análise qualitativa. Constata-se ainda a forte tendência discursiva de experts nos enunciados. Assim, verifica-se uma unilateralidade de fontes, pouco abrindo espaço para cidadãos sem saber científico, o que resultaria em uma maior incidência de testemunhos, legitimando estratégias no tratamento dos temas ambientais, apontamentos também feitos por Loose e Peruzzolo (2008), ao estudar a temática na editoria Ciência da Folha de S.Paulo em 2006.

Com base nas análises quantitativa e qualitativa, observa-se uma aproximação da temática ambiental com a ótica capitalista. Em Le Monde, essa apropriação se sobressai no caderno semanal sobre negócios *Éco & Entreprise*. Na Folha de S.Paulo, a editoria Mercado se faz presente. Além disso, as categorias temáticas PIB e Economia Verde aparecem em ambos os jornais. Vale sublinhar que esta última era de um dos temas principais da conferência. Além disso, nota-se a presença de discussões sobre o Atual Modelo Econômico no jornal brasileiro. Estes dados se aproximam do que foi observado por Sampaio e Guimarães (2012), que afirmam que a sustentabilidade tem convergido com discursos econômicos, direcionando este dizer para novas falas a partir disto. Nesse sentido, Bonfiglioli (2004) observa que nesse processo o discurso ecológico empresarial marginaliza o discurso ecológico original.

O foco econômico da temática ambiental também é apontado por Dominguez (2012), que analisa as ofertas jornalísticas sobre a hidrelétrica de Garabi, na fronteira entre Argentina e Brasil. Para ele, há uma subordinação de fontes oficiais, o que determina um jornalismo restritivo, refém de ordens de sujeitos legitimadores de sentidos. O mesmo é visto em ponderações de Costa, Cunha e Velloso (2012). Eles analisaram os discursos em matérias sobre desmatamento, sobretudo na Amazônia, publicados em 2009 nos sites do Estadão e da Folha de S.Paulo. Ambos veículos focaram o problema pela ótica econômica, com uso predominante de fontes políticas e científicas e com raras menções ao terceiro setor.

Por outro lado, com base na diversidade de espaços ocupados pelos produtos

jornalísticos em ambos os veículos, pode-se inferir que a cobertura da conferência Rio+20 permeou os jornais de modo transversal, ‘contaminando’ editorias, como propõe Girardi et al. (2012). Uma lógica de distribuição semelhante é vista no trabalho sobre o jornal paulista de Cervi, Massuchin e Bronoski (2010), os quais apontam que as matérias da temática ambiental foram publicadas nas editorias Ciência, Cotidiano, Brasil e Opinião.

O predomínio de Reportagem em Le Monde e a reconhecida aparição deste gênero jornalístico na Folha de S.Paulo nos remete à possibilidade de que a cobertura de ambos os jornais se propôs profunda na contextualização, como defendem Loose e Peruzzolo (2008). Observa-se ainda a grande presença do gênero opinativo no jornal brasileiro e a considerável abordagem em Le Monde. Com isto, os veículos corroboram na pluralidade de ideias, as quais irão inferir na opinião de seus leitores, possibilitando um melhor debate no espaço público. Contudo, a maciça oferta de Nota e Notícia aponta para uma cobertura também fragmentada, sobretudo no jornal brasileiro. Esta é uma característica do jornalismo diário contemporâneo, a qual vai contra a perspectiva analítica e aprofundada defendida quase que hegemonicamente por estudiosos do jornalismo ambiental, ocasionando a manifestação do formato de notícia *fast-food* (PRADO apud SOSTER e MACHADO, 2003). Estas especificidades também foram vistas no estudo de Alcaraz (2012), o que para ele resulta em uma abordagem simples ou episódica.

No estudo dos sentidos, do capítulo anterior, a visão negativa quase que unilateral dos enunciados fica mais evidente. Esta ótica vai ao encontro com o que foi observado por Gavirati (2012), que trabalha com a hipótese de que uma abordagem expressiva quantitativamente da temática ambiental não é sinônimo de uma melhor percepção sobre o assunto por parte dos receptores. Para o autor, a insistência em determinado tema no campo jornalístico pode ter o efeito reverso. Assim, efeito semelhante pode ter acontecido entre os leitores dos jornais aqui analisados, com a agenda oferecida pela mídia impressa não se transformando necessariamente em agenda do público.

A relação de sentidos está atrelada aos discursos das fontes presentes nas ofertas jornalísticas. Assim, em estudo sobre a cobertura ambiental com nove jornais brasileiros de São Paulo e Rio de Janeiro, no segundo semestre de 2006, de Bueno (2007), constatou-se que quantitativamente o tratamento é significativo, distribuído em diversas editorias, mas com a participação dos cidadãos e organizações do terceiro setor reduzidas, prevalecendo o discurso

oficial e técnico. Deste modo, a mesma lógica operacional de fazer prevalecer os discursos oficiais é vista no nosso trabalho, este com adendo de uma percepção do jornalismo europeu.

Quando se leva em conta que o jornalismo ambiental desempenharia com equilíbrio a tríade funcional proposta por Bueno (2007): vertente informativa, atualizando leitores sobre os temas da área; pedagógica, ao explicar as causas e indicar soluções; e política, ao mobilizar os cidadãos; com base neste estudo sobre a conferência Rio+20, tanto o jornal europeu quanto o periódico latino-americano praticaram com eficiência a primeira função sugerida pelo autor. Com menor intensidade, a linha pedagógica pode ser vista especialmente em reportagens, aprofundando temas e destacando aspectos reflexivos. Já a terceira função entende-se como um impasse analítico. Se por um lado o gênero opinativo subsidia um debate polifônico, que poderia resultar em uma mobilização, por outro a percepção negativa predominante, como se constatou na análise qualitativa, nos induz a dizer que estes enunciados dificilmente estimularão um olhar para o futuro de modo envolvente e incentivador, sobretudo ao abster os cidadãos da problemática que abrange todo o planeta.

Quanto à aproximação da cobertura da Rio+20 de um jornalismo público, baseado na informação ambiental que atenda ao interesse público, pode-se afirmar que ambos veículos analisados cumpriram esta função. Na análise quantitativa, fica destacado no volume de matérias noticiosas, no acompanhamento antes e depois do evento, na variedade de gêneros jornalísticos e na diversidade de categorias temáticas relacionadas à conferência. Na análise qualitativa, fica explícito na grande quantidade fontes, apesar da tímida polifonia sublinhada nas formações discursivas.

Assim, o jornalismo praticado por ambos os veículos se aproxima do conceito de jornalismo público ao dar espaço, mesmo que não em iguais proporções e sem engajamento, aos discursos sociais conflitantes relacionados à Rio+20. Logo, Folha de S.Paulo e Le Monde desempenham pressupostos como liberdade de expressão e direito à informação. Este último fica salientado em temas complementares incluídos em ambas as coberturas jornalísticas, como Energia, Ecologia, Indústria e Atual Modelo Econômico. Além disso, o grande volume noticioso aponta para o cumprimento deste quesito.

Por fim, a cobertura da conferência Rio+20 dos jornais Le Monde e Folha de S.Paulo aponta para um fazer democrático, ofertando diferentes enunciadores, apesar da predominância verificada na análise qualitativa. Logo, dentro das limitações verificadas,

ambos corroboraram democraticamente na construção social das temáticas ambientais pertencentes ao evento. Implicações por parte da população foram vistas nos dois veículos, sobretudo na categoria temática Protesto, da análise quantitativa, a qual figura na metade das amostras em ambos os casos. Contudo, as saliências discursivas verificadas na análise qualitativa indicam geralmente para uma abstenção, tanto por parte dos veículos quanto dos cidadãos, em uma corresponsabilidade na emergência ambiental, carecendo de envolvimento efetivo da sociedade global como um todo.

A investigação e a comparação da cobertura da conferência Rio+20 nos jornais Le Monde e Folha de S.Paulo apontaram aproximações e distanciamentos entre as gramáticas de produção (VERÓN, 2004) dos dois veículos jornalísticos, as quais foram expostas por meio das categorias que tomamos para as análises realizadas: quantitativas (frequência, gênero, editoria e tema) e qualitativas (formações discursivas e vozes presentes nas coberturas opinativa e informativa). Estas gramáticas de produção culminam na formação de um padrão ou matriz cultural que expõe a lógica de jornalismo ambiental aplicada pelos dois jornais, determinando uma maior ou menor potencialidade de estimular o debate público. Este estudo contribuiu na compreensão dos agendamentos realizados pelos jornais Le Monde e Folha de S.Paulo, por meio do enquadramento de sentidos ofertados aos receptores em relação ao evento Rio+20.

REFERÊNCIAS

ALCARAZ, Luis González. El cambio climático em la prensa local. Agenda informativa, valores noticiosos y encuadres periodísticos em dos diarios Argentinos. In: Razón y Palabra, n. 80, ago/oct. 2012. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199524426040>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 10ª edição. São Paulo: Ed. Hucitec, 2002.

BARROS FILHO, Clóvis; THORNTON, Ricardo. **Política e Opinião**: dos números às letras. In: BARROS FILHO, Clóvis (Org.). Comunicação na Pólis: ensaios sobre mídia e política. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2002. p.247-268.

BARROS FILHO, Clóvis. **Ética na comunicação** - da informação ao receptor. São Paulo: Moderna, 1995.

_____. **Ética na Comunicação** - Revista e Atualizada. 6. ed. São Paulo: Summus, 2008.

BELMONTE, Roberto. **Cidades em mutação**: Menos catástrofes e mais ecojornalismo. In: VILAS BOAS, Sergio. (org.). Formação e informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

BENETTI, Marcia. **Análise do Discurso em jornalismo**: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Orgs.). Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. 2ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Fazer Jornalismo).

BERGER, Christa. **O Caso Aracruz**. Do fato ao acontecimento jornalístico (um outro, o mesmo). In: UNirevista – Vol. 1, n 3, Julho/2006. UNISINOS, RS. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.unirevista.unisinos.br/index.php?e=3&s=30&a=550>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. In: Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 15, p. 33-44, jan/jun. 2007. Editora UFPR. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://cbja-rio2011.com.br/1016/jornalismo-ambiental-explorando-alem-do-conceito.html>>. Acesso em: 15 abr.2013.

BONFIGLIOLI, Cristina Pontes. Discurso ecológico e mídia impressa: análise de discurso de um acidente ambiental. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Porto Alegre/RS – 30 de agosto a 3 de setembro de 2004. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=42984>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **A opinião pública não existe**. In: BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Lisboa: Fim de Século - Edições, Sociedade Unipessoal, Lda. Lisboa, 2003. Tradução de Miguel Serras Pereira. Título original: Questions de Sociologie.

CAMPELLO, Lorena de Oliveira Souza. A contribuição do jornal Gazeta de Sergipe para a discussão da problemática ambiental entre os anos de 1972 e 1992: o papel da imprensa escrita para o desenvolvimento social. In: Razón y Palabra, n. 80, ago/oct. 2012. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199524426019>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

CERVI, Emerson Urizzi; MASSUCHIN, Michele Goulart; BRONOSKI, Bruna. Temática Meio Ambiente na Folha de São Paulo: abordagem quantitativa da presença de fontes na cobertura sobre questões ambientais entre 1992 e 2008. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul/RS – 2 a 6 de setembro de 2010. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=40299>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

COLOMBO, Macri Elaine. Jornalismo Ambiental: a sua história e conceito no contexto social. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul/RS – 2 a 6 de setembro de 2010. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=41110>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

COSTA, Luciana Miranda; CUNHA, Karina Menezes; VELLOSO, Brunella Lago. Quando as fontes são de lá: o discurso jornalístico dos jornais OESP e FSP sobre desmatamento durante a COP15. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza/CE – 3 a 7/9/2012. **Anais eletrônicos...** Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=51062>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

DOMINGUEZ, Carlos. O silêncio dos afogados. O desaparecimento da população ribeirinha no noticiário sobre a construção da Hidrelétrica de Garabi. In: Razón y Palabra, n. 79, may/jul. 2012. **Anais eletrônicos...** Disponível em:

<<http://www.razonypalabra.org.mx/N/N79/index79.html>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

DORNELLES, Beatriz. O fim da objetividade e da neutralidade no jornalismo cívico e ambiental. In: Brazilian Journalism Research, v. 1, n. 1, p. 121-131, semester 2-2008. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/167/0>>. Acesso em: 16 abr. 2013.

FAUSTO NETO, Antônio. **Comunicação e mídia impressa: estudo sobre a AIDS**. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

FLORES, Valdir do Nascimento (org.et al). **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FLÔRES, Vinícius; MAZZARINO, Jane. Ofertas, marcas e a construção de vínculos com o receptor na produção jornalística sobre recursos hídricos. In: ALAIC - Congreso Latinoamericano de Investigadores em Comunicación. GT Estudios sobre Periodismo. Montevideo: maio, 2012. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://alaic2012.comunicacion.edu.uy/sites/default/files/ofertas_marcas_e_a_construcao_de_vinculos_com_o_receptor_na_producao_jornalistica_sobre_recursos_hidricos_jane_mazzarin_i_vinicius_dos_santos_flores_0.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2013.

_____. **Jornalismo ambiental: tema, gênero e fontes na abordagem dos recursos hídricos nos jornais Correio do Povo e Zero Hora**. In: 2º Encontro Interdisciplinar de Comunicação Ambiental (EICA), 2013, Aracaju Sergipe. Anais do 2 encontro interdisciplinar de comunicação ambiental, 2013.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. A Temporalidade Múltipla no Webjornalismo. IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba/PR, 2009. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3693-1.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

FROME, Michael. **Green Ink: Uma Introdução ao Jornalismo Ambiental**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

GAVIRATI, Pablo Marcelo. Periodismo local y cambio climático global análisis discursivo de la COP-15 em la prensa Argentina. In: Razón y Palabra, n. 79, may/jul. 2012. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/N/N79/V79/28_Gavirati_V79.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2013.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges; MASSIRER, Carine; LOOSE, Eloisa Beling. Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. In: Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, v. 34, n. 1, p. 131-152, jul./dez.2012. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewArticle/2972>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

HALL, Stuart et al. **A produção social das notícias: o mugging nos media**. In: TRAQUINA, Nelson. (Org.) Jornalismo: questões, teorias e "estórias". Lisboa: Vega, 1999. p. 224-248.

HAMILTON, Fernando Arteché. Webjornalismo: novo ritmo do fazer jornalístico ou atividade derivada? XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador/BA, 2002. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/4cac473ca965454df3d844bdc3addcd2.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Orgs.). Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. 2ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Fazer Jornalismo).

LAGE, Nilson. Relacionamento do Repórter com as Fontes: procedimentos e teoria. In: IX Compós. Porto Alegre/RS, 2000. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<https://sites.google.com/site/fontesnojornalismo/artigos>>. Acesso em: 25 ago. 2013.

LOOSE, Eloísa Beling. PERUZZOLO, Adair Caetano. Como o Meio Ambiente é tematizado no Discurso Jornalístico da Folha de S. Paulo. In: XXXI Congresso Brasileiro de Comunicação Ambiental, Natal/RS – 2 a 6 de setembro de 2008. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=34571>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

LOOSE, Eloisa Beling; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. O Jornalismo Ambiental e seu Caráter Educativo. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba/PR – 4 a 7 de setembro de 2009. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=36492>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo, SP: Editora Metodista, 2010.

MCCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda**: A mídia e a opinião pública. Editora Vozes, 2009.

MAZZARINO, Jane Márcia. **O Campo Jornalístico E A Construção Do Capital Comunicacional Socioambiental**. RCA. Revista de Ciências Ambientais (UniLASALLE), v. 6, p. 81-94, 2012.

MOLINA, Matías M. **Os melhores jornais do mundo**: uma visão da imprensa internacional. São Paulo: Ed. Globo, 2008.

MORAES, Cláudia Herte. O impacto, o significado e a repercussão na prática do jornalismo ambiental. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal/RN, — 2 a 6 de setembro de 2008. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1511-1.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

PILAGALLO, Oscar. **História da imprensa paulista**: jornalismo e poder de d. Pedro a Dilma. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

RODRIGUES, Allan Soljenítsin Barreto; COSTA, Grace Soares. Jornalismo, Meio Ambiente e Democracia. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife/PE – 2 a 6 de setembro de 2011. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=39317>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de; GUIMARÃES, Leandro Belinasso. O dispositivo da sustentabilidade: pedagogias no contemporâneo. In: Perspectiva, Florianópolis, v. 30, n. 2, 395-409, maio/ago. 2012. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2012v30n2p395/pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

SANTOS, Juliana Frandaloze Alves dos. A importância do jornalismo de qualidade da redução de riscos e desastres. In: Razón y Palabra, n. 79, may/jul. 2012. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/N/N79/M79/11_Frandaloze_M79.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2013.

SCHMIDT, João Pedro. **Raízes do comunitarismo**: concepções sobre a comunidade no pensamento ocidental. In: SCHMIDT, João Pedro (Org.). Comunidade e comunitarismo: temas em debate. Curitiba, PR: Multideia, 2013.

SOSTER, Demério de Azeredo; MACHADO, Marcia Benetti. A velocidade e a precisão em tempos de webjornalismo. XII Compós, Recife/PE, p. 1-11, 2003. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <www.compos.org.br/data/biblioteca_997.PDF>. Acesso em: 15 abr. 2013.

SOUZA, Sérgio Euclides; PAULINO, Fernando Oliveira. Desenvolvimento Sustentável, Consumo, Cidadania e Responsabilidade Social da Imprensa. In: XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, Campo Grande/MS – setembro 2001. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP12SOUZA.PDF>>. Acesso em 24 out. 2013.

TRAQUINA, Nelson. **O poder do jornalismo**: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 2000.

_____. **Teorias do Jornalismo**: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008. 2 v.

_____. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 3. ed. rev. 2012.

VERÓN, Eliseo. **La Mediatización**. Buenos Aires: Ed. UBA, 1997.

_____. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004.

WEBER, Max. **Economia y sociedad**: esbozo de sociologia comprensiva. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1984.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 6ª edição. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

ANEXOS

ANEXO A - Editorial ‘Adeus, Rio’, publicado na página A2 na editoria Opinião, da edição do dia 21 de junho de 2012, da Folha de S.Paulo.

Adeus, Rio

Malogrou a Rio+20. Não há outra forma de descrever o resultado da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável. Não se encontra palavra mais apropriada que "fracasso" para qualificar uma reunião cujo mérito maior foi evitar um retrocesso de duas décadas, em relação à primeira Cúpula da Terra, no mesmo Rio de Janeiro, em 1992.

Até o comedido Ban Ki-moon, secretário-geral da ONU, permitiu-se afirmar que desejaria um documento final mais ambicioso. Só o governo brasileiro, no papel de anfitrião, saudou os 283 parágrafos da peça "O Futuro que Queremos" como "vitória" e "avanço". O Itamaraty pode ter evitado um fiasco do porte da conferência do clima de Copenhague (2009), que se mostrou incapaz de produzir uma declaração conjunta. Mas falar em texto "estupendo" é um exagero que nem mesmo a proverbial presunção diplomática autorizaria.

Todo o esforço da representação brasileira foi fechar um documento de consenso antes da chegada dos chefes de Estado e de governo ao Rio, ontem. Entre hoje e amanhã, eles devem limitar-se a fazer discursos pomposos e cancelar uma declaração inócua. A habilidade negocial brasileira se resumiu a tentar agradar a todos retirando substância do texto. A União Europeia (UE) queria uma Organização Mundial do Ambiente, mas não levou. Os EUA

vetaram, com apoio do Brasil e de países emergentes.

Estes pediam um fundo de US\$ 30 bilhões custeado pelos desenvolvidos. Tiveram de contentar-se com a manutenção do princípio -velho de 20 anos- das "responsabilidades comuns porém diferenciadas" (ricos e desenvolvidos devem investir mais e transferir tecnologia para combater os males do ambiente global) e com um grupo de trabalho sobre o assunto. O máximo que se logrou acordar foi que o mundo precisa de metas quantitativas de desenvolvimento sustentável, ao estilo das Metas de Desenvolvimento do Milênio. Quantas e quais, fica para outra comissão, com prazo até 2015.

O produto mais evidente da Rio+20, ao final, talvez seja o esgotamento da via multilateral para concertar decisões de governos nacionais quanto a questões globais complexas. Como no caso da negociação sobre mudança do clima, as idas e vindas desembocam sempre nos mesmos impasses. Seria bem mais promissor delegar a formatação de soluções para quem realmente conta, econômica e ambientalmente: EUA, UE, Brasil, China, Índia e Rússia. Mas desse futuro ninguém na ONU quer saber.

ANEXO B - Editorial 'Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante', publicado na capa da edição de da edição do dia 23 de junho de 2012, de Le Monde.

Rio+20: le Brésil gagnant, la planète perdante

Au moment où elle s'achève à Rio de Janeiro, le bilan de la conférence des Nations unies sur le développement durable peut se résumer de manière simple: il y a un gagnant, le Brésil, et une perdante, la planète. Rude constat, vingt ans après l'emblématique Sommet de la Terre, qui, dans la même ville, avait posé les bases d'une politique de développement soucieuse de la préservation des ressources du globe.

Le pays hôte, le Brésil, a "réussi son coup", si l'on ose dire. Son objectif était de parvenir à un accord. Il l'a obtenu. Au prix d'une certaine brutalité, inhabituelle dans ce type de processus, il a débloqué en trois jours une négociation qui piétinait depuis six mois. Mais cela s'est fait par le bas, en supprimant purement et simplement tous les passages du projet de déclaration finale qui suscitaient des oppositions. Et en ne conservant que les pétitions de principe générales et consensuelles. Dès lors que personne ne s'attendait à un miracle, ce

manque d'ambition n'est pas une surprise.

Mais la "profonde déception", voire la "colère", du Réseau Action Climat, qui regroupe quelque 600 ONG écologistes dans le monde, est compréhensible. Car, trois ans après l'échec retentissant du sommet de Copenhague sur le climat, c'est bien la planète qui est perdante dans cet accord à minima. Et pour les mêmes raisons. Pour avancer, en effet, les négociations climatiques multilatérales ont besoin de deux moteurs: un groupe de pays leaders et des financements qui témoignent de leur détermination. Les deux font aujourd'hui défaut.

Il n'y avait pas grand-chose à attendre des Etats-Unis, qui n'ont jamais été en pointe sur ces questions et qui sont plus préoccupés par leur élection présidentielle que par l'économie verte et la crise écologique. Pas plus du Canada, qui partage cette attitude très conservatrice. Pas davantage de la Chine et de l'Inde, qui ont été d'une remarquable discrétion. Quant aux pays du Sud, regroupés au sein du "G77", ils ont bien tenté un coup de force, à la veille de la conférence, en exigeant des pays riches qu'ils s'engagent à mettre sur la table 30 milliards de dollars par an jusqu'en 2017 et 100 milliards au-delà pour financer de nouveaux programmes. Ce fut peine perdue: les nations sollicitées ont fait la sourde oreille.

L'Europe, en particulier, semble avoir abandonné toute velléité de leadership en la matière. Engluée dans la crise de la zone euro, tétanisée par sa croissance en berne, sans ressort financier, elle s'est retrouvée isolée dans les négociations. Privée de son pouvoir d'influence, elle s'est montrée incapable de tirer vers le haut un texte final qui rabâche constats et engagements déjà anciens et ne formule pratiquement aucune proposition concrète nouvelle. Le bilan est donc cruel: les lourds enjeux de la crise écologique sont esquivés. Et les chefs d'Etat pourront d'autant mieux se laisser aller à un lâche soulagement que l'agenda international ne prévoit plus aucun rendez-vous en la matière. Ils ne sont donc pas près d'être à nouveau interpellés sur leur inaction.

ANEXO C - Tradução

Rio+20: Brasil vencedor, o planeta perdedor

No momento em que ela termina, no Rio de Janeiro, o resultado da conferência da ONU sobre desenvolvimento sustentável pode se resumir de maneira simples: há um

vencedor, o Brasil, e um perdedor, o planeta. Constatação rude, vinte anos após a emblemática Cúpula da Terra (Eco-92), que, na mesma cidade, lançou as bases para uma política de desenvolvimento preocupada com a preservação dos recursos do planeta.

O país anfitrião, o Brasil, pode-se dizer, "alcançou suas metas". Seu objetivo era chegar a um acordo. Ele conseguiu. Ao preço de certa brutalidade, incomum neste tipo de processo, ele desbloqueou em três dias uma negociação que se arrastava há seis meses. Mais isso se fez por baixo, simplesmente removendo todas as partes do projeto de declaração final que suscitavam oposições. E mantendo apenas as petições de princípio gerais e consensuais. Como ninguém esperava um milagre, essa falta de ambição não surpreende.

Mas a "profunda decepção", quem sabe até mesmo "raiva", da Rede Ação Clima, que congrega cerca de 600 ONGs ambientais no mundo, é compreensível. Porque três anos após o retumbante fracasso da Cúpula de Copenhague sobre o clima, é o próprio planeta que está perdendo neste acordo mínimo. E pelas mesmas razões. Para avançar, de fato, as negociações climáticas multilaterais precisam de dois motores: um grupo de países líderes e de financiamentos que atestem sua determinação. Ambos estão em falta hoje em dia.

Não havia muito a esperar dos Estados Unidos, que nunca estiveram na vanguarda sobre estas questões e estão mais preocupados com a sua eleição presidencial do que pela economia verde e a crise ecológica. Também não do Canadá, que compartilha esta atitude muito conservadora. Não mais da China e da Índia, que têm sido notavelmente discretas. Quanto aos países do Sul, agrupados no "G77", eles tentaram um golpe de força, na véspera da conferência, exigindo dos países ricos o comprometimento de colocar na mesa 30.000 milhões de dólares por ano até 2017 e mais 100 bilhões para financiar novos programas. Foi tudo em vão: as nações solicitadas se fizeram de surdas.

A Europa, em particular, parece ter abandonado qualquer tentativa de liderança nesse tema. Atolada na crise na zona do euro, paralisada pelo seu crescimento estagnado, sem impulso financeiro, ela se encontrou isolada nas negociações. Privada de seu poder de influência, ela se mostrou incapaz de elaborar um Texto Final que reafirme resultados e compromissos de longa data e não formula praticamente nenhuma nova proposta concreta. O balanço é portanto cruel: os pesados desafios da crise ecológica são contornados. E os chefes de Estado poderão se deixar levar por um alívio covarde pois a agenda internacional não

prevê mais nenhum encontro sobre o tema. Eles não estão próximos de serem novamente interpelados por sua inação.

ANEXO D - Reportagem 'La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio', publicada na página 5 da editoria Planète, na edição do dia 24-25 de junho de 2012, de Le Monde.

La gouvernance mondiale de l'environnement reste en cale sèche à Rio

Rio+20 Le juriste français Michel Prieur déplore l'incapacité des Etats à bâtir un cadre commun fondé sur le droit

Rassemblés à Rio de Janeiro pour participer à trois journées de rencontres consacrées à leur discipline, les juristes de l'environnement ont rendu publique une déclaration très critique envers les conclusions de la Conférence des Nations unies sur le développement durable, qui s'est achevée vendredi 22 juin.

Ils y déplorent "le manque d'ambition et d'engagements concrets de Rio+20, imputable à un petit nombre d'Etats influencés particulièrement par des acteurs économiques et financiers qui devront rendre des comptes aux générations présentes et futures pour n'avoir pas pris, en 2012, la mesure de la gravité de l'état de l'environnement mondial et de l'urgence à agir".

Ils regrettent notamment que la déclaration finale de Rio+20 fasse l'impasse sur la question des déplacés environnementaux et réfugiés climatiques. "C'est lamentable, car il s'agit de la plus grande catastrophe humanitaire actuelle et à venir, estime Michel Prieur, président du Centre international de droit comparé de l'environnement (CIDCE), coorganisateur de ces rencontres. Ces réfugiés ne bénéficient d'aucun statut international ni d'aucune protection juridique".

Le professeur de droit émérite de l'université de Limoges relativise les deux points présentés comme les principales avancées de la conférence onusienne. Malgré l'accord sur un "renforcement" du Programme des Nations unies pour l'environnement (PNUE) et le statut d'organisation universelle qui est désormais conféré à celui-ci, il estime que Rio+20 a été un "gros échec" en matière de gouvernance du développement durable.

Le projet d'organisation mondiale de l'environnement, soutenu par l'Union européenne et l'Afrique, a été renvoyé aux calendes grecques. "Et rien n'a été décidé sur la façon dont le PNUE doit être renforcé, constate ce militant du droit de l'environnement. La plupart des décisions ont été renvoyées à l'Assemblée générale des Nations unies".

Michel Prieur regrette également que la définition du contenu des Objectifs du développement durable, qui devraient prendre le relais des Objectifs du millénaire pour le développement quand ceux-ci arriveront à échéance, en 2015, soit repoussée à plus tard. Le juriste reconnaît cependant qu'un calendrier assez précis du processus d'élaboration de ces objectifs, dont le principe a été acté à Rio, a été fixé. Un groupe de travail devra être constitué avant la fin de l'année.

Quelques points trouvent grâce aux yeux de l'universitaire. "Les droits à l'alimentation, à l'eau potable et à l'assainissement sont affirmés de façon plus marquée, admet-il. On note aussi un progrès concernant la protection de la biodiversité en haute mer, même s'il y a eu un recul de dernière minute. Les précédentes versions du texte évoquaient une convention, alors que la version finale ne parle que d'élaborer un instrument international à l'horizon 2014".

Le CIDCE réclame la reconnaissance d'un droit de non-régression. Or celui-ci est implicitement reconnu dans la déclaration finale de Rio+20. Selon ce principe, tout acquis en matière de protection de l'environnement ne peut plus être remis en cause. Quelques pays l'ont déjà inscrit dans leur Constitution. Michel Prieur reconnaît cependant que ce principe peut se heurter à celui de la souveraineté nationale, qui permet à un gouvernement de défaire ce que son prédécesseur a construit.

Le professeur de droit a été surpris par la façon dont les négociations sur le texte de la déclaration finale se sont déroulées, les négociateurs discutant des virgules comme s'il s'agissait d'un texte contraignant ayant une valeur juridique, alors que le document est constitué essentiellement de rappels et d'affirmations de principes, et ne comporte que très peu d'engagements fermes.

"C'est la démonstration d'une incapacité à avoir une réflexion globale sur l'environnement, estime-t-il. On avance beaucoup mieux dans le cadre de protocoles sectoriels, avec des sujets précis et des cadres juridiques clairs".

Un autre principe a fait l'objet de batailles acharnées lors de Rio+20 : celui de la responsabilité commune mais différenciée des nations, affirmé en 1992 en matière de lutte contre le changement climatique. En d'autres termes, les pays en développement n'ont pas les mêmes obligations que les pays riches, la responsabilité de ceux-ci étant davantage engagée. Les pays du Nord ont tenté d'enlever toute référence à ce principe dans la déclaration finale. La Chine, notamment, s'y est fermement opposée. Elle a obtenu gain de cause.

Des engagements évalués à 408 milliards d'euros

Quel étrange contraste entre la litanie des discours teintés d'autosatisfaction délivrés par les dirigeants du monde entier qui ont défilé trois jours durant à la tribune de Rio+20 et la virulence des critiques adressées par la société civile, qui dénonce majoritairement la faiblesse de la déclaration finale, même si certains y ont trouvé quelques avancées.

"C'est un texte honorable, pas un texte maudit, et il sera réhabilité dans quelques années, plaide un négociateur européen tenu à l'anonymat. Ce n'est pas un programme d'action, mais un programme de travail. Le pire aurait été de ne pas avoir d'accord du tout, et cela aurait pu arriver".

Le texte a été adopté par les négociateurs dès le 19 juin, avant même le début de la conférence. Aucune retouche n'y a été apportée par les dirigeants. Au dernier jour du sommet, les Nations Unies ont annoncé que les engagements en faveur du développement durable pris par les gouvernements et les entreprises présents à Rio+20 s'élevaient à 513 milliards de dollars (408 milliards d'euros).

ANEXO E - Tradução

A governança ambiental global permanece emperrada⁷⁴ no Rio

Rio+20: O advogado francês Michel Prieur lamenta a incapacidade dos Estados de desenvolver um quadro comum com base na lei

⁷⁴ N. Tr.: *Cale sèche*, na tradução literal, quer dizer "doca seca". Foi traduzido como emperrada para denotar a impossibilidade de avanço nas negociações.

Reunidos no Rio de Janeiro para participar de três dias de reuniões dedicadas à sua disciplina, advogados ambientais emitiram um comunicado muito crítico dirigido às conclusões da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, que terminou sexta-feira 22 de junho.

Eles lamentam a "falta de ambição e de compromissos concretos da Rio+20, devido a um pequeno número de países particularmente influenciados por agentes econômicos e financeiros, que deverão prestar contas às gerações presentes e futuras por não terem compreendido em 2012 o tamanho da gravidade do estado do ambiente global e da urgência de agir".

Eles lamentam especialmente o fato de que a declaração final da Rio+20 crie um impasse sobre a questão das populações deslocadas e refugiadas por razões ambientais e climáticas. "É lamentável, porque se trata da maior catástrofe humanitária atual e futura", estima Michel Prieur, Presidente do Centro Internacional de Direito Ambiental Comparado (CIDCE), coorganizador destes encontros. "Estes refugiados não se beneficiam de nenhum estatuto internacional e nenhuma proteção jurídica".

O professor emérito de direito na Universidade de Limoges relativiza os dois pontos indicados como os principais avanços da conferência da ONU. Apesar do acordo sobre um "fortalecimento" do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) e o estatuto de organização universal que lhe é atualmente conferido, ele acredita que a Rio+20 foi um "grande fracasso" em temas de governança e de desenvolvimento sustentável.

O projeto de organização ambiental mundial, apoiado pela União Europeia e África, foi adiada por tempo indeterminado. "E nada foi decidido sobre a forma como o Pnuma deve ser fortalecido", constata esse ativista de direito ambiental. Maioria das decisões foram encaminhadas à Assembleia Geral das Nações Unidas".

Michel Prieur também lamenta que a definição do conteúdo dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que deveriam ocupar o lugar de Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, quando estes chegarão ao fim em 2015, também sejam postergados. No entanto, o jurista reconhece que um calendário relativamente preciso do processo de elaboração destes objetivos, cujo princípio foi reconhecido no processo do Rio, foi fixado. Um grupo de trabalho deveria ser formado, antes do final do ano.

Alguns pontos serão bem vistos de acordo com o universitário. "Os direitos a alimentação, água potável e saneamento são afirmados de forma mais significativa", admite ele. "Foi também registrado progresso na proteção da biodiversidade em alto-mar, mesmo se houve um recuo de última hora. Versões anteriores do texto evocavam uma convenção, enquanto a versão final só fala de elaborar um instrumento internacional para 2014".

O CIDCE exige o reconhecimento de um direito de não regressão. Mas esse é implicitamente reconhecido na declaração final da Rio+20. De acordo com este princípio, tudo que fora conquistado em relação à proteção ambiental não pode mais ser questionado. Alguns países já incluíram na Constituição. Michel Prieur reconhece, no entanto, que este princípio pode entrar em conflito com o da soberania nacional, que permite a um governo de desfazer o que seu antecessor construiu.

O professor de direito foi surpreendido pela forma como as negociações sobre o texto da declaração final aconteceram, com os negociadores discutindo vírgulas, como se fosse um texto vinculativo com valor legal, enquanto que o documento é constituído, essencialmente, de lembretes e declarações de princípios, e contém muito poucos compromissos firmes.

"Isso é a demonstração de uma incapacidade de ter uma reflexão global sobre o meio ambiente", afirma ele. "Nós avançamos muito melhor no caso de protocolos setoriais, com temas precisos e referencial jurídicos claros".

Outro princípio foi alvo de duras batalhas durante a Rio+20: o da responsabilidade comum, mas diferenciada das nações, afirmada em 1992 na luta contra a mudança climática. Em outras palavras, os países em desenvolvimento não têm as mesmas obrigações que os países ricos, estes últimos sendo mais responsabilizados. Os países do Norte tentaram retirar qualquer referência a esse princípio na declaração final. A China, em particular, se opôs veementemente. Ela obteve ganhos de causa.

Compromissos no valor de € 408.000.000.000

Que estranho contraste entre a ladainha dos discursos autoelogiosos emitidos pelos líderes mundiais que circulam durante três dias nas tribunas da Rio+20 e a virulência crítica da sociedade civil, que critica principalmente a fraca declaração final, embora alguns aspectos

tenham encontrado algum progresso.

"É um texto sólido, não amaldiçoado, e vai ser reabilitado em poucos anos", defende um negociador europeu que pediu anonimato. "Este não é um programa de ação, mas um programa de trabalho. O pior foi não ter um acordo sobre tudo, que poderia ter ocorrido".

O texto foi aprovado pelos negociadores no dia 19 de junho, antes do início da conferência. Sem edição, não foi feito pelos líderes. No último dia do encontro, as Nações Unidas anunciaram os compromissos de desenvolvimento sustentável feitos por governos e empresas presentes na Rio+20 de 513 milhões de dólares (408 milhões de euros).

ANEXO F - Reportagem 'Les océans, naufragés du Sommet de la Terre', publicado da página 8, na editoria Planète, na edição do dia 21 de junho de 2012, de Le Monde.

Les océans, naufragés du Sommet de la Terre

Pour les organisations non gouvernementales (ONG) et les scientifiques qui se battent en faveur de la protection des océans, la pilule est amère. La mer devait être l'un des rares sujets sectoriels discutés à la Conférence des Nations unies sur le développement durable, qui se déroule à Rio de Janeiro jusqu'au vendredi 22 juin, à tirer son épingle du jeu des négociations. L'heure était historique: il s'agissait d'offrir un statut à la haute mer, située hors des juridictions nationales et seule partie des océans à ne pas encore être placée sous la protection d'une autorité. "Aujourd'hui, le seul responsable des activités se déroulant en haute mer, c'est l'Etat du pavillon", celui qui a immatriculé le navire, rappelle Lucien Chabason, conseiller à l'Institut du développement durable et des relations internationales (IDRRI).

Même si les négociations se tendaient au fur et à mesure que leur conclusion approchait, Susan Lieberman, directrice adjointe du Pew Environment Group, une ONG américaine, était arrivée à Rio de Janeiro rassurée par le fait que la protection des océans restait un des quatre thèmes majeurs retenus par le Brésil pour Rio+20. Mais, mardi 19 juin, en découvrant la dernière version du projet de déclaration finale soumise par le pays hôte aux négociateurs, l'espoir a laissé place à une immense déception. Faute de consensus entre les Etats, un paragraphe avait disparu, et pas n'importe lequel: la communauté internationale s'y

engageait à lancer "aussitôt que possible" un processus assurant "la protection et l'usage durable de la biodiversité marine au-delà des zones se trouvant sous juridiction nationale". Autrement dit: la mise en place d'une véritable gouvernance pour les eaux se trouvant hors des zones économiques exclusives (ZEE).

L'Alliance pour les hautes mers, une coalition rassemblant 23 ONG, ainsi que l'Union internationale pour la conservation de la nature (UICN), montraient aussitôt du doigt les responsables: Etats-Unis, Canada, Japon, Russie et Venezuela, qui ont demandé la suppression du passage concerné. "Cela révèle bien l'état d'esprit actuel par rapport au multilatéralisme, estime M. Chabason. Un certain nombre de pays freinent la structuration de la communauté internationale. Mais qu'espèrent-ils? La haute mer ne leur appartiendra jamais". Les activités humaines sont de plus en plus nombreuses dans ces espaces maritimes, que ce soit la pêche en eaux profondes, l'exploitation du sous-sol marin ou celle des ressources génétiques marines. "Le temps où des critères nationaux devaient faire la loi est révolu", tente de se persuader Alex Rogers, biologiste et directeur scientifique du Programme international sur l'état de l'océan. "Les Etats doivent prendre des décisions cruciales concernant les océans, il n'y a pas d'autre choix, assure Susan Lieberman. Et le seul endroit où elles peuvent être prises, c'est dans le cadre de sommets comme Rio+20". La déclaration finale repousse toute prise de décision à 2014, mais les ONG comptent continuer à faire pression sur les Etats pour que l'Assemblée générale des Nations unies se saisisse de ce sujet avant cette échéance. Le texte de l'accord contient cependant un certain nombre de points qui satisfont les ONG, qui rappellent que 80% des stocks de poissons de la planète se trouvent en situation de surexploitation.

Il réitère notamment un certain nombre d'engagements concernant la pêche illégale – "qui empêche des milliers de gens d'avoir accès à la sécurité alimentaire", rappelle Mme Lieberman–, les subventions nuisibles à l'environnement ou la pêche durable. Alors que les négociateurs mettaient la dernière main au texte de la déclaration finale, repoussant à plus tard la question du statut de la haute mer, une séance des Dialogues du développement durable consacrée aux océans, en présence de représentants de la société civile et de scientifiques, se déroulait dans un pavillon voisin. Jean-Michel Cousteau, fils aîné de l'océanographe Jacques-Yves Cousteau et président de l'Ocean Futures Society, y dénonçait la pollution des mers, "que nous utilisons comme égouts, et cela où que nous vivions". Parmi les recommandations sélectionnées par les participants à cette séance, qui seront transmises aux dirigeants

politiques participant à Rio+20, dont François Hollande, qui devait y prononcer un discours mercredi 20 juin, figure celle de "protéger la haute mer". Celle-ci devra encore attendre.

ANEXO G - Tradução

Os oceanos, naufragados da Cúpula da Terra

Para as organizações não governamentais (ONGs) e os cientistas que lutam pela proteção dos oceanos, a pílula é amarga. O mar era para ser um dos poucos temas setoriais discutidos na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, realizada no Rio de Janeiro até sexta-feira, 22 de junho, para ter sucesso no jogo das negociações. O momento era histórico: se tratava de fornecer um estatuto para o alto-mar, localizado fora das jurisdições nacionais e única parte dos oceanos que ainda não está sob a proteção de uma autoridade. "Hoje, o único responsável pelas atividades que ocorrem em alto-mar, é o Estado da bandeira", aquele que registrou o navio, lembra Lucien Chabason, consultor do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Relações Internacionais (IDDRI).

Embora as negociações tornavam-se progressivamente tensas à medida que se aproximava a sua conclusão, Susan Lieberman, vice-diretor do Pew Environment Group, uma ONG americana, tinha chegado ao Rio de Janeiro tranquilizada, pelo fato de que a proteção dos oceanos continuava sendo um dos quatro temas maiores selecionados pelo Brasil para a Rio+20. Mas, terça-feira, 19 de junho, ao descobrir a última versão do projeto de declaração final apresentada pelo país anfitrião aos negociadores, a esperança deu lugar a uma enorme decepção. Na falta de consenso entre os Estados, um parágrafo sumiu, e não qualquer um: a comunidade internacional se comprometeu a lançar o "mais rapidamente possível" um processo para garantir "a proteção e uso sustentável da biodiversidade marinha além das áreas sob jurisdição nacional". Em outras palavras, a criação duma verdadeira governança para as águas localizadas fora das zonas econômicas exclusivas (ZEE).

A Aliança para o alto-mar, uma coalizão de 23 ONGs, e da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), apontaram imediatamente para os responsáveis: Estados Unidos, Canadá, Japão, Rússia e Venezuela, que solicitaram a supressão da passagem em questão. "Isso revela claramente o atual estado de espírito em relação ao multilateralismo",

disse Chabason. “Vários países estão reduzindo a estruturação da comunidade internacional. Mas o que eles esperam? O alto-mar nunca será deles”. As atividades humanas estão crescendo em tais áreas, seja a pesca em alto-mar, a exploração do solo ou dos recursos genéticos marinhos. “O tempo onde os critérios nacionais deviam ser a lei se foi”, tenta convencer-se Alex Rogers, biólogo e diretor científico do Programa Internacional sobre o Estado do Oceano. “Os Estados devem tomar decisões críticas sobre os oceanos, não há outra escolha”, garante Susan Lieberman. “E o único lugar elas onde podem ser tomadas é em cúpulas como Rio+20”. A declaração final rejeita qualquer decisão até 2014, mas as ONGs pretendem continuar a exercer pressão sobre os Estados para que a Assembleia Geral das Nações Unidas se apace de este tema antes do fim prazo. No entanto, o texto do acordo contém uma série de pontos que satisfazem as ONGs, que relembram que 80% dos estoques de peixes do planeta estão em uma situação de sobreexploração.

Ele reitera notadamente uma série de compromissos sobre a pesca ilegal – “que impede que milhares de pessoas tenham acesso à segurança alimentar”, lembra a Sra. Lieberman -, subsídios nocivos ao ambiente ou à pesca sustentável. Enquanto os negociadores estavam terminando o texto da declaração final, empurrando para mais tarde a questão do estatuto do alto-mar, uma sessão dos Diálogos sobre Desenvolvimento Sustentável dedicada aos oceanos, na presença de representantes da sociedade civil e científica, ocorria em um pavilhão próximo. Jean-Michel Cousteau, filho mais velho do oceanógrafo Jacques-Yves Cousteau e presidente da Ocean Futures Society, denunciava a poluição dos mares, “que nós os usamos como esgotos, e isso no lugar onde nós vivemos”. Entre as recomendações selecionadas pelos participantes nesta sessão, que serão transmitidas aos líderes políticos que participam da Rio+20, dentre eles François Hollande, que deveria fazer um discurso quarta-feira, 20 junho, aparece a de “proteger o alto-mar”. Essa aí vai ter ainda que esperar.

ANEXO H - Reportagem 'L'Organisation mondiale de l'environnement attendra', publicada da página 8, na editoria Planète, na edição do dia 21 de junho de 2012, de Le Monde.

L'Organisation mondiale de l'environnement attendra

Dimanche 17 juin, dans le cadre du Jardin botanique de Rio de Janeiro, bien loin de

Riocentro, l'impersonnel centre de conférences où se déroule Rio+20, les Rencontres mondiales des juristes de l'environnement se penchaient sur la question de la gouvernance environnementale mondiale. Et le constat dressé n'était pas brillant: "Le cadre institutionnel manque de cohérence et d'organisation", déclarait Alexandra Cuenin, de l'université Lyon-III, alors qu'un autre juriste utilisait le terme de "fragmentation". Il n'est pas certain que l'accord conclu mardi à Rio suffira à structurer cette gouvernance. La proposition de l'Union européenne (UE) et de l'Afrique de créer une Organisation mondiale de l'environnement a été rejetée, comme on s'y attendait, puisqu'elle suscite l'opposition des Etats-Unis, du Canada et de la quasi-totalité des pays émergents, qui ne veulent pas se voir imposer de nouvelles contraintes. Le principal point figurant dans le chapitre "Cadre institutionnel du développement durable" du projet de déclaration finale concerne le "renforcement" du Programme des Nations unies pour l'environnement (PNUE).

Faute d'accéder au statut d'agence, cet organisme basé à Nairobi, au Kenya, va prendre une nouvelle dimension, puisque la participation des Etats membres des Nations unies à ses activités sera désormais automatique, ce qui n'était pas le cas. "C'est ce qui pouvait lui arriver de mieux, estime Laurence Tubiana, directrice de l'Institut du développement durable et des relations internationales. Le PNUE ne sera plus un club de pays, et cela va lui donner l'autorité qui lui faisait défaut". Le PNUE continuera à pouvoir assurer l'administration et l'harmonisation des conventions internationales. C'est parce qu'elle estimait cette prérogative menacée, ce qui aurait constitué, selon la délégation française, un recul du multilatéralisme, que l'UE avait bloqué, lundi, les négociations sur la déclaration finale de Rio+20. Le texte présenté le lendemain matin par le Brésil semble l'avoir rassurée. S'agissant de la gouvernance du développement durable, et pas seulement de sa dimension environnementale, l'accord prévoit la création, dans le cadre des Nations unies, d'un forum politique de haut niveau, rassemblant des ministres, qui devrait se réunir pour la première fois en septembre 2013.

Cette instance remplacera la Commission du développement durable, tombée en totale déshérence depuis 2007. Ces décisions ne sont pas encore effectives, mais Rio+20 a confié à l'ONU le mandat de les mettre en application. La majorité des participants s'accorde à dire que ce sera peut-être une des rares avancées concrètes contenues dans la déclaration finale. Un point de vue que ne partage pas Monique Barbut, présidente du Fonds pour l'environnement mondial, une organisation financière indépendante. "Ce ne sont que des demi-mesures, affirme cette ancienne du PNUE. Tout va dépendre de la bonne volonté des uns et des autres.

Il aurait fallu commencer par décider de quelle gouvernance mondiale on voulait”.

ANEXO I - Tradução

A Organização Mundial do Meio Ambiente esperará

Domingo, 17 de junho, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, bem longe de Riocentro, o impessoal centro de conferências, local da Rio+20, os Encontros Mundiais de Juristas Ambientais se interessam pela questão da governança ambiental global. E a conclusão feita não era brilhante: "O quadro institucional carece de coerência e organização", declarou Alexandra Cuenin da Universidade de Lyon III, enquanto outro jurista usou o termo "fragmentação". Não é certo que o acordo de terça-feira no Rio será suficiente para estruturar esta governança. A proposta da União Europeia (UE) e África para criar uma Organização Mundial do Meio Ambiente foi rejeitada, como era esperado, já que desperta a oposição dos Estados Unidos, Canadá e quase todos os países em desenvolvimento, que não querem se impor novas restrições. O ponto principal no capítulo "Quadro institucional para o desenvolvimento sustentável" do projeto de declaração final concerna o "fortalecimento" do Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas (Pnuma).

Em razão de ter adquirido o status de agência, esta organização com sede em Nairobi, no Quênia, vai ter uma nova dimensão, uma vez que a participação dos Estados membros das Nações Unidas em suas atividades agora será automática, o que não era até então. "Isso é o que poderia acontecer com ele de melhor", diz Laurence Tubiana, diretora do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Relações Internacionais. "O Pnuma não será mais um clube de países, e isso vai dar-lhe a autoridade de que carecia". O Pnuma continuará a garantir a administração e harmonização das convenções internacionais. Isso ocorre porque ela sentia essa prerrogativa ameaçada, o que teria sido, de acordo com a delegação francesa, um recuo do multilateralismo, já que a UE tinha bloqueado nesta segunda-feira as negociações sobre a declaração final da Rio+20. O texto apresentado no dia seguinte pelo Brasil parece ter-lhe tranquilizado. Em relação à governança do desenvolvimento sustentável, não somente a dimensão ambiental, o acordo prevê a criação, no âmbito das Nações Unidas, de um fórum político de alto nível, que congrega ministros, que devem se reunir pela primeira vez em setembro de 2013.

Este organismo vai substituir a Comissão de Desenvolvimento Sustentável, praticamente abandonada desde 2007. Essas decisões ainda não são efetivas, mas a Rio+20 confiou à ONU o mandato para fazer a implementação. A maioria dos participantes concordou em dizer que esta pode ser uma das poucas medidas concretas contidas na declaração final. Uma visão não compartilhada por Monique Barbut, presidente do Meio Ambiente Global, uma organização financeira independente. "Elas são apenas meias-medidas", diz essa antiga integrante do Pnuma. "Tudo vai depender da vontade de cada um. Teria de começar por decidir qual governança global nós queríamos".

ANEXO J - Reportagem "'Qu'ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!'", publicada na página 2 da editoria Événement, na edição do dia 20 de junho de 2012, de Le Monde.

"Qu'ils nettoient devant leur porte avant de parler de la planète!"

500 mètres séparent Riocentro, QG de la négociation mondiale sur le développement durable, et la petite favela de Vila Autodromo. Mais pour ses habitants, cette réunion "pour les riches" semble bien loin

Elle prépare le thé avec les pétales des roses qu'elle a cueillies dans le jardin de sa maison. D'un ton calme, Inalva Mendes Brito évoque les souvenirs de ce passé heureux, ces années 1980, lorsqu'elle est venue ici, à Vila Autodromo, une petite favela située au bord du lac Jacarepagua, à l'ouest de Rio de Janeiro, construire sa maison avec une bande d'amis. Epoque ancienne où, pendant plusieurs années, elle a réussi à vivre de la pêche et du troc de fruits et de légumes. "Depuis, tout a été ravagé par la pollution, les eaux infestées par les industries chimiques alentour, les poissons exterminés", souffle-t-elle. A 65 ans, cette professeure de portugais est devenue l'une des voix de la communauté, une de celles qui montent au front contre les promoteurs immobiliers et industriels peu scrupuleux de l'environnement. "Alors imaginez, dit-elle, avec une pointe d'ironie, nous avons là, aujourd'hui, en face de chez nous, le Sommet Rio+20 qui prétend débattre sur le développement durable".

Quelque 500 mètres séparent Vila Autodromo du complexe moderne de Riocentro, pôle principal de la conférence onusienne. Deux mondes si proches et si éloignés, séparés par

la voie rapide Salvador Allende et le bras fétide d'une rivière blanchâtre qui se jette dans le lac. Avec cette odeur pestilentielle qu'Inalva, comme Robson, a fini par ne plus discerner. Vendeur dans un supermarché à 600 reals (231 euros) par mois et jardinier occasionnel, ce jeune homme de 29 ans dit vouloir contribuer à l'amélioration de l'environnement. "Mais je n'en ai pas les moyens", glisse-t-il. Vivant seul avec sa mère, Robson ne dispose pas de fosse sceptique, seulement d'un raccordement bringuebalant aux conduites des eaux municipales pour le robinet et la douche. "Le développement durable est une belle idée, mais elle me paraît être que pour les riches. A leurs yeux, nous ne sommes qu'un obstacle à leur développement économique. L'écologie n'est qu'un prétexte".

A Vila Autodromo, comme dans la majorité des communautés, les revendications sont défendues par l'association des habitants. Depuis les années 1990, celle-ci lutte pour éviter les tentatives d'expulsion devenues de plus en plus pressantes en raison de la spéculation immobilière. La pression monte d'un cran, car Rio accueillera les Jeux olympiques en 2016. Les autorités ont prévu la création du parc olympique à la place de l'ancien circuit du Grand Prix automobile situé en bordure de la favela. "Ils ont prétexté que nous ne respectons pas les normes environnementales ou encore qu'il fallait un espace de sécurité pour les personnalités sportives... Tous les arguments y sont passés, alors que la moitié des sept cents familles de la communauté possède des titres d'habitation", souligne Inalva. Mosaïque de petites habitations en brique et tôle ondulée, mais aussi de logements en dur, le long du lac, où des classes moyennes ont fini par s'installer, Vila Autodromo compte près de 4 000 habitants. Ils ont fait connaître leur combat par Internet, diffusant des vidéos de leurs rencontres tendues avec les autorités. Soutenus par des associations, des avocats et des professeurs d'université, ils ont plusieurs fois fait appel auprès des instances judiciaires afin de bloquer les procédures d'éviction. En vain, pour le moment.

Un contre-projet rendu public en décembre 2011, dessiné par des urbanistes et prévoyant un système d'assainissement des eaux, est resté sans suite. "Comment voulez-vous que Rio+20 nous interpelle? Ce qui compte, c'est un toit et survivre", lâche Leonardo, 25 ans et sans emploi. Ailda, assise devant l'entrée d'une des sept églises évangéliques du cru, opine de la tête: "Ils feraient mieux de nettoyer devant leur porte avant de parler de la planète". Plus loin, près de l'entrée du quartier où les murs chantaient la gloire du Parti des travailleurs (PT), au pouvoir depuis 2003, Altair Guimares, le président de l'association des habitants, n'en finit plus de rassembler les dossiers dans son bureau en pleine décomposition. "Comment parler de

développement durable quand on n'a même pas ici, dans la région, de réseaux sanitaires? Même les constructions récentes, ces condominiums géants installés autour du lac ne respectent pas les nouvelles réglementations environnementales".

Derrière, le terrain de foot grillagé est désespérément vide. A cette heure tardive de l'après-midi, les plus jeunes préfèrent jouer sur les ordinateurs posés dehors, face au lac. Seule la petite boulangerie du quartier s'anime avec un groupe de chauffeurs de Rio+20 venus s'acheter de quoi manger à moindre frais. Au coin, Josefa Oliveira, la cinquantaine, veille sur ses deux clients. Cette ancienne pêcheuse, fille de pêcheur, reconvertie en patronne de café, fait remonter à une dizaine d'années la disparition totale des poissons du lac. Une période, selon elle, lors de laquelle les pêcheurs sont tous tombés malades du foie ou de l'estomac. "Je n'ai jamais eu le temps ni le courage de m'engager contre les pollueurs, admet-elle. Aux dirigeants de faire le travail!" Mercredi 20 juin, une marche de soutien devait avoir lieu à Vila Autodromo. Josefa Oliveira hésitait à s'y rendre. Elle se sent fatiguée.

ANEXO L - Tradução

“Que eles limpem diante de suas portas antes de falar do planeta!”

500 metros de distância separam Riocentro, QG da negociação global sobre o desenvolvimento sustentável, da pequena favela de Vila Autódromo. Mas para seus moradores, esta reunião “para os ricos” parece bem distante.

Ela faz chá com as pétalas de rosas que ela pegou no jardim de sua casa. Num tom calmo, Inalva Mendes Brito evoca memórias desse passado feliz, esse dos anos 1980, quando ela veio aqui, na Vila Autódromo, uma pequena favela localizada à beira do lago Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro, construir sua casa com um grupo de amigos. Velhos tempos em que, durante vários anos, ela conseguiu viver da pesca e de trocar frutas e legumes. "Desde então, tudo foi devastado pela poluição, as águas infestadas pelas indústrias químicas dos arredores, os peixes exterminados", suspira ela. Aos 65 anos, esta professora de português tornou-se uma das vozes da comunidade, daquelas que enfrentam os promotores imobiliários e industriais pouco escrupulosos com o meio ambiente. "Então, imagine", disse ela, com um toque de ironia, “temos hoje aqui na frente de casa, a Rio+20 que pretende debater sobre o

desenvolvimento sustentável".

Cerca de 500 metros separam a Vila Autódromo do moderno complexo do Riocentro, o principal polo da conferência da ONU. Dois mundos tão próximos e tão distantes, separados pela via expressa Salvador Allende e o córrego fétido de um rio embranquecido que deságua no lago. Esse cheiro pestilento que Inalva, assim como Robson, já não consegue mais sentir. Vendedor de um supermercado ganhando 600 reais (231 euros) por mês e jardineiro ocasional, este jovem de 29 anos de idade diz que quer contribuir para a melhoria do meio ambiente. "Mas eu não tenho os meios", afirma ele. Morando com a mãe, Robson não tem fossa séptica, apenas uma conexão frágil das linhas de água municipais para a torneira e o chuveiro. "O desenvolvimento sustentável é uma boa ideia, mas parece ser apenas para os ricos. Para eles, nós somos só um obstáculo ao seu desenvolvimento econômico. A ecologia é apenas um pretexto".

Na Vila Autódromo, como na maioria das comunidades, as reivindicações são defendidas por associações de moradores. Desde os anos 1990, esta associação luta para evitar que as tentativas de despejo se tornam mais premente devido à especulação imobiliária. A pressão aumenta porque o Rio vai sediar os Jogos Olímpicos em 2016. As autoridades previram a criação do Parque Olímpico no lugar do antigo circuito de corridas de automóveis, nos arredores da favela. "Eles justificavam que nós não respeitamos as normas ambientais ou ainda que tinha necessidade de um espaço seguro para personalidades do esporte... Todos os argumentos foram usados, enquanto a metade das setecentas famílias da comunidade possuem títulos de propriedade", assinala Inalva. Mosaico de pequenas casas de tijolos e telhas onduladas, mas também de unidades habitacionais, ao longo do lago, onde as classes médias resolveram se instalar, Vila Autódromo tem cerca de 4.000 habitantes. Eles deram conhecimento a sua luta através da Internet, transmitindo vídeos dos seus encontros tensos com as autoridades. Apoiados por associações de advogados e professores universitários, eles têm apelado repetidamente aos tribunais com o objetivo de impedir o processo de despejo. Em vão, até o momento.

Um contra projeto lançado em dezembro de 2011, projetado por urbanistas e prevendo um sistema de saneamento, não teve prosseguimento. "Como você quer que Rio+20 nos desafie? O que importa é um teto e sobreviver", confia Leonardo, 25 anos e desempregado. Ailda, sentada na entrada de uma das sete igrejas evangélicas do local, concorda acenando

com a cabeça: "Seria melhor limpar na frente da porta deles antes de falar sobre o mundo". Mais longe, perto da entrada para a área onde as paredes testemunhavam a glória do Partido dos Trabalhadores (PT), no poder desde 2003, Altair Guimarães, presidente da associação dos moradores, não cessa de coletar registros em seu escritório em decomposição. "Como falar sobre desenvolvimento sustentável, quando aqui na região nem temos redes de esgoto? Mesmo as construções recentes, esses condomínios gigantes instalados ao redor do lago não respeitam as novas normas ambientais".

Atrás, o campo de futebol com grades está desesperadamente vazio. A esta hora tardia da tarde, os mais jovens preferem jogar em computadores colocados do lado de fora, em frente ao lago. Apenas a pequena padaria do bairro se anima com um grupo de motoristas do Rio+20 que vieram para comprar comida barata. Na esquina, Josefa Oliveira, cinquentona, cuida de seus dois clientes. Esta antiga pescadora, filha de pescadores transformada em dona de barzinho, data de uma década, o desaparecimento total dos peixes do lago. Um período, diz ela, no qual os pescadores ficaram doentes do fígado e do estômago. "Eu nunca tive o tempo ou a coragem de me engajar contra os poluidores", ela admite. "São os líderes que devem fazer esse trabalho!". Quarta-feira, 20 de junho, uma caminhada de apoio deveria acontecer na Vila Autódromo. Josefa Oliveira hesitava em participar. Ela se sente cansada.

ANEXO M - Reportagem 'L'économie verte dérail à Rio+20', publicada na página 3 da editoria Événement, da edição do dia 20 de junho de 2012, de Le Monde.

L'économie verte dérail à Rio+20

Les pays en développement refusent d'adhérer au nouveau modèle de croissance défendu par les Nations unies

La conférence des Nations unies sur le développement durable, qui doit se dérouler du mercredi 20 au vendredi 22 juin à Rio de Janeiro, sera-t-elle jouée avant même d'avoir débuté? Alors que 130 chefs d'Etat et de gouvernement sont attendus dans la mégapole brésilienne pour participer à ce rendez-vous planétaire – baptisé "Rio+20" en référence à la tenue dans les mêmes lieux, en 1992, du sommet qui avait véritablement lancé le concept du développement durable –, les négociateurs devaient tenter, mardi 19 juin, d'aboutir à un accord sur le projet de déclaration finale.

A défaut d'être ambitieuse, dans un contexte économique international très défavorable, cette déclaration, intitulée "L'avenir que nous voulons", permettra aux 193 Etats participants de réitérer certains de leurs engagements passés, dont certains datent de 1992, d'avancer dans quelques domaines, comme la gouvernance de la haute mer, et de lancer un processus en vue de la définition d'Objectifs du développement durable dont le contenu reste entièrement à préciser. Elle consacre également la montée en puissance des pays émergents, qui ont réduit à sa plus simple expression le concept d'économie verte dont les pays industrialisés et les institutions internationales voulaient faire un des éléments centraux de Rio+20. Les pays du sud, et notamment le Brésil, craignaient d'y trouver un frein à leur développement et soupçonnaient une manœuvre des pays riches afin d'imposer leurs savoir-faire et leurs technologies, sous couvert de considérations environnementales.

En prenant, en tant que pays-hôte, la présidence de négociations menées jusqu'alors sous l'égide des Nations unies et sérieusement enlisées, samedi 16 juin, le Brésil avait annoncé son intention d'obtenir un accord au plus tard lundi soir. Cette volonté a surpris un certain nombre d'acteurs des négociations. Selon ceux-ci, elle s'explique par le désir de la présidente brésilienne, Dilma Rousseff, d'éviter à ses pairs une répétition de la conférence sur le climat de Copenhague, en 2009, où l'incapacité des négociateurs à trouver un accord dans les délais impartis avait obligé les chefs d'Etat et de gouvernement présents à négocier eux-mêmes les termes d'une déclaration d'intention.

Il s'agit aussi, sans doute, de démontrer la capacité du Brésil à jouer un rôle majeur sur la scène internationale, et ce en plein sommet du G20 à Los Cabos (Mexique). Pourtant, malgré des séances de travail menées à marche forcée, un accord sur le texte de cinquante pages qui devrait constituer la déclaration finale de Rio+20 n'a pu être trouvé lundi, en raison d'un bras de fer entre le pays-hôte et l'Union européenne (UE). Lundi soir, après un échange avec le ministre brésilien des affaires étrangères, Antonio Patriota, qualifié de "courtois mais très vif" par la ministre française de l'écologie, Nicole Bricq, la délégation européenne a bloqué le processus de négociations, qui nécessite l'unanimité des participants. L'UE reprochait notamment au texte un manque d'ambition sur les Objectifs du développement durable et la gouvernance mondiale. Les discussions, interrompues tard dans la nuit, devaient reprendre mardi matin.

Le cycle de négociations, qui a débuté en janvier, a pâti de la crise financière et de

l'incapacité des pays industrialisés à prendre des engagements financiers clairs ainsi que l'exigeaient les pays du sud. La perspective de l'élection présidentielle a par ailleurs conduit l'administration américaine à adopter des positions plutôt conservatrices et Barack Obama à s'abstenir de faire le déplacement jusqu'à Rio. La chancelière allemande Angela Merkel et le président chinois Hu Jintao seront également absents, alors que François Hollande arrivera mercredi, et repartira pour Paris après avoir déjeuné avec Dilma Rousseff et prononcé un discours devant la conférence des Nations unies. Pour les organisations non gouvernementales, le résultat de la conférence est d'ores et déjà décevant. L'association humanitaire Care parle ainsi d'un "trou noir" et critique "un manque d'ambition et une absence de substance".

Mais que pouvait-on attendre de plus? "Rio+20, ce sera au mieux un programme d'actions, prévenait, début juin, un diplomate. Après vingt années d'incantations, on ne peut pas espérer arriver, en seulement six mois, à quelque chose de plus ambitieux". En comparaison avec le sentiment d'urgence diffusé par les nombreux experts présents à Rio, qui s'inquiètent – presque unanimement – des dangers qui menacent l'humanité si celle-ci ne parvient pas à adapter ses modes de production et de consommation à la raréfaction des ressources, combinée à la croissance démographique, les décisions concrètes qui émergeront de ce sommet risquent de paraître bien timorées.

Quatre premiers rendez-vous

Stockholm (1972): La Conférence des Nations unies sur l'environnement humain a placé pour la première fois les questions écologiques au rang des préoccupations internationales. Elle a donné naissance au Programme des Nations unies pour l'environnement (PNUE).

Nairobi (1982): Ce sommet ne débouche sur aucune décision concrète en raison des tensions Est-Ouest.

Rio de Janeiro (1992): Une centaine de chefs d'Etat et 1 500 organisations non gouvernementales participent à la conférence. Sur la lancée du rapport Brundtland de 1987 qui pose les bases du concept de développement durable, le sommet lance " l'Agenda 21 ", un plan d'action pour le XXI^e siècle. Il se traduit par l'adoption de trois conventions : le changement climatique ; la protection de la biodiversité ; et la lutte contre la désertification.

Johannesburg (2002): Dans le monde, c'est la lutte contre le terrorisme qui domine. Le sommet de Rio est consacré au renouvellement de l'engagement en faveur du développement durable et au partenariat Nord-Sud. Un plan d'action définit des priorités : eau, énergie, productivité agricole, biodiversité et santé.

Les sujets-clés de la négociation

Gouvernance mondiale: L'Organisation mondiale de l'environnement, ce ne sera certainement pas pour cette fois. Portée par la France, soutenue par l'Union européenne et l'Afrique, cette proposition visant à transformer le Programme des Nations unies pour l'environnement (PNUE) en agence onusienne à part entière a disparu du projet de déclaration finale. Celui-ci se contente de préciser que les pouvoirs et les moyens dont dispose le PNUE seront " renforcés ". Par ailleurs, la gouvernance mondiale du développement durable, en déshérence, pourrait être confiée au Conseil économique et social des Nations unies, qui élargirait ainsi ses prérogatives à l'environnement.

Economie verte: Poussé par le PNUE et la Banque mondiale, combattu par les pays émergents, qui y voient un frein possible à leur développement, et une partie des organisations non gouvernementales, qui estiment qu'il ne consiste qu'à " repeindre en vert " le modèle économique existant, le principe d'une " économie verte dans le contexte du développement durable et de l'éradication de la pauvreté ", qui devait être l'un des grands thèmes de la conférence de Rio, a fait long feu. Dans les derniers " drafts " de la déclaration finale, ce principe n'est plus qu'un outil parmi d'autres pour atteindre les objectifs de développement durable.

Objectifs du développement durable:

Un accord de principe sur la création d'Objectifs du développement durable destinés à prendre le relais des Objectifs du millénaire pour le développement, qui arrivent à échéance en 2015, a été scellé à Rio. Ce sera sans doute un des principaux acquis de la conférence. Reste à définir le processus qui leur permettra de voir le jour et surtout à en préciser le contenu. Les pays du Sud n'ont pas voulu aller plus loin tant que leurs homologues du Nord ne prenaient pas des engagements précis de financement de ces objectifs.

Océans: Un accord a été obtenu sur la nécessité de mettre en place une gouvernance internationale de la haute mer, insuffisamment protégée par les conventions existantes alors

qu'elle est le cadre d'activités économiques de plus en plus importantes. Les Etats-Unis et le Canada y étaient au départ opposés. L'un des rares sujets sectoriels sur lequel des avancées ont été enregistrées

ANEXO N - Tradução

A economia verde descarrila na Rio+20

Os países em desenvolvimento se recusam a aderir ao novo modelo de crescimento defendido pela Organização das Nações Unidas

A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, que será realizada da quarta-feira, 20, a sexta-feira, 22 de junho, no Rio de Janeiro, estará decidida antes mesmo de começar? Enquanto 130 chefes de Estado e de Governo são esperados na megalópole brasileira para participar neste encontro mundial - chamado de "Rio+20", em referência à participação no mesmo local, em 1992, da cúpula que realmente lançou o conceito de desenvolvimento sustentável - os negociadores deviam tentar, terça-feira, 19 de junho, chegar a um acordo sobre o projeto final da declaração.

Sem deixar de ser ambiciosa, em um contexto econômico internacional muito desfavorável, esta declaração, intitulada "O futuro que queremos", permitirá aos 193 Estados participantes reiterar alguns dos seus engajamentos passados, dos quais alguns datam de 1992, de avançar em algumas áreas, como a administração do alto-mar, e de iniciar um processo para a definição dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável cujo conteúdo permanece totalmente indefinido. Ela consagra também o aumento do poder das economias emergentes, que reduziram o conceito de economia verde a sua expressão mais simples, do qual os países industrializados e as instituições internacionais queriam fazer um dos elementos centrais da Rio+20. Os países do Sul, e notadamente o Brasil, temiam de encontrar um obstáculo ao seu desenvolvimento e suspeitavam de uma manobra dos países ricos para impor seu conhecimento e tecnologias, sob o pretexto de considerações ambientais.

Tomando enquanto país anfitrião, a presidência das negociações dirigidas até então sob os auspícios das Nações Unidas e seriamente amarradas, sábado, 16 de junho, o Brasil

anunciou a sua intenção de chegar a um acordo o mais tardar na segunda-feira à noite. Essa vontade surpreendeu inúmeros atores nas negociações. Segundo eles, esta vontade se explica pelo desejo da presidente brasileira, Dilma Rousseff, de evitar a seus pares uma repetição da conferência do clima em Copenhague, em 2009, onde a incapacidade dos negociadores para chegar a um acordo dentro dos prazos forçou os chefes de Estado e de governo presentes a negociar eles mesmos os termos de uma declaração de intenções.

Trata-se também, sem dúvida, de demonstrar a capacidade do Brasil em desempenhar um papel maior no cenário internacional e na cúpula do G20 em Los Cabos (México). No entanto, apesar das sessões de trabalho realizadas em ritmo forçado, um acordo sobre o texto de cinquenta páginas, que deve ser a declaração final da Rio+20, não pode ser estabelecido segunda-feira por causa de um impasse entre o país anfitrião e a União Europeia (UE). Segunda-feira, após um encontro com o ministro brasileiro das relações exteriores, Antônio Patriota, descrito como "educado, mas bem animado" pela ministra francesa da ecologia, Nicole Bricq, a delegação europeia bloqueou o processo de negociação, que requer a unanimidade dos participantes. A UE criticou em particular no texto a falta de ambição nas metas de desenvolvimento sustentável e governança global. As discussões, interrompidas tarde da noite, deviam ser retomadas na terça-feira de manhã.

O ciclo de negociações, que começou em janeiro, sofreu com a crise financeira e o fracasso dos países industrializados em assumir compromissos financeiros claros como exigiam os países do sul. A perspectiva das eleições presidenciais também levou o governo dos EUA a adotar posições mais conservadoras e Barack Obama a se abster de fazer a viagem para o Rio de Janeiro. A chanceler alemã, Angela Merkel, e o presidente Chinês, Hu Jintao, também estarão ausentes, enquanto François Hollande chegará quarta-feira, e voltará para Paris, depois dum almoço com Dilma Rousseff e um discurso na conferência da ONU. Para as organizações não governamentais, o resultado da conferência já é decepcionante. A organização humanitária Care fala assim de um "buraco negro" e critica a "falta de ambição e ausência de substância".

“Mas o que mais poderíamos esperar? A Rio+20, será no máximo um programa de ações”, advertiu, no início de junho, um diplomata. “Depois de vinte anos de encantações, não podemos esperar alcançar em apenas seis meses, algo mais ambicioso”. Em comparação com o sentimento de urgência transmitido por muitos especialistas no Rio, que se preocupam -

quase unanimemente – com os perigos que ameaçam a humanidade, se essa não consegue se adaptar a seus modos de produção e consumo e a rarefação dos recursos, combinada com o crescimento da população, as decisões concretas que surgirão dessa Cúpula podem parecer muito tímidas.

Quatro primeiros encontros

Estocolmo (1972): A Conferência das Nações Unidas sobre o homem e o meio ambiente colocou pela primeira vez que as questões ambientais na agenda internacional. Ela deu à luz o Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas (Pnuma).

Nairobi (1982): A cúpula não leva a nenhuma decisão concreta por causa das tensões leste-oeste.

Rio de Janeiro (1992): Uma centena de chefes de Estado e 1.500 organizações não governamentais participaram da conferência. Na esteira do Relatório Brundtland, de 1987, que estabeleceu as bases do conceito de desenvolvimento sustentável, a cúpula lançou a 'Agenda 21', um plano de ação para o século XXI. Isto levou à adoção de três convenções: a mudança climática, a proteção da biodiversidade e da luta contra a desertificação.

Joanesburgo (2002): No mundo, a luta contra o terrorismo domina. A conferência do Rio é dedicada à renovação do compromisso com o desenvolvimento sustentável e uma parceria Norte-Sul. Um plano de ação define as prioridades: água, energia, produtividade agrícola, biodiversidade e saúde.

Os principais tópicos da negociação

Governança mundial: A Organização Mundial do Meio Ambiente, que certamente não será para este momento. Liderada pela França, apoiada pela União Europeia e África, a proposta de transformar o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) em uma agência da ONU desapareceu do projeto de declaração final. Este simplesmente afirma que os poderes e recursos do Pnuma serão "reforçados". Além disso, a governança mundial para o desenvolvimento sustentável, dormente, poderia ser confiada ao Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, expandindo seus poderes para o meio ambiente.

Economia verde: Impulsionada pelo Pnuma e Banco Mundial, mas combatida pelos países emergentes, que a vêem como um possível obstáculo para seu desenvolvimento, e

algumas organizações não governamentais, que consideram que não há único modelo econômico "verde", o princípio de uma "economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e erradicação da pobreza", a ser um dos temas principais da conferência no Rio, já fracassou. Nos últimos "rascunhos" da declaração final, este princípio é um instrumento entre outros para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: Um acordo de princípio sobre a criação de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável para os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, que irá expirar em 2015, acordo selado no Rio. Esta é provavelmente uma das principais conquistas da conferência. Resta definir o processo que permitirá a escolha da data e, especificamente, para especificar o conteúdo. Os países do Sul não queriam ir mais longe que os seus homólogos do Norte, sem compromissos de financiamento específicos destes objetivos.

Oceanos: Um acordo foi alcançado sobre a necessidade de estabelecer uma governança internacional do alto-mar, insuficientemente protegidos por convenções existentes, enquanto que este faz parte de atividades econômicas cada vez mais importantes. Os Estados Unidos e o Canadá se opuseram. Trata-se de um dos poucos assuntos setoriais em que se registraram progressos.

ANEXO O - Reportagem ‘Da Av. Paulista à Rio+20’, publicada nas páginas 26 e 27 na revista são paulo, edição 17 a 23 de junho de 2012, da Folha de S.Paulo.

Ambiente

Da av. Paulista à Rio+20

Ativistas apostam em programação paralela à oficial para debater economia verde

Às vésperas da Rio+20, Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, grupos de São Paulo se preparam, cada um à sua maneira, para acrescentar propostas aos debates do evento, que acontece até sexta-feira (22), no Rio de Janeiro. Para não ficar só no discurso, o consultor de sustentabilidade João Paulo Amaral, 25, saiu daqui, na segunda (11), com outros cinco ciclistas pedalando em direção ao Rio, onde preveem chegar amanhã (18). "Enquanto as pessoas querem discutir a economia verde, a gente quer ir lá e fazer. O formato atual tende a ser de não levar protestos, mas proposições".

O grupo dele integra o movimento Bicicletada Nacional Rumo à Rio+20, dividido nos "bondes" Centro-Oeste, Sul e Nordeste. "É um protesto propositivo", diz Amaral, ao defender a bicicleta como transporte não poluente.

No caminho, eles interagem com moradores das cidades por onde passam e divulgam as propostas que estão levando para o evento. "Queremos mostrar o que está acontecendo com o ambiente, quais os problemas, as iniciativas para resolvê-los e o que falta fazer", conta o estudante Vinícius Leyser, 26, de Florianópolis, também no grupo dos ciclistas. O clima predominante em relação aos resultados da Rio+20, porém, não é otimista. A ausência do presidente americano, Barack Obama, do primeiro-ministro britânico, David Cameron, e da chanceler alemã, Angela Merkel, aumentou o ceticismo e fez muitos ativistas concentrarem os esforços na Cúpula dos Povos, evento paralelo que vai até sábado (23).

Diferentemente da programação oficial, a cúpula será aberta à população e reunirá representantes da sociedade civil, como ONGs e movimentos sociais, para discutir desenvolvimento sustentável e economia verde. Em preparação para o encontro, o Fórum Social de São Paulo e o Comitê Paulista para a Rio+20 -braço da cúpula no Estado- ocuparam o vale do Anhangabaú no domingo passado. O grupo de cerca de 50 pessoas usou cartazes, montou painéis, contou histórias e fez releituras de obras de arte para divulgar aos passantes os temas a serem levados à Rio+20. "O brasileiro reclama muito, mas põe pouco a mão na massa. Tentamos mostrar que podemos mudar isso ao fazer reciclagem ou votar melhor, por exemplo", diz Andrêssa Batelochio, integrante do Comitê Paulista.

Além de ciclistas e ONGs, empresários também aderiram ao debate sobre os temas da agenda da Rio+20 durante uma conferência realizada de 11 a 13 de junho em São Paulo pelo Instituto Ethos, entidade que incentiva empresas a atuar de forma sustentável. No encontro, foram debatidos dez temas que serão tratados durante os Diálogos para o Desenvolvimento Sustentável, outro evento paralelo à Rio+20 que levantará recomendações para serem analisadas por chefes de Estado durante o encontro.

Uma das propostas apresentadas na conferência pelo economista e professor da USP Ricardo Abramovay é que, na Rio+20, os representantes dos países estabeleçam metas quantificáveis de utilização dos recursos naturais, as quais devem ser cumpridas.

Além disso, Abramovay quer apresentar a ideia de que o PIB (Produto Interno Bruto) é um índice equivocado para medir a riqueza dos países. "Não traduz a real prosperidade de uma sociedade", diz o professor. Enquanto chefes de Estado se perguntam quem vai pagar a conta da transição para a economia verde, ativistas acreditam que não adianta ficar parado esperando. O ciclista mineiro César Grazzia, 45, questiona: "Eu faço a minha parte. O que você está fazendo?".

ANEXO P - Reportagem 'Cada grupo tem a sua ideia de economia verde', publicada na página 6 do caderno Especial Ambiente – Rio+20, da edição do dia 5 de junho de 2012, da Folha de S.Paulo.

Cada grupo tem a sua ideia de economia verde

Termo principal usado na pauta da Rio+20 envolve significados controversos, o que leva a impasse nas discussões

Tema central da Rio+20, a transição da atual economia "marrom" para a "verde" está longe de ser consenso. Grosso modo, a primeira é o sistema produtivo atual, poluente e baseado em combustíveis fósseis; a outra preconiza uma baixa emissão de carbono e um uso mais eficiente dos recursos naturais.

Mas países, organizações sociais e economistas têm visões diferentes sobre o conceito de economia verde e o funcionamento desse novo sistema na prática. O grande impasse é como a economia vai se reorganizar para enfrentar questões sociais, como o combate à pobreza e a redução das desigualdades em um cenário no qual os limites físicos do planeta ficam mais evidentes.

Com 7 bilhões de habitantes consumindo e aspirando a um padrão de vida mais alto, a capacidade de recuperação do ambiente, base para qualquer atividade econômica, está cada vez mais fragilizada. Ao mesmo tempo, o paradigma de sucesso dos países é o crescimento, trimestre a trimestre, da economia.

A ONU propõe uma espécie de caminho das pedras: um investimento anual de 2% do PIB global em dez setores-chave da economia, nas próximas décadas, bastaria para dar início à mudança em direção à economia verde. E ainda ajudaria a gerar milhões de empregos, na

estimativa das Nações Unidas. A proposta está em um relatório lançado em 2011 pelo Pnuma (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente), que será o ponto de partida para as discussões na conferência.

Quem paga

O montante, equivalente a US\$ 1,3 trilhão por ano (R\$ 2,6 trilhões), ajudaria a modernizar e "limpar" dez setores: agricultura e pesca; construção, energia, florestas, indústria, turismo, transportes, água e resíduos e metrópoles. E quem paga essa conta? Segundo o Pnuma, os recursos poderiam sair do cofre tanto dos governos, por meio de incentivos e subsídios, quanto da iniciativa privada, em investimentos diretos. Isso impulsionaria as tecnologias de baixo carbono.

"Parece uma quantia enorme, mas os governos gastam todos os anos cerca de 2% a 3% do PIB global em subsídios que só perpetuam o uso insustentável dos recursos", afirma Steven Stone, chefe do Departamento de Economia e Comércio do Pnuma. Ele cita como exemplos os subsídios pagos à indústria de combustíveis fósseis -cerca de R\$ 1 trilhão/ano- e à agricultura sem práticas sustentáveis, na faixa de R\$ 701 bilhões/ano. "Se os governos começarem redirecionando esses subsídios danosos e obsoletos para dar suporte à economia verde, seria um grande passo à frente", diz Stone.

Mas a economia verde está longe de ser consenso. Nas discussões do "Rascunho Zero", esboço do documento final da Rio+20, muitos países refutam a definição proposta pela ONU. O grupo dos países pobres e em desenvolvimento, o G-77, teme que o mantra da economia verde seja um artifício dos países ricos para vender tecnologia cara aos pobres. O Brasil endossa a posição do G-77, embora reconheça que possa se beneficiar com a transição para a economia verde, já que tem matriz energética mais limpa que os demais membros do grupo.

"Não há consenso sobre economia verde", reconhece o embaixador Luiz Alberto Figueiredo, secretário-executivo da Comissão Nacional para a Rio+20. "Mas nós queremos mostrar que cada país encontrará seu caminho para chegar ao desenvolvimento sustentável. A economia verde é um instrumento para isso", diz o embaixador.

Mercantilização

Nos termos definidos pela ONU, a economia verde tampouco conta com simpatia dos

movimentos sociais. A Cúpula dos Povos, evento paralelo à Rio+20 que será realizado no Aterro do Flamengo, concentra boa parte dos ativistas contrários à ideia. As ONGs alegam que o conceito proposto nada mais é que uma tentativa de "pintar de verde" o neoliberalismo. Isso sem uma revisão profunda dos padrões predatórios da economia de mercado, como os estímulos ao consumismo, que estão levando o mundo ao esgotamento dos recursos naturais.

Movimentos sociais também não concordam com a proposta de atribuir valor econômico, ou seja, colocar preços em serviços prestados pela natureza, como a produção de água, a regulação do clima pelas florestas e a polinização das lavouras. Essa "precificação" poderia ajudar a remunerar proprietários de terra que preservam áreas de florestas, por exemplo. A ideia faz parte de uma série de relatórios da ONU sobre a economia da biodiversidade, encabeçados pelo economista indiano Pavan Sukhdev. "A economia verde 'ideologizou'", diz Pedro Ivo, coordenador da Cúpula dos Povos. "Há muita confusão, entre os movimentos sociais, sobre como lidar com serviços da natureza. Mesmo que isso represente fonte de renda para agricultores e povos tradicionais", diz Ivo.

Uma expressão, vários significados

Ambiental neoclássica

É a incorporação de questões ambientais pela economia clássica. Crença no avanço tecnológico como solução dos principais problemas ambientais. Não questiona o "dogma" do crescimento econômico medido pelo PIB.

Referência

David Pearce

Economia ecológica

Integra ciências econômicas e ciências naturais. Vê a economia como parte de um ecossistema global. Não se opõe ao uso dos recursos naturais, mas recrimina o uso irresponsável desses recursos.

Referência

Nicholas Georgescu-Roegen

Estado estacionário

Propõe estabilização da produção e da população. PIB varia pouco, ficando próximo a

zero. Economia estável, sem crescimento quantitativo. Os países ricos devem buscar o estado estacionário para que os países pobres cresçam até atingir a prosperidade.

Referência

Herman Daly

Decrescimento

Prega que o crescimento econômico contínuo, medido pelo PIB, não pode ser sustentado pelos ecossistemas terrestres. Propõe que os países parem de crescer. Melhores condições de vida devem ocorrer sem aumento do consumo.

Referência

Serge Latouche

ANEXO Q - Matéria 'Conferência repete promessas e adia ações para 2015', presente na página C11 da editoria Cotidiano, da edição do dia 23 de junho de 2012, da Folha de S.Paulo.

Rio+20

Conferência repete promessas e adia ações para 2015

Saldo é um documento político de 53 páginas; metas do desenvolvimento sustentável são a maior inovação. Dilma diz que cúpula foi 'ponto de partida, não de chegada'; ONU destaca parcerias e acordos voluntários.

A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável terminou como começara: num tom melancólico e sem surpresas. Num mundo vitimado pela crise econômica, os 114 líderes reunidos no Riocentro contentaram-se em repetir as promessas feitas em 1992 e adiar de novo ações que a ciência aponta como urgentes.

A presidente Dilma Rousseff, em seu discurso de encerramento, destacou como um dos grandes resultados do encontro o "resgate do multilateralismo" -algo repetido em toda reunião internacional que não acaba em um fracasso óbvio. "O Futuro que Queremos", de 53 páginas, fixa 2015 como data mágica da sustentabilidade global. É quando entrariam em vigor os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, ideia que deve ganhar definições a partir de

2013.

Os objetivos são o principal processo internacional lançado pela Rio+20, que também prometeu adotar um programa de dez anos para rever os padrões de produção e consumo da humanidade. Outras decisões esperadas, como um mecanismo de financiamento ao desenvolvimento sustentável e um acordo global sobre a proteção do alto-mar, foram adiadas.

"É como trocar as cadeiras de lugar no deque do Titanic", disse Kumi Naidoo, diretor-executivo do Greenpeace, resumindo a reunião. Para o ex-presidente da Costa Rica José Maria Figueres os diplomatas no Rio estão desconectados da realidade. "Não são mais negociadores, são 'no-goal-tiators'", afirmou, num jogo de palavras em inglês ("no goal" significa sem objetivos). Para Dilma, a Rio+20 é o "alicerce" do avanço. "Não é o limite, nem tampouco o teto do nosso avanço".

'Festa cívica'

Dilma chamou de "festa cívica" os protestos que pipocaram pelo Rio durante a semana e parabenizou os emergentes por se comprometerem com o desenvolvimento sustentável "mesmo na ausência da necessária contrapartida de financiamento prometida pelos países desenvolvidos". Anunciou que o Brasil dará R\$ 12 milhões ao Pnuma (programa ambiental da ONU) e mais R\$ 20 milhões para o combate à mudança climática em países pobres.

O secretário-geral da Rio+20, Sha Zukang, afirmou que parte do legado da Rio+20 são os compromissos voluntários firmados entre setor privado, governos e sociedade civil. Segundo ele, foram registrados 705 acordos, que irão direcionar R\$ 1,6 trilhão ao desenvolvimento sustentável nos próximos dez anos. O caráter voluntário dos compromissos foi criticado. "Não precisávamos de pessoas anunciando aqui o que poderiam ter anunciado em suas capitais", disse Naidoo. Sha lançou uma nota de cautela, lembrando que os compromissos feitos em Copenhague, em 2009, não foram cumpridos até hoje.

ANEXO R - Reportagem 'É ODA', publicada na página A16 da editoria Poder, na edição do dia 17 de junho de 2012 da Folha de S.Paulo.

Rio+20

É Oda

O idioma praticado na ONU é feito de siglas misteriosas, expressões gigantescas e palavras inventadas

Se você estiver numa das salas geladas do Riocentro onde o documento final da Rio+20 está sendo negociado, lembre-se de nunca dizer "economia verde". Diga "economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza", mesmo se a repetição da frase inteira retardar ainda mais a redação final do texto. A expressão foi acordada pelos 193 integrantes das Nações Unidas no início de um processo negociador em que todas as decisões têm que ser adotadas por consenso.

É esse ajuste para chegar ao mínimo denominador comum de interesses que vão da continental Rússia ao insular Tuvalu, do paupérrimo Mali à ultra desenvolvida Noruega, que explica a lerdeza da negociação. Ambiciosamente chamado de "O Futuro que Nós Queremos", o texto da Rio+20 já recebeu o apelido de "o passado que sempre tivemos".

A demora é um dos traços definidores da ONU, onde só no Conselho de Segurança as decisões são tomadas pelo voto da maioria (e cinco potências têm poder de veto). Os outros dois traços são a linguagem bizantina falada pelos negociadores, cheia de siglas e neologismos, e os colchetes, sinal gráfico que denota desacordo num texto.

Dentro de cada colchete, em negrito, é identificado o país ou o grupo de países que sugeriu a frase ou a palavra em questão e qual era a posição dos demais: "manter", "apagar" ou "voltar à redação original". Sentar-se em uma das salas de negociação para ver como os diplomatas semeiam e colhem colchetes é tanto uma aula de geopolítica quanto um exercício de paciência.

Anteontem, por exemplo, o grupo que negociava o chamado quadro institucional para o desenvolvimento sustentável (IFSD) abriu a sessão às 10h30 da manhã com sua presidente avisando que ninguém teria almoço naquele dia e que o texto precisava ser "limpo" de colchetes.

Iniciou-se uma discussão sobre um dos parágrafos. A Suíça, num gesto de boa vontade, resolveu derrubar uma objeção que fizera na véspera. Um colchete a menos. Antes que alguém pudesse comemorar, os EUA acrescentaram mais duas mudanças na redação. Em retaliação, a União Europeia acrescentou mais uma: sugeriu trocar "Pnuma" (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) por "corpo principal da ONU para o ambiente", refletindo sua posição de querer transformar o Pnuma numa nova agência.

Rússia, Canadá e EUA objetaram. E, assim, em meia hora de debate sobre um único tópico, saiu um colchete e entraram quatro. Para entender como os negociadores no RioCentro definem o futuro da humanidade, não basta entender as cinco línguas oficiais das Nações Unidas: é preciso ser versado na novilíngua da diplomacia ambiental, o legado mais tóxico da Eco-92. Assim, o Juscanz afirma ao G-77 que não quer saber de dar dinheiro para o MOI porque afinal já contribui com ODA, que vai quase toda para os LDCs. O G-77, por sua vez, alega as CBDR e reclama dos SCP.

Não entendeu? Pois saiba que os dois parágrafos acima tratam da discussão mais quente da Rio+20: a dos chamados "meios de implementação" (MOI), que querem dizer simplesmente "dinheiro". Essa discussão passa pelo compromisso de países ricos, como os do Juscanz (Japão, EUA, Canadá, Austrália e Nova Zelândia), de aumentar a assistência ao desenvolvimento (ODA), que vai para os países mais pobres (LDCs). A promessa, feita em 1992, nunca foi cumprida.

Para os países em desenvolvimento (G-77), a questão do dinheiro está diretamente atrelada ao CBDR, o princípio das "responsabilidades comuns, mas diferenciadas". Assumido em 1992, ele joga a conta do desenvolvimento sustentável para os mais ricos. Afinal, se esses tivessem padrões sustentáveis de produção e consumo (SCP), o mundo não estaria numa emergência ambiental.

Com um processo tão barroco, a expressão mágica "agreed ad ref" (acordado por todos) torna-se rara. Às vezes, por mais que a ONU se ufane de sua natureza "democrática", só com pequenos golpes é possível destravar uma reunião do porte da Rio+20. Na conferência de Kyoto, em 1997, o embaixador argentino Raúl Estrada se preparava para declarar fechado o acordo do clima quando o delegado da Arábia Saudita levantou a mão, furioso, gritando que não havia consenso. "Consenso não significa unanimidade", sentenciou Estrada. E bateu o martelo.

ANEXO S - Matéria 'Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço', publicada na página C10 na editoria Ciência+Saúde, na edição de 7 de junho de 2012, da Folha de S.Paulo.

Rio+20

Só 4 de 90 metas ambientais têm avanço

Dado de relatório da ONU quantifica mudanças consideradas 'significativas' rumo a desenvolvimento sustentável. Documento avaliou só objetivos que integram acordos internacionais; Nações Unidas contam oito casos de retrocesso.

No momento em que o mundo negocia um novo acordo sobre desenvolvimento sustentável, a ser assinado na cúpula Rio+20, a ONU afirmou ontem que apenas quatro dos 90 objetivos ambientais mais importantes acertados internacionalmente nos últimos 40 anos tiveram avanços significativos.

O número é inferior ao de objetivos que tiveram retrocesso: oito no total. Outros 40 registraram poucos avanços e 24 praticamente não apresentaram nenhum progresso. Além disso, 14 não puderam ser avaliados devido à falta de dados mensuráveis. As informações constam da quinta edição do relatório Panorama Ambiental Global, o GEO-5, divulgado pelo Pnuma (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) em evento no Rio.

Segundo o órgão, houve avanço significativo nos objetivos de erradicação do uso de substâncias nocivas à camada de ozônio, eliminação do uso de chumbo em combustíveis, ampliação do acesso a fontes de água potável e aumento das pesquisas sobre a poluição dos mares. Mas os esforços para o combate às mudanças climáticas e para a preservação dos estoques pesqueiros, por exemplo, praticamente não deram resultado. E a proteção dos recifes de corais teve retrocesso -desde 1980, eles sofreram redução de 38%.

Mensagem

Para o diretor executivo do Pnuma, Achim Steiner, o relatório é uma mensagem direta para os líderes que se reunirão na Rio+20, conferência sobre desenvolvimento sustentável que começa na próxima semana na cidade. Segundo ele, é "chocante" que o mundo não tenha conseguido avançar na maioria dos acordos ambientais.

Steiner diz, porém, que o relatório não passa apenas uma "mensagem de fracasso". A

segunda parte do documento é voltada para a análise de políticas que contribuem para o desenvolvimento sustentável. Com a divulgação, o Pnuma espera que essas iniciativas possam ganhar escala.

Também presente ao lançamento do relatório, a coordenadora executiva da Rio+20 atribuiu a falta de implementação dos acordos já firmados ao fato de que os líderes políticos e empresariais ainda não incorporaram o desenvolvimento sustentável ao centro de suas políticas.

Henrietta Elizabeth Thompson avalia que a conferência não está fadada a ver o mesmo acontecer com seus acordos porque o cenário atual é "diferente". Como exemplo, ela citou o fato de que neste ano, pela primeira vez, o Banco Mundial reuniu ministros da Economia de todo o mundo para discutir o desenvolvimento sustentável. Outros fatores que, segundo ela, terão impacto positivo sobre a Rio+20 são a existência de mais informações científicas sobre a necessidade de mudanças e a maior presença de líderes empresariais nas discussões.

De acordo com Fatoumata Keita-Ouane, do setor científico do Pnuma, a pesquisa mostrou que os objetivos são implementados com mais sucesso quando vinculados a metas numéricas e com prazos definidos. Uma das discussões na Rio+20 é justamente o estabelecimento dos chamados Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que poderiam englobar metas nas áreas de energia e erradicação da pobreza, por exemplo.